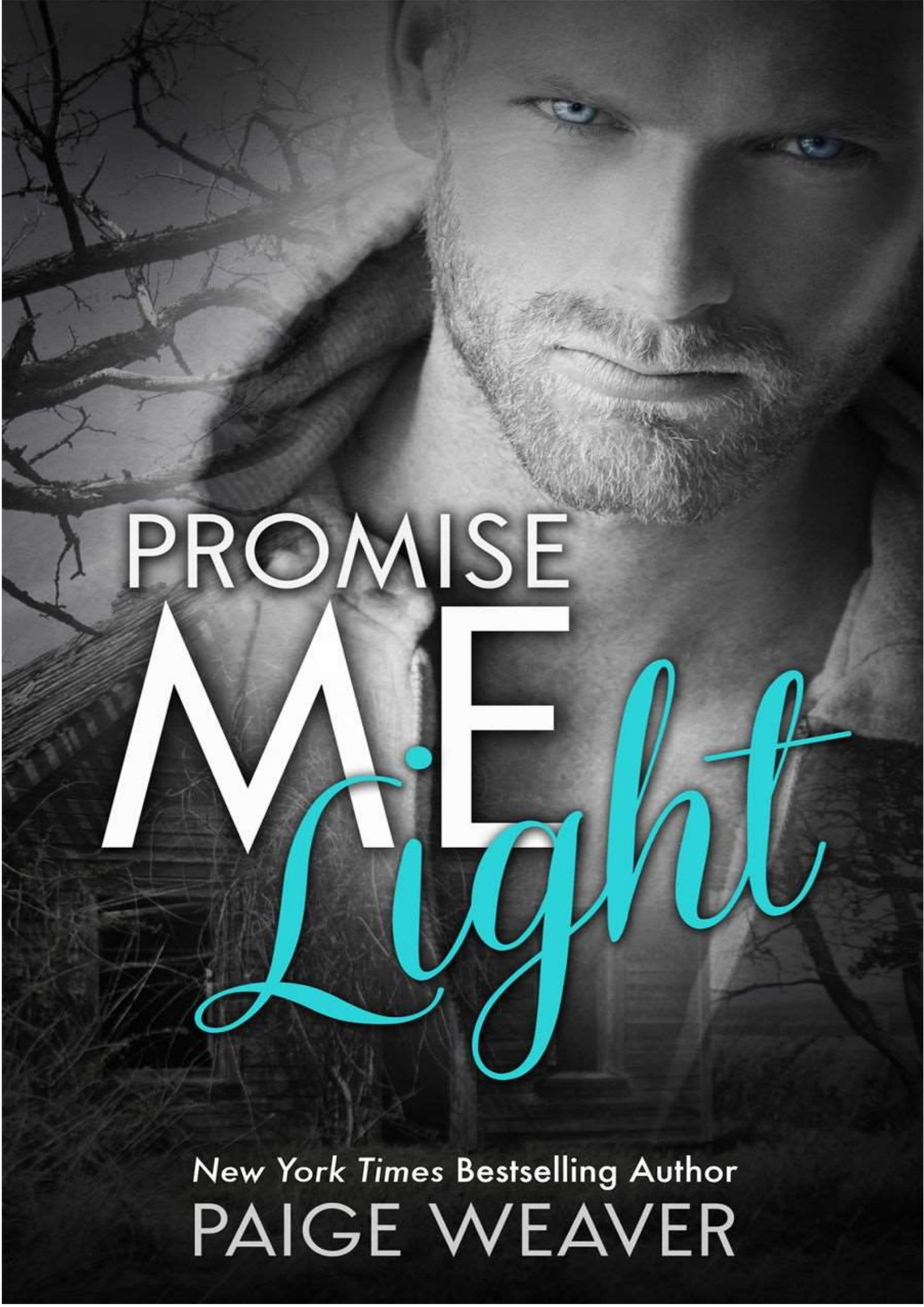

PROMISE
ME
Light
New York Times Bestselling Author
PAIGE WEAVER



Promise Me Light

Série Promise Me

Paige Weaver

Equipe Pégasus

Lançamentos:

Envio: Larissa Altivile

Tradução: Angeli

Revisão Inicial:

Revisão final: Argay Muriel

Leitura Final e Formatação: Lola

Verificação: Mari Sales

Sinopse

"Sou escuridão, Maddie. Afaste-se dos homens como eu. Só sairá ferida."

Houve um tempo em que minha vida era simples. Fácil, mas isso foi antes da guerra. Agora, já não era uma estudante universitária. Era uma sobrevivente. Uma mulher vivendo em um mundo devastado. Meu futuro não estava claro e minha vida estava longe



PAIGE WEAVER

de ser perfeita. A guerra me tirou tanto..., mas ainda não acabou. Quer mais. Quer meu coração. Minha Alma. A única pessoa sem a qual não poderia viver. Quer Ryder Delaney. Meu melhor amigo. O menino mau. A única pessoa que poderia lutar como nenhuma outra e me amar como mais ninguém. Ele era o pai de meu bebê. Vi-o partir em um verão caloroso e rezei para que voltasse. Necessitava mais dele do que do ar que respirava e da água para beber. Sem ele, estava perdida. Uma luz sem sua escuridão. Até que volte, estarei o esperando. E acredito que voltará, porque o amor é poderoso... e assim é também a luz que o chama para casa.

Aviso



"A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros, cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998."





Favor não publicar nossos arquivos no Facebook!

Se você viu algum livro do **PL** no face, sem a nossa autorização, converse com a moderação.
Se você gosta dos livros feitos pelo **PL** ajude!!!
Quem gosta respeita nosso grupo!
Não publica diretamente no face, expondo ao grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!
Não gostou, leia o livro no idioma original

Equipe Pégasus Lançamentos

Prólogo

Sempre

Alguém disse uma vez que, quando a escuridão caísse, veríamos a luz. Não tinha certeza de que fosse verdade. A escuridão tinha decido sobre meu mundo e tudo o que vi foi desespero.

O país travava uma guerra em seu próprio território. A sociedade se desmoronava. Milhões de pessoas passavam fome. Milhares morriam.

Para mim, os dias eram negros. Eu já não era uma universitária sem preocupações. Era uma sobrevivente. Uma lutadora. Uma mulher perdida na dor.

***

Em meus sonhos, me perseguia. À luz do dia me espreitava. Na escuridão da noite, me torturava. Capturou minha vida e se negava a libertá-la.

Agora, eu era prisioneira da dor.

Começou no dia em que Ryder se foi. Quando o vi partir, em um intento de resgatar minha melhor amiga, Eva, senti que a escuridão me rodeava. Sabia que ficaria comigo até que voltasse a vê-lo.

Esperei duas semanas. Caminhei. Rezei e implorei para que Ryder voltasse para casa. Era como a épica heroína de um romance de época, desejando que seu verdadeiro amor voltasse para ela.

Mas a vida não era um livro nem eu era uma heroína. Me negava a sentar e esperar. Iria atrás dele.

Guardei pão e garrafas de água em minha mochila. A próxima foi a caixa de cartuchos de espingarda e balas para a arma 9 mm que tinha em minha cintura.

Fechei a mochila e a pendurei em meus ombros. Quando peguei a espingarda, um som ecoou através da casa. Um golpe surdo na quietude do dia.

Parei e escutei. Nada. Recebi apenas o silêncio.

Olhei meu quarto uma última vez e fechei a porta silenciosamente atrás de mim. *Se apresse antes que mude de ideia*, sussurrou minha voz interior.

Corri pelo corredor; meus sapatos gastos faziam pouco ruído no chão duro de madeira. Podia escutar o oxigênio entrando e saindo de meus pulmões e o sangue pulsando em meus ouvidos.

Não cheguei muito longe quando as náuseas matutinas me fizeram parar de repente. *Agora não! Por favor, agora não!*

Coloquei minha mão sobre meu estômago plano e inalei respirações profundas e tranquilizadoras, tentando esquecer as náuseas. Quando passou, tirei uma garrafa de água da mochila. Tomei um pequeno gole, esperando que isso ajudasse a acalmar meu estômago. Não o fez. Uma capa de suor apareceu em minha testa quando aumentou a vontade de vomitar. As lágrimas ameaçaram, se derramaram de meus olhos. *Comporte-se, Maddie. Pode fazer isso.*

Quando as náuseas por fim passaram, comecei a caminhar mais rápido pelo corredor. Ao passar pela sala de estar, inspecionei nervosamente em volta, esperando encontrar alguém. Só as cortinas, movidas brandamente pela brisa, faziam qualquer tipo de movimento. *Ainda estou sozinha. Posso sair daqui sem nenhum problema.* Contendo o fôlego, abri a porta da frente, me encolhendo quando esta chiou ruidosamente.

A luz do sol me cegou, mas não tinha tempo para que meus olhos se ajustassem a ela. Desci depressa os degraus da varanda e corri através do quintal. A grama seca rangia sob meus pés enquanto me dirigia para o bosque.

Tenho que ir.

Tenho que encontrá-lo.

Não podia ignorar a terrível sensação que me percorria dia e noite. *Algo está errado.*

As cigarras cantavam a distância; um som que me era tão familiar como minha própria voz. Em algum lugar, mugiu uma vaca, parecendo perdida e faminta. Este era meu lar. Aqui estava a salvo, mas não significava nada sem Ryder.

Mantive os olhos focados à frente, sem olhar a minha esquerda nem direita. O bosque estava a trinta metros, zombando de mim para que me apressasse. Corri e puxei a mochila mais para cima em meu ombro. *Estou tão perto. Só mais alguns metros...*

— Aonde vai?

Parei. A voz a minhas costas era severa e cheia de autoridade, soando como a mãe que nunca tive. Endireitei as costas e dei a volta, preparada com uma desculpa em mente, mas esta morreu em meus lábios.

Janice estava de pé com suas mãos nos quadris, franzindo o cenho sob os raios de sol. Uma suave brisa separou umas mechas de seu cabelo e estes formaram redemoinhos ao redor de seu rosto, caindo sobre seus cílios.

— Irei atrás deles — respondi com firmeza. Dizer a verdade te fará livre. Quase ri quando esse pensamento apareceu em minha cabeça. A verdade não me daria minha liberdade.

Janice arqueou as sobrancelhas com determinação. Podia ver as manchas azuis em seus olhos e as rugas ao redor de seus lábios virados para baixo. Agora havia mais linhas em seu rosto, todas graças a nossa nova forma de vida, mas não acreditava chama-lo viver adequado. Era mais como existir para mim.

— Está louca, Maddie? — perguntou — Não pode ir atrás deles.

Não respondi. Talvez estivesse um pouco louca. Sair sozinha em tempos de guerra e agitação não era o mais inteligente. Estava grávida de quase dois meses e ia carregada de armas e munições. Os soldados inimigos

percorriam o campo, detendo os americanos como se fossem gado, mas por Ryder, me colocaria em perigo. Faria tudo. Por ele e por nosso filho que iria nascer.

Sabia que discutir com Janice era inútil, então continuei caminhando. Escutei ela me seguir, mas não parei. Não era minha mãe nem minha tutora. Não podia me deter. Só podia me atrasar.

— Não pode ir! É muito perigoso! — disse Janice com ardor.

A ignorei e continuei caminhando. *Só tenho que chegar até minha égua e logo estarei fora daqui.* Tinha deixado minha égua presa e escondida no bosque. Em cinco metros, eu estaria sobre a cela e em marcha.

— Prometemos que, não importasse o que acontecesse, ficaríamos aqui — lembrou-me.

— E eles prometeram que voltariam em uma semana — repliquei. Virei-me e a enfrentei de novo — Já passaram quatorze dias, Janice e não voltaram para casa.

— Maddie, por favor — suplicou, me implorando que a escutasse.

Esticou a mão para me tocar, mas me afastei. Não queria que me tocasse. Se o fizesse, minha ira desapareceria. Precisava mantê-la. A raiva era a única coisa que me mantinha em marcha. Cobria a dor e a levava para o fundo de meu interior. Sem ira, era imprestável.

—Tem que ficar aqui. Devemos esperar aqui — insistiu Janice enquanto eu ia.

Ouvi o desespero em sua voz, mas não parei. Devia encontra-lo, tinha que encontrar meu melhor amigo.

— Ryder me fez prometer que te manteria a salvo.

Essas palavras me fizeram parar. Escutar seu nome fazia com que as lágrimas começassem a formar-se em meus olhos. Preocupação constante apertava meu coração dolorosamente. Inalei. Logo outra vez.

— Por favor — me pediu, sem fôlego por tentar seguir meu ritmo.

Fechei os olhos pela tristeza que ouvi em sua voz. *Não desmoronarei. Não desmoronarei*. A impotência surgiu dentro de mim, consumindo tudo. A empurrei para o fundo da minha mente, enterrando o desespero no profundo do meu ser.

Abri os olhos e olhei para Janice. Vi Ryder em seus traços. E isso só me lembrava quanto sentia saudades.

— Janice, preciso encontra-lo — disse a ela; minha voz soava oca e triste.

A simpatia apagou as linhas de seu rosto e seu cenho franzido.

— Sei, mas Ryder não iria querer que cavalgasse. Iria querer que ficasse aqui. A salvo.

Concordei e fiquei olhando para longe. *Ryder me mataria por ir, mas que opção tinha? Deveriam ter voltado hoje*. Não poderia viver comigo mesma se não fizesse nada enquanto ele estava longe, possivelmente ferido, precisando de mim.

Comecei a caminhar de novo, com passos firmes.

— Eu vou ficar colada ao bosque perto da estrada. Conheço esta área como a palma da minha mão. Me levará direto à cidade. Ficarei nos subúrbios e perguntarei às pessoas por lá. Alguém deve o ter visto — disse, olhando para Janice por cima do ombro — Posso fazer isso, Janice. Confie em mim.

— Me escute, Maddie...

Cinco metros. Podia ver minha égua atrás de umas árvores altas, me esperando. Em uns minutos estaria sobre seu lombo e cavalgando para longe.

Já estava quase chegando quando se escutou um grito. Protegendo meus olhos do sol, olhei para longe. Roger saiu correndo do celeiro com uma espingarda em suas mãos.

Observei a área aonde se dirigia. *A estrada*. O que vi fez com que meu coração se acelerasse.

Homens a cavalo cavalgavam pelo caminho esburacado. Pareciam esfarrapados e cansados, quase incapazes de manter-se sentados nas celas. Devia ter ficado assustada; os forasteiros representavam uma ameaça. Sem comida e água suficiente no país, os cidadãos brigavam uns contra outros, só para conseguir uma comida decente. As pessoas eram assassinadas por um recipiente de água ou uma xícara de arroz. Estranhos que viajavam pela estrada deserta podiam estar desesperados por suprimentos e dispostos a matar por eles, mas estes homens não eram estranhos. Eram família.

Em segundos, corri a todo vapor, deixando cair minha mochila e a espingarda no chão. A grama crescida roçava minhas pernas, me queimando enquanto açoitava minha pele. Meus sapatos pisavam na terra, me levando mais perto. Voei, sem afastar nunca o olhar dos cavaleiros.

O tempo parou enquanto atravessava o quintal. Janice permaneceu bem atrás de mim, tão ansiosa quanto eu para alcança-los.

Três cavalos. O que isso implicava dava voltas em minha mente, mas não parei. O sol era desumano, queimando tudo em seu caminho. O suor escorria por minhas costas, mas me neguei a parar.

A um metro de mim, os cavalos ficaram quietos, mas ofegavam e sua pelagem brilhava. Um ou dois deles pisotearam com seus cascos, criando pequenas nuvens de pó no ar e acrescentando outra camada fina de sujeira aos cavaleiros.

Parei sem fôlego e incapaz de processar os rostos dos homens. Meu coração pulsava muito forte e minhas mãos tremiam horrivelmente. Sentia uma dolorosa pontada em minhas costelas pela corrida e um zumbido em meus ouvidos que me impossibilitavam de pensar.

Logo a ouvi, uma voz familiar que parecia mais doce que o mel. Me senti fraca pela felicidade e acesa pelo alívio.

Com lágrimas, observei enquanto Eva descia da cela atrás de Brody e aterrissava pesadamente. Ela chorava em voz baixa e as lágrimas criavam riscos em suas bochechas sujas.

Dei um passo para frente, sem saber se era real ou não, mas quando me olhou, soube que não estava sonhando.

— Eva! — gritei.

Encontrou-me na metade do caminho, jogando os braços em meu pescoço e aferrando-se como a um salva-vidas.

— Oh, Maddie! — gritou uma e outra vez.

Suas lágrimas umedeceram minha camisa e a sujeira em seu rosto manchou minha roupa. Não me importava. Eva estar de pé a meu lado outra vez, me fazia feliz. Segura. Inteira. Em casa.

Podia sentir seus ombros ossudos sob minhas mãos. Seu braço direito estava enfaixado em uma tipoia suja e sua camisa feita farrapos. Seu lindo cabelo loiro que sempre tinha parecido tão perfeito, agora era um emaranhado endurecido com lama, mas nunca antes tinha parecido tão bem para mim.

Segurei o corpo magro de Eva junto ao meu e dei uma olhada nos outros cavaleiros. Gavin desceu lentamente da cela, com aspecto derrotado e cansado. Como irmão mais velho de Ryder, era o líder do grupo. O mais velho e o mais sensato de todos eles.

Brody praticamente caiu de seu cavalo pelo esgotamento. Uma faixa suja foi envolta ao redor de sua cabeça e manchas de sangue salpicavam o material. A lesão não o impediu de manter seus olhos em Eva. Sabia que seu amor por ela era a única razão pela qual se encontrava aqui agora.

Cash fechava a marcha. Sempre o solitário, permaneceu na cela, mantendo-se distante de todos os outros. Seu chapéu de vaqueiro cobria até os olhos, ocultando sua expressão e dando a ele um aspecto de indiferença.

Mas faltava uma pessoa.

Deixei Eva de lado e me centrei em Gavin.

— Onde está Ryder?

Aproximou-se de mim mancando, ainda segurando sua espingarda. Seus olhos se cravaram nos meus, sem dar atenção a seus pais quando perguntaram se ele estava bem. Ignorando todo mundo, menos a mim. Parou a centímetros de distância, erguendo-se sobre mim, alto como seu irmão.

A primeira coisa que notei foi a quantidade de sangue em sua camisa. A segunda, foi a expressão de seu rosto. Tristeza, angústia e muita dor.

Oh Deus, não!

— Gavin? — perguntei, minha voz se quebrando. Dei um passo para trás. Logo outro, de repente assustada. Com cada passo, a bílis se elevou mais em minha garganta.

Gavin arrastou os pés para frente, tentando me alcançar com sua mão.

— Maddie.

Foi então que soube.

Comecei a sacudir a cabeça, me negando a reconhecer o que lia em seus olhos. As lágrimas nublaram minha visão e senti como se uma mão apertasse fortemente meu pescoço, me sufocando.

— NÃO! NÃO! — As palavras brotaram de minha garganta como gritos de dor.

Tapei minha boca, contendo um grito quando vi a umidade nos olhos de Gavin. Atrás de mim, Janice gritou de dor.

Gavin me alcançou. A parte de minha mente que continuava funcionando notou que sua mão estava coberta de sangue. Ao me agarrar, manchou meu braço e implorou:

— Me escute, Maddie...

Sacudi a cabeça em negação e me afastei dele. Segurou o lado de seu corpo, retorcendo o rosto de dor. Aproximou-se mancando e manteve seu olhar no meu. Me neguei a reconhecer o que vi neles.

— Onde está Ryder? — perguntei, me forçando a tirar as palavras.

Quando não respondeu, minhas lágrimas caíam com mais força.

— Oh, Meu deus! Oh, Meu deus! — chorei, esfregando a testa e olhando os arredores. Todos me olhavam com lástima. Sendo incapaz de pensar com claridade, comecei a me afastar, dando pequenos passos para trás e diante, em frente de Gavin.

Isto não pode estar acontecendo! É uma brincadeira! Uma brincadeira cruel!

Comecei a golpear histericamente o peito de Gavin, ignorando a forma em que seu rosto ficou pálido.

— Onde diabos está?! — gritei, empurrando-o um passo para trás — Onde. Está?

Pegou meus dois pulsos com uma mão e me sacudiu uma vez, em um intento de me acalmar.

— Atiraram nele, Maddie!

— NAAAAÃO — chorei. Um soluço saiu de minha garganta, seguido de outro. Meus joelhos ficaram fracos e meu corpo perdeu todo o peso. Comecei a desmoronar, incapaz de suportar por mais tempo.

Gavin conseguiu manter minha posição vertical, apesar de que parecia a ponto de cair nele mesmo. Me puxou para frente e envolveu os braços a meu redor.

— Sinto muito, Maddie. Sinto muito. Tentei... Tentei chegar até ele — disse com voz tremente.

Agarrei sua camisa e comecei a chorar quando a dor em meu peito ficou mais pesada. Podia ouvir soluços e prantos. Se tratava-se de mim ou de alguém mais, não sabia.

Atiraram em Ryder! Não iria voltar para mim! Oh, Deus! Oh, Deus! Oh, Deus!

— Foi em meio a luta. Os disparos voavam de todos lados, mas nos mantínhamos. Então, mais soldados começaram a aparecer do nada. Tentei encobri-lo para que pudesse se refugiar em um lugar seguro, mas fomos superados em número. Vi ele cair — disse com tristeza em sua voz. Seus

braços se apertaram ao meu redor — O sangue empapava sua camisa e ficou inconsciente, estendido ali no pasto.

Agarrei sua camisa com mais força enquanto se assentavam suas palavras. *Sangue. Ryder. Estendido ali.*

— O levaram. Depois de atirarem nele, arrastaram ele como a um pedaço de lixo. — Sua voz adquiriu um tom duro — Aqueles desgraçados.

Com a última palavra, Gavin tropeçou contra mim, de repente pesado. Senti calor contra meu abdômen. Baixei o olhar e vi sangue empapando minha camisa. Elevei a vista e vi o rosto de Gavin perder toda a cor um segundo antes de que ficasse com os olhos perdidos. Desabou inconsciente contra mim.

Com um grito, o peguei, lutando para mantê-lo erguido. Brody se adiantou e agarrou Gavin antes de que paralisasse e me levasse com ele. Imediatamente, Roger e Janice estiveram ao lado de seu filho, de joelhos, junto a ele quando Brody o baixou à terra.

Baixei o olhar, olhando com repugnância o sangue que manchou minha camisa e braços. Em minha cabeça, era o sangue de Ryder, não de Gavin.

Os tremores invadiram cada músculo do meu corpo. Minha mente ficou em branco e me senti fria. Vazia. Aturdida, dei um passo para trás. Logo outro, enquanto sacudia a cabeça. *Isto não pode estar acontecendo! Primeiro meu pai e então Ryder! Não, não, não!*

Eva veio para junto de mim imediatamente, pondo um braço em volta de meus ombros e me abraçando forte.

— Ele ainda pode estar vivo, Maddie — sussurrou.

Rezei para que fosse verdade. Não esperava nada menos que isso.

Observei de maneira inanimada como Janice rasgou a camisa de Gavin, revelando uma facada perto das costelas. Usando só as mãos, aplicou pressão sobre o corte. Ele se queixou em voz alta e se estremeceu de dor.

— Os desgraçados o cortaram quando tentou ir atrás de Ryder. Perdeu muito sangue — explicou Brody.

Sua voz se desvaneceu quando Cash se aproximou. Seu olhar se fixou no meu, plano e distante. Sua desalinhada mandíbula flexionada, recordava a alguém obrigado a dizer algo que não queria. Por uma fração de segundo, desvaneceu-se o muro que manteve em volto de si mesmo, revelando a tristeza e o cansaço que vinha de ver e saber muito.

Deixei Eva de lado para enfrenta-lo, precisando de alguém que me dissesse a verdade. Cash era essa pessoa. Não adoçava nada.

— Está morto, Cash? — perguntei, mal conseguindo me forçar a colocar as palavras em meus lábios.

Tirando o chapéu de vaqueiro, golpeou-o contra sua coxa. O pó formou redemoinhos a seu redor, acrescentando a sujeira da roupa já endurecida.

— Atiraram em seu peito, Maddie.

Notei a verdade por trás de suas palavras. Não acreditava que Ryder continuasse vivo.

O rugido em meus ouvidos aumentou. Me senti fraca, com a cabeça mais leve. Os cantos da minha visão se esmaeceram, fazendo tudo parecer embaçado. Fechei os olhos, só querendo desaparecer.

Meu corpo deslizou no esquecimento.

O último pensamento que tive foi de Ryder.

***

Nada.

Isso era eu.

Ryder tinha ido. Meu mundo se desfez em pedacinhos como se um pedaço de cristal delicado tivesse caído sobre um chão de mármore. Os diminutos fragmentos da vida que uma vez resistiram, mas estavam

quebrados. Inúteis. Só partes do que foram. Não tinha esperanças. Nem orações. Nenhum desejo de seguir em frente.

Deitei na cama durante dias. Negava-me a me mover e quase não comia. Janice se zangava. Gavin se irritava. Ninguém estava contente. Tínhamos perdido um dos nossos.

Eu o tinha perdido.

— *Amo você, Maddie. Lembre-se de ser forte. Por mim.*

Eram algumas das últimas palavras que me disse. Estavam me rondando durante horas. Nunca queria esquecê-las. Precisava ouvi-las como precisava do ar para respirar. Quando me deitei em sua cama, suas palavras deram voltas em minha cabeça, negando-se a deixar que as esquecesse.

Toquei meus lábios com a ponta do dedo, lembrando nosso último beijo. Queria recuperar esse minuto. Só um segundo a mais com ele.

Seu aroma penetrava os lençóis de algodão que me rodeavam, fazendo com que crescesse a dor em meu peito, me paralisando até que pensei que nunca voltaria a sentir o mesmo. As lágrimas empaparam o travesseiro debaixo de minha cabeça; só algumas das milhares que já tinha derramado.

A luz do sol se filtrava pela janela, iluminando o quarto, mas só a escuridão me rodeava. A luz em mim se foi. Como uma vela sem sua chama, estava sozinha e sem propósito.

Ouvi vozes de algum lugar da casa. Estão indo. Ontem à noite, ouvi falarem com Gavin e Cash. Hoje iriam atrás de Ryder. Seria um dos muitos intentos que fariam para encontra-lo.

— *Seja forte. Por mim.*

Apertei os olhos enquanto as palavras se metiam de novo à força em meu cérebro. Não queria ser forte. Desejava me colocar sob as mantas e nunca emergir. Queria me dissolver no chão e desaparecer.

Como uma folha que cai em um rio, queria me afastar flutuando, mas havia algo que evitava que me afundasse mais profundo sob as escuras águas.

Meu filho que iria nascer.

Capítulo 1

Há dias que nunca esquecerei. Dias que mudaram minha vida para sempre. Quando minha mãe morreu. Quando conheci Ryder. A noite em que dei a ele minha virgindade. O momento em que o pulso eletromagnético chegou, levando a eletricidade dos Estados Unidos. O dia em que meu pai morreu. Descobrir minha gravidez. Estar de pé sob as estrelas enquanto Ryder me pedia em casamento. Assim como muitos dias importantes, uns felizes e outros tristes, mas o dia que mudou minha vida para sempre foi o dia que Ryder não voltou. Neste dia, meu mundo caiu. Agora, a única coisa que ficava eram lembranças.

— Maddie Jackson, desça dessa árvore!

Agarrando o ramo debaixo de mim, inclinei-me para olhar para Ryder. Estava com os pés separados e os braços cruzados sobre o peito. Parecia muito zangado para subir à árvore e me descer ele mesmo. Eu queria revirar os olhos. Desde que completou treze anos, já não era divertido.

— O que foi, Ryder, tem medo que eu vá cair? — Ri, balançando as pernas alegremente no ar.

— Claro que sim, isso é o que me dá medo! Desça antes que quebre o pescoço! — gritou, entrecerrando os olhos sob sua boina de beisebol.

Ri do cenho franzido em seu rosto e voltei a balançar as pernas, desta vez, enviando mais alto os pés.

— Maaaddie — advertiu, alongando meu nome.

Não dei atenção. Ele era inofensivo e não se atreveria a tocar nem em um fio de cabelo da minha cabeça.

Com um sorriso, levantei o olhar, me perguntando quanto mais poderia subir. As folhas verdes me faziam gestos, me desafiando a alcança-las. Queria estar na parte mais alta, para ser capaz de olhar para baixo e ver tudo.

O sol se filtrava através dos ramos, me cegando. Fechei os olhos e senti o calor em meu rosto. O vento mudou, esfriando minhas bochechas. Abrindo os olhos, soltei o ramo debaixo de mim e peguei outro.

— Nem pense! — gritou Ryder, acrescentando uma má palavra que nunca escutei. Sua linguagem grosseira não me incomodava. Papai me disse que não repetisse nada do que Ryder dissesse e nunca o fiz, mas às vezes, pensava que todas suas maldições soavam tolas.

— Tentarei chegar ao outro ramo. Talvez possa ver minha casa daqui — disse a ele me equilibrando ao parar. Não me atrevi a baixar o olhar quando Ryder começou a caminhar de um lado para o outro ao pé da árvore, murmurando algo que não podia ouvir.

— Juro, Maddie, vou chutar seu traseiro quando descer! — gritou, parando bem debaixo de mim.

— Terá que me pegar primeiro! — gritei, mordendo o lábio inferior enquanto me concentrava em alcançar um ramo mais acima. Saltei e provei a força deste. As folhas dançavam freneticamente no final de seus galhos, produzindo um rangido. Eu adorava esse som. Sempre me lembrava o verão.

— Oh, pegarei você, Maddie — disse Ryder, protegendo os olhos do sol para que pudesse me ver — e quando o fizer, se arrependerá por me assustar.

— Acreditei que nada te assustava. É uma garotinha? — brinquei, sabendo que só de dizer isso o incomodaria.

Um profundo som estranho saiu de sua garganta, me lembrando o cachorro de rua que grunhiu para mim no ano passado. Perguntava-me como Ryder fez esse som. Tinha que perguntar para ele. Talvez pudesse me ensinar. Poderia ser útil nesses momentos nos quais me frustrava com Eva.

Senti uma onda de enjoo quando observei ele ao baixar o olhar. Ele parecia tão distante que por apenas uma fração de segundo, meu medo cresceu. Então, ignorei essa sensação e sorri para ele. Não me converteria em uma covarde. Podia fazer isto.

Subindo a outro ramo, segurei a respiração, já que protestou sob meu peso. Me aferrando, esperei que este se rompesse. Nada. Estava a salvo.

— Veja, Ryder! Eu consegui! — gritei, sorrindo triunfalmente.

— Bom pra você. Agora, volta aqui.

Ignorando ele, dei uma olhada ao sol e tentei olhar o topo de minha casa através das folhas. Sabia que podia ver daqui. De repente, o sol se refletiu em algo brilhante à distância.

— Vejo o teto do celeiro! — gritei, me sentindo emocionada.

— Genial. Agora desce — exclamou Ryder impaciente.

— Espere um segundo.

Elevei o olhar. Eu podia ver um bom e grosso ramo por cima de mim. Se pudesse chegar até ele, talvez conseguiria ver minha égua, Buttercup, pastando na pradaria.

Levantei um pé e a mão para o ramo.

— Maddie! Não!

Uma forte rajada de vento se impulsionou contra meu pequeno corpo. Tentei me manter na árvore, mas a casca áspera deslizou através de meus dedinhos. Com um grito de alarme, perdi o equilíbrio e caí para trás. Com desespero, tentei me agarrar ao ramo mais próximo, mas não pude deter minha queda.

Aconteceu em uma fração de segundo. Num minuto estava na árvore, no seguinte, não existia nada além de ar ao meu redor. Ao cair, golpeei com as costas um ramo da árvore. Minha cabeça golpeou contra outro, mas este era grosso e enviou uma pontada de dor através de mim. Meu cabelo se prendeu em galhos, deixando mechas pra trás quando continuava caindo. Acredito que gritei, mas não sei.

Senti que caí de bruços sobre Ryder. A força nos jogou no chão.

— Oh, merda! Oh, merda! — disse freneticamente, engatinhando debaixo de mim.

Gritei assim que meu braço tocou o chão duro. Uma dor como nunca eu senti antes de explodir por todos os músculos do meu corpo.

Ryder se ajoelhou e tocou meu pulso. A dor disparou pelo meu braço. Gritei, sentindo como se alguém estivesse rasgando-o.

— Oh, Jesus! — exclamou enquanto as lágrimas rodavam por minhas bochechas — Acredito que quebrou seu braço.

— Dói, Ryder — solucei; meu braço deitado inutilmente ao lado. Tentei movê-lo, mas a dor era muita. Voltei a gritar, uma combinação de um chiado e pranto de agonia. Através de minhas lágrimas, vi o pânico em seu rosto. Jurei então que nunca voltaria a chama-lo de garotinha.

— Tenho que te levar para casa — disse em voz baixa, falando mais para si mesmo que para mim.

Isto foi minha culpa. Pedi a ele que fosse comigo. Estávamos acostumados a passar todo o tempo explorando os campos ao redor das granjas de nossos pais, mas desde que começou a se interessar por garotas, não voltamos a fazer essas coisas. Sentia saudades, mas me alegrava que estivesse comigo nestes momentos.

Agarrando seu ombro, tentei me sentar, mas doía muito.

— Não se mova. Eu te levarei para casa — disse Ryder. Levantando-me com uma mão sob os joelhos e a outra nas costas. Como se não pesasse nada, começou a caminhar pelo campo comigo em seus braços.

As lágrimas escorriam por meu rosto enquanto cruzava apressado o terreno irregular cheio de buracos. Baixou o olhar para me ver um par de vezes e acredito que tentou falar comigo, mas a dor no braço era muito terrível para dar atenção.

Chorei todo o caminho para casa, mas tudo melhorou quando vi meu pai.

— Papai! — gemi enquanto Ryder cruzava o quintal.

Meu pai afastou o olhar da velha cortadora de grama que arrumava. Os raios de luz do sol se refletiam em seu cabelo castanho e o fez entrecerrar os olhos para poder me ver com claridade.

— Maddie? — perguntou, parecendo estupefato ao dar-se conta de quem estava me carregando.

— Quebrou o braço, senhor Jackson! — gritou Ryder.

Meu pai deixou cair a chave de fenda de sua mão e cruzou correndo o quintal, nos encontrando na metade de caminho.

— O que aconteceu? — perguntou, me ajudando a sair dos braços de Ryder.

— Caiu de uma árvore.

— Uma árvore? Maddie, quantas vezes já te disse para não subir tão alto? — perguntou meu pai irritado.

Mais lágrimas escorreram por minhas bochechas. Meu pai nunca se zangou comigo!

— Foi minha culpa, senhor Jackson. Desafiei ela a subir mais alto — mentiu Ryder, enfrentando meu pai sem medo. Perguntei-me por que me protegia, mas às vezes, ele simplesmente fazia esse tipo de coisas.

Meu pai suspirou pesadamente e olhou Ryder com frustração.

— Adverti aos dois... — Sacudiu a cabeça com resignação— Não importa. A levarei ao hospital. Vá para casa, Ryder.

— Não, eu também quero ir — insistiu, me virei surpresa por enfrentar meu pai. Acredito que só Ryder poderia conseguir se safar fazendo isso.

Meu pai me levou para a caminhonete, procurando as chaves no bolso e mantendo um braço em volta de mim.

— Vá para casa — disse a Ryder sobre o ombro.

— Não, senhor, não irei. Tenho que me assegurar de que esteja bem. Não a deixarei.

Meu pai parou. Virou-se para enfrenta-lo e o olhou com calma, apesar de sua ira anterior.

— Eu me encarrego, filho. Não tem que se preocupar com ela.

Ryder engoliu seco e me olhou antes de voltar a olhar para meu pai.

— Com todo respeito, senhor Jackson, mas sempre me preocuparei com ela e nunca a deixarei. É minha melhor amiga.

❄❄❄

Agora me encontrava aqui, na mesma árvore. A metros de distância de onde me pegou. A quilômetros de distância de meu melhor amigo.

E eu era a que se preocupava com ele.

— Árvore morta. Duas horas.[1] — sussurrou Gavin perto de meu ouvido, me trazendo ao presente.

Sem mover um músculo ou girar a cabeça, olhei à direita. Debaixo do capuz da jaqueta, pude ver um ramo movendo-se no alto de uma árvore a uns metros de mim. Na verdade, ricocheteava mais do que balançava, mas o movimento não era causado pelo vento, mas sim, por um pequeno animal.

Muito lentamente levantei a pistola, com cuidado de não fazer ruído.

— Tranquila — advertiu Cash.

Vi-o pela extremidade do olho, de pé atrás de mim. Resisti o impulso de apertar os dentes. *Estes homens pensavam que eu era fraca. Tinham muito que aprender.*

Apoiei a arma no ombro. Era pesada, me provocando um tremor nos braços. Olhando para o cano, mantive um olho aberto enquanto via o objetivo. Um esquilo sentado no ramo comia uma noz de algum tipo. Não acreditava em matar animais. Odiava a ideia de tirar outra vida, mas tinha fome. Todos nós a tínhamos.

Meu dedo indicador descansava tranquilamente no gatilho, esperando o momento adequado para apertá-lo.

— Agora — ordenou Gavin, praticamente em meu ouvido.

Sem pensar duas vezes, movi o dedo. Em uma fração de segundo, o disparo saiu do cano, fazendo a arma saltar de minhas mãos. Um bum ecoou através dos bosques, forte e ensurdecedor.

Baixando a arma, vi quando as folhas mortas caíam da árvore junto com partes da casca.

— Diabos, acredito que acertou o bastardo — murmurou Gavin, colocando a espingarda no ombro e dando grandes passos em direção a árvore.

---

[1] Duas horas – para indicar a localização, utiliza a posição do ponteiro no relógio de acordo com o horário.

Observei enquanto suas botas pesadas trituravam as folhas secas e a erva morta. Cash ficou junto a mim, sempre cuidadoso, enquanto Gavin se agachou e recolheu algo ao pé da árvore. Agarrou um esquilo médio pelo final de sua cauda peluda.

— Acertou em cheio. Morte instantânea — zombou, surpreso.

— Não acreditava que pudesse? — perguntei, arqueando uma sobrancelha, sem rir pelo fato de matar um animal.

— Na verdade não — respondeu, colocando o esquilo em um velho saco de estopa que levava — Suponho que meu irmão fez um bom trabalho te ensinando a atirar. Me alegro de que ao menos te deixe isso.

Senti a dor que espremia meu coração ante a menção de Ryder. Isso tinha o poder para me derrubar, fazer com que meu corpo tremesse e me deixasse com nada mais que dores de cabeça. O que Gavin não sabia era que Ryder me deixou muito mais. Deixou seu bebê.

Lutei contra as lágrimas e vi como Gavin avançou para mim. Ainda não tinha dito a ninguém sobre a gravidez. Não podia. As palavras sempre entupiam minha garganta, negando-se a sair. Por alguma razão, dizer a Janice ou Eva antes de Ryder parecia algo definitivo, como se soubesse que ele não voltaria. Não estava preparada para enfrentar isso. Poderiam me chamar de idiota por não enfrentar a realidade, mas se esta não incluía Ryder, não queria ser parte dela.

Me negando a deixar que caísse uma lágrima, centrei-me em Gavin. Seus jeans desgastados e a camisa de flanela pareciam deteriorados e sujos, mas sem uma máquina de lavar roupa, a roupa limpa se converteu em um luxo, algo do passado. Tentávamos lavar tudo utilizando água do riacho, mas à medida que baixava a temperatura, não tínhamos maneira de secar nossas coisas. Vivíamos como nossos antepassados, lavando tudo à mão e lutando para sobreviver em um mundo duro e severo.

Tentei não pensar no que deixei em meu apartamento, a quilômetros de distância. Um armário cheio de roupas caras que comprei com dinheiro ganho com esforço. Jeans perfeitamente cortados. Vestidos bonitos. Sapatos de salto alto. Bolsas de grife. Agora, tudo o que tinha eram algumas peças de roupa que fui forçada a compartilhar com Eva. Tentei não pensar no fato de que usava a roupa suja com a que dormi e tinha vestido por dias.

Existiam tantas *coisas* em minha vida passada que acreditei que me transformou em quem sou hoje. A roupa, telefone, carro ou um iPad. Coisas que pensei que me definiam. E desapareceram em um abrir e fechar de olhos, tornando-se nada mais que uma lembrança. Já não interessava nada disso. Sobreviver era a única coisa que importava.

Sem Ryder.

Passou um mês desde que os homens retornaram sem ele. A dor rasgava constantemente meu peito. Nunca se foi. Levava a angústia comigo em todo momento; converteu-se em parte de mim, como meu próprio braço ou perna. A maioria dos dias, me sentia como se tivesse caído de cima de um edifício gigante, me deixando presa e desesperada em busca de ar. Esperei que alguém me resgatasse e me liberasse do peso de uma dor constante, mas ninguém veio. Todos os dias, tentava me arrastar dos escombros, cortar as mãos e deixar um rastro de desespero atrás, mas nunca podia ver a luz do dia, só a escuridão.

Ninguém sabia o muito que me doía. Escondia bem. Chorava a noite, mas não tinha problemas para seguir adiante durante o dia. Cada momento sem Ryder me deteriorava, mas ficava um pouco de teimosia em mim. *Segue adiante*, sussurrava-me. Então, escutei.

Ao passar sobre um tronco morto, Gavin me tocou, me trazendo de volta à realidade.

Olhei suas costas ao afastar-se, esquecendo minha pena por um segundo. Abri a boca, para compartilhar meus pensamentos, mas repensei.

Ele se sentia ferido, assim como todos os outros. Talvez mais, já que quem se foi, era seu irmão.

Deixando escapar um suspiro, olhei enquanto se afastava. Gavin não parecia o mesmo desde que voltou para casa. Nem nenhum de nós. Já não atuava como o tolerante e bondoso irmão mais velho de Ryder. Agora, era quase impossível de tratar. Parecia forte e zangado, de mau humor e cheio de ódio de si mesmo. Parecia-se cada dia mais a Ryder. Ele mudou ao ver como atiraram e arrastaram seu irmão. O endureceu.

Ao que parece, eu tinha a maior parte de sua ira. Não sabia com certeza o motivo e não perguntei. Somente lutei com isso. Todos tínhamos nossas próprias formas de lutar com a dor. Se o ajudava desforrar em mim, adiante. Já não me importava.

— Foi bem, Maddie — disse Cash, captando minha atenção.

Sob as sombras das árvores, olhei para ele. Sua postura parecia relaxada apesar da pistola no cinto, a faca presa a sua coxa e a espingarda descansando nas mãos. O homem era um arsenal. Um soldado solitário.

— Bom, nem todos acham o mesmo — disse sobre o ombro e comecei a caminhar pelo mesmo caminho no qual desapareceu Gavin.

— O ignore — disse Cash, me seguindo de perto — Eu faço isso.

Cash se juntou a mim como cola, algo que estava fazendo há dias. Apesar de que podia disparar como um homem e golpear o que quisesse, eles nunca me deixavam fora de vista. Era irritante.

— É o primeiro animal que matou? — perguntou com voz tranquila.

Engoli o nó na garganta, enquanto as lembranças invadiram minha mente.

—Não, esse não é o primeiro ser vivo que tive que matar.

E não era. Meses atrás, matei um homem. Não. Não era um homem, a não ser um animal. Ele tinha atirado em mim e me ferido, com vontade de me

fazer coisas indescritíveis. Por sua culpa, meu pai morreu e minha mente nunca esqueceria o horror desse dia. Sempre me perseguiria.

Nunca escaparia.

Minha jaqueta com capuz me protegeu quando começou a cair uma ligeira bruma. Com a chuva, se produziu um intenso frio que ameaçava congelando tudo em seu caminho. As folhas mortas e ramos caídos ficaram escorregadios e úmidos, me obrigando a ser cautelosa e vigiar cada passo através do denso bosque.

De repente, veio um rangido a partir de nossa direita, soando como um ramo ao romper-se em dois por uma bota. Cash puxou meu braço, me impedindo de me mover um centímetro mais. Meus olhos foram em direção ao som, tentando ver através das árvores. Cash me empurrou sem fazer ruído, me protegendo do que se encontrava aí.

Com lentidão, mudei o agarre da pistola. O estalo soou detestável no silêncio.

Cash elevou a arma ao ombro e seu corpo ficou rígido imediatamente no momento em que olhou pelo cano. Depois de um segundo, o vi relaxar. Fosse o que fosse, não acreditava ser uma ameaça.

— Talvez se tratasse de um animal, mas mantenha os olhos abertos. Há troncos muito grossos por aqui. Perfeitos para esconder-se — disse.

Assenti.

— Vamos. Estou encharcado e isso parece um pouco estranho.

— Sim. Esses troncos me dão calafrios — disse — Sinto como se nos observassem, mas *merda*, sempre me sinto dessa maneira.

Riu entre dentes, mas sem humor. Era um som anormal vindo dele, ou qualquer um de nós. Não sorríamos e ríamos raramente. Não existia nada para ser feliz. Ryder se foi e o mundo se desmoronava. Possuíamos poucos suprimentos e chegou o inverno. Em pouco tempo, teria um bebê sem o

único homem que necessitava a meu lado. Então, não, não existiria nunca outra razão para sorrir.

Deixamos o bosque para trás e avançamos por um campo aberto. Pude ver Gavin muito adiantado, dirigindo-se à casa de Ryder. A minha casa.

Caminhei em silencio por uns minutos e olhei ao longe, pensando no que havia mais à frente do bosque. Só temor e morte? Era isso o que tinha para nos oferecer o novo mundo? Pensei em Ryder, me perguntando onde se encontrava ou se sequer vivia.

— Quero saber o que aconteceu naquele dia — soltei.

Cash me olhou, entrecerrando os olhos para proteger do sol. Sabia ao que me referia. Só havia um dia que me preocupava.

— Gavin disse isso a você no dia que voltamos.

Bufei.

— Gavin é super-protetor. Sei que não me disse tudo. — Forcei-me a dizer as seguintes palavras: — Tenho que saber. Talvez ajude. Não posso continuar assim, Cash. Me dói viver.

Olhou os arredores em busca de problemas.

— E a morte é o caminho mais fácil, Maddie. — Sua voz baixou, me provocando um arrepiou de apreensão — Esta guerra tirou algo de todos nós. Perdi a minha família assim como você. Nada nos ajudará a lutar com isso, exceto o tempo. Os detalhes do ocorrido não trarão Ryder de volta.

— Sei. É que pensei que escutá-los poderia ajudar — disse, mantendo meus olhos no chão quando começamos a caminhar de novo.

— Gavin te disse algo a respeito de nossos planos? — perguntou-me, tentando mudar de assunto.

— Não, que planos?

— Merda, não devia abrir minha boca grande. Deixarei que ele te diga — respondeu, evitando meus olhos.

Antes que pudesse perguntar mais, adiantou-se, me deixando sozinha nos últimos metros até a casa.

Enquanto subia as escadas da varanda, evitei olhar o riacho que bordeava a casa de Ryder. Um rubor coloriu minhas bochechas ao lembrar de ter estado aí com ele. Quando me segurou a seu lado, passando as mãos por meu corpo. Nesse momento, me disse que me amava. Um momento que jamais esqueceria.

Virei as costas para o riacho, mas nunca viraria as costas para as lembranças. Elas me obrigavam a me levantar pela manhã. Seguiam-me até a cama de noite. Faziam-me companhia e era tudo o que ficava de Ryder. Conservava cada lembrança perto de meu coração e me negava a esquecê-las. Ao entrar, meus olhos precisaram de um minuto para adaptar-se à penumbra da cozinha. Nunca esquecerei como era entrar em um cômodo iluminado pelas luzes. Umas brilhantes, ensolaradas e acolhedoras. Com a chuva lá fora, a casa estava escura e fria e não era onde queria estar nestes momentos.

Pus a espingarda na mesa e vi quando Cash tirou o chapéu e o jogou em uma cadeira próxima. Parecia tão encharcado e abatido como eu me sentia.

— Conseguiram algo? — perguntou Brody, entrando na sala com um rádio de ondas curtas na mão. Usando várias camadas de roupa, luvas sem dedos e um chapéu, não se parecia em nada ao típico atleta americano que era. Agora, parecia um refugiado. Um sobrevivente da guerra.

— Temos um par de esquilos. Não vimos muito mais — disse Cash, descarregando as balas de sua pistola. Apontou para o rádio na mão do Brody — Arrumou essa coisa?

Brody colocou a caixinha de metal na mesa e deixou escapar um suspiro de frustração.

— Sim, arrumei. Embora a pequena porcaria tenha me dado trabalho. Não tenho certeza de por quanto tempo o teremos.

Vi o estresse que cobria seu rosto e o esgotamento que não podia ocultar. Perguntava-me se eu me via igual.

— Estaríamos em um montão de problemas sem essa coisa — disse Cash, assinalando o rádio como se fosse algo asqueroso.

Tínhamos uma relação de amor/ódio com a onda curta. A única coisa que trazia, eram más notícias, mas sem ela, não tínhamos conhecimento do que acontecia no mundo exterior. Não teríamos sabido o quão forte se fez o inimigo. Não teríamos ouvido falar da quantidade de pessoas que ficaram sem lar ou a insistência para que os cidadãos racionassem os suprimentos e a água. A notícia da queda de Washington não teria chegado a nós, nem os nomes dos políticos assassinados. Não, nós não gostávamos do rádio, mas era nosso vínculo com o mundo, nos recordando o terrível lugar no qual se converteu os Estados Unidos.

Mas fazer frente a um problema de cada vez e esquecer o que não se podia mudar, era algo que tive que aprender nos últimos meses. Agora, havia um com o qual podia lutar.

— Como está, Brody? — perguntei a ele, empurrando de minha cabeça o capuz úmido.

— Hoje é um mau dia.

Afastei o olhar da dor que vi em seus olhos. Brody amava Eva com todo seu coração, mas às vezes, nem sequer o amor era suficiente. Eva retornou da prisão provisória dos terroristas como alguém diferente. Sofreu feridas leves, mas a maioria eram internas, algo que nunca veria nem poderíamos ajudar a curar.

— Irei falar com ela — disse, saindo da cozinha.

— Hoje não me disse nenhuma palavra — disse Brody com tristeza.

Isso me rompeu o coração. Eva era uma garota despreocupada com uma atitude de espertinha que não tinha medo de dizer o que pensava. Agora, quase não falava e era só uma sombra de quem foi uma vez.

— Falará — disse com mais convicção do que sentia. Precisava de minha melhor amiga. Já perdi Ryder. Gavin não era o mesmo de sempre. Sentia-me desesperada para recuperar Eva.

— Talvez deveríamos deixá-la em paz — disse Brody e parecia que as palavras o feriam de apenas dizer.

— Não. Isto foi muito longe — respondi.

Antes que pudesse discutir, dirigi-me ao corredor e a ira aumentava junto com meu ritmo. Estava zangada com Brody. Com Ryder, por levar um tiro e não voltar para mim. Com Eva, por não ser a garota que conhecia.

Encontrei-a no quarto de hóspedes, encolhida em uma cadeira e olhando como a chuva caía pela janela.

— Eva, Brody disse que não fala. O que está acontecendo? — perguntei, entrando no quarto e parando em frente a ela.

Respirou fundo e soltou o ar com resignação. Rodeou sua esbelta cintura com os braços e continuou olhando para fora, me ignorando.

A Eva que conhecia não ficaria assim sentada e olhando para o nada. Teria rido do que aconteceu e dito *"Fodam-se, idiotas!"*. Tinha que tirá-la disto antes que eu ficasse louca. De tão desesperada que me sentia para tê-la comigo.

— Eva — sussurrei, me inclinando para olhar em seus olhos — Tem que esquecer isto. Agora.

Nada. Nem uma piscada. Nem um giro de cabeça em minha direção.

Suspirei e olhei pela janela. Podia sentir o frio, embaçando o vidro e me deixando arrepiada. Coloquei as mãos nos bolsos e apoiei a cabeça contra a parede.

Fechei os olhos e vi Ryder. Sorrindo para mim. Me tocando, mas a dor envolveu meu coração como sempre que pensava nele. Apertou, rasgou e o partiu em dois. Mordi o interior do lábio, me negando a chorar. *Não posso. Chorei muito. Já não fica nada em mim.*

Respirei fundo, abri os olhos e encontrei Eva me observando. Seus olhos continham dor, mas vi algo mais. Por um segundo, reviveu a rebeldia nela, ameaçando me rasgar por ser tão débil. Contive o fôlego, me preparando para o comentário sarcástico que queria ouvir, mas se virou e voltou a olhar pela janela.

Tenho que continuar tentando. Talvez insistir um pouco mais.

— Hoje atirei em um esquilo. Pode acreditar? Nunca pensei que diria essas palavras — comentei, me forçando a sorrir — Quer saber o que mais nunca pensei que diria?

Que terei o bebê de Ryder.

Mas não disse. Ao invés disso, aproximei-me da mesa localizada contra a parede. A mesma mesa em que me sentei quando registrei as datas e descobri a gravidez.

Havia papéis pulverizados no topo, uns com desenhos e outros com números ou letras. Minhas costas ficaram rígida quando vi a longa e elegante letra de Gavin.

Voltou a utilizar a mesa de Ryder, tomando notas e desenhando planos para futuros projetos em todo o rancho. Um sistema de tubulações feitas à mão. Converter em vagão uma caminhonete que já não funcionava. Uma lista de utilidades.

Sei que era irracional, mas me incomodou pensar que Gavin utilizava esta mesa. Desde sua volta para casa, consumiu pouco a pouco tudo o que era de Ryder. Dormia em sua casa. Comia em sua mesa. Vestia algumas de suas roupas e até cheirava como ele. Odiava-o, porque isso me parecia errado, como se Gavin tivesse se rendido. Como se todos o tivéssemos feito.

Esmaguei minha ira e me concentrei outra vez em Eva.

— Sinto falta dele, Eva. Sinto-me como se morresse por dentro. Não sei o que fazer.

Quando me respondeu com silêncio, as lágrimas me encheram os olhos e meu queixo começou a tremer.

Eva sempre sabia o que fazer ou dizer. Precisava dela. Por semanas, acreditei que podia tirar ela da bruma de onde se perdeu. Todo mundo tentou, mas ela nos olhava com uma expressão triste. Ninguém sabia o que aconteceu com ela no campo de prisioneiros. Brody ficava louco por não saber como ajuda-la. Para mim, era só outra ferida no coração, que me matava pouco a pouco a cada dia.

Virando, deixei ela sozinha no quarto frio. Precisava escapar antes de me derrubar. Antes de que a dor me consumisse e me arrastasse a esse escuro lugar do qual nunca poderia sair. Senti um desespero tão pesado, que queria me sentar e não voltar a me levantar.

Mas não o fiz.

Exigi que meus pés se movessem e que meu coração batesse. Disse a meus pulmões que respirassem e a minha mente que pensasse. Todos os dias, obrigava-me a seguir, rodeada de gente a quem amava, mas me sentindo mais só que nunca.

Capítulo 2

Respirei fundo e endireitei minhas costas. Ainda tinha uma pequena quantidade de força interior. A última coisa que queria era que um montão de homens me visse chorando sobre algo que não podia mudar. Não queria dar a eles mais razões para me tratar como se fosse de porcelana. Planejava carregar meu próprio peso, apesar de ter peitos e de não ter um pênis.

Brody e Cash levantaram o olhar quando entrei na cozinha, com uma pergunta muda em seus rostos.

— Ela tampouco fala comigo — disse a Brody, me sentindo desesperada.

Não disse nada a princípio. Cruzou até a janela e olhou para fora em silêncio. Quando falou por fim, as palavras explodiram dele, com irritação.

— Quanto tempo vai levar isto? Uma semana? Um mês? Isto está me matando! O que esses idiotas fizeram com ela?

Não tinha resposta. Eu gostaria que tivesse. Eu gostaria que pudesse resolver todos os problemas, mas precisaria de um milagre e eram escassos por aqui.

Olhando pela janela salpicada de chuva, não via o úmido e frio mundo exterior. Via Ryder caminhando no pátio. Uma ilusão. Uma imagem que desejava que fosse real. *Sempre estou esperando e rezando, mas nunca o vejo. Nunca volta.* Pisquei e me obriguei a ver o aqui e agora.

— Gavin ainda está lá fora? — perguntei.

— Está no celeiro — respondeu Cash — mas está chovendo cães e gatos, Maddie. Espere aqui.

Puxei o capuz sobre minha cabeça e não respondi. Não me assustava um pouco de chuva e precisava de ar fresco de qualquer jeito.

Quase chegava à porta quando esta se abriu de repente, me lançando gotas de chuva. Uma grande figura parou na soleira. Alto, de ombros amplos, o homem tomou a maior parte da entrada.

— Aonde vai? — perguntou, me olhando debaixo de um capuz escuro. Seus olhos não estavam à vista, mas podia vê-los me perfurando com cautela.

Só por um segundo, vi Ryder parado em frente a mim. O capuz ocultava seus olhos e a maior parte de seu rosto, mas sua altura coincidia perfeitamente. Contive a respiração e meu coração pulsava fora de controle.

— Maddie? — perguntou Gavin, dando um passo dentro.

Estremeci, sentindo culpa por imaginar ele como Ryder.

— Ia te buscar — disse, retrocedendo mais na sala enquanto ele avançava para mim.

— Não precisa sair lá fora. A chuva está se tornando granizo — disse, me dando uma olhada enquanto me passava. Sentou-se, empurrou seu capuz para trás e passou uma mão por seu cabelo negro — A temperatura está baixando rápido e tudo estará congelado pela manhã. Esta noite vamos ter os traseiros congelados.

O som do granizo ao se chocar com as janelas confirmou suas palavras. O ruído me fez sentir mais fria e mais vulnerável. *Estamos à mercê da Mãe Natureza.* Não era um bom lugar.

Sentei-me na frente dele e tentei me enterrar mais no casaco que usava; o de Ryder. Era muito grande para mim e me tampava completamente. E ainda cheirava a ele, uma essência que esperava que nunca desaparecesse.

Há duas semanas, o tempo se tornou frio. Os invernos do Texas podiam ser imprevisíveis e algumas vezes, derramava gelo ou neve em seus desafortunados habitantes. Já que deixamos a universidade abruptamente, levando o que pudemos guardar em nossas mochilas, só tínhamos empacotado roupa de verão. Agora, estávamos desesperados por roupa mais quentes. Na manhã em que despertamos com temperaturas congelantes, Eva e

eu assaltamos os armários. Nós duas, encontramos o suficiente para que nos durasse todo o inverno, se nós usássemos algumas roupas dois ou três dias consecutivos. *Há tantas coisas que sinto falta. A roupa limpa e o calor adequado são duas delas.*

Tirei o capuz e tentei atrair a atenção de Gavin, mas evitou me olhar. *Algo anda errado.*

— O que aconteceu, Gavin? Cash mencionou algo sobre uns planos — disse, apertando minhas mãos com força em meu colo. Esperei as más notícias. *Não é isso o que todos tínhamos por aqui?*

Seu olhar, brilhante com irritação, voou para Cash. O que estava acontecendo não era bom.

Respirou fundo, inclinou-se para frente e apoiou os cotovelos na mesa. Esfregando o rosto, amaldiçoou em voz baixa.

Esperei, me movendo com nervosismo em meu assento, pensando que se não começasse a falar logo, poderia me esticar através da mesa e o tiraria a força. Quando por fim falou, quase desejei que não o tivesse feito.

— Chegou o inverno e o clima poderia piorar. Decidimos... decidi... ir mais uma vez à cidade para procurar Ryder. Vamos em três dias.

Segurei a respiração. O sangue se drenou de meu rosto. *Vão procurar Ryder outra vez!* Perdi a conta das vezes que tinham partido para busca-lo, esperando encontra-lo, mas voltando com as mãos vazias. *Desta vez será diferente. Sei.*

Deve ter visto o brilho de esperança em meus olhos, porque sacudiu a cabeça, curvando para baixo os cantos de sua boca.

— É a última vez, Maddie, ao menos até que o clima comece a cooperar outra vez.

O que? Isso poderia ser em semanas.

— Se não o encontrarem desta vez, têm que voltar, Gavin. Poderia não sobreviver muito mais tempo. Sabe como ele é. Lutará até que o matem — disse desesperadamente.

Suspirou.

— Não podemos continuar com isto, Maddie. Temos que enfrentar a realidade.

Sacudi a cabeça, me recusando a escutar. A realidade era que Ryder ia voltar. Em algum momento, de alguma forma, ele retornaria para mim. Sabia.

— Precisa entender que podemos nunca encontrá-lo — disse Gavin, com uma expressão triste — Pode ter ido para sempre.

As lágrimas encheram meus olhos. Baixei a vista para meu colo e as limpei, sem querer que ninguém as visse. Meus olhos aterrissaram nos buracos em minha camisa. Desfiei os fios como se estivesse me desfiando por dentro.

— Se foi para sempre? Diabos, Gavin, poderia ser mais frio? — se queixou Cash, ficando de pé e empurrando sua cadeira.

Gavin deu um pulo e sua própria cadeira golpeou a parede atrás dele. Repentinamente, esteva na frente de Cash, franzindo o cenho.

— Que demônios quer que faça, Cash? Mentir para ela? Dizer que o traremos para casa? Essa é uma mentira e você sabe! — espetou, apertando suas mãos em punhos e dando um passo ameaçador para frente.

Brody tinha estado parado, ficando à margem e observando enquanto avançava o drama, mas a tensão o levou ao extremo.

— Calem-se vocês dois! Estou cansado desta merda! — gritou.

O corpo de Gavin se esticou, preparado para desforrar-se também com ele.

— Fique fora disto, Brody. Vá cuidar de Eva ou algo assim — disse com aversão.

— Tem um problema comigo? Quer me dizer o que é? — espetou Brody.

— Direi a você qual é meu problema. É um covarde. Senta-se por aí e fica deprimido, porque sua preciosa noiva não é a mesma. Demônios, claro que não é. Passou semanas dentro de uma prisão de um acampamento cheio de homens que querem matar americanos. Tem sorte de estar viva, mas tudo o que faz é desejar que volte a comportar-se com normalidade! — Foi direto ao rosto de Brody, cuspindo zangado — Acorda! Todos devemos acordar, caramba! Nenhum de nós é normal! Cash perdeu a sua família. Maddie perdeu seu pai. Eu perdi meu irmão. Daria tudo para ter Ryder em casa, mesmo se nunca voltasse a me dirigir a palavra! Pelo menos assim, saberia que estava vivo.

Encolhi-me com cada palavra, sentindo sua dor e a minha.

Cash parou no meio de Gavin e Brody, proporcionando uma parede sólida de força.

— Hey, homem, se acalme — disse a Gavin — Brody só tenta cuidar de Eva. Você faria o mesmo se tivesse uma noiva.

Gavin mudou sua atenção para mim. Seu olhar correu rapidamente por meu corpo.

— Por que continua com essa roupa molhada? — Franziu o cenho e rodeou a mesa para parar diretamente em frente a mim.

Olhei fixamente ao piso, me recusando a olhá-lo. Lembrava-me tanto a Ryder que me doía.

— Maddie? — perguntou quando não respondi.

De repente, sabia o que devia fazer. Como uma lâmpada ao acender-se, a ideia brilhou em minha mente.

— Vou com você — disse, olhando para ele. Esperei que visse a determinação em meus olhos e não a tristeza.

— Diabos, não!

— Sou boa atirando. Posso ajudar — disse, levantando o queixo e desafiando-o a que discordasse.

— Ryder me mataria.

— Sim, mas te seguirei. Sabe que o farei. Ou me leva com você ou estarei atrás de você. É sua decisão. — Olhei para Cash, então de volta a Gavin. Olhavam-me como se estivesse louca. Brody também. Não me importava. Ia.

— Parece que a decisão já foi tomada — murmurou Cash, olhando para Gavin.

— Sim, é verdade. Quero estar ali quando o encontrarem — disse.

— Se o encontrarmos — adicionou Gavin.

Essas palavras se chocaram contra mim, quase me derrubando, mas a gravidade me manteve na vertical. Assim como a esperança que nunca perderia.

Capítulo 3

Observei enquanto Ryder ricocheteava a bola de tênis no piso e logo pegava em sua mão. Rebate. Apanha. Rebate. Apanha. Seus olhos ficavam na bola e não se incomodava em me olhar.

Levantei as pernas, batendo contra o fardo de feno debaixo de mim. Os ramos secos me picavam e fincavam, mas eu gostava da minha posição. Daqui, podia olhar para Ryder de cima, ao invés de olhar sempre de baixo.

— O que você vai fazer este fim de semana? — perguntou, me olhando antes de ricochetear a bola de novo.

Encolhi os ombros.

— Nada — disse com minha voz aguda.

— Por que nada?

Encolhi os ombros outra vez. Agarrou a bola e me olhou, esperando minha resposta.

— Porque tenho treze anos e meu pai não me deixa ir a lugar nenhum. — Fiz um beicinho.

O canto da boca de Ryder se levantou em um sorriso meio de lado. Lançou a bola contra o chão e a agarrou no ar.

— Aonde queria ir? Se pudesse — perguntou, soltando a bola de novo.

— A um encontro — respondi, olhando a bola chocar com o chão e voar para cima.

Seus olhos dispararam par os meus enquanto apanhava a bola no ar.

— Com quem? — perguntou, parecendo surpreso. Desapareceu o sorriso em seu rosto, sendo substituído por um cenho franzido. Vi seu corpo esticar-se enquanto mudava seu peso para o outro pé, me lembrando de alguém, de repente, incômodo.

Meus olhos aumentaram ante a cólera que tinha ouvido em sua voz. O que havia dito? Encolhi os ombros outra vez. (Uma mania)

— Não o conhece.

— Me prove.

Levei meus joelhos até o peito e os abracei com força.

— David Peterson.

Ele me estudou. Seu olhar passou por cima de meus joelhos ossudos antes de me olhar nos olhos. Me mexi de novo em meu assento, ignorando a palha espinhosa debaixo de mim enquanto esperava que ele dissesse algo.

Afastou o olhar e ricocheteou a bola de novo. O som de borracha contra o concreto ecoou no celeiro vazio.

— Não o conheço — disse, parecendo cansado da conversa.

— Eu te disse. Está em minha aula de língua e literatura. Acredito que tem treze anos, mas possivelmente seja um ano mais velho, já que sou uma das mais jovens na classe. Seu pai é dono do posto de gasolina nos subúrbios da cidade. Você conhece. Sua mãe nos levou lá quando fomos ao circo faz uns anos. Lembra? Comprou Coca-Cola e barras de caramelo para nós. — Ruborizei-me ao me dar conta de que balbuciava de novo. Outra mania que tinha.

Ryder encolheu os ombros, indiferente. Agarrou a bola e a lançou ao outro lado do celeiro. Pegou no revestimento de metal e fez um forte ruído que ressonou na noite. Encolhi-me, esperando que não despertasse meu pai.

— Então, como parece este David?

— É lindo. Às vezes consegue detenção, mas a maioria das vezes é por coisas estúpidas, como rir durante a aula quando estamos fazendo uma prova.

Ryder me observou, esperando que dissesse mais. Me movi, de repente incômoda ao falar de um menino com ele. Por que? Não sei.

— Então, é um perdedor? — perguntou, sério.

Comecei a rir.

— O fato de que pegue detenção não o converte em um perdedor. Você está em detenção todo o tempo. O que acha disso?

Pensei que era divertido, mas Ryder não piscou. Nem sorriu. Só me olhou com esses olhos que lembravam pedaços de gelo. Sim, zangou-se.

— É muito jovem para sair, Maddie — disse, dando a volta e dirigindo-se às grandes portas do celeiro.

— Quem é você, meu pai? — gritei, pulando da minha posição no feno.

Minhas pernas curtas se apressaram para alcança-lo. Sempre o perseguia. Era irritante, mas um dia, ele me perseguiria.

Sabia. Não podia esperar até que chegasse esse dia.

Estava quase chegando às portas do estábulo quando parou e se virou para mim. Fiquei nervosa sob seu olhar. Eu não gostava dessas garotas que riam e paqueravam ele. Este era Ryder. Meu melhor amigo. Ia admitir que ele era lindo. Todas as garotas pensavam assim. E eu também. Tinha bonitos olhos azuis e um rosto perfeito, mas era uma tolice pensar que era bonito. Não podia pensar nele dessa maneira.

— Não sou seu pai, Maddie, mas sou um homem. Sei que os meninos de sua idade só pensam em uma coisa.

Cruzei os braços sobre o peito e movi para um lado meu quadril. Talvez, inclusive, tenha feito uma careta, não sei.

— E no que é que os meninos pensam? Beijar? — Sorri.

— Sim. Isso é uma coisa.

— Eva beijou Scott ontem — apontei.

— E?

— Então, não sou muito nova para beijar.

Dando um passo mais perto, seus olhos brilharam para mim.

— Já beijou alguém?

— Não — respondi, brincando com o final de minha trança.

— Bom. Não o faça.

— Mas eu quero.

— Não, não quer. Não sabe nada sobre os beijos. Ou qualquer outra coisa — acrescentou, olhando para meu peito e pernas.

Fiquei vermelha, me sentindo muito vulnerável. Nunca me havia sentido assim com Ryder. Foi a primeira vez.

Sacudindo a cabeça com desaprovação, se virou para sair.

— Me ensina a beijar — disse, antes que pudesse chegar muito longe.

Virou-se. Seus olhos aumentaram com surpresa e incredulidade.

— O que?

Movendo-me de um pé a outro, chutei o feno sob meus pés, pensando cuidadosamente em minhas próximas palavras.

— Me ensina a beijar, Ryder. Não quero que um menino acredite que nunca beijei.

Ele negou com a cabeça.

— Não. Não vou te ensinar.

— Por que não? Não significará nada — argumentei, virando os olhos.

— Não.

— Com medo? — zombei, levantando uma sobrancelha.

Tinha acertado em cheio. Sabia que Ryder nunca podia resistir a um desafio.

Seus olhos baixaram até meus lábios antes de olhar para longe, incômodo. Moveu-se, colocando uma mão no bolso de trás. Pude ver como trabalhava sua mente, pensando em meu louco pedido.

— Está bem. Um beijo.

Sorri como uma idiota.

— Está bem. Deixe-me me aquecer — disse a ele, sacudindo os braços e dançando de pé a pé como vi um lutador fazendo uma vez, na televisão.

— Este é um assunto sério, Maddie — disse Ryder rindo.

Meu sorriso aumentou. Eu adorava quando tirávamos o sarro mutuamente.

— Entendo. Beijar é um assunto sério. E depois?

— Bom, tem que estar perto. Assim.

Aproximou-se mais, deixando só alguns centímetros entre nós. Sua camisa roçava a minha, deixando um comichão em meu interior. Meu fôlego e meu sorriso deslizaram antes de que lembrasse a mim mesma que este era Ryder. Um moço que tinha conhecido desde sempre.

— Está bem. Estar perto. Pronto. E agora o que? — perguntei, sorrindo.

— Não deixe que qualquer homem te toque. Entendeu?

— Então, como beija? — perguntei franzindo o cenho e amando cada minuto de sua irritação.

— Lábios somente. Sem mãos — disse, estendendo as mãos a ambos os lados de mim.

Assenti.

— Estar perto. Não tocar. E?

— E isto...

Sem prévio aviso, inclinou-se. Movendo a cabeça para os lados, seus lábios caíram sobre os meus. Fiquei rígida, surpresa. Nunca esperei que me beijasse de verdade. Meus lábios congelaram por debaixo dos seus, sem saber o que fazer.

Ele tinha sabor de hortelã verde, meu chiclete favorito. Decidi, nesse instante, que eu gostava disto, dos beijos. Agarrei um punhado de sua camisa e separei meus lábios. Não sabia o que fazia, mas queria mais.

Logo que meu punho se enredou em sua camisa, ele pôs sua mão em minha cintura e me afastou, separando nossos lábios selados.

Por um segundo estivemos assim, nos olhando. Sentia-me muito atônita para dizer qualquer coisa e ele parecia estar zangado por algo. No fim, rompeu o silêncio.

— Isso é um beijo. Não deixe que ninguém mais o faça — resmungou.

Virou-se e se afastou, me deixando com uma sensação de ardor nos lábios e uma sensação estranha no peito.

Sabia que nunca voltaria a ser a mesma.

***

Minha mente voltou ao presente. Fiquei na mesma loja da esquina que o pai de David Peterson era dono por tanto tempo. A mesma onde Ryder e eu tínhamos comprado barras de chocolate e Coca-Cola quando éramos pequenos. Agora, o lugar estava abandonado, saqueado por suprimentos. Só um lugar oco onde ficaram as lembranças do ontem.

Empurrei uma caixa vazia a um lado e olhei na parte de trás da prateleira. A falta de luz solar fazia com que fosse difícil ver qualquer coisa, por isso a busca de suprimentos era quase impossível. Não importava, porque não ficou nada. Vazio de tudo, só pó e sujeira.

— Encontrou algo, Maddie? — perguntou Gavin, parando a uns metros de mim.

Afastei outra caixa do caminho e quase gritei. Vi uma latinha de salsichas de Viena. Peguei rapidamente, quase com medo de que desaparecesse se a deixasse fora de minha vista.

— Só isto — disse a Gavin, mostrando a lata — E você?

— Nada.

Coloquei a lata pequena no bolso de meu casaco e verifiquei a prateleira mais uma vez. Com Gavin me seguindo de perto, saí do corredor e fui para o próximo. Quando virei o canto, vi Cash pinçando em um cubo que uma vez pôde ter tido doces ou batatas fritas. Com o rosto sombrio, elevou a vista quando nos aproximamos. Não encontrou nada. Tínhamos a esperança de latas de sardinhas ou algumas barrinhas de cereais. Algo para encher o vazio de nossos estômagos. Desejava em segredo achar um vidro de vitaminas pré-natais, mas tudo se foi.

Abri a boca para sugerir que fôssemos, quando da parte da frente da loja vieram vozes de homens.

— Onde demônios foram? — gritou alguém, seguido pelo som de pés que corriam.

Outro homem respondeu, mas não pude ouvir o que dizia sobre os batimentos do meu coração.

Cash, Gavin e eu ficamos congelados, assombrados por não estarmos sozinhos. *"O que fazemos? O que fazemos?"* Repetia-se uma e outra vez em minha mente.

De repente, entraram em ação. Gavin agarrou meu pulso, me fazendo pular. Com um controle firme sobre mim, começou a correr pelo corredor, quase me arrastando em sua pressa. Cash seguiu, caminhando para trás enquanto carregava em silêncio um cartucho na câmara de sua espingarda e mantinha um olho no corredor.

Gavin me arrastou para uma prateleira de metal que uma vez foi ocupada por caixas de cereais ou latas de café. Olhei por cima do ombro uma vez ou duas vezes, já que me aterrava ver que os homens nos perseguiam, mas só vi Cash, nos seguindo com uma arma levantada.

As vozes dos homens ficaram mais forte, à medida que se aproximavam. Gavin acelerou, sem me soltar nunca. Cash ficou atrás de mim, proporcionando amparo contra nossos perseguidores anônimos.

Corremos pela loja, tentando não fazer ruído. A palavra medo não descrevia como me sentia. Aterrorizada nem sequer se aproximava. Meu coração pulsava com tanta força que tenho certeza que os homens o ouviriam.

Dobramos uma esquina e nos dirigimos para outro corredor. Enquanto corríamos, Gavin olhou para trás. Seu olhar foi além de minha cabeça e suas pupilas se arredondaram.

— Santo céu! — gritou, rompendo nosso silêncio.

Antes que compreendesse o que acontecia, ele me empurrou para o chão. Golpeei o linóleo duro e fiquei sem fôlego. Meu queixo golpeou o chão sujo e frio, fazendo com que batesse os dentes e que mordesse o interior da boca, por isso saiu sangue. Minhas mãos aterrissaram em algo úmido, mas não tinha tempo para me preocupar com isso.

Por debaixo do capuz, olhei para cima. Três homens corriam para nós. O que liderava lembrava uma enorme besta carregada de ira, centrado só em nós e nada mais.

Tentei correr para trás, mas Gavin tinha sua mão em minhas costas, me sujeitando. Ouvi o som familiar de uma espingarda que disparava por cima de mim.

Dei uma olhada, descobrindo que tanto Gavin como Cash tinham suas armas direcionadas, carregadas e apontadas aos estranhos.

O homem gigante não vacilou. Ver uma pistola teria advertido à maioria dos adultos a ir para trás, mas este não.

— PARE! — gritou Gavin, tirando sua mão de minhas costas para levantar sua arma.

Livre, fiquei sobre as mãos e joelhos. Tremia tanto que temia não ser capaz de suportar meu peso.

Gavin e Cash ficaram diante de mim, para dar cobertura enquanto o homem rugia e acelerava seu passo, escorregando no piso no progresso.

— Fora daqui, Maddie! — gritou Gavin.

Não teve que me dizer isso duas vezes. Virei-me e comecei correr. Meus tênis chiaram sobre o chão de ladrilhos falsos enquanto corria. Não cheguei muito longe quando toquei algo escorregadio no chão. Meus tênis perderam a tração e caí. Agarrei a prateleira junto a mim, me segurando com força. A borda do metal atravessou minha mão, deixando um corte superficial em minha palma. Chiei de dor, mas recuperei o equilíbrio. Desesperada por sair, deixei de lado a prateleira e saí correndo, rodeando a esquina rapidamente.

Aonde vou? Não conhecia muito bem a loja. Tínhamos entrado por uma janela quebrada na parte dianteira, mas não acreditava que pudesse sair por ali. Os desconhecidos, certamente a tinham bloqueado.

Olhei da direita para a esquerda, tentando pensar com claridade enquanto o medo me consumia. A minha direita, havia portas refrigeradas que uma vez tiveram cerveja e refrescos. Agora estavam vazias. Inútil. A minha esquerda, tinha a saída, mas os estranhos estavam ali, nos perseguindo.

Estávamos presos. Uma porta giratória grande na parte de trás me chamou a atenção. Marcava "ENTREGA". *Minha saída!*

A preocupação com meus amigos me fez duvidar um segundo. *Corre! Vá! Eles podem se cuidar sozinhos*, gritou a voz dentro de minha cabeça. Escutei meus instintos e comecei a correr. Ouvi gritos, mas não parei. Saltando por cima de uma caixa vazia, quase não vi as bordas afiadas de um balcão caído ao chão.

Estava concentrada em chegar à porta que nunca vi o homem. Apareceu do nada, saltando diante de mim. Num minuto eu estava sozinha e no seguinte, a centímetros de um completo estranho.

— Bom, olá, querida. — Sorriu, me olhando de cima abaixo.

Engoli seco, com medo e dei um passo atrás. Meu pé aterrissou em algum vidro quebrado e o escutei ranger ameaçadoramente sob meus pés. Os gritos atrás de mim se desvaneceram. Tudo o que podia ouvir era o ar entrar e sair de meus pulmões.

O homem começou a caminhar para mim. Espreitava-me. Era jovem. Talvez da minha idade. A jaqueta de flanela vermelha que usava estava suja e cheia de buracos. E o cheiro que emanava dele... *Deus, o cheiro!*

Tampei o nariz com a manga de meu casaco e vi como ele tocava algo em sua mão. Uma faca. Virou-a, girando-a com seus dedos como um lápis. Senti que aumentava meu medo quando lembrei de outro homem com uma faca.

— Somos só você e eu, querida. Por que não nos conhecemos melhor? — disse, sorrindo — Parece muito divertida.

Um calafrio percorreu minha espinha dorsal. Caminhando para trás, olhei a meu redor, em busca de uma arma. A preocupação por meu filho era a única coisa em minha mente. Meu olhar se fixou de novo na porta de entrega. *Se pudesse passar por ela, poderia ser capaz de sair daqui.*

O homem deve ter adivinhado o que eu ia fazer. Um olhar brutal substituiu seu sorriso quando deixou de balançar a faca. Com um grunhido, atacou.

Escapei para um lado, fora da linha de ataque. Sua mão me alcançou exatamente quando se disparou uma arma. O sangue salpicou meu rosto enquanto o homem caía para trás, agarrando o ombro.

— CORRE, MADDIE! — gritou Gavin a minhas costas.

Virei-me. Ele estava parado com os pés estendidos, apontando a meu possível atacante. Quando os gritos chegaram da parte posterior da loja, girou a arma nessa direção.

— CORRE! — gritou de novo, mantendo seus olhos enfocados no cano da pistola.

Pus-me em marcha, esquivando do homem que segurava seu ombro e se sacudia no chão. Enquanto corria, limpei a umidade de meu rosto, tentando não pensar no sangue do estranho.

Quase chegava à porta de entrega quando senti. Náuseas. A confusão em meu estômago. *Não, agora não!* Rodeei minha cintura com um braço e apertei os dentes. Com a mão livre, abri a porta de metal e me apressei para entrar. Perto do fundo da sala de fornecimentos, vi um quadradinho de luz, indicando o caminho de saída.

Estava na metade do caminho quando chegou o aroma. Algo mofado e amargo. Podre. Parei como se tivesse chocado contra uma parede, mas não era uma parede. Eram as náuseas matutinas.

Com uma mão ao redor de minha cintura, pressionei a palma da outra mão sobre minha boca, lutando contra a urgência de vomitar.

Quando passou, entrei no cômodo. Uma janelinha de vidro grosso estava localizada no topo da porta traseira, me atraindo com a luz de fora. Reunindo todas minhas forças, joguei meu corpo contra a porta.

Lá fora, a chuva se convertia lentamente em chuva de granizo, mas não tinha tempo para me preocupar com isso. Lancei-me para o aguaceiro. Ali, já não pude suportá-lo. Lancei o conteúdo de meu estômago sobre o pavimento, enquanto a chuva gelada empapava minhas roupas, as pregando a meu corpo. Mal era capaz de permanecer de pé no momento em que abandonei a pouca quantidade de comida de meu estômago. *Estou tão doente! Oh deus, não posso fazer isto!* Senti arcadas de novo. Quando vomitei, limpei a boca com o dorso da mão e fechei os olhos contra a dor de cabeça.

Sem nenhuma advertência, abriu-se de repente a porta de metal atrás de mim, golpeando fortemente contra a parede. Pulei, esperando o pior. *Sempre espero o pior neste poço de merda em que se converteu o mundo.*

— Que diabos? — exclamou Gavin — Está doente?

— Estou bem — respondi, limpando novamente minha boca enquanto a chuva me banhava.

Sob a segurança de meu capuz, olhei para Cash. Ele estava parado atrás de Gavin, movendo o olhar com ansiedade pelos arredores. Segurou sua pistola com força, preparado para usá-la se fosse necessário.

— Onde estão? — perguntei com uma voz tremente.

— Estão vindo. Vamos — disse Cash, vigiando os arredores. A chuva gelada passou pela aba de seu chapéu de vaqueiro, empapando sua jaqueta, mas conseguindo manter seu rosto seco.

Gavin me estudou por um segundo mais longo do que o necessário antes de pegar meu cotovelo.

— Vamos — disse, me empurrando a suas costas.

Corremos o mais rápido possível e o som da chuva mascarava nossos passos. Gavin se agarrou a mim, praticamente me arrastando com ele. Em qualquer outro momento, teria protestado, mas agora, tudo o que importava era chegar em um lugar seguro.

Perto da esquina da loja, Cash elevou a mão, nos detendo. Inclinei-me contra a fria parede de tijolo, respirando com dificuldade. Quis me deixar cair e me transformar em um novelo na terra. Desaparecer nas gretas, assim como a chuva. Sentia-me cansada e faminta. *Simplesmente se renda*, sussurrou uma pequena parte de mim. *Ninguém te culpará. Se renda*, mas não o fiz. A única coisa que me fazia seguir em pé era saber que isso era o que Ryder iria querer. Por ele e por nosso bebê.

Observei Cash e esperei ansiosamente que dissesse que corrêssemos outra vez. Baixou o olhar para o cano e verificou a área, mantendo um olho em volta para evitar qualquer tipo de companhia não desejada. Depois de uns minutos de tensão, fez-nos gestos para que começássemos a nos mover de novo.

Reunindo a pouca força que ficava, pus-me a correr, seguindo de perto Gavin. Cash diminuiu a marcha, permanecendo atrás de mim.

Tive problemas para manter o ritmo de Gavin, com medo de que pudesse tropeçar e cair. O pavimento estava escorregadio e rachado, quebrado pelas ervas daninhas. Era o cenário perfeito para uma torção de tornozelo ou fratura. Caixas úmidas e vazias cobriam a zona, nos obrigando à esquivar rapidamente, como se estivéssemos em uma tortuosa corrida de obstáculos.

Me obriguei a me concentrar em nosso destino; a zona arborizada. A única saída.

Faltavam três metros quando fortes gritos soaram a nossas costas. *Merda! Nos encontraram!*

Gavin me agarrou pelo braço, para me empurrar para trás de um fusca abandonado. Caí de joelhos, sentindo que meus jeans se rompiam e minha pele se raspava contra a calçada.

Cash deslizou até parar, caindo a meu lado. Descansando suas costas contra o para-choque, esforçou-se para recuperar o fôlego. Empurrou seu chapéu de vaqueiro para cima e baixou a arma, inspecionando a área.

Esperei, tentando acalmar meu pulso. O *homem nos viu? Vamos sair daqui?* Cash elevou quatro dedos. Não tinha ideia se tentava nos dizer que havia quatro ou para esperarmos quatro segundos até correr outra vez. Decidi descobrir por mim mesma, então comecei a me levantar, esperando ver através da escura janela do automóvel para saber o que acontecia.

Mas Gavin pôs uma mão sobre minha cabeça, me abaixando. Quando me deu um olhar de advertência, me lembrou tanto seu irmão que senti como se outro prego se enterrasse em meu caixão.

— Fique abaixada, Maddie — sussurrou tão baixo que mal o escutei. Olhou-me fixamente, me desafiando a discutir. Não o fiz.

Quando os gritos do homem sossegaram, esperamos uns poucos segundos mais antes de ficar de pé. O clima seguia piorando. A chuva gelada caía com força, me fazendo tremer. Roguei que os estranhos tivessem dito que não valíamos a pena e nos deixassem em paz.

Sem esperar para descobrir, corremos para a parte de trás da área do estacionamento. Saltamos sobre uma baixa cerca pendurada e cruzamos os últimos poucos metros para o denso bosque.

Carvalhos, arbustos de erva daninha e lixo cobriam a área, nos dando o amparo que necessitávamos. Nos movendo mais rápido, corremos pelo mato. Uns ramos espinhosos quase chegaram a rasgar minha jaqueta, ameaçando agarrar e não soltar, mas não parei. O choque me fazia correr, mas o frio tornou impossível sentir qualquer coisa.

Estávamos nos subúrbios da cidade, ao menos a oito quilômetros do reduto terrorista. A loja da qual fugimos estava isolada, rodeada de bosques. Antes do PEM, foi um posto de gasolina que apenas os viajantes desesperados iriam procurar por combustível ou um banho. Agora, era a casca de uma loja, abandonada no tempo.

O caminho que seguimos para chegar aqui parecia mais desgastado do que a estrada transitada que foi meses atrás. Brincando, Cash a chamou de a

Estrada do Inferno e suponho que tinha razão. Conduzia diretamente para o acampamento inimigo.

Quando, há uma hora atrás, chegamos na loja, decidimos que parecia um lugar seguro para parar e procurar fornecimentos. Nos equivocamos. E agora aqui estávamos, correndo. Parece que tudo o que fazíamos cedo ou tarde era correr dos problemas.

Enquanto corríamos pelos bosques, segurei minha jaqueta, enquanto a chuva e o granizo caíam com mais força. De repente, meus cadarços se prenderam em algo. Não sabia se era um tronco ou um ramo, mas soube que ia cair. Joguei minhas mãos na minha frente e tentei evitar o choque, desesperada para parar o tempo. E simplesmente, alguém me endireitou, agarrando minha jaqueta por trás.

— Está bem? — perguntou Gavin, soltando meu casaco.

— Sim — respondi, tremendo pelo que poderia ter sido um desastre. A última coisa que precisava era que torcesse um tornozelo ou pior, machucasse o bebê.

Me observou por um momento. A chuva caía por seu rosto, encharcando seu cabelo e fazendo com que seus cílios brilhassem. Não parecia dar-se conta disso. Simplesmente me avaliou como ultimamente era seu hábito. No fim, me deu um empurrão para seguir Cash.

Pouco tempo depois, encontramos nossos cavalos. Eles estavam escondidos em uma vala que parecia que uma vez, foi lar de um pequeno riacho. Há muito tempo, a água secou, deixando um lugar perfeito para esconder-se. Um pequeno afloramento de rochas e ervas daninhas forravam a área, fazendo com que o lugar parecesse uma cova.

Quando minha égua me olhou, relinchou e dançou nervosamente. Acariciei seu pescoço, tentando acalmá-la. Quando senti outra onda de náuseas, inclinei a testa contra ela enquanto os calafrios sacudiam meu corpo.

Lutava para me manter de pé e conter as náuseas quando um quente casaco foi colocado sobre meus ombros. Levantei a cabeça e vi que Gavin se virava. Seu blusão se foi e agora estava sobre mim.

Estando do outro lado dos cavalos, seus olhos me encontraram. Sua expressão era sombria. Vi como tirava outro casaco da mochila e o passava furiosamente através de sua cabeça.

— Ninguém tem um maldito guarda-chuva ou algo assim? — gritou Cash sobre a chuva, escavando em sua própria mochila. Sei que tentava aliviar o humor, mas não funcionou.

Tudo estava úmido. Frio. Deprimente. O vento era forte e a temperatura diminuía. Pedacinhos de gelo golpearam o meu capuz.

Meus dedos estavam intumescidos e meus pés eram blocos de gelo. Nós *vamos congelar até a morte*. Este seria nosso final. Tentei afastar esses pensamentos, mas me custou. Não tínhamos refúgio e tentar fazer uma fogueira sob a chuva torrencial de granizo seria um desperdício de energia. *Sim, estávamos em um mato sem cachorro*.

Mas apesar da chuva e do frio, mesmo assim, seguiria adiante com a viagem. Faria o que pudesse para ajudar a encontrar Ryder. Sempre tínhamos estado ali um para o outro e não ia me render.

— Hey, tenho uma manta de emergência — anunciou Gavin sobre o som do granizo golpeando o chão. Tirou um quadradinho de prata de dentro de sua mochila e nos estendeu isso para que o víssemos. Lembrava um pedaço de papel alumínio que foi dobrado muitíssimas vezes até que pôde caber na palma da mão.

— Que diabos vai fazer com essa coisa? Envolver nossos dedos? — questionou Cash, tirando sua mochila da cela de montar e jogando-a no chão.

Deu de ombros.

— Beija meu traseiro, Cash, estou preparado.

— Sim, um verdadeiro escoteiro. Que pena que não se preparou para esta merda de tempestade na cidade — grunhiu Cash enquanto passava junto a mim. Vi ele se inclinar e começar a escavar dentro de sua mochila.

Mas minha mente não estava concentrada no que fazia; e sim no frio. Parecia que este tomava todo meu corpo, me congelando por dentro. Tentei me inclinar contra minha égua em busca de calor, mas ela se afastou de mim. Não só precisava de seu calor, mas também quis fechar os olhos e lembrar meu lar. O aroma de couro me trouxe lembranças. Precisava lembrar desses momentos. Eram os que me faziam seguir em pé.

Gavin tocou meu cotovelo, me trazendo para o presente.

—Vamos. Precisa sair deste clima.

Levou-me até a manta que Cash estendeu no chão. Deixei-me cair, sem necessidade de estímulos. Estava além de esgotada. O enjoo e a corrida para escapar do homem tinham drenado toda minha energia.

Cash se sentou a meu lado. Podia sentir ele tremendo. Esfregou suas mãos e respirou nelas. Um sentimento de temor se apoderou de mim. *Se alguém tão forte como Cash não podia esquentar-se, Que chance tinha eu?*

Levei meus joelhos até o peito, tentando fazer de mim uma pequena bola para conservar o calor. A fria umidade começou a transpassar a manta de lã debaixo de mim, congelando minhas pernas e traseiro. A enorme parede de rocha a minhas costas começou a parecer com um grande bloco de gelo. Gotinhas de granizo golpearam meu nariz, deslizando por minha pele como pequenas partes de vidro.

Levantei os olhos e observei Gavin desdobrar a manta de emergência. Vi ela descender lentamente, parecendo com metal líquido ao aterrissar sobre Cash e eu. Não pensei que ajudasse muito, mas era tudo o que tínhamos.

As botas de Gavin eram sugadas pelo barro, fazendo ruídos estranhos enquanto ele se dirigia até os cavalos. Retornou um segundo mais tarde, trazendo sua mochila e a minha. Jogou-as em um lado e se deixou cair junto a

mim, praticamente me esmagando. Aproximei-me mais de Cash, dando a ele um pouco mais de espaço sob a manta de emergência.

— Se isto continuar, congelaremos até a morte — disse Cash — Não se pode fazer uma maldita fogueira. Não se pode achar refúgio. Não podemos nos secar. Não podemos encontrar Ryder...

— Cale a boca, Cash — advertiu Gavin.

— Só estou dizendo que...

— Sei o que *está dizendo* e eu estou dizendo para calar a boca — disse Gavin.

Fechei os olhos e descansei o queixo contra meus joelhos, cansada de sua discussão. Brigaram todo o caminho até aqui. Discutiram a respeito de ir à cidade. Discutiram a respeito do que fazer, uma vez que chegássemos ali. Não pensei que houvesse algo no que poderiam estar de acordo. Exceto minha presença nesta viagem. Ambos me disseram repetidamente que era uma terrível ideia que fosse com eles. Gavin disse que Ryder o mataria. Cash insistiu que a cidade não era lugar para uma mulher. Suas persistentes discussões eram exaustivas e começavam a me deixar de mau humor.

Eu tentei bloquear sua interminável vociferação, me enfocando em Ryder. Sonhei acordada encontrando um caminho para dentro da prisão. Eu desejava apenas que topássemos com ele. Cash disse que pegavam os mais fortes do acampamento e os faziam trabalhar. Talvez Ryder fosse um desses prisioneiros! Ele era forte, mas também teimoso. Teria lutado com quem fosse que tentasse intimidá-lo. Isso me preocupou. Sua atitude feroz era o que amava nele, mas sabia que poderia fazer com que o matassem.

— Entraremos na cidade quando a chuva tiver parado? — perguntei.

— Os planos mudaram — disse Gavin, sem rodeios.

Levantei a cabeça e lhe dei uma olhada. Olhava fixamente para frente, evitando meus olhos. Soube então que não iríamos atrás de Ryder.

— Gavin...

— Não, Maddie. Tenho que te levar de volta para casa.

Sentei-me, soltando meus joelhos. Empurrando uma mecha úmida de cabelo atrás de minha orelha, endireitei a coluna.

— Disse que poderíamos dar uma olhada — discuti, me sentindo enganada.

— Isso foi antes de que começasse está chuva de granizo e te visse vomitar. Está doente? — perguntou, procurando algo em meu rosto.

Afastei o olhar, o impedindo de ver a verdade.

— Simplesmente cheirei algo podre na loja. A coisa desfez meu estômago, isso é tudo — menti. Joguei os braços ao redor de meus joelhos outra vez e descansei meu queixo. Neguei-me a olhar para ele. Sabia que podia notar minha mentira, *maldito seja.* Olhei para o chão lamacento e me concentrei no granizo que aterrissava no barro, ricocheteando como bolinhas de polietileno.

— Iremos quando se acalmar isto — disse — Voltaremos para casa e logo tentaremos outra vez.

— Não, devemos ir buscá-lo *agora* — discuti — Estamos muito perto da cidade para nos virarmos e fugir.

— Você prometeu — raciocinou Cash, vindo a meu resgate como sempre.

Gavin suspirou.

— Bem. Quando o tempo melhorar, nos aproximaremos, mas será uma viagem rápida, Maddie. Entrar e sair. Se não o encontrarmos, iremos para casa. Está de acordo?

Assenti, de acordo com seus termos. Por enquanto.

Capítulo 4

Acordei. Meu pescoço estava rígido e uma pedra afiada cravava minhas costas, transpassando as camadas de roupa. Minha cabeça estava apoiada contra um ombro forte, me enviando calor. Me encolhi mais perto, com vontade de me colocar mais para dentro da cama e dormir. *Faz muito frio. Só mais uns minutos e logo me levantarei.*

Mantendo os olhos fechados, envolvi um braço ao redor do bíceps sólido junto a mim, me sentindo satisfeita pela primeira vez em semanas. Em algum lugar no fundo da minha mente, me dei conta de que era o braço de um homem o que tinha em minhas mãos, o calor do homem ao qual tentava me aproximar.

Ryder.

Sonhei que estava junto a mim, me protegendo do frio. Sua perna era a que me cobria.

Então despertei.

O que me despertou não era o som dos cavalos pisando forte, nem meu subconsciente gritando que o homem a meu lado estava bem, mas sim as náuseas matutinas.

Abri os olhos de repente. Afastando a manta de meu corpo, arrastei-me longe do calor e da segurança com a que tinha dormido ao lado.

— Maddie — gritou uma voz.

Não respondi. Quase me arrastando, fui para um tronco próximo. Tirei o capuz de meu cabelo molhado e vomitei, sem ter nada em meu estômago para vomitar. Meus músculos abdominais se apertaram de modo doloroso, me fazendo dobrar.

— Oh, merda! — disse alguém atrás de mim, pondo uma mão em minhas costas.

Gavin.

Não me incomodei em afastar sua mão. Sentia-me muito mal para me preocupar com isso.

— Cash, tem um pouco de água? — Ouvi ele dizer.

Uns segundos depois, entregou-me um cantil.

— Toma, beba um gole.

Com as mãos tremendo, agarrei o cantil de metal e o levei a meus lábios. A água fria dava uma sensação boa ao descer por minha garganta seca.

— Obviamente está doente, Maddie — disse Gavin, me observando enquanto bebia — Deus, nunca devia ter deixado vir conosco.

Tampei o cantil e o devolvi. Respirei fundo e finalmente tive a coragem para olhar para ele. Olhou-me com preocupação, esperando que dissesse algo.

O que queria dizer era que me cansei de tentar sobreviver. De lutar para seguir adiante sem Ryder. Cansada de estar doente e de ocultá-lo.

Era o momento de dizer a todos a verdade.

Com uma respiração funda, reuni a força para dizer o que temi por semanas.

— Estou grávida.

Gavin estremeceu como se o tivesse esbofeteado. Sua mão se afastou de mim como se eu fosse contagiosa. Vi ele apertar a mandíbula com força. Olhou meu corpo de cima abaixo, em busca de provas da gravidez.

— Demônios, não — disse, voltando a se sentar no chão.

— Gavin, me escute... — comecei a lhe explicar tudo, mas logo parei. Não precisava justificar o bebê, nem a ele, nem a ninguém. Amava Ryder e amava este bebê. Ninguém podia me tirar isso. Nem sequer Gavin.

— Merda. Merda. — Amaldiçoou em voz baixa, esfregando o rosto com uma mão e olhando para todos os lados exceto para mim. De repente,

levantou-se. Suas botas cheias de barro tamparam minha visão e começou a andar diante de mim.

Cash se aproximou de Gavin, ficando de frente para ele.

— Cuidado com a boca. Ela está doente.

Ignorou-o e baixou o olhar para mim. Vi a ira mesclada com o que acreditava ser dor.

Aturdida, fiquei de pé e enfrentei Gavin, sem medo do que poderia dizer ou fazer. Este é o bebê de Ryder. *Nosso filho ou filha. A única coisa que ficava dele. Gavin não me tiraria essa pequena quantidade de felicidade.*

— Ryder não sabia — disse — Ia dizer a ele quando voltasse...

— Bom, agora nunca saberá — retrucou Gavin.

Estremeci, já que cada palavra me feria, me golpeando como um chicote de couro.

— Em que merda pensava? — continuou, cada vez mais furioso — Acreditei que fosse mais inteligente que isso!

— Se acalme — o advertiu Cash, interpondo-se entre Gavin e eu.

— Demônios, não, não vou me acalmar! Sabe que diabos fez? Pôs a vida dela em perigo! — Sua voz se elevou com cada palavra e assinalava em minha direção com sua mão — Uma caixa de malditas camisinhas em sua casa e a deixa grávida! De que merda se trata isso?

Retrocedi aos tropeços. Gavin nunca falou assim comigo. Nenhuma só vez em todos os anos que o conhecia, mas ainda não tinha terminado.

— Pensava em você quando fez sexo desprotegido ou pensava só em si mesmo? Porque sabemos que Ryder só pensava em si mesmo!

Outro passo para trás. *Não posso escutar isto.*

— Sem hospital e sem médicos. Ela ou o bebê poderiam morrer!

Era muito. Me virei e corri pela margem do riacho. Meus sapatos pareciam chumbo, acrescido pelo barro como parasitas em seu hospedeiro.

Suas palavras ressonavam em meus ouvidos. Tinha que fugir. Não queria estar perto de ninguém, incluído ele. Agarrei minha mochila do chão lamacento, jogando-a sobre o ombro.

— Aonde vai? — gritou Gavin, me seguindo para minha égua.

Não fale com ele. Vá atrás de Ryder, exigiu a voz dentro de minha cabeça à medida que checava a correia ao redor da barriga da égua, para me assegurar de que estava boa e apertada.

— Me responda, Maddie. Que merda você pensa que está fazendo? — falou, dando um passo mais perto de mim e invadindo meu espaço pessoal.

— Deixa-a em paz — advertiu Cash.

— Então, deveríamos deixar ela ir embora? É isso, Cash? É isso o que fez com sua família? — grunhiu Gavin.

— Não vá a essa merda — grunhiu Cash; sua voz se tornou mortal.

Girei os olhos e agarrei as rédeas. Tinha esgotado minha paciência com eles dois e suas brigas constantes. Sempre se atacavam entre si e isso já estava ficando velho.

Pus o pé no estribo e comecei a subir na cela. Podiam sentar-se e lutarem durante todo o dia se quisessem, mas me cansei de escutá-los.

— Não entende? É minha responsabilidade. Agora, devo protegê-los a ela e a esse bebê — disse Gavin, dando um passo ameaçador para Cash.

Suas palavras me pararam. Tirei meu pé do estribo e me virei para enfrenta-lo, enquanto a raiva aumentava dentro de mim. Podia senti-la borbulhando, queimando meu interior à medida que crescia. Logo explodiu.

— Não sou sua responsabilidade! Tire isso da cabeça! — gritei, elevando a voz para ser ouvida por cima da discussão — Não sou responsabilidade de ninguém! Este bebê é do Ryder!

Gavin me olhou, apertando a boca e esquecendo-se de sua briga com o Cash.

— Sinto muito, Maddie — disse, baixando a voz, mas mantendo-a severa — Não quis dizer nada com isso. Alguém tem que cuidar de você. Deveria ser eu.

De repente, me sentia tão furiosa que queria gritar. *Deveria ser ele? Gavin devia trazer seu irmão de volta. Ele era o mais velho. Deveria ter mantido Ryder seguro.* A ira aumentou como nunca antes. Estava zangada com este novo mundo no qual vivíamos. Zangada com Ryder por me deixar. Zangada comigo mesma por permitir que ele tivesse ido. Zangada com o destino por tirar muito de mim.

Dei um passo para ele, cuspindo irritação. Nunca temi Gavin nem Ryder. Seu tamanho e altura enorme assustava à maioria das pessoas, mas me neguei a me intimidar. Podia ser pequena, mas era poderosa.

— NUNCA — bati em seu peito com o dedo indicador — JAMAIS me diga que Ryder pensava só nele.

Manteve-se firme, me olhando sem piscar. Isso também fez com que me zangasse.

— Ele me ama! A MIM! — gritei, golpeando seu peito agora com meu punho em vez do meu dedo. Minha irritação se converteu em lágrimas que fluíram por meu rosto desenfreadamente.

— Sei, Maddie, mas nunca deveria ter....

Afastei a mão quando tentou me tocar.

— Não o diga, Gavin. Só não diga nada.

Voltei para minha égua e meu estômago se revolveu com náuseas. Ignorando as lágrimas que rolavam por meu rosto, subi à cela.

Gavin e Cash me observavam de perto; pareciam que tinham medo de dizer algo. Talvez fosse me escutar. *Se não, seria melhor que começassem, porque não ia ceder e tampouco me render.*

— Vamos procurar Ryder ou te juro pela tumba de meu pai que o farei sozinha — disse a ele com os dentes apertados, segurando as rédeas com força.

A égua esquivou de Gavin quando se aproximou, mas ele agarrou as rédeas, tomando-a de novo sob controle.

— Vamos atrás dele, Maddie, mas quando o encontrarmos, vou chutar o traseiro dele por te deixar grávida.

Limpei as lágrimas. Procurando profundamente dentro de mim, me dei conta de que ficava um pouquinho de coragem.

— Faça o que quiser, Gavin, simplesmente traga-o para casa.

Capítulo 5

Um ruído forte chegou a meus ouvidos, me despertando. Eu puxei um travesseiro sobre minha cabeça e tentei bloquear o som, mas não parava. Deixando sair um grunhido de frustração, joguei o travesseiro através do quarto, derrubando um quadro da parede.

Agarrei meu celular da mesa de cabeceira. Uma da manhã. Uma da maldita manhã.

O rosto de Ryder acendeu a pequena tela, iluminando o quarto escuro. Devia saber quem estaria ligando a esta hora da noite. Ugh!

— Olá? — respondi estupidamente.

— Está acordada? — perguntou uma voz profunda.

— Uh, não. É uma da manhã, Ryder. Onde você está?

— Festa. Em um lugar do sul.

Sua voz soou... diabos, estava bêbado.

— Onde exatamente é um lugar do sul? — perguntei suspirando. Sabia para onde esta conversa estava indo.

— Oh, perto de uma hora de onde está. Ouça, preciosa. — Sua voz se desvaneceu e podia escutar uma garota falando no fundo.

Revirei os olhos e esperei até que ele voltasse para o telefone.

— Sinto muito, Maddie. Vi uma amiga.

— Sim, eu aposto que sim. Então, o que é que você quer? Não, não me diga. Quer uma carona para casa.

— Me conhece muito bem. Pode vir me buscar? Por favor?

Passei uma mão por meu rosto, tirando meu cabelo escuro dos olhos no processo. Não podia acreditar que ia fazer isto. De novo.

— Me passe o endereço — disse com um suspiro, cedendo como fazia sempre.

— Vai sair agora?

— Sim.

— Me diga que conduzirá com cuidado.

Apertei os dentes, frustrada. Se não tivesse bebido tanto, talvez não estaria preocupado com como conduzo, mas não disse nada, sabia que era inútil argumentar. Tentei isso antes.

— Estarei aí assim que puder — retruquei.

Uma hora depois, estacionei em frente a uma grande e bela casa. Estava na rua principal, rodeada de hectares de terra agrícola, parecendo fora de lugar no campo.

Desligando o carro, olhei para o para-brisa. Podia escutar a música alta desde dentro da casa; um baixo profundo que coincidia com o ritmo de meu pulso.

Enviei uma mensagem para Ryder para que ele soubesse que tinha chegado. Então esperei. Sem resposta. Escrevi de novo. Sem resposta.

A noite tinha ido de mal a pior. Tinha planejado esperar ele na caminhonete. Agora, tinha que ir lá dentro.

Abri a porta da caminhonete e saí. Não me vesti para uma festa... Tinha colocado um cardigã por cima de meus shorts e regata de dormir. Meu cabelo era um desastre e não me maquiei, mas meus sapatos de um dólar e minhas roupas do Wal-Mart deviam bastar. Não era um desfile de modas. Era um resgate de um bêbado.

Fechei a porta da caminhonete muito forte e me dirigi à casa, me amaldiçoando silenciosamente por ter amigos que sempre precisavam de ajuda para sair de problemas.

Abri a porta principal e fui recebida pela música muito alta. Também pelo aroma de álcool. Tudo o que podia ver eram pessoas. Vinte ou trinta meninos do ensino médio ou universitários se amontoavam no que parecia ser uma sala. Poderia ter sido elegante alguma vez, mas agora, parecia destroçada.

Olhei para os rostos a meu redor. Nenhum sinal de Ryder. Suspirando com decepção, abri caminho entre a multidão, avançando mais na casa. Segurei meu telefone forte em minha mão todo o tempo. Era meu contato com ele. Meu cobertor de segurança em um quarto cheio de estranhos.

— Hey, quem é você? — gritou alguém por cima da música.

Olhei por cima do ombro, pronta para perguntar se conhecia Ryder, mas ao invés disso, congelei. A uns metros de mim estava Nathan Phillips. O Nathan Phillips. O menino mais gostoso no ensino médio, além de Ryder. Dois anos à frente de mim, Nathan sempre tinha parecido inalcançável para os de anos inferiores. Ele só saía com líderes de torcida e era conhecido por suas festas extravagantes e rebeldes, eventos para os quais só os mais populares, os meninos mais geniais do ensino médio, eram convidados. Não é necessário mencionar que nunca fui convidada para nenhuma delas.

Mas isso foi a um ano. Agora, já não íamos para o ensino médio. Todo esse drama não importava mais. Não é?

Observei, sem palavras, enquanto Nathan se metia entre a multidão. Parou na minha frente. Uau. Inclusive, parecia melhor de perto. Seu cabelo loiro estava perfeitamente arrumado e seus olhos verdes cintilavam para mim, sorrindo. Esperou pacientemente minha resposta enquanto a multidão se movia ao redor de nós.

Limpei a garganta e tentei não parecer nervosa.

— Sou Maddie e estou procurando Ryder Delaney — gritei por cima da música.

Suas sobrancelhas se levantaram em surpresa.

— Ryder?

— Sim, ligou para mim para pedir uma carona.

Sorriu como se eu tivesse dito a melhor piada de todas.

— Acredito que Ryder está tendo uma carona agora — disse com um sorriso de satisfação.

Minhas sobrancelhas se levantaram. O que queria dizer? Se Ryder encontrou outra carona para casa e dirigi até aqui.... Mataria ele. Juro que o mataria com minhas próprias mãos.

Nathan riu quando viu a expressão de meu rosto. Levou um minuto para descobrir a que se referia. Ryder estava com uma mulher. Meeeerda.

Não podia me importar ou estar surpresa. Ryder estava com qualquer garota. Loira, morena, ruiva. Não importava, mas por alguma razão, começou a doer. A pressão apertava meu coração, me dificultando respirar. Olhei ao redor da sala, me sentindo como

uma idiota. Perguntei-me se todos aqui podiam ver o quanto me sentia mal, esperando um homem que estava com outra mulher.

— Vamos. Esta é minha festa. Pode ficar até que saia — disse, fazendo um gesto para que o seguisse.

Hesitei. Nathan parecia agradável, mas não conhecia ninguém mais e está não era minha multidão habitual, mas já que devia esperar Ryder, poderia ao menos passar o momento com alguém a quem tinha visto a distância.

Levou-me através da casa cheia de gente a um lugar de portas duplas que levavam para fora. Ao passar a soleira, tentei não deixar que minha boca caísse aberta com a bela cena que tinha em frente a mim.

Um píer de madeira rodeava uma resplandecente piscina. Tochas tiki estavam colocadas estrategicamente ao redor da piscina e a luz fazia com que a água brilhasse como diamantes. Pequenos grupos de pessoas estavam por ali, rindo e se divertindo.

Nathan me levou para uma pequena casa de campo onde havia um bar. O cara tinha uma casa de campo em seu quintal. Sim, isto não era minha zona habitual.

— Quer alguma coisa? — perguntou, movendo as garrafas meio vazias no balcão.

— Não, obrigada — respondi, olhando a duas garotas passando. Cada uma tinha um longo cabelo loiro e bronzeado perfeito. Elas me olharam e seus olhos foram de cima abaixo sobre meu corpo antes de endireitar-se e afastar-se.

Sentindo que o rubor subia por meu pescoço, chequei meu telefone de novo. Ainda não havia resposta de Ryder. Genial.

— Então, como conhece Ryder? — perguntou Nathan, apoiando-se no balcão da casa.

— Somos vizinhos. E amigos.

Quando um alto moço musculoso se aproximou de mim para pegar uma garrafa de vodca, não tive opção a não ser me mover para perto de Nathan, encostando meu ombro em seu lado. Tocar Nathan Phillips teria sido épico se ainda fosse uma estudante do primeiro ano do colegial.

— Amigos? Sério? — perguntou, sem esconder sua dúvida.

Empurrei meu cabelo murcho atrás da orelha e me ruborizei de novo. Odiava quando as pessoas pareciam surpresas de que Ryder e eu fôssemos amigos. Como se não fosse o suficientemente boa para estar com ele ou algo assim.

— Lamento se soou mau, é só que não pensei que Ryder pudesse ser amigo de uma garota — disse encolhendo os ombros — Não é seu tipo.

— Suponho que sou especial — murmurei, escrevendo outra mensagem

Onde você está, Ryder?

— Frequentou a escola com a gente? — perguntou, inclinando-se mais para mim.

— Estava dois anos atrás de vocês. Sala 09 — respondi, olhando meu telefone e rezando por uma resposta.

— Você é jovem.

— Hmmm — murmurei, olhando por cima de meu telefone quando um grito veio do quintal. Um homem e uma mulher se perseguiam, correndo em ziguezague e rindo.

Meus olhos viram as duas loiras caminhando para nós de novo. As saias curtas mostravam suas longas pernas. As chamas das tochas tiki faziam com que seus cabelos brilhassem perfeitamente, me deixando com um pouco de inveja.

Parando em frente a nós, dois pares de olhos me olharam de cima abaixo com algo perto à repugnância.

— Hey, Nathan. Quem é sua amiga? — perguntou uma das garotas em uma voz estridente afiada.

Ele não se moveu. Simplesmente a observou, irritado.

— É amiga de Ryder. Por que?

Uma das garotas riu, afastando seu cabelo com suas perfeitas unhas bem feitas.

— Ryder não tem amigas. Só companheiras de foda. Eu deveria saber — disse a loira número um presunçosamente, me olhando de cima abaixo. Seus longos cílios não deixavam passar nada, incluindo minha roupa barata — E onde a encontrou? No estacionamento do posto de gasolina?

— Cala a boca, Julia — advertiu Nathan.

Levantou seu queixo, tentando parecer ferida.

— Não acredito que esteja no lugar correto, amiga do Ryder — disse, olhando para meus sapatos baratos.

— Está drogada até as nuvens, Julia. Se afaste — disse Nathan com seus dentes apertados.

Julia só sorriu docemente, mas tinha o pressentimento de que ela não sabia o que significava a palavra doce.

— Vamos, Michele — disse, agarrando a mão de sua amiga — O ar daqui está me deixando enjoada.

Olhei enquanto se afastavam, alegre pôr as ver partir.

— Ignore. É uma cadela — disse Nathan, inclinando-se sobre o balcão para abrir uma pequena geladeira. Um segundo mais tarde, tinha uma cerveja na mão, obviamente esquecendo a confrontação com as garotas.

Coloquei meu celular em meu bolso, de repente me sentindo muito insegura. A garota tinha razão. Não pertencia ali. Bebida, sexo, provavelmente drogas. Não fazia isto. Não ia a estes tipos de festa e não me juntava com este tipo de pessoas. Precisava sair dali. Rápido.

Nathan se inclinou, sua cabeça quase ao nível da minha.

— Só está com ciúmes, porque tentou ter Ryder só para ela por semanas. Você é bonita e uma ameaça. — parou a garrafa de cerveja quase em seus lábios — Não, retiro o que disse... É linda.

Mudei o peso para meu outro pé, nervosa sob seu escrutínio. Ficou muito perto. Ou, eu parei muito perto dele? Seja o que for, precisava me afastar.

— Então, irei procurar Ryder — disse incômoda, me afastando. Já tinha me afastado uns metros dele quando tocou meu braço.

— Espera...

Escapei facilmente e segui adiante, ignorando-o enquanto me dizia que parasse.

Abandonando o ar sujo e úmido, dei um passo dentro da casa e abri caminho pela multidão. A música me rodeava, fazendo com que minha cabeça seguisse o ritmo. Enquanto estava lá fora, a multidão na casa se triplicou, enchendo cada espaço disponível. Eva ficaria

com inveja por eu ter estado na festa de Nathan Phillip. Me mataria por não acordar ela para que também viesse.

Já tinha quase atravessado a multidão quando Nathan me chamou para que parasse. Segui adiante, evitando os bêbados que me rodeavam. Abri caminho até o lobby. Uma garota e um menino que riam chamaram a atenção. Dirigiam-se para subir um lance de escadas. As mãos do menino estavam quase dentro da saia da moça. Imediatamente, soube onde encontrar Ryder. *Segui além de um grupo de pessoas e me apressei a subir a escada atapetada.*

Pela extremidade do olho, vi Nathan me seguindo.

— Não acredito que deva o incomodar agora — gritou sobre a música, atrás de mim.

— Obrigada por sua ajuda, mas posso lidar com isso — disse a ele, parada na parte superior do patamar e olhando a meu redor.

A casa era enorme. Com gente em todas partes. O cenário de cima era mais tênue que na planta baixa, mas igualmente concorrido. Quartos abrangiam ambos os lados do corredor. A maioria das portas estavam fechadas, mas havia uma ou duas abertas. Em qualquer outro momento, faria uma pausa para desfrutar da bela arte nas paredes ou as estátuas de bronze que se mostravam nos quartos, mas agora, eu só queria encontrar Ryder *e ir.*

— Olhe, sinto muito. Não devia ter dito que é linda. Equivoquei-me —desculpou-se Nathan e fui à primeira porta fechada

Ri ligeiramente, mas não tinha nenhum senso de humor.

— Não, espera, saiu errado. É linda — disse em tom nervoso — é que não deveria ter dito nada.

— É melhor você sair enquanto pode — disse a ele, batendo na porta fechada frente a mim.

— Ele não está aí — disse, apoiado na parede.

Entrecerrei os olhos.

— Então, onde está?

Deu uma olhada em minhas pernas, parando em meus chinelos. Resisti à tentação de enrolar meus dedos dos pés sem pintar sob seu olhar. Quando seus olhos se encontraram com os meus de novo, vi compaixão. Merda.

— Está aí — disse, assinalando com a cabeça para o corredor.

Dando a ele um olhar de frustração, dei meia volta. Meu cabelo comprido voou por cima do ombro, aterrissando em meu peito. Deixei-o ali, na verdade, sem me importar se era um desastre e precisava de um pente.

Me movendo para frente de um casal que escorregavam suas línguas nas gargantas do outro, cheguei à porta fechada. Levantei a mão para bater. Então os ouvi.

— Ohhhh, Ryder — gritou dentro do quarto a voz de uma mulher.

— Você gosta assim? — perguntou uma voz profunda.

Um rubor avançou lentamente por meu pescoço e rosto. Sabia o que Ryder fazia quando Nathan disse que ele já tinha um carona, mas ouvir foi... chocante. Me fez retorcer e sentir coisas que não devia. Como ciúmes.

Entretanto, uma parte de mim tinha curiosidade. Ouvi os rumores. Sabia o que as garotas diziam a respeito de suas... habilidades. O fato de que ele era meu melhor amigo não queria dizer que estava cega ao aspecto que tinha ou o que todas as garotas viam nele.

Quando os sons da respiração bruscas aumentaram no interior do quarto, limpei a garganta e endureci minha espinha dorsal. Não me importava o que fazia ali. Só queria ir para casa. Não era uma garotinha. Sabia o que acontecia entre dois adultos. Eu simplesmente não queria saber o que acontecia entre Ryder e outra mulher.

Com a minha cabeça erguida, levantei meu punho e golpeei.

— Não — disse Nathan, agarrando meu braço.

Afastei sua mão enquanto se ouviam maldições do outro lado da porta.

— Estou ocupado. Consiga seu próprio maldito quarto — gritou Ryder.

Ouvi uma risadinha e Ryder resmungando algo.

Voltei a bater, desta vez mais forte.

— Vá embora! — gritou Ryder.

Nathan agarrou meu braço de novo.

— Vamos, vamos.

Antes que pudesse discutir, um homem que parecia pertencer a um programa de lutas ao invés de um universitário em uma festa, aproximou-se de nós, movendo-se de um lado para o outro.

— Onde diabos está? — disse, arrastando as palavras e tentando manter os olhos focados em Nathan.

— De quem está falando, Jeremy? — perguntou Nathan, de pé entre o tipo grande e eu.

O homem da luta livre olhou por cima do ombro de Nathan, primeiro para mim e logo para a porta.

— O idiota. Ryder. Alguém o viu entrar aqui com minha irmã.

Oh, demônios.

— Como eu vou saber? — disse Nathan, encolhendo os ombros.

Pensei que o tipo ia sair, mas logo vieram gemidos fortes do outro lado da porta. Antes que pudesse me mover, Jeremy (ou o senhor Lutador, como eu pensava dele), grunhiu e empurrou Nathan. Sua mão carnuda me rodeou, girando a maçaneta da porta, abrindo-a.

O quarto estava às escuras, mas pude ver duas figuras na cama, uma em cima da outra. Os músculos tonificados se flexionavam nas costas dos ombros do homem enquanto se movia sobre a mulher que se retorcia debaixo dele.

Fiquei imóvel, incapaz de me mover um centímetro. Tudo o que podia ver era o corpo nu de Ryder. Seu corpo nu perfeito. Fazendo sexo.

— Merda! — disse Ryder quando me viu parada na porta. Em questão de segundos, separou-se da garota e lutava para encontrar os jeans.

— Filho da puta! O que está fazendo com minha irmã? — gritou Jeremy, me empurrando para fora de seu caminho.

Observei com horror quando Jeremy entrou no quarto, em busca de sangue. Colocando a cabeça contra seu peito enorme, rugiu e se lançou para Ryder, me recordando a um touro e a um toureiro.

Deixando suas calças jeans, Ryder se agachou, quase roçando o punho do cara por uns centímetros.

A embriaguez de Jeremy retardou sua reação. Não pôde ver o que vinha. Ryder conseguiu lhe dar um murro na cara, conectando o punho com um osso. Com um grunhido, Jeremy caiu, aterrissando com força no chão. Fora de combate. Toalha jogada. Fim da luta.

Fiquei de pé estagnada no mesmo lugar, com o olhar fixo. Meus olhos correram para o corpo nu de Ryder. Respirando com dificuldade, seu peito subia e descia enquanto olhava o homem inconsciente. Pouco a pouco, seus olhos foram para os meus, surpreso quando se deu conta que continuava de pé ali.

— Jesus Cristo, Maddie! — disse, recolhendo seus jeans jogados no chão. Saltando de um pé ao outro, lutou para ficar com o olhar em mim — Merda! Droga! O que você está fazendo aqui?

Nathan me agarrou pelo braço e tentou me tirar do quarto. Neguei-me a me mover. Estava em um transe estranho no qual me congelei. Queria afastar o olhar de Ryder, mas não pude. Nas sombras do quarto, vi como subiu o zíper de suas calças jeans, cobrindo o que vi durante uns poucos segundos. Deus! Pisquei, me perguntando se estava vendo as coisas corretamente. Seu corpo era... uau. Simplesmente uau.

Incapaz de afastar os olhos dele, tentei libertar meu braço, mas Nathan tinha um firme controle sobre mim. Quando Ryder se aproximou mais, de repente, não me importava a mão que tinha em cima de mim. A única coisa que importava era olhar fixamente seu peito nu, formado com músculos perfeitos.

Vi em um estado de choque enquanto Ryder pegou sua camisa e a pôs rapidamente sobre a cabeça, sem afastar sua atenção de mim. Parecia preocupado. Assustado.

Parecia como se quisesse vomitar.

A ruiva na cama começou a rir, por isso era impossível ignorá-la por mais tempo. Sentou-se na cama, nua, sem incomodar-se em se cobrir. Sem se importar que seu irmão estivesse inconsciente, estendido no chão. Seu rímel estava borrado, seu cabelo desordenado e ela se balançava na cama. Dizer que estava bêbada era um eufemismo.

— Vamos — disse Nathan, puxando meu braço.

— Pare de me tocar! — disse a ele, desforrando nele por minha vergonha e ciúmes.

A profunda voz de Ryder estalou atrás de mim.

— Merda, não toque nela, Nathan.

Vi o rosto de Nathan ficar branco um segundo antes de me virar. Ryder estava a centímetros de mim, balançando-se sobre seus pés. Apesar de estar bêbado, seus olhos estavam firmes, perfurando-o com malícia.

— Só tento manter ela fora de seus assuntos e longe dos idiotas que você enfurece — disse, soltando meu braço e apontando com a cabeça para o homem inconsciente no chão.

— Ela é meu assunto — grunhiu Ryder, já sem balançar-se, mas firme como uma rocha — Mantenha-se afastado dela. É só uma menina.

Fiquei nervosa com seu tom. Como se atreve a dizer que sou uma menina?! E que diabos quis dizer com "eu era assunto dele"? Eu não era "assunto" de ninguém.

— Tenho dezenove anos, Ryder — retruquei — não sou uma menina nem te diz respeito o que eu faço.

A garota caiu na cama, rindo quando aterrissou em um montão de lençóis e travesseiros. Olhei para ela e apartei os olhos. Estava tão nua e tão modesta como uma puta no dia de seu pagamento.

Ryder ignorou à garota, me olhando com frieza. Vi ele cambalear de novo. Podia cheirar o álcool, confirmando que sim, estava bêbado, mas não, não era um bêbado feliz.

— É uma menina, Maddie — declarou.

— Não se parece com uma menina, Ryder. Não a trate como uma — disse Nathan, ao que parece com um arrebatamento de coragem. Ficou louco? Não tinha acabado de ver Ryder nocautear um cara com um só golpe? — Por que não volta para sua... festa e eu cuido de Maddie até que tenha terminado? Até tirarei Jeremy daqui — adicionou.

Ryder se aproximou de Nathan; seu tamanho o punha em vergonha.

— Quem acha que eu sou? Acredita mesmo que deixaria Maddie a sós com você de boa vontade?

Já tínhamos reunido uma pequena multidão no corredor. Olhei os rostos ansiosos, todos à espera de uma luta, provavelmente com a esperança de animar a festa. Acredito que até escutei alguém animando Ryder *para que desse um golpe.*

— Escutem, vocês dois... tranquilo — disse, para acalmá-los antes de que se lançasse contra Nathan. *O* Ryder Bêbado *era desagradável.*

— Cale a boca, Maddie. — ele retrucou, mantendo o olhar em Nathan.

Isso foi tudo. Tinha cruzado a linha.

— Não, me escute...

Quando me agarrou pelo braço, chiei. Sem se incomodar em ser amável, arrastou-me pelo corredor cheio de gente, afastando todos do caminho e sem se desculpar por isso.

Sem me soltar, me levou pelas escadas. Tentei me soltar mais vezes do que podia contar, mas não importava para ele.

Na parte inferior da escada, um rapaz que dançava ali quase me fez cair. (É provável que acabasse de esquecer o que fosse que tinha em mente.) Comecei a deslizar para frente quando Ryder *me aproximou mais, me puxando contra seu quadril e me mantendo a salvo.*

— Cuidado, amigo — disse Ryder, *dando um olhar ao menino que dizia "vá para trás ou pague as consequências" ao mesmo tempo que me segurava contra ele.*

Enquanto se afastava, o rapaz parecia morto de medo. Ele tinha acabado de olhar nos olhos do diabo e vivido para contar. Era um olhar que havia visto muitas vezes quando os homens enfrentavam Ryder.

Uma vez que o rapaz se foi, Ryder *começou a cruzar a sala de novo, me mantendo a seu lado.*

— Disse que estava bêbado, mas não parece — disse, arrastando os pés e desacelerando ao nos aproximar da porta.

— É verdade, mas ver Nathan *te tocar me deixo sóbrio imediatamente.*

— Ele não me fez mal. Diferente de algumas pessoas — murmurei, olhando severamente a seu perfil.

Parou e se virou para me olhar. Seus olhos se esquentaram e com sua mão, percorreu meu braço até o pulso, com isso, minha pele queimou sob meu casaco de lã.

— Estou te fazendo mal, Maddie?

Mordi o interior da minha boca.

— Bom, não.

Seus olhos desceram até minha boca. Ele sabia que estava me mordendo. Isso o deixava louco. Bom.

Deixei escapar um forte suspiro e soltei o interior de minha bochecha. Satisfeito, Ryder me conduziu através da porta principal, agora com seus dedos ao redor de meu pulso. Seu toque era quase como uma carícia. Uma forte e obstinada, mas mesmo assim, uma carícia.

Quando saímos da casa, meus chinelos faziam um ruído ao golpear contra meus pés. O ar quente do Texas deixou a pele fria e suada pela umidade.

— Bebeu algo ali? — perguntou, soltando meu pulso.

— Não — respondi, correndo para manter seu ritmo.

— Bom. A regra número um na universidade é não beber e muito menos se for algo que um homem te deu. Poderia ter acrescentado algo.

— Ha! — bufei. Olha quem fala — Mas, não é esse o sentido da universidade? Beber e ir em festas? Se deitar com qualquer um? — Acrescentei a última parte para incitá-lo.

Apertou os lábios. Pude ver a flexão de sua mandíbula sob sua barba.

— Não é para você, é melhor que não seja.

— Quem é você? Meu...

De repente, se virou para me olhar. A luz da lua brilhava, iluminando a noite como uma grande lanterna no céu, por isso era fácil vê-lo.

Cruzou os braços sobre o peito, irritado.

— Por que diabos entrou ali, Maddie?

— Humm, porque não respondeu minhas mensagens. Mandei, tipo, um milhão — expliquei a ele. Levantei uma sobrancelha, desafiando-o a discutir. Quando não o fez, me

afastei, deixando ele sozinho. A grama suave e perfeitamente cuidada não emitiu nenhum som enquanto cruzava o jardim para minha caminhonete.

— Vi as mensagens — disse, me alcançando — Não eram um milhão, mas quase.

Parei ao lado da caminhonete e soltei um profundo suspiro. Não deveria me zangar com ele. Na verdade, não fez nada de errado, exceto me fazer sair no meio da noite para recolher seu traseiro bêbado. Qualquer outra coisa que fizesse não era meu assunto, sempre e quando ele não bebesse e dirigisse.

Me virei e fiquei surpresa por encontrá-lo tão perto de mim. Muito perto. Me peguei olhando seu peito. Meu olhar se moveu por sua camisa, notando o quanto ficava perfeita. Uma vívida imagem do que se encontrava abaixo dessa camisa cruzou minha mente. Então, lembrei da ruiva.

Respirando profundamente, levantei os olhos para os seus.

— Me desculpe por ter interrompido você... sua noite..., mas fiquei preocupada. Pensei que talvez tivesse ido sem me esperar e....

— Nunca faria isso com você — sussurrou, como se estivesse me contando um segredo.

Dei de ombros com indiferença e abri a porta da caminhonete. Como deveria saber o que faria ou não? Se havia uma garota incluída, Ryder poderia vender sua alma por um nada. Coisas estranhas aconteceram no passado.

A luz da caminhonete lançava um suave brilho no interior, iluminando as gretas e rachaduras nos assentos de couro. Comecei a entrar, mas parei, me dando conta de que Ryder não se movia. Continuava de pé no mesmo lugar, parecendo um pouco perdido. Um pouco preocupado.

— O que viu esta noite... —começou com voz rouca.

Dei de ombros.

— Não é problema meu, Ryder.

— Ela não significa nada para mim, Maddie.

— Parecia que sim, significava algo — respondi. Por que me dizia isso? Nunca dava desculpas pelo que fazia ou dizia. Era confiante. Uma das coisas que respeitava e admirava nele — Não tem que me explicar isso — acrescentei.

— Sim, tenho que fazer isso. — Sua voz se fez mais baixa, mais sedutora — Não porque tenha que fazer, mas sim porque quero.

Nós olhamos por alguns segundos. O calor nos oprimia. A música da casa nos rodeava, enchendo o ar com Techno. Me perdi nos olhos de Ryder. Vi tantas emoções que não sabia por onde começar.

Arrependimento. Vergonha. Ira. Frustração. Muitas emoções para as distinguir.

Se aproximando um passo, seus olhos se moveram por meu corpo, para parar em meus shorts. As emoções desapareceram como se nunca tivessem existido. Só a rigidez permaneceu em sua expressão.

— Diabos, Maddie, não poderia ter colocado outra coisa antes de vir me buscar?

O rubor se estendeu por meu rosto enquanto baixava minha camiseta da Universidade do Texas. De repente, os shorts não pareciam tão cômodos como a algumas horas atrás.

— É meia-noite, Ryder. Não me preocupei com o que usava quando saí de casa para te resgatar.

Seus olhos deslizaram de cima abaixo por meu corpo mais uma vez, mais rápido desta vez. Finalmente, afastou seu olhar bruscamente.

— Merda — murmurou, passando uma mão por seu cabelo.

Me dando um irritado olhar, contornou a caminhonete até o banco do passageiro. Abrindo a porta de um puxão, entrou.

Não tinha ideia qual era seu problema, mas não ia perder tempo para descobrir. Esteve bebendo e interrompi sua festa privada de sexo. Obviamente, não se sentia muito feliz comigo nesse momento.

Subi no meu banco do motorista e coloquei a chave na ignição. A caminhonete rugiu à vida, soando mais com um Mustang novo do que com um velho Chevy. Retrocedi na

entrada, me preocupando em não bater no Porsche estacionado junto a mim. Sim, definitivamente não me encaixava nesta festa.

— Precisa que te dê uma carona pela manhã para que pegue seu Bronco? — perguntei, mantendo os olhos na estrada escura.

— Não, direi a Gavin que faça isso. Está na cidade.

Por um par de quilômetros, não falamos. O silêncio era incômodo e incomum. Geralmente, tínhamos toneladas de coisas do que falar, mas esta noite... acredito que não.

Dei uma olhada, conseguindo um flash de seu perfil quando passamos sob um farol. Fios de um brilhante cabelo castanho caíam sobre seus olhos, conseguindo parecer sexy e incontroláveis ao mesmo tempo. Sua firme e dura mandíbula estava apertada com o que assumi ser irritação. Com uma mão no banco, parecia tenso e pronto para sair da caminhonete se fizesse algum movimento.

— Então, essa é a casa de Nathan? — perguntei, precisando encher o incômodo silêncio.

Esticou suas longas pernas e passou uma mão por sua coxa antes de responder.

— Sim — disse, sem deixar de olhar para fora.

— Não sabia que eram amigos.

Me olhou com cautela.

— Por que se importa? Não sente algo por ele, certo?

Dei de ombros e olhei pelo espelho retrovisor, evitando seu olhar.

—Todas as garotas pensavam que era lindo no colegial. Isso é tudo.

Bufou.

— Isso é tudo? Sério?

— Sim — o imitei, olhando para ele rapidamente antes de voltar a olhar para a estrada.

Estudou-me com um cenho franzido. Me dei conta de que podia notar minha mentira. Sempre era capaz de fazer isso.

— Fique longe de Nathan — me advertiu.

— Por que? Pensei que fossem seu amigo.

Deu uma olhada em minhas coxas nuas, expostas por meus shorts.

— Sim, mas isso não significa que deva ficar com ele. É problemático.

— De acordo com você, cada cara com quem falo é problemático — retruquei, irritada — Ameaçou Cash quando me pediu para ir ao baile e assustou tanto outro cara que ele faltou a nosso encontro da semana passada. Não entendo. Por que continua fazendo isso?

Quando não disse nada, olhei para ele pelo canto do olho. Manteve o olhar na estrada, recusando-se a me responder.

— É irritante — acrescentei, incomodada mais ainda por seu silêncio — Já sou uma mulher, Ryder. Posso escolher meus próprios encontros, muito obrigada.

— Você não sabe como são os rapazes, Maddie. Eu sim. Sei como falam. O que pensam. O que querem. E com alguém que parece com você, só querem uma coisa.

Eu não tinha certeza se era um elogio ou não. Ao escutar ele dizer, parecia mais uma sentença de morte, como se fosse uma enfermidade letal e não uma adulação.

No fim, tive que perguntar.

— Como pareço exatamente, Ryder?

Na escuridão dentro da caminhonete, senti ele me olhar. Limpei a garganta e dei uma olhada, me preparando para o que sabia seria uma resposta sarcástica. Seus olhos me atravessaram, olhando profundamente em meu interior. Dentro da minha alma. O lugar do qual foi parte desde que podia lembrar.

— Como pareço? — perguntei de novo.

— Parece um anjo que implora para que arranquem sua auréola.

Senti meu coração acelerar enquanto olhava para o vidro dianteiro. Aferrei-me com força ao volante, vendo meus nódulos ficarem brancos. O ar estava pesado entre nós, ocupando espaço extra na caminhonete como uma entidade invisível que não ia embora.

Dando um olhar de soslaio, me mexi em meu banco. Sua atenção estava focada além da janela, perdido em seus próprios pensamentos. Suas palavras ecoavam em minha cabeça, reproduzindo-se como uma gravação velha. Sabia que tinha que fazer uma última pergunta.

— E isso faz de você o que, Ryder?

Bufou, mas não me olhou quando respondeu.

— Sou a escuridão, Maddie. Se afaste dos homens como eu. Só sairá ferida.

***

Tinha razão. Saí ferida. Quando não voltou, senti-me machucada. Doeu. Movia-me com a corrente, sem sentir nada mais que uma dor no coração que ameaçava me paralisar. Queria gritar a todos os céus por levar o pai do meu bebê. Por me roubar o único homem que amava, mas também queria agradecer. Tinha uma pequena vida crescendo dentro de mim. Uma a qual criaria e amaria. Uma que agradecia a Ryder por me dar, mas enquanto o mundo se tornava frio e as escuras folhas caíam das árvores, ainda me sentia sozinha. Incompleta. Implorei a Deus. Orei e chorei. E mesmo assim, Ryder não voltou.

Agora me encontrava aqui, esperando notícias. Esperando encontrar Ryder. Este seria nosso último intento de encontrá-lo antes de que o tempo ruim o tornasse impossível. O último intento. Oh, Deus! Não posso fazer isto. Não posso me render! Fechei os olhos. A dor não ia embora. Algum dia o faria?

— Onde demônios está?

Saltei ante a voz de Gavin, abrindo de repente os olhos. Encontrei ele caminhando de um lado para o outro em frente a uma pequena fogueira, ignorando a fumaça que se movia em sua direção.

— Hey, onde caralho está? — murmurou de novo.

Olhei na distância, sem ver nada realmente. Era tarde e à noite tinha caído horas atrás. A chuva e o granizo pararam, por isso fomos capazes de acender uma pequena fogueira para nos dar calor. Grossas nuvens tampavam a lua e as estrelas, trazendo um pouco de frio, mas poderia ter estado ensolarado, pouco me importava.

Fazia duas horas, vi Cash se afastar. Foi a cidade armado com pistolas, munições e esperança. Gavin se recusou a me deixar sozinha ou a me levar perto da cidade, dizendo persistentemente que minha gravidez mudava tudo. Não concordei, mas não discuti com ele.

Então, Cash foi sozinho, dizendo que poderia se aproximar da cidade sem pessoas extra seguindo-o a toda parte. Sabia que era sigiloso e que tinha estado em um acampamento para prisioneiros de guerra, mas mesmo assim, me preocupava com ele. Algo poderia acontecer. Poderia ser pego, ou pior, baleado. Poderia não voltar com a gente; outro membro perdido de nosso pequeno grupo. Outra vida afastada de mim.

Apertei o cobertor ao redor de meus ombros enquanto o frio penetrava até meus ossos. Alguma vez me sentiria quente de novo? Minha tristeza me esfriava como nenhuma nuvem podia.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha e deixei escapar um suspiro resignado. Gavin poderia querer parecer duro, mas esta viagem o deixava tão nervoso quanto a mim. Se não pudéssemos encontrar Ryder desta vez... bom, não queria pensar nisso.

— Poderíamos fazer outra viagem a cidade se não o encontrarmos — raciocinei, esperando que estivesse de acordo comigo e me acalmasse.

Continuou caminhado, mas sacudiu a cabeça.

— Não, esta é a última vez. — Deslizou uma mão por seu cabelo, esmagando minha sugestão — O inverno vai ser rigoroso para todos. Não quero deixar o rancho por muito tempo. As pessoas vão começar a passar fome, se já não estiverem. Ficarão mais desesperados do que agora na busca de provisões. Ficará pior antes que melhore. Não podemos continuar indo a cidade, esperando encontra-lo. Temos que ser realistas.

Senti as lágrimas atrás de minhas pálpebras. Olhando fixamente o fogo, pus uma mão sobre meu estômago. Os próximos meses passaram frente a

mim; uma gravidez sem Ryder. Uma nova vida sem ele. Como poderia fazer isto?

— É estranho, Gavin — sussurrei — Não tenho certeza de como continuar. E se nunca mais voltar?

Não podia pensar que estava morto. Nem sequer podia pronunciar as palavras.

Parou de caminhar e a tensão em seu rosto desapareceu. Suspirando, sentou-se junto a mim. O tronco se moveu sob seu peso, fazendo com que me inclinasse para ele. O calor que saía de seu corpo era atrativo, mas me afastei para lhe dar espaço.

— Ryder brigaria com unhas e dentes para voltar — disse — Confie em mim. O cara é teimoso como uma mula.

— É disso que tenho medo; é muito teimoso. Nunca sabe quando parar. Se tentar sair disto, poderia não conseguir — disse.

— É forte e inteligente. Fará o que precisar para sobreviver. — Parou um segundo e olhou o fogo — Quero que saiba que não está sozinha nisto. Estou aqui e me sinto tão mal como você. Superaremos juntos. Seu bebê terá uma família.

Meu filho poderia ter uma família, mas não queria pensar que ele ou ela crescesse sem um pai. Sabia, por experiência, que ter um só dos pais era difícil. Tinha passado por isso a maior parte de minha vida. Não queria isso para meu filho.

Não voltamos a falar disso. Que mais tinha a dizer de qualquer jeito? Gavin se sentia preocupado por seu irmão. Eu, pela pessoa que me conhecia melhor do que ninguém.

Fechei os olhos, escutando o fogo ranger e explodir. Em minha mente, vi Ryder me observando. Senti suas mãos movendo-se por meus quadris, me aproximando. Uma só lágrima deslizou por minha bochecha, seguida de outra.

Queria ele em casa.

Capítulo 6

Devo ter adormecido, porque quando despertei, o fogo estava quase apagado e o sol se elevava no horizonte.

Em algum lugar próximo, ouvi o relinchar de um cavalo. Eu e Gavin pulamos, procurando a fonte do som. Ele agarrou uma espingarda que estava por perto, preparado caso fosse uma ameaça em vez do que esperávamos.

Fiquei quieta, esperando que aparecessem as pessoas. Meus membros tremiam. Meu coração pulsava muito rápido. Sentia-me ansiosa e esperançosa. Este era o momento que esperava. O momento em que veria Ryder.

Cash entrou no improvisado acampamento, arrastando as rédeas do cavalo. Estava sozinho.

Fechei os olhos quando a dor apunhalou meu coração, deixando-o em ruínas. *Não encontrou Ryder*

Esperamos ansiosos enquanto Cash prendia as rédeas do cavalo a uma árvore próxima. Vi o cansaço em seu rosto e senti seu desespero. Quando seu olhar encontrou o minha, vi tristeza.

Não! Por favor, não!

— Cash? — disse Gavin, com a voz quebrada.

Sob a pouca luz que vinha da fogueira, vi Cash engolir seco.

— Sinto muito, Gavin.

Com meus olhos cheios de lágrimas, vi como Cash se aproximou do fogo e ficou olhando fixamente às chamas que eram cada vez mais escassas.

Meus braços caíram inutilmente a meu lado. Os músculos de minhas pernas se converteram em gel, me negando a ceder à tristeza, envolvi os braços ao redor de minha cintura e esperei que dissesse algo. Tinha medo de perguntar, mas precisava saber. Simplesmente não podia formar as palavras.

De repente, ele explodiu. Começou a gritar, me assustando.

— Filhos da puta! Malditos bastardos! — Chutou terra nas chamas com suas pesadas botas — Pedaços de imbecis de merda!

Olhei para ele surpresa, assustada por seu arrebatamento. Cash sempre foi o reservado do grupo. Era desconcertante ver ele assim. Desmotivador.

Tirou seu chapéu de vaqueiro e o jogou para longe, frustrado. Pondo suas mãos nos bolsos, olhou para mim através do fogo, enquanto crescia sua irritação. Com grande rapidez, esteve frente a mim, a poucos centímetros de distância. Olhei fixamente em seus olhos e vi um ódio tão forte que me fez dar um passo para trás.

— Sinto muito, Maddie, não merece esta merda. Ele deveria estar aqui com você e seu bebê. Não em algum outro lugar da terra ou em alguma prisão infernal — disse, cuspindo cada palavra.

— Para trás, Cash — disse Gavin — Se acalme e cale-se.

— É obvio que não, não vou me calar! É uma merda! Estou cansado disto! — Levantou os braços como se estivesse dando-se por vencido e saiu. Parou abruptamente e se virou — Que tipo de vida é esta? Estamos apenas sobrevivendo! É inverno e estamos pendendo por um maldito fio!

Aproximei-me, ignorando os troncos queimados que estavam a poucos centímetros de meus pés.

— Viu alguma coisa? Tem alguma prova de que está lá?

Cash me olhou, abandonando sua irritação. Vi seu corpo desinflar-se, quase como se estivesse rendendo-se.

— Está morto, Maddie. Implorava a Deus não ter que dizer isso a você, mas está morto — disse em um sussurro que foi tão forte como um disparo de espingarda.

Não.

Me revolveu o estômago e senti um aperto em meu peito.

— O que? — disse Gavin com voz rouca

Sem responder, Cash agarrou um pequeno tronco e o jogou no fogo, que rangeu fazendo com que se elevassem faíscas.

Dei um passo mais perto de Cash. A uma distância onde não tinha mais remédio do que me olhar nos olhos quando respondesse minha pergunta.

— Está morto realmente? — Não queria dizer essas palavras, mas tinha que saber.

Quando seus olhos se encontraram com os meus, vi minha resposta.

— Sim.

Resisti ao impulso de pôr a mão sobre meu estômago e proteger meu bebê do horror da palavra. Neguei-me a me derrubar e nunca me levantar de novo.

— Como sabe? — perguntei, me forçando a dizer as palavras.

— Fui capaz de chegar à entrada da cidade. É ruim. Muito ruim — disse, passando uma mão pelo rosto — Eu... eu não sei como alguém pode sobreviver ali. — Negou com a cabeça, parecendo sombrio — Era impossível que pudesse entrar, então decidi voltar. Quando já estava saindo, topei com um cara que escapou, mal saindo com vida. Mostrei a ele a foto que me deu de Ryder. O homem disse que o conhecia, que recebeu um tiro grave e que viu como arrastaram seu corpo para longe para enterrá-lo.

Suas seguintes palavras quase me mataram.

— Ele se foi.

Capítulo 7

O pesar me acompanhava constantemente. Não sentia nada, exceto dor.

Passaram quatro semanas. Sobrevivia. Vivia, mas era só a metade de uma mulher.

As temperaturas eram glaciais, tínhamos os dedos gelados pelo frio que nos rodeava. Os dias eram tristes e as noites eram geladas. Cada noite, nos amontoávamos ao redor do fogo, envoltos em várias camadas de roupa, escutando atentamente o rádio. Contínhamos a respiração, esperando notícias da guerra, com a esperança de que chegasse a paz em meio de todo o terror que nos rodeava.

Mas nunca chegava...

Os inimigos avançavam, invadindo os estados fronteiriços e avançando. Os americanos lutavam, tanto jovens como adultos, perdendo a vida ao tentar recuperar sua liberdade. Quantos morreram sem que soubéssemos? Não acreditava que alguém soubesse.

Éramos fracos. Como poderíamos lutar se não tínhamos poder, nem nada com o que nos comunicar? O pulso eletromagnético paralisou o país e nos deixou a mercê dos insurgentes. Tínhamos voltado para os dias de antigamente, quando os homens trabalhavam com suas mãos, defendiam a sua família e lutavam por sua liberdade. Nada era fácil. Era mais frequente as pessoas morrerem do que seguirem com vida. A desnutrição se estendia por todos os lados, havia fome e doenças. Nosso país se encontrava em ruínas.

No rancho, nos encontrávamos a salvo dos combates. Todos vivíamos amontoados na casa de Janice e Roger, conservando nosso calor, compartilhando nossos suprimentos e assim, estávamos mais seguros se por

acaso aparecessem forasteiros. Assim sobrevivíamos. Aprendemos rapidamente que quanto mais fôssemos, mais segurança teríamos. Transformamo-nos em uma máquina bem lubrificada; cada um de nós fazia o que lhe tocava para poder sobreviver. Estávamos amontoados, mas a salvo. Era tudo o que importava.

Tínhamos pouco suprimento de alimento, mas não tinham tirado isso de nós para que fossem racionados entre os grupos de pessoas sem lar e com fome dos Estados Unidos, como foi feito em outros lugares. Não tínhamos toque de recolher, ninguém mais a quem responder que a nós mesmos. O rancho era o lugar perfeito para estabelecer um bunker. Estávamos separados do terror do resto do país, escondidos, longe dos combates. Bom, praticamente.

Para mim, se os dias eram longos, as noites eram ainda mais. Durante o dia, trabalhava e ajudava no rancho quando podia. De noite, dava voltas e voltas. Ryder me obcecava durante o dia e aparecia em meus sonhos a noite.

— Amo você, Maddie.

Olhei nos olhos de Ryder e vi tudo o que sempre precisei ou desejei.

Coloquei minha mão em sua nuca e o atraí para mim, morrendo de vontade de sentir sua boca na minha.

— Eu também te amo — sussurrei, tocando seus lábios com os meus — Não volte a me deixar nunca.

Sua boca capturou a minha com urgência e cheio de necessidade. Agarrando meus quadris, atraiu-me para ele. Gemi quando uma de suas mãos se introduziu sob minha camisa, procurando meu seio.

— Nunca te deixei, Maddie. Sempre estive aqui com vocês — disse, afastando seus lábios de minha boca para viajar a meu ouvido.

Beijou a pele sensível debaixo do lóbulo de minha orelha, deixando calor. Aspirei uma baforada de ar quando seus dedos roçaram a parte inferior de meu seio.

— Por favor, Ryder, preciso de você — sussurrei, jogando a cabeça para trás. Sua boca se moveu por meu pescoço, fazendo com que outras partes de meu corpo gritassem para serem satisfeitas.

— Me diga quanto — exigiu, quando seu polegar e seu dedo indicador encontraram meu mamilo — Precisa disso?

Abri a boca para dizer a ele que sim, que isso era exatamente o que precisava, mas nunca tive a oportunidade de dizer nada.

Um disparo atravessou a noite.

Ryder se sacudiu contra mim. Soou outro disparo e se sacudiu outra vez, transmitindo o movimento através de meu corpo.

Vi como seus olhos se abriram com temor. Tropeçando para trás, suas mãos se afastaram de mim, me deixando fria e sozinha.

Observei com horror quando um grande círculo de sangue começou a formar-se em seu peito. A vermelhidão não se parecia com nada que tenha visto antes. Parecia um objeto vivo, tomando seu corpo, consumindo-o com sua maldade.

Gritei enquanto ele tocava o sangue com uma mão. Estendeu seus dedos ensanguentados para que os pudesse ver e me olhou com tristeza.

— Sinto muito, Maddie — disse, caindo de joelhos frente a mim.

— Naaaaaaão — gritei, segurando ele antes que caísse no chão.

Do nada, escutei um ruído proveniente dos bosques que nos rodeavam. O ruído era forte e ameaçador, nos rodeando como um atacante a sua presa. Segurando Ryder contra mim, olhei a meu redor, procurando o inimigo que fez isto a ele. Que nos fez isto.

De repente, a uns dois metros de distância, um bebê começou a chorar. Um forte pranto encheu a noite, rasgando minhas vísceras. Tinha que ir ver meu filho, mas não podia me afastar de Ryder.

— Vá cuidar de nosso bebê, Maddie. Deixe-me ir — sussurrou, utilizando o último grama que ficava de energia para dizer as palavras.

— Não, não vou te deixar! — gritei, me asfixiando entre meus soluços. Me matando.

— Tem que fazer isso — disse forçadamente. Sua mão tocou meu rosto. Pude sentir a mancha de sangue que deixou em minha bochecha, me marcando para sempre — Amo você, Maddie. Lembre-se disso. Amarei você para sempre. Agora, deixe que eu vá.

Observei com horror quando deu seu último suspiro.

— Naaaaaaaaão — gritei o mais alto que meus pulmões podiam, unindo meus gritos aos do bebê.

Alguém me agarrou pelo ombro e, sacudindo, me acordou.

— Maddie.

Dei um pulo; meu peito subia e baixava rapidamente, minha respiração estava forçada e ofegante. Com a mão tremendo, tirei o cabelo do meu rosto, sentindo o suor que brilhava em minha testa. Quando a cama se afundou junto a mim, olhei outra vez, com medo do que poderia encontrar a meu lado. Ou que não encontraria.

Eva se sentou, me olhando com preocupação. Meus olhos levaram um momento para acostumar-se à escuridão. Estava na antiga cama de infância de Ryder. Sob suas cobertas. Minhas mãos baixaram a meu estômago, sentindo a pequena redondeza. *Estou bem. Tudo foi um sonho. Só um sonho.*

Eva tocou meu braço. Só um pequeno toque para me lembrar de sua presença. Durante as últimas semanas, tinha começado a comportar-se com normalidade novamente, mas ainda sofria. Podia ver em seus olhos quando pensava que ninguém olhava para ela. Quando falava, podia escutar em sua voz, uma voz que já não parecia como uma mulher segura de si, mas sim, como uma menina perdida. Assustada.

Quase todas as noites, estava do meu lado quando tinha pesadelos. Eram todos iguais, Ryder morrendo e eu tentando salva-lo. Sempre morria e eu sempre acordava chorando.

Deitada, me cobri com a colcha até o queixo. Meu coração pulsava fora de controle e as lágrimas ameaçavam me afogar. Concentrei-me na escuridão do quarto, tentando me manter sob controle.

Um dos pés de Eva tocou minha perna, empurrando-a com seus dedos, me lembrando que não estava sozinha.

Quando começaram seus pesadelos, metia-me em sua cama, a abraçando enquanto chorava. Não queria Brody a seu lado, só queria a mim. Depois de um tempo, tinha sentido dividir a cama com ela. As temperaturas baixas tornavam impossível esquentar toda a casa, então só se esquentavam os cômodos necessários. Os homens se deitavam na sala de estar, dividindo o calor da chaminé, enquanto Janice e Roger dormiam em seu quarto.

Eva e eu dividíamos o antigo quarto de Ryder. Nosso calor provinha de um aquecedor improvisado que Brody fez, usando um tambor de aço. Modificou-o cortando uma porta em um lado, colocando dobradiças no extremo e um escapamento similar ao dos caminhões para a fumaça no outro. Usando lenha ou qualquer outra coisa que pudéssemos encontrar para queimar, tentávamos manter o fogo durante toda a noite, mas sempre acordávamos com um quarto gelado pelas manhãs.

— Estava chorando de novo por Ryder — sussurrou Eva junto a mim.

A olhei de canto e me encolhi mais fundo debaixo das mantas.

— Era o mesmo sonho. Atiravam nele e eu o via morrer. O segurava enquanto tomava seu último fôlego — disse, agarrando os lençóis com tanta força que minhas unhas deixaram marcas em minhas palmas — Só queria que os pesadelos desaparecessem.

— Não acredito que alguma vez desapareçam — disse — eu também quero esquecer, mas não posso.

— Não quero esquecer. Quero sonhar com Ryder cada noite, mas não assim — disse a ela e as lágrimas se construíram em meus olhos.

— Não quero voltar a sonhar — sussurrou Eva.

— Talvez, se falarmos disso... nunca falou o que aconteceu — disse a ela, vendo como ela recolhia os extremos de seu cabelo — Sempre foi capaz de me dizer tudo, Eva.

Afastou o olhar com inquietação.

— Não posso falar disso, Maddie.

Virei-me de lado, me colocando frente a ela. Não podia ver os detalhes do rosto. Só sua silhueta.

— Fizeram mal a você? — perguntei.

Secou suas lágrimas com rapidez, como se odiasse a si mesma. Eva odiava chorar. Via isso como uma debilidade, dizendo que as mulheres fracas eram as que choravam e pelo contrário, as mulheres fortes se levantavam e faziam algo para mudar as coisas. Se ao menos pudéssemos.

Esperei que respondesse minha pergunta, mas não o fez. Fechou-se de novo.

Deixei escapar um profundo suspiro.

— Está bem, Eva. Não tem que me dizer nada.

Fechei os olhos e rezei para que pudesse dormir sem ter outro pesadelo. *Só uma noite sem imagens de Ryder morrendo, por favor.* O frio no quarto me fez tremer enquanto minhas pálpebras ficavam mais pesadas. Já estava quase dormindo quando ela falou.

— Nos espancavam, Maddie.

Abri os olhos e meu sono desapareceu repentinamente.

— Nos espancavam todos os dias. Comíamos pão duro e água. Nada mais. E quando nos deixavam dormir, era só uma ou duas horas seguidas.

— Oh, Jesus — disse, com a voz quebrada.

— Sim, bom, ele não estava por lá — disse sarcasticamente.

— Eva, sinto muito. — Bufou e se virou, ficando de costas a mim. Fiquei olhando a parte traseira de sua cabeça, com vontade de fazer alguma coisa, mas sabendo que não havia nada que pudesse fazer.

— Deveria ter visto o que fizeram com as outras mulheres. Foi horrível. Muitas foram violadas. Tive sorte, porque consegui me esconder atrás de outras pessoas, mas logo me sentia como uma merda. Fariam isso com outra pessoa. — bufou com desgosto — E os homens eram torturados constantemente. Não acredito que algum dia vá esquecer os gritos. Eram constantes, noite após noite. Dia após dia. Nunca cessavam. Quando fecho os olhos, ainda posso ouvi-los.

Meu coração pulsava forte no peito. Ryder poderia ter sido torturado e poderiam tê-lo matado de fome. Não havia maneira de que sobrevivesse. Ele não era assim. Teria lutado até que o matassem a golpes.

De repente, me senti enjoada, as imagens eram muito difíceis de controlar.

Eva se virou para me olhar, com as mantas enroladas ao redor de suas pernas.

— Quero te dizer que o sinto, Maddie. É minha culpa que Ryder esteja morto. Sei que não fui boa com ele, mas me preocupava que quebrasse o seu coração. Queria te proteger. Agora, me sinto culpada. Deu sua vida por mim e eu o tratava como um merda. Se pudesse, eu teria ficado no acampamento para que pudesse ter ele de volta.

Envolvi os braços ao redor dela, apertando com força.

— Não diga isso, Eva. Estou bem.

— Não, não está. Não minta para mim, Maddie Jackson. — Podia ouvir as lágrimas em sua voz — Fomos tão fodidamente estúpidas. Só duas garotas universitárias ingênuas que acreditavam que o mais importante na vida era onde ia ser a próxima festa, ou onde estavam os melhores bares.

— Não poderíamos ter previsto — disse a ela, apartando os braços dela.

— Não quero dizer ao Brody sobre o acampamento — disse com convicção — Incomodará ele ouvir o que aconteceu e agora, não posso estar com ele. Houve uma vez...

Fechei os olhos, com medo do que ia dizer a seguir.

— Um homem me encurralou e me tocou, mas outra mulher o deteve... Não sei quem era, mas ela me salvou.

Alcancei as mantas e encontrei sua mão. Seus dedos eram como o gelo contra os meus.

— Não vou dizer nada, mas tem que falar com Brody. Não o afaste — disse a ela.

— Tenho medo de dizer a ele.

— Ele te ama, Eva. Tudo o que importa para ele é que está em casa a salvo. — Apertei sua mão para tranquilizá-la.

Bufou.

— Não entende, não é, Maddie? Nunca estaremos a salvo de novo. Estes homens — fez um gesto para a janela — querem nos matar. Querem-nos extintos. — Sacudiu a cabeça e suas seguintes palavras foram horripilantes — Os americanos nunca estarão a salvo ou algo parecido. Nenhum de nós.

Capítulo 8

Uma tarde, me afastei. Precisava de espaço. Estar longe das lembranças. Longe de todo mundo que me perguntava se estava bem ou me dizia que tudo ficaria bem. *Como podem me dizer isso?* Ryder tinha ido. As coisas não andavam bem. Nem de perto. Eu era um desastre.

No exterior parecia forte, capaz de lidar com qualquer coisa. Em meu interior, eu morria. Uma morte lenta que tinha medo de nunca terminar.

Quantas vezes nas últimas semanas tinha suplicado a Deus que enviasse Ryder novamente? Amaldiçoei o destino. Gritei aos céus. Chorava até adormecer. Voltaria a ser a mesma outra vez?

A única coisa que me mantinha sã e me impulsionava a sair da cama todos os dias, era o bebê que carregava. Eu sonhava ter uma menina ou um menino em meus braços e quando o olhasse, pudesse ver o reflexo de Ryder de novo. Tinha a esperança de que o bebê tivesse os olhos e o sorriso dele. Esperava que, se fosse um menino, seria tão bonito como seu pai, por isso, os corações femininos bateriam as asas quando passasse a seu lado, mas mais que tudo, só desejava que Ryder estivesse aqui para dividir tudo isto comigo.

Pela primeira vez em dias, o sol brilhava. Os céus sombrios de inverno tinham desaparecido. Eva e Janice estavam ocupadas. Os homens estavam preocupados com o gado e a comida. Era um dia perfeito para estar sozinha.

Enquanto caminhava pelo pasto que ficava perto da casa, a grama alta roçou meus dedos. Minhas pernas, cobertas por jeans, sentiam cada movimento, cada toque da grama, me lembrando que continuava com vida, apesar da firme dor que tinha no coração.

O vento se moveu através da terra, dobrando e curvando as folhas marrons do pasto. Recordou-me quando vi as ondas do oceano no verão que

visitei o Golfo do México com meu pai. Tombada na praia, sentia-me afligida com a vista de toda essa água. Sentia-me como um pequeno grão de areia, um pedacinho no grande esquema das coisas. Todos meus problemas e preocupações pareciam pequenos enquanto olhava para o oceano.

Agora, parada entre esse mar de grama, me sentia sozinha. Perdida. Eu queria ser mais leve e capaz de flutuar como as nuvens no céu. Flutuar longe da dor e do sofrimento de perder Ryder.

Mas não podia ir. Tinha um bebê a caminho. Poderia lembrar e poderia doer em mim, entretanto tinha que seguir adiante.

Virei a cara para o sol, sentindo o calor em minhas bochechas. O calor me esquentava, me tirando o frio. Movendo uma mão sobre o topo da grama, fechei os olhos.

O rosto de Ryder apareceu por trás de minhas pálpebras. Queria esticar minha mão e tocá-lo, mas ele só estava em minha mente, um produto de minha imaginação. Uma lembrança que jamais desapareceria.

Antes de abrir os olhos, o calor passou através de meu braço e me fez suspirar. Parecia como se alguém estivesse me tocando.

Abri os olhos de repente e virei a cabeça. Esperava ver Ryder atrás de mim, de pé ali com seu arrogante sorriso, no entanto, apenas os campos vazios me rodeavam.

De longe, vi Gavin vir para mim. Seus passos eram longos e rápidos. Durante uns segundos, meu coração pulsou fora de controle. A distância, assemelhava-se tanto a Ryder que me peguei dando um passo para ele, desesperada para ir em sua direção.

— Maddie! — exclamou sua profunda voz de barítono.

— Sim? — respondi, me acalmando enquanto esperava que se encontrasse comigo. *É apenas Gavin. Não Ryder. Só Gavin.*

Parou na minha frente, sem fôlego.

— Aonde diabos foi? Me matou de susto.

— Me desculpe. — Afastei o olhar mal-humorado. Cansei de que todo mundo se mantivesse a par de mim. Eu era mais que capaz de me cuidar sozinha. *Não tinha demonstrado isso já?*

— Está bem? — perguntou.

Novamente. Essa horrível pergunta.

— Não pode sair sem dizer a alguém — disse Gavin, sem esperar minha resposta.

Respirei fundo, tentando soar normal.

— Só precisava ficar sozinha.

Deixou escapar um suspiro.

— Entendo, mas caramba, Maddie, não pode sair por aí sozinha. Não é seguro.

— Posso ver a casa daqui. Por que isso importa?

— O que? — perguntou com uma mescla de surpresa e horror.

Entrecerrei os olhos contra do sol para conseguir ver seus olhos.

— Perguntei a você, por que isso importa? Se o inimigo se apresentar agora, possivelmente me levariam para a cidade e me jogariam com todos os prisioneiros. Então, poderia encontrar Ryder. — A ideia tomou forma em minha mente. O plano se fez tão claro como o dia. *Poderia funcionar. Realmente.*

Gavin começou a sacudir a cabeça, aborrecido.

— Está louca? Essa é a pior ideia que escutei.

Minha tristeza desapareceu e foi substituída pela impaciência. *O que mais faria? Me sentar aqui e esperar que outra pessoa resgatasse Ryder?*

— Poderia funcionar, Gavin. Pense. Deixamos que nos peguem. Nos levam para seu acampamento e nos encontramos com Ryder.

Passou uma mão pelo rosto, um gesto que vi Ryder fazer um milhão de vezes.

— Não, Maddie.

— Mas, Gavin... — parecia uma criança que pedia mais uma bolacha.

Continuou negando com a cabeça, o que me fez enfurecer.

— Tenho que encontra-lo! Não posso continuar com isto! — implorei, dando um passo para ele — Me mata estar aqui e esperar! Por favor, Gavin, por favor! Temos que ir buscá-lo de novo!

Agarrou meus braços, me dando uma violenta sacudida.

— Não entende, Maddie? Ele se foi! Estava lá naquele dia! Ouviu quando Cash disse que ele estava morto!

Golpeei suas mãos, lutando para me liberar de seu agarre. Nesse momento, odiava-o mais que tudo.

— Não diga isso! Não se atreva a dizer que está morto! — gritei.

Sua mão agarrou meu braço outra vez, envolvendo minhas camadas de roupa. Me puxou para ele com força. Meu corpo se chocou contra o seu quando me deu outra sacudida que fez meus dentes baterem.

— Está morto, Maddie! — gritou, a centímetros de meu nariz. Seus olhos eram ferozes, cheios de dureza — Coloque isso na sua cabeça! Meu irmão está MORTO!

— Foda-se, Gavin! — gritei quando as palavras explodiram de mim.

Sua mão agarrou a parte posterior de minha cabeça para me aproximar mais. Antes que pudesse compreender o que ia fazer, seus lábios estavam sobre os meus.

Fiquei gelada. Meu corpo ficou rígido e meus lábios ficaram duros. Sua boca se apertou contra a minha, cálida e insistente. Atraiu-me mais perto. Uma de suas mãos se suavizou, soltando meu braço e arrastando-a para baixo. Cedi. Durante um segundo, deixei que suas mãos se movessem em minha cintura, me segurando perto.

Então, despertei. A realidade se assentou. O sonho terminou. Este não era Ryder.

Empurrei o peito de Gavin. Nada. Não se moveu nem um centímetro. Seus lábios só se entusiasmaram, aprofundando o beijo e me zangando mais. Usando toda minha força, o empurrei. Desta vez, me soltou.

Ao estar livre, levantei a mão e dei uma bofetada nele. O som do golpe ricocheteou no ar, soando forte e doloroso. Merecia e muito, muito mais.

Tropeçando para trás, ele me olhou.

— Maddie, me escute...

Quando voltou a se aproximar, formei um punho e dei um murro em seu nariz.

Isso chamou sua atenção! Idiota!

— Não se atreva a me tocar! — gritei, me sentindo um pouco louca pelo beijo que tinha me dado.

— Maddie, merda — amaldiçoou e esfregou o nariz para logo esticar a mão para mim.

Bati em sua mão.

— Seu próprio maldito irmão, Gavin! Como pôde!?

— Ele não vai voltar, Maddie!

— E isso te dá o direito de me beijar? — gritei.

— Não! Quer dizer, sim! — esfregou o nariz com a manga da camisa, em seguida, comprovou se tinha sangue — Diabos, Maddie, não sei — disse em uma voz mais baixa — Não sei de nada.

Limpei a boca, com vontade de tirar seu gosto de mim. Gostava de Gavin, mas não desse modo. Nunca.

— Em que diabos estava pensando, Gavin? — perguntei, olhando para ele com desconfiança.

Suspirando, tocou seu nariz mais uma vez e demorou para responder.

— A verdade é que sempre gostei de você, mas nunca fiz nada a respeito, porque Ryder sempre estava ali, ameaçando chutar minha bunda se te olhasse diferente.

— E agora que ele não está aqui, acredita que é sua vez de me ter? Agora, sou um jogo livre, não é? — cuspi, irritada.

Abriu a boca para responder, entretanto o interrompi; não queria ouvir suas desculpas.

— Seu irmão está... — Quando minha voz se quebrou, parei. Não podia dizer isso. A palavra "morto" não conseguia passar meus lábios. Comecei de novo — Acredita que pode tomar seu lugar, Gavin. Está fodidamente feliz, porque ele se foi? — sussurrei, com vontade de fazer a ele tanto mal quanto eu sofria — Agora que ele está fora de cena, entra em seu território?

— Diabos não, Maddie! Daria qualquer coisa para tê-lo em casa, mas não é um segredo que eu goste de você! Merda, até Ryder sabia!

— O que? — perguntei, surpresa.

Passou uma mão pelo rosto antes de me responder.

— Faz dois anos, você veio de visita da universidade. Eu estava em casa e todos saímos. Lembra dessa noite?

Pensei. Houve umas férias de primavera na qual voltei, estressada e a beira das lágrimas, a ponto de abandonar a universidade. Ryder me olhou uma vez e insistiu para que saísse com ele. Gavin tinha um encontro nessa noite, mas, para o grande desgosto de Ryder, decidiram nos acompanhar também.

Fomos a um clube local, precisando afogar nossos problemas na música forte e na dança, mas Ryder passou a maior parte da noite afogando-se em uma garrafa. Gavin e a garota dançavam e se olhavam entre si com olhos de desejo, nos ignorando em sua maior parte. A meia-noite, Ryder me levou a um salão de tatuagens, para me mostrar que tinha voltado a se tatuar. Gavin e seu encontro foram para casa. Não aconteceu nada. Não podia lembrar que tivesse acontecido algo fora do normal.

— Lembro dessa noite. O que há com ela? — perguntei, estreitando os olhos.

— Ryder disse que queria saber como seria estar com você antes que encontrasse um homem e se casasse.

Senti um pouco de dor em meu coração, mas o ignorei. Ryder já não era esse homem. O tipo que usava uma mulher e logo a jogava de lado. Eu fui a única que ele deixou entrar em seu exterior duro. A única que ele tinha amado.

— O que quer dizer? — perguntei, cruzando os braços sobre meu peito.

— Disse para mim que ele gostava de você como nunca tinha gostado de ninguém. Isso me incomodou, porque pensei que fosse uma brincadeira. Que ele só queria te usar como fez com todas as mulheres que conheceu. Então, disse a ele que calasse a boca, que era muito boa para ser usada e deixada de lado.

— Ele não me usou nem me deixou de lado, Gavin. Nunca foi assim entre nós.

— Agora eu sei, mas naquele momento... — parou e sacudiu a cabeça— Escuta, Maddie, há mais história que isso. Quando disse que era muito boa para ele, Ryder ficou destroçado. Ficou... diabos, ficou triste. Não há outra forma de descrever.

Seus olhos percorreram o campo que nos rodeava antes de me olhar.

— Ryder disse que merecia alguém melhor que ele. Me acusou de querer ser esse alguém. Foi aí quando as coisas começaram a se esclarecer ainda mais. Disse que desde que era um menino, nunca sentiu que pertencesse a algum lugar. Que com você, estava em casa. Você o via como alguém bom. Como alguém maravilhoso. E não ia perder você para mim.

As lágrimas caíram por minhas bochechas. *Maldito! Até quando não estava aqui, Ryder me fazia chorar!*

Gavin meteu as mãos nos bolsos e continuou:

— Discutimos. Disse coisas desagradáveis das quais me arrependo. No final, Ryder disse que tinha que permanecer o mais longe possível de você. Que ia chutar minha bunda se te tocasse, divagando um pouco de merda sobre que eu poderia ser o perfeito, mas que você era dele.

— Sempre foi ele — sussurrei, tão baixo que não acreditava que Gavin me ouvisse.

Prosseguiu com voz sombria:

— Me sinto muito culpado, Maddie. Meu irmãozinho cresceu pensando que não era bom o suficiente para ninguém, porque sempre fui comparado comigo. O menino perfeito. Eu gostaria de poder voltar atrás e dizer a ele que não era nada perfeito. Ninguém é.

— Mas ele é perfeito para mim. Sempre foi — retruquei, pensando em todas os momentos que passei com Ryder. Por trás de sua má atitude e sua visão terrível da vida. Ele tinha um bom coração. Uma alma caridosa. Simplesmente se escondia atrás de seu exterior duro.

Mas nada disso era uma desculpa para o que Gavin fez.

Olhou para mim com tristeza.

— Mais tarde essa noite, logo depois de muitos goles de tequila, Ryder disse que o matou ver você com outra pessoa, que isso comeu as vísceras dele e o deixou louco. Disse que às vezes, a única coisa que queria fazer era te agarrar e te beijar. — esfregou a nuca com nervosismo e suas seguintes palavras saíram vacilantes — mas disse que se tivesse que escolher uma pessoa para você, seria eu. Seu próprio irmão. Dessa maneira, saberia que estava a salvo e bem cuidada.

Dei um passo atrás, com vontade de me afastar dele e de suas palavras.

— Quando fomos procurar Eva, disse para mim que se acontecesse alguma coisa, tinha que cuidar de você. Me fez prometer, Maddie — disse, estendendo as mãos de modo suplicante.

— Não — respondi, sacudindo a cabeça em negação — Voltará, Gavin. Me prometeu que voltaria.

— E se não voltar? E, então?

Não respondi. Não queria pensar nisso. *Não posso escutar isto por mais tempo.*

Me virando, afastei-me dele, dando grandes pernadas através da grama alta. As lágrimas rodavam por minhas bochechas, me afogando.

O mundo era um desastre e eu também.

Capítulo 9

Abotoei a jaqueta de flanela rapidamente, apesar dos dedos intumescidos pelo frio. Era a jaqueta de Ryder e o dobro de meu tamanho, mas me mantinha quente no clima frio. Em piloto automático, trancei apressada meu cabelo comprido e escuro em uma trança grossa, deixando-a pendurada pelo meio das costas. Já era mais comprido que quando começou esta merda, lá quando a vida era singela.

Entrei na cozinha e agarrei uma garrafa de água do riacho recém esterilizada. Não havia mais água engarrafada, pura e filtrada. Agora, cada gota que se usava, tinha que ser esterilizada. Era um longo processo, mas ao menos, tínhamos água. Era mais do que podiam dizer algumas pessoas.

Mantive o olhar na janela e recolhi a espingarda de onde estava apoiada contra a parede. Com movimentos rápidos, comprovei para me assegurar de que se encontrava carregada. Retirei munições da gaveta da cozinha e deixei as grandes balas no bolso de meu casaco, sentindo minha jaqueta mais pesada

Segurando a escopeta em uma mão, abri a porta de trás e me encolhi quando as dobradiças chiaram em protesto.

Fiz uma pausa para esperar que alguém saltasse ou começasse a perguntar o que fazia, mas não aconteceu. Dei uma olhada no quintal, não vi nada e escutei pouco. A corrente de água do riacho do lado fora da casa de Ryder parecia como se tivesse passado meses desde que chegamos aqui. Um vento frio soprava através das árvores, fazendo cair um par de folhas mortas ao chão, abandonando sua luta para pendurar um dia mais.

Corri pelas escadas da varanda. Todo mundo estava ocupado e não havia ninguém em casa. Este era o momento perfeito para escapar. Talvez, minha única oportunidade.

Precisava ficar sozinha. Precisava de ar e solidão.

Ignorando o amargo vento que me atacava do norte, corri para o celeiro. O chão estava congelado debaixo de minhas botas desgastadas, me lembrando a tormenta de gelo que tivemos a apenas uns dias.

Abri a porta do estábulo e esperei um minuto para que meus olhos se acostumassem à escuridão. Fazia seis meses, simplesmente teria tocado o interruptor para acender o celeiro, mas agora, a eletricidade era uma coisa do passado. Um velho amigo que se foi, do qual nunca se escutou de novo.

Corri para perto do quarto onde se guardavam as celas. Passei minha mão enluvada sobre o couro e encontrei o que queria. Leve e pequeno, era exatamente o que procurava. Depois de tirá-lo do gancho, agarrei uma manta de cela e as rédeas.

Levei tudo à porta dos pastos. Mantendo a vista na zona que me rodeava, assobiei uma vez e esperava que minha égua me ouvisse.

Um minuto mais tarde, um cavalo marrom chegou galopando do bosque. Moveu as orelhas quando me viu. Reduziu a velocidade e se encaminhou para mim, me olhando com seus grandes olhos marrons.

— Hey, garota — sussurrei, esfregando o pescoço dela como gostava.

Relinchou uma vez como saudação e ficou quieta enquanto abria a manta da cela sobre suas costas.

Precisei de todas as minhas forças para lançar a cela de montar nela. Saltou ante o trato duro, mas não pude evitar. Tinha perdido muito peso no último par de meses e não sabia com segurança quanta massa muscular ficava. Agora, tínhamos que racionar nossa comida. Janice e Roger não planejavam alimentar três bocas a mais quando construíram seus estoques de alimentos. Eu não comia suficientes calorias, mas não havia muito que pudesse fazer a respeito. Usualmente, Cash ou Gavin me davam um pouco de suas partes, apesar de meus protestos. Todos precisávamos de nossa força. Se um ficasse doente, todos estaríamos afetados.

Contendo minha respiração pela energia que tomou selar a égua, olhei ao redor do campo. Tudo permanecia em silêncio. Recolhi as rédeas soltas em minha mão e subi, sem deixar que a gravidez me impedisse de montar a égua.

Impulsionando-a para frente, deixei o rancho para trás.

***

Um ruído suave me despertou.

Permaneci na cama e escutei. Aí de novo. Um golpezinho. Algo foi jogado contra minha janela. Limpou-se a névoa da sonolência. Afastei as mantas e corri para a janela. Na escuridão, logo pude distinguir Ryder *de pé a uns metros da casa. Quando me viu aparecendo pela janela, me fez um gesto para que saísse.*

Dei uma olhada no relógio quando passei por minha mesinha de cabeceira. Duas da manhã. Hora de fechar. Suspirei. O momento típico de Ryder *para aparecer por aqui. Bêbado, espancado e sangrando. Uma das muitas e muitas brigas.*

Nas pontas dos pés em meu quarto, movi-me silenciosamente pelo corredor. O assoalho rangeu, protestando quando meus pés descalços pisavam. Parei e escutei, esperando que o ruído não despertasse meu pai. O som de seus roncos se ecoou através das finas paredes da casa, me fazendo saber que não ia ser descoberta.

O aroma de chuva me recebeu quando abri a porta de trás. Corri pelas escadas da varanda, ignorando o som de trovões ao longe.

Do outro lado do quintal, parei e olhei a meu redor, procurando Ryder *no terreno escuro.*

— Ryder — sussurrei, me frustrando. Melhor que não tenha me acordado de um sono profundo para dar a volta e voltar para casa. Mataria ele. Bom, depois que conseguisse um par de horas de sono.

Ia voltar a entrar quando duas mãos me agarraram pela cintura, familiarizadas com meu corpo. Gritei e me virei, com o coração na garganta. Ryder *parou na minha frente com um tolo sorriso torcido.*

— Olá, bonita.

— Ryder, me matou de susto! — gritei, golpeando suas mãos.

— Como está minha amiga recém formada? — perguntou, balançando-se em seus pés.

— Está bêbado?

Aproximou-se mais, cheirando ligeiramente a cerveja, mas ainda a ele, algo silvestre e oh, tão viril.

— Poderia estar bêbado. Tem um problema com isso, menina?

Ignorei a ameaça que escutei em sua voz. Ryder era qualquer coisa exceto perigoso. Para os outros, era mortal. Fatal. Para mim, ele era... escuro e cheio de atitude, mas nunca perigoso, mas assim como um filhote de cachorrinho com vontade de brincar. Só tinha que segurar ele bem e tomar cuidado com suas garras e dentes afiados como facas.

Uma só gota de chuva escolheu esse momento para aterrissar em meu nariz. Olhei para o céu quando outra gota de chuva me golpeou a testa. Um grande trovão retumbou por cima, seguido de um relâmpago através do céu.

— Oh, demônios, vai chover — murmurou, balançando-se enquanto olhava também para o céu — Não pode se molhar.

Agarrou minha mão, entrelaçando seus dedos com os meus. Parecia a coisa mais natural do mundo. Com um firme controle sobre mim, conduziu-me trotando através do quintal. Corri atrás dele, sem deixar seu lado, sabendo que ia devagar para que eu pudesse manter o ritmo.

Quando chegamos às portas do celeiro, o céu se abriu. Começou a chover torrencialmente, salpicando barro em meus pés descalços e me deixando encharcada.

Rindo, parei no aguaceiro e esperei pacientemente enquanto Ryder abria as portas pesadas do celeiro. Me levou para o interior e se apressou a fechar as portas contra a chuva e o vento.

Dentro cheirava a couro, cavalos e feno mofado. Um dos meus lugares favoritos na granja.

Paramos no centro do celeiro, com feno seco debaixo dos pés. Um relâmpago iluminou de novo partindo de algum lugar, iluminando tudo por uma fração de segundo. Deu-me a luz suficiente para ver o que havia diante de mim. Um espécime perfeito.

Soltando minha mão, Ryder deu um passo mais perto, quase tocando meu corpo com o seu.

A risada morreu em meus lábios. Desde quando sua aproximação fazia com que meu coração se agitasse e que as palmas de minhas mãos suassem?

Não podia me mover. Cheirava a chuva e loção de barbear. Queria lembrar essa combinação para sempre.

Elevando-se por cima de mim, parecia perigoso. Poderoso. Meu olhar baixou até sua camisa molhada, aferrando-se a seu peito como uma segunda pele. Lembrei que já não éramos crianças. Ele era um homem e eu estava... muito perto.

Dei um passo atrás e tentei controlar os batimentos do meu coração. Pulsava como se tivesse corrido uma maratona. Uma carícia sua me enviaria ao outro lado da linha de chegada.

Estendendo a mão, afastou o cabelo molhado de minha bochecha, tocando minha pele com seus dedos.

— Você está parecendo um gato afogado, Maddie. — O profundo retumbar de sua voz me percorreu o corpo, me fazendo cócegas em todos os lugares corretos. Como as palavras poderiam fazer isso a uma pessoa, eu não sabia.

Quando seus dedos pararam em minha bochecha, me afastei, com medo de suas carícias. Não era o toque de um amigo, mas sim, o de dois adultos que queriam algo mais.

Caminhei para um estábulo de cavalos, olhando para ele uma ou duas vezes. Olhava para mim, movendo lentamente os olhos de cima abaixo por meu corpo. Minha camiseta sem mangas e shorts folgados de repente não parecia roupa suficiente.

O calor percorreu cada centímetro de minha pele, correndo através de mim como um fogo fora de controle. Tentei me convencer de que o rubor que sentia era pelo calor da tormenta de verão, mas a quem eu estava enganando? Era Ryder e nada mais.

— Por que está aqui, Ryder? — perguntei, com voz tênue.

Caminhou para mim, rodando casualmente seus quadris com cada passo que dava. Suas botas levantavam pedaços soltos de feno no chão, arrastando minha atenção por suas

longas pernas até a ponta de suas botas desgastadas. Vi como estas se aproximavam, me perseguindo. Afastando meus olhos de seu corpo, tentei me conter.

— Vai voltar para a universidade em uma semana. Só queria passar um tempo com você. Sinto falta de seu traseiro teimoso quando vai — disse, me dando um sorriso torto.

— Isso é lindo, Ryder. Poderia ser mais doce? — disse com sarcasmo. Teria sido agradável de escutar algo mais sincero, mas este era Ryder. Ele não era doce.

Parando na minha frente, deu de ombros e seus músculos se moveram debaixo da camisa molhada.

— Vou sentir saudades de você. É a verdade.

O que estava fazendo? Não era uma paquera porquê... bom, porque éramos só amigos. Tinha que ser o álcool falando.

— Pode vir me visitar quando quiser, Ryder — disse, chutando a mim mesma quando as palavras soaram sexys. Convidativas.

Vi seu sorriso alargar-se na escuridão, parecendo com o gato que comeu o canário.

— Já não vai me querer perto — disse.

Meu coração pulsava mais rápido. Maldita coisa.

— Sempre vou querer você perto, Ryder.

— E sempre vou estar aí — disse, com a voz mais baixa — Querendo estar perto de você. Nunca vou precisar de mais nada.

❄❄❄

Os pássaros que voavam ao redor de um matagal se assustaram com a égua, me tirando de minhas lembranças e me trazendo de volta ao presente.

Sabendo que tinha que me concentrar no que fazia, sentei-me mais erguida na cela, tentando tirar de minha mente a imagem de Ryder naquela noite, mas enquanto se aproximava de meu destino, meu coração se fez mais pesado com as lembranças dele.

É por isso que precisava estar sozinha. Para lamentar. Para aceitar que ele se foi. Para chegar a um acordo com o fato de que poderia nunca voltar para mim. Tinha que estar ao lado do meu pai para fazer isso.

Perdi os dois, Ryder e meu pai. Tinha perdido eles muito cedo. Eram as duas pessoas que me conheciam melhor que ninguém. Tinha medo de que meu coração nunca se curasse ou fosse o mesmo outra vez sem eles.

Repeti as palavras de Cash naquele dia. Palavras que ficariam comigo para sempre: *"Está morto, Maddie. Não queria ter que te dizer isso, mas está morto. "*

Puxando as rédeas, apertei meus olhos com força, desejando que se fossem a dor e a sensação de perda.

Ryder estava morto. Eu, simplesmente existia. Perdida. Rasgada até que não ficava nada mais que um coração sangrando. Só tinha passado dois meses desde que se afastou, mas parecia ter passado a vida inteira.

As lágrimas agora caíam mais rápido, tornando difícil respirar e me concentrar. O bebê escolheu esse momento para chutar, me lembrando que ainda tinha Ryder comigo. Seu pedaço viveria, embora ele não.

Limpei uma lágrima e puxei as rédeas quando a égua golpeou com o pé, ansioso para começar a se mover de novo. Quando me neguei a lhe dar rédea solta, sacudiu a cabeça e puxou um pouco, tentando fugir com sua obstinação.

— Se acalme, garota — disse, acariciando seu pescoço.

Sem aviso prévio, a apreensão correu por minha espinha dorsal. Olhei para a linha de árvores que marcava o início das madeiras. Nada se movia e nada parecia fora do normal, mas me senti nervosa de qualquer forma.

Empurrando a égua com meus calcanhares, deixei-a começar a caminhar de novo. Seus cascos ao galopar no duro chão frio, era o único ruído.

Enterrei minhas mãos enluvadas nos bolsos, procurando qualquer pingo de calor enquanto o frio e amargo vento soprava do norte. Meu nariz e queixo ficaram irritados pela exposição. Enfiei o rosto na gola levantada da

jaqueta de Ryder e imediatamente o cheirei, um aroma silvestre que trouxe lágrimas a meus olhos. Aspirei fundo e contive um soluço, mordendo os lábios dolorosamente para não gritar. Envolvi um braço ao redor de minha cintura com comodidade e deixei que a égua me levasse para casa.

Estava na metade do caminho quando vi a casa se aproximando na distância. Não podia descrever o quanto me alegrava vê-la. Era o lar no qual me criei, a casa onde passei minha infância, mas para mim, mantinha lembranças horríveis. Ser presa contra minha vontade. Lutar por minha vida. Matar um homem. Nunca esquecerei o que aconteceu entres essas paredes. Os pesadelos ainda me perseguiam até hoje.

A égua galopou sobre uma pequena colina, sem nenhuma pressa. Segurei com força as rédeas já que aumentou a inclinação. Daqui, podia ver o grande carvalho debaixo do qual tinha enterrado meu pai. Senti a familiar pontada de tristeza quando vi a cruz que marcava sua tumba. Minha garganta se fechou apertada, mostrando a indicadora tristeza.

Me aproximando da árvore, evitei olhar para a casa. Meus olhos se dirigiram à espingarda, colocada na cela de fácil acesso, se precisasse dela.

Zombei de mim enquanto imaginava meus antigos companheiros de universidade no meio do nada, montando uma égua no inverno, com uma espingarda a seu lado. Para mim, era a forma em que cresci. Para outros, sabia que ia ser um estilo de vida ao ar livre. Meu pai me disse uma vez que as mulheres podiam fazer qualquer coisa que um homem fazia. Esta nova vida provava essa teoria. Até agora, tinha sobrevivido. Às vezes por minha conta e em outras ocasiões com a ajuda de outros, mas sobrevivi.

Agora, aqui me encontrava; eu sozinha, meu cavalo, minha pistola e meu bebê no meio do nada no Texas, com uma violenta guerra a nosso redor. Eu era teimosa e forte. Todos os dias, as palavras de meu pai soavam em meu ouvido, me recordando isso. "Pode fazer o que quiser, Maddie. É inteligente e resistente. Não deixe que ninguém te diga o contrário."

Não ia deixar que esta guerra demonstrasse que estava equivocado.

Parando a égua a poucos metros da tumba de meu pai, lancei minha perna sobre a cela e desmontei. Minhas botas estavam pesadas enquanto caminhava à base da árvore. Me inclinando, afastei da tumba algumas folhas mortas e tirei um par de ervas daninhas ao redor da cruz bruta. Passei os dedos enluvados sobre a áspera cruz de madeira. A égua relinchou atrás de mim, então, deu-me um golpe nas costas com seu nariz suave como veludo. Ignorei-a e me agachei no chão frio.

— Sinto sua falta, pai — disse a ele — A guerra continua forte e as pessoas morrendo. — Pus uma mão em meu estômago, enquanto as lágrimas picavam meus olhos — O bebê está crescendo. Eu gostaria pudesse estar aqui para conhecê-lo ou conhece-la, mas tenho medo, pai. Não sei se posso fazer isto sem Ryder.

Só me respondeu o silêncio.

Engoli o nó na garganta, lutando para tirar as palavras.

— Eles pensam que está morto. Se Ryder estiver com você, por favor, diga a ele que o amo. Nunca o esquecerei, pai. Por favor, faça ele saber. — Pus meu gorro mais para baixo em meus ouvidos e olhei para a árvore balançando acima no vento. Debaixo de minha dor, senti uma quantidade de esperança que não desapareceria, sem importar o muito que Gavin me dissesse que enfrentasse a realidade. — mas continuo pensando que está vivo, papai.

A égua bufou atrás de mim e pisoteou com impaciência.

Respirei fundo e me pus de pé. Levantei o olhar ao céu e me estremeci. Um vento frio e amargo soprou a meu redor, fazendo com que as folhas formassem redemoinhos ao redor de minhas pernas. Tinha planejado ficar por mais tempo, mas parecia que as nuvens tinham granizo e ameaçavam com temperaturas gélidas. Devia ir.

— Está bem, vamos — disse a égua, mas na verdade, tentava falar comigo mesma para ir. Queria ficar. Cada adeus doía, apesar de não receber uma resposta.

— Adeus, pai.

Pondo o pé no estribo, subi à cela. O couro rangeu quando agarrei as rédeas. Girando a égua, me dirigi para casa.

Capítulo 10

Estava na metade do caminho de casa quando senti ansiedade. Puxando as rédeas, dei uma olhada ao redor, me virando na cela para olhar para trás. Nada. Tudo parecia tão calmo e silencioso, mas ainda tinha a sensação de que alguém me observava.

Me sentindo como uma presa fácil, muito exposta em cima de uma égua, desci, mantendo as rédeas envoltas ao redor de minha mão. Tirei a espingarda da capa e a verifiquei para garantir que estivesse carregada, embora o tenha feito pelo menos duas vezes antes de sair.

A égua se remexia nervosamente a meu redor e os grandes cascos se aproximaram de centímetros de pisar em meus pés. Seu enorme corpo se chocou contra o meu, quase me derrubando.

— Whoa! — disse em um tom silencioso, puxando as rédeas para tranquilizá-la enquanto vigiava a linha de árvores à distância.

Meus olhos registraram a área, procurando o que fosse que me deixasse tão tensa. Árvores cheias de folhas marrons se agitavam no vento, ocultando tudo que estivesse atrás. Tudo parecia tranquilo, mas tinha o pressentimento de que não estava sozinha.

Talvez não fosse nada. Só os nervos me vencendo. Começava a montar de novo quando um ligeiro movimento chamou minha atenção.

Uma pessoa solitária caminhava fora do bosque, dirigindo-se a mim.

— Oh, merda! — murmurei, elevando a pesada espingarda e apontando-a para o homem.

Meu coração golpeava ruidosamente enquanto continuava caminhando diretamente para mim, a menos de cento e cinquenta metros de distância. Seu passo era lento, quase débil.

Minhas mãos tremeram enquanto seguravam a arma. *Deveria subir na égua e correr como louca ou deveria me fazer notar?* Sem mover a cabeça, olhei a área do bosque atrás dele. Ninguém mais emergia das árvores. Parecia estar sozinho.

Entreabrindo os olhos, tentei conseguir uma melhor olhada dele. Meu coração começou a acelerar quando me dei conta de que uma pistola pendurava languidamente em sua mão direita. Estava armado, o que significava que era perigoso.

Um homem estranho não pressagiava nada bom para uma mulher sozinha. Sabia por experiência que os homens eram perigosos. Já assassinei um por me tocar. Não queria acrescentar outro à lista.

Minha égua começou a bufar e se mover, puxando as rédeas e me aterrorizando. Segurava com força as correias de couro, mas me negava a baixar a arma.

O homem seguia avançando, com o olhar em mim. Sua caminhada vacilou quando tropeçou nos pequenos vales e valas baixas do terreno.

Dei um passo para trás, me golpeando com os arreios. A égua se inclinou, afastando-se de mim. *Cheira a essência do medo em mim*.

Apesar de seu peso, segurei a arma mais para cima. Apoiando-a em meu ombro, observei enquanto o estranho continuava cambaleando-se mais para perto. A mão se aferrou a seu lado, conservando-a aí como se estivesse ferido.

Mas ainda mantinha um firme agarre na pistola.

Carreguei a espingarda; o som forte e claro na tranquilidade do dia. O homem parou, inclinando-se como se fosse cair na terra.

Quando começou a caminhar de novo, retrocedi. Estava mais perto. Muito perto.

— Não dê outro passo, senhor! — gritei, levando meus dedos ao gatilho da arma, descansando-os muito brandamente ali. Minha voz só fez o estranho caminhar mais rápido. *Demônios!*

Ia apertar o gatilho, só para enviar a ele um disparo de advertência, mas algo me deteve. Baixando o olhar ao cano, estudei o homem. Podia ver um comprido cabelo castanho, que parecia sujo e emaranhado. Uma barba obscurecia a maioria da parte baixa do rosto, escondendo a boca e a linha de sua mandíbula. Parecia alto, muito mais alto que a maioria dos homens.

Alto.

Afastei esse pensamento. *Há muitos homens altos*, mas algo sobre a maneira como se movia... o modo em que dirigia os quadris quando caminhava...

Aspirei uma baforada de ar e o observei, notando a larga postura dos ombros e o poder desencadeado atrás de seus passos. *Era possível?*

— Ryder? — disse fracamente, tão baixo que não era possível que o homem pudesse ter me escutado.

A espingarda, de repente, ficou muito pesada para segurá-la. Deixei-a cair um centímetro, sentindo a pressão em meus braços. Uma brisa revolveu as mechas soltas de meu cabelo, enredando-os em meus cílios, mas nunca afastei os olhos do estranho.

Uma nuvem flutuou e limpou os céus, trazendo luz para a terra. O sol brilhava e me encheu com uma calidez, que não tinha nada a ver com o calor verdadeiro. Como se me levasse para casa, o sol iluminou o homem bem em frente.

Olhos azuis. O homem tinha brilhantes olhos azuis.

Dei um passo para frente. O mundo se inclinou em um estranho ângulo como se estivesse em um desses jogos de espiral chinesa em uma feira estadual. Os lábios do homem se moveram, mas não podia escutar o que dizia. Dei outro passo para frente. Tudo desapareceu. As árvores, a grama seca

que me roçava, os pássaros sobre minha cabeça, tudo se esfumou. Só existia o homem frente a mim.

Olhos azuis. Alto. Caminhada familiar.

Oh, Deus! Oh, Deus!

Deixei cair as rédeas e comecei a correr, voando através do terreno. Os músculos em minhas pernas se esforçaram para cobrir a distância. *CORRE! Mais rápido! Mais rápido!*

Aumentei a velocidade, observando com agonia enquanto ele parava e caía de joelhos. O olhar permaneceu em mim, silenciosamente implorando por ajuda. Estendeu uma de suas mãos em minha direção, precisando de uma tábua de salvação para casa. Corri mais rápido do que nunca. O capim cortava meu jeans, golpeando contra o material desgastado. Meus pés mal tocavam o chão. Em poucos segundos, encontrava-me frente a ele, onde queria estar pelo resto de minha vida.

— Ryder? — sussurrei, temendo que se falasse muito forte, sua imagem desapareceria. Apenas uma miragem de uma falsa esperança.

Cristalinos olhos azuis me olhavam por trás da sujeira e da imundície. Por cima de uma espessa barba e um cabelo comprido, lutava para concentrar-se em meu rosto, forçando seus olhos a abrir-se cada vez que piscava.

— Maddie?

Com essa única palavra, soube. Estava em casa.

Capítulo 11

Deixei escapar um gemido; a caverna protetora ao redor de meu coração se fez pó. *Está em casa!*

Os olhos de Ryder rolaram para trás e seu corpo enfraqueceu. Começou a cair de cara no chão, mas soltei a arma e o peguei, deixando sair um soluço involuntário. Usando músculos que não sabia que tinha, abaixei ele cuidadosamente para a grama.

— Ryder! Ryder! — choraminguei, deixando escapar outro gemido enquanto me agachava a seu lado. Afastei seu longo cabelo de seu rosto, precisando ver e saber que meus olhos não me enganavam.

Debaixo de sua áspera e desalinhada barba, vi seus lábios se moverem como se estivesse tentando me dizer alguma coisa. Seus escuros cílios descansavam contra as maçãs do rosto cortados e machucados. Um corte ensanguentado cruzava sua sobrancelha e sangue seco se agarrava a seu cabelo.

Suas mãos roçaram minha perna, tentando me agarrar. Olhei para sua mão e foi aí quando vi: sangue.

Por todos os lados.

Imediatamente, comecei a passar minhas mãos sobre ele, tentando encontrar a fonte do sangue. Minhas mãos se moviam freneticamente, minha mente pensava nas possibilidades. *Corte? Feridas? Em seu estômago? Perna? De onde vem?*

Desabotoando seu esfarrapado casaco, inalei uma baforada de ar. *Não! NÃO! NAAAAAÃO!*

Sangue emanava de uma ferida em sua costela. A camisa de algodão que vestia já não era marrom, mas sim de um intenso vermelho escuro. O sangue

continuava espalhando-se para o exterior, saturando a roupa, tomando sua vida e absorvendo-a como uma esponja.

Com um gemido, coloquei minha mão sobre a ferida e pressionei, tentando conter o sangramento. Grunhiu de dor e virou sua cabeça para um lado, retorcendo-se ante meu toque.

Através de minhas lágrimas, estudei seu rosto. Suas bochechas afundadas, seus lábios rachados. Suas pálpebras se levantavam lentamente, obrigadas a abrir-se contra a dor. Tinha problemas para focar em mim, mas quando o fez, vi que seus olhos estavam frágeis.

— Maddie — pigarreou através de seus lábios secos e rachados — estou morto.

Quis me romper e chorar, mas não o fiz. Tinha que ser forte por ele. Sua vida dependia disso.

— Não, Ryder. Deus, não, não está morto — disse, baixando o olhar para o sangue que cobria meus dedos, tornando minhas mãos vermelhas.

Observei-o enquanto fechava seus olhos. Meu olhar divagava por seu peito. Observava como se movia de cima para baixo, sua respiração era mais superficial do que foi segundos atrás. *Está morrendo!* O pensamento encheu minha mente como um sinal de néon que continuava piscando odiosamente. Sentia-me mau, as náuseas revolviam meu estômago, mas não era da gravidez, era por medo.

Fechei os olhos, pressionando mais forte em sua costela e respirei fundo. *Inspire através do nariz. Espire através da boca. De novo. Para dentro através do nariz. Para fora através da boca. Certo. Podia fazer isto.*

Abri os olhos e observei a meu redor, insegura do que fazer a seguir. *Se acalme. Pense nas opções.* Era muito pesado para subi-lo na égua e ninguém me escutaria se gritasse em busca de ajuda. Isso limitava minhas opções.

Sua pistola chamou minha atenção. Repousava a alguns centímetros de distância, o suficientemente perto para agarrá-la. Baixei o olhar para o sangue

filtrando-se através de minhas mãos, insegura se queria soltá-lo. *Que outra opção tinha? Precisava de ajuda.*

Inspirei profundamente, removi minha mão e me inclinei para pegar a arma. Escorregava em minhas mãos ensanguentadas. Apontei para longe e disparei três tiros, um bem depois do outro.

Com cada tiro, o corpo de Ryder estremeceu, me lembrando a alguém ao ser atingido. Queria chorar de angústia, mas me negava a desabar. Deixei a pistola no chão e coloquei de novo minhas mãos sobre sua ferida.

Ryder começou a sacudir-se violentamente da cabeça aos pés. Poderia ter sido do frio, mas mais que isso, era pelo choque. Rasguei a camisa de algodão que vestia e me deitei sobre ele, mas continuou estremecendo-se.

Fiquei de pé e corri para a égua. Tentou escapar de mim, mas agarrei as rédeas. Tirando a cela de montar dela, deixei-a cair no chão. Arranquei a manta da cela e corri para Ryder, cobrindo-o a toda pressa.

Precisava parar o fluido de sangue. Peguei uma das camisas que vestia, fazendo dela uma bola e pressionando contra a costela de Ryder. Instantaneamente absorveu seu sangue, ficando vermelho escuro.

Podia senti-lo debaixo de meus dedos, abrigando minha mão, escorregadia e pegajosa contra minha pele. As lágrimas formavam redemoinhos por trás de minhas pálpebras. *Ele não pode morrer! Acabo de encontrar ele. Não posso perdê-lo de novo!* Pressionei mais forte, disposta que o sangue parasse, esperando um milagre.

Grunhiu ante a pressão e tentou fracamente afastar minha mão. As lágrimas caíram por minhas bochechas enquanto sua mão agarrava meu pulso, segurando, surpreendentemente forte enquanto eu pressionava contra sua ferida.

— Está bem, Ryder — disse brandamente, tentando não me encolher quando sua mão apertou. Pareceu relaxar-se ante o som da minha voz, mas sua mão permaneceu na minha com se tivesse medo de que o abandonasse.

Nunca.

Olhei em direção à casa.

— Apressem-se! Vamos! — implorei em um sussurro, rezando por ajuda.

Tentei não pensar no sangue que cobria minha mão enquanto pressionava mais forte. Meu corpo tremeu. Não sabia se era pelas geladas temperaturas ou pelo medo, mas não podia controlar os tremores. Mas, de qualquer maneira, isso não era importante neste momento.

Importante era manter Ryder com vida.

Capítulo 12

Levantei o olhar quando escutei o galope de uns cavalos para mim. Dois homens montavam a toda velocidade, dirigindo-se em minha direção com rapidez. Cada um se inclinava para frente sobre os pescoços de seus cavalos, segurando com força as rédeas enquanto seus olhares se focavam em mim.

Gavin e Cash desceram das celas antes que os cavalos sequer parassem. Com as armas em alto, correram para mim, fechando a distância com urgência e cautela.

— Me ajudem! — gritei; e o som saiu com esforço de minha garganta. Minhas mãos e minhas calças estavam cheias de sangue. Inclusive o chão aonde me encontrava estava salpicado de vermelho.

Quando Gavin viu Ryder jogado no chão, jogou a espingarda para trás das costas e se deixou cair de joelhos no chão ao lado dele.

— Doce Jesus! — disse com a voz entrecortada.

— Por favor, o ajude! — chorei, ainda pressionando a ferida, apesar de que o sangue cobria minhas mãos — Não vai parar de sangrar!

Gavin retirou minhas mãos do caminho e pôs o corpo de Ryder mais perto. Sem esforço, levantou-o e o levou até seu cavalo como se não pesasse nada. Observar um irmão levar o outro era muito para assimilar. Me encolhi em uma bola, me balançando para frente e para trás enquanto os soluços atormentavam meu corpo.

Não resisti quando Cash insistiu em me pôr de pé, colocando a mão debaixo de meu cotovelo para me segurar. Tentei não pensar no sangue melado sobre mim ou em Gavin embalando seu irmão mais novo em seus braços como se fosse uma criança.

Observei como punha Ryder sobre a cela, mantendo uma mão sobre ele. Ao subir, Gavin cravou os calcanhares nos flancos do cavalo, indo a todo galope enquanto se agarrava a seu irmão.

Cash se apressou a me ajudar a subir em seu cavalo. Não acreditava que alguma vez tenha subido tão rápido em uma cela de montar. Quando ele montou atrás de mim, me dei conta de que minha égua tinha desaparecido. Nem sequer notei que ela se foi. Estava muito ocupada tentando manter Ryder vivo.

Quando paramos em frente à casa de Janice e Roger, pareciam ter passado horas. Saí da cela antes que Cash pudesse parar o cavalo e me deixar desmontar.

— MÃE! — gritou Gavin enquanto descia Ryder da cela. Não pude afastar o olhar enquanto o levavam através do quintal.

Janice abriu a porta e deixou escapar um grito. Por um momento, parecia ter visto um fantasma. Seus olhos arredondados nunca pararam de olhar para Ryder.

— Está muito ferido, mãe — disse Gavin, correndo na frente dela para entrar na casa.

Fui para a varanda, dando dois passos de cada vez, observando quando a porta se fechou atrás deles. Meu coração acelerou, me provocando enjoos. Afastando as lágrimas, abri a porta e corri para a cozinha. Em segundos, corria para o corredor, com Cash bem atrás de mim.

Parei na porta do quarto, vendo como Gavin colocava com cuidado Ryder na cama de grande tamanho. Sua cabeça caiu para um lado e grunhia de dor. Sentia-me muito mal. O bronzeado que sempre marcou sua pele se foi. Agora estava pálido.

Janice começou a desabotoar sua camisa imediatamente, procurando a fonte do sangue. Suas mãos se moveram com eficiência, fazendo mais rápido o trabalho com os botões.

— Onde o encontrou? — perguntou, me olhando. A comoção de seu rosto desapareceu. Agora parecia determinada.

— Saiu dos bosques entre minha casa e a sua — respondi, com voz tremente.

Tirou sua camisa e ofegou. Seu peito estava cheio de sangue. Em alguns lugares, era de cor rosa, mas em outros, era de um vermelho escuro, quase negro. Havia um curativo em seu lado esquerdo, na parte baixa perto de seu quadril. Estava sujo e parecia como se tivesse estado ali por um tempo. Lembrei quando Gavin disse que Ryder tinha recebido um tiro durante o conflito para resgatar Eva. Sabia que era essa velha ferida, algo que não foi atendido devidamente, mas todo o sangue vinha de sua costela direita. Um buraquinho, do tamanho de uma moeda de dez centavos, estava a cinco centímetros abaixo de sua última costela. O sangue gotejava do buraco, escorrendo para o lado.

— Oh, diabos — sussurrou Cash atrás de mim.

Quando ouvi a angústia em sua voz, estremeci.

— Cash, vá e consiga uns panos e água limpa — pediu Janice; seus olhos nunca deixaram seu filho.

Cash saiu correndo do quarto, mas eu não podia tirar os olhos de Ryder. Parecia sem vida, sem nada parecido ao homem que se foi faz uns meses. Temia que com cada gota de sangue, desvanecesse cada vez mais sua vida. Estava me deixando uma gota de cada vez.

— Maddie, sabe onde está o estojo de primeiros socorros? — perguntou Janice, me olhando.

Assenti, tentando me focar nela.

— Bom, vá busca-lo.

Saí correndo do quarto, me forçando a apressar minhas pernas. Disse a mim mesma que tinha que ser forte. Por ele. Por nosso bebê.

No banheiro, abri a porta do armário de roupas, ignorando o sangue que ficou na maçaneta. Percorri o conteúdo freneticamente com o olhar, procurando o grande recipiente que continha nossos fornecimentos médicos. *Onde está? Onde diabos está?*

Meus olhos pousaram sobre uma caixa transparente no meio do armário. Isso era a única coisa que tínhamos de nossos fornecimentos médicos. Não era muito, mas poderia salvar a vida de Ryder.

Em questão de segundos, voltei ao quarto, com a caixa em meus braços.

— Preciso do estetoscópio — disse Janice enquanto punha a caixa ao pé da cama.

O entreguei rapidamente. Engoli seco, meus olhos foram para Ryder, com medo do que encontraria, mas incapaz de olhar para outra parte.

Seu rosto estava cheio de sangue, corte e contusões. Uma barba abundante cobria a metade inferior de seu rosto, escondendo uns cortes e contusões. Suas bochechas e mandíbula não viram um barbeador desde que se foi, fazendo-o quase irreconhecível.

Observei como seu peito subia e abaixava lentamente. Muito lento. Queria chegar até ele e tocá-lo, mas temia machucá-lo caso fizesse isso. Temia que desaparecesse se o tocasse.

Cash voltou ao quarto, com os braços carregados de toalhas e uma vasilha com água. Pôs as toalhas na cama e a vasilha com água perto de Gavin, que agarrou a toalha e a pressionou na ferida, para conter o sangue.

Observei enquanto Janice trabalhava freneticamente. Seu corpo roçou o meu, me lembrando que provavelmente estava atrapalhando, mas não podia me mover. Precisava estar perto dele.

O quarto ficou em silêncio enquanto ela escutava seu coração e pulmões. Vi ela elevar o olhar para Gavin e a expressão em seu rosto era séria.

— Maddie, deveria sair daqui — disse ela, exigindo ao invés de sugerir.

Sacudi a cabeça, negando a me mover. Não ia a lugar nenhum. Por meses tinha esperado a volta de Ryder. Não ia me afastar agora que finalmente chegou em casa.

Pela extremidade do olho, vi que Gavin deu uma olhada para Cash e assentiram em minha direção.

Cash cruzou o quarto até mim.

— Vamos esperar lá fora, Maddie. Vamos os deixar fazerem o que sabem.

— Não vou.

Antes que ele pudesse discutir, Eva entrou, seguida pelo pai de Ryder, Roger. Seu olhar era um que jamais tinha visto. O temor por seu filho muito ferido estava marcado em sua pele dura, fazendo ele parecer mais velho.

Eva ofegou ao ver Ryder. Cobriu a boca, sufocando outro ofego quando viu todo o sangue.

— O que...como chegou até aqui? — gaguejou Roger — O quanto mal está?

— Não é o momento para perguntas, pai — disse Gavin, pegando outra toalha limpa.

Enquanto Janice trabalhava em Ryder, eu o observava através de minhas lágrimas. Com cada inalação dele, contive a respiração, temendo que fosse a última.

Estendi a mão. *Tenho que tocá-lo outra vez. Preciso senti-lo.* Meus dedos roçaram sua calça. Senti a imundície sob meus dedos. Estava sujo, sua roupa não era nada mais que sujeira. Mantive minha mão em sua panturrilha, fazendo ele saber da minha presença. Sempre estaria aqui.

Vi como forçava seus olhos para abri-los. Vasos sanguíneos tinham irrompido na parte branca, fazendo com que parecessem como injetados com

sangue. Seu rosto se contraiu de dor e começou a tossir, parecendo como se estivesse lutando por respirar.

Deixei escapar um grito e tentei me inclinar sobre ele, mas Janice me tirou do caminho, me empurrando para a Eva.

— Cash, tira ela daqui! — gritou.

Quando Cash agarrou minha mão e começou a me arrastar para longe, fiquei frenética. Me assustei.

— NÃO! — gritei, lutando contra ele. Minhas unhas quebradas rasgavam a parte superior de sua mão, deixando marcas.

— Deixa-os fazer seu trabalho, Maddie — disse com calma, me levando para a porta.

Maldito seja por estar sempre tão tranquilo! Ryder poderia morrer!

— Vou ficar! — argumentei, me liberando de suas mãos e fixando meus pés firmemente.

Terão que me deixar inconsciente para me tirar daqui!

Gavin me olhou, me dando somente um olhar rápido antes de aplicar mais pressão na ferida de bala.

— Deixa que ela fique. Ryder vai quere-la aqui se acordar — disse ele.

Cash deu um passo para trás, me dando espaço.

Não perdi tempo e voltei para o final da cama. Ryder tinha voltado a cair na inconsciência, mas continuava sangrando. Meus olhos se moveram de seu corpo, assimilando cada centímetro. Suas botas de montanha captaram minha atenção. Eram as mesmas que tinha usado quando partiu. Desapareceram os cordões de uma bota. A outra só tinha meia sola. Lembrei de ver ele passando por cima dos ramos e paus quebrados no dia que me levou para caçar. Tinha usado as mesmas botas. E quando entrei em seu quarto, espreitando na escuridão, essas botas cobriam seus pés. Tinham estado ao lado da cama enquanto fazíamos amor, esquecidas, quando fez meu

corpo tremer de desejo. Agora aqui estavam, na minha frente outra vez. A centímetros de distância de onde seu bebê descansava dentro de mim.

Fechei os olhos. As lágrimas ultrapassaram meus cílios, deixando rastros ao correr por minhas bochechas. Não sei se posso fazer isto.

— Eva, veem aqui — disse Janice e a tensão em sua voz me obrigou a abrir os olhos — Ajude Gavin.

Agarrou um pano e começou a limpar o sangue da costela de Ryder. Parecia que nunca deixaria de sangrar. *Está perdendo muito.*

O quarto parecia como algo tirado de um filme de terror. Janice gritava, Gavin trabalhava freneticamente para deter o sangue e eu continuava parada ao pé da cama, observando tudo o que acontecia em câmara lenta.

De repente, Ryder começou a gemer e a retorcer-se, fazendo com que o sangue fluísse mais rápido. Cobri minha boca para afogar os soluços, vendo como a dor atormentava seu corpo.

Janice lutava para segura-lo enquanto afastava uma atadura suja de sua pele. Uma secreção esverdeada grudou no material e em sua pele. Uma espessa substância escura cobria a ferida. Parecia barro seco.

— Ele a cobriu para protegê-la — disse Gavin — É uma ferida de bala velha.

— Está infeccionada — murmurou Janice. Logo sua voz saiu autoritária — Cash, veem aqui. — Trinta anos como enfermeira de emergências dava a ela o direito de gritar ordens e exigir ação.

Cash estava a seu lado em segundos, esperando as instruções.

— Segure ele.

Ele pôs as mãos nos ombros de Ryder, o empurrando contra o colchão.

Janice recolheu uma garrafa de soro do estojo de primeiros socorros.

— Segure ele com força — ordenou a Cash.

Tomou uma visível respiração profunda e verteu o líquido puro na velha ferida. Logo que o líquido frio golpeou sua pele, Ryder rugiu de dor. O som machucou meus ouvidos e meu coração, quase me dobrando.

Lutou para sentar-se, brigar contra quem o torturava, mas Cash o manteve para baixo, usando toda sua força.

Sob o cabelo sujo e a barba emaranhada, vi sua agonia. Rasgava minhas vísceras e seus uivos de dor ressonavam em minha mente.

— Continua com a gente, Maddie? — perguntou Gavin, pressionando a ferida de Ryder.

Assenti enquanto as lágrimas corriam por meu rosto.

— Não vai passar mal, certo? — perguntou.

Baixei o olhar para suas mãos. Estavam completamente vermelhas, manchadas com o sangue de Ryder.

— Estou bem — consegui dizer, determinada a ser forte. Não ia deixar ele sozinho. *Podia fazer isto.*

Quando Ryder caiu na inconsciência de novo, Janice passou junto a mim para o outro lado da cama. Afastou Cash do caminho e removeu a toalha que cobria o lado de seu corpo.

— Outra ferida de bala — disse ela — Maldito seja, atiraram nele duas vezes.

Vi a dor em seu rosto e sabia que mal mantinha a integridade. Ele já não era um paciente, era seu filho ferido deitado ali.

— Vamos vira-lo — disse.

Cash e Gavin o viraram suavemente, fazendo com que se queixasse de dor.

— Oh, Ryder! — exclamou Janice em voz baixa e em estado de choque enquanto olhava fixamente suas costas — Meu bebê.

Ante meus olhos, transformou-se em uma mãe preocupada com seu filho, não só uma enfermeira cuidando de um paciente. Com sua mão magra, retirou meigamente o cabelo longo de sua testa.

— Ele sempre foi o rebelde. Sempre tentando provar a si mesmo. Disse a ele tantas vezes que não se metesse em problemas. Que cuidasse de seus próprios problemas. É tão parecido com ela — murmurou.

Minhas lágrimas secaram enquanto suas palavras se repetiam em minha cabeça. *É tão parecido a ela? Quem é ela?*

— Mamãe, do que está falando? — perguntou Gavin, preocupado.

Janice olhou para ele; a compreensão foi visível em seu rosto. Era óbvio que deixou escapar o que disse. Secando a testa com o dorso da mão, limpou a garganta e olhou para seu marido com preocupação.

— Mais tarde, Gavin — disse Roger com uma voz brusca, deslocando seu peso para o outro pé na porta.

Gavin abriu a boca para discutir, mas Janice o interrompeu.

— Vamos cuidar de seu irmão — disse, voltando a ser a enfermeira encarregada. Inclinando-se, passou as mãos pelas costas, acariciando seu lado — Não há saída da ferida. Isso quer dizer que a bala continua dentro.

Do kit de primeiros socorros, Janice tirou uma bolsa selada que continha pinças cirúrgicas esterilizadas.

Depois de pôr uma toalha sob a costela de Ryder, derramou álcool sobre suas mãos com a finalidade de limpá-las. Logo abriu a bolsa e removeu as pinças, com o cuidado de não deixar que o instrumento esterilizado tocasse algo mais.

— Vou ter que procurar a bala. Isto vai doer muito, então o segurem com força, meninos — instruiu.

Com uma mão firme, introduziu a ponta das pinças nas costelas de Ryder. Ele começou a gritar de dor, sons que nunca escutei. Queria tampar os

ouvidos, mas não podia. Precisava ouvi-lo. Precisava saber que estava vivo e respirando.

Ele começou a se sacudir de um lado para o outro, tentando se afastar da dor. Seus braços se estendiam e se inclinou sem dobrar os joelhos como se estivesse tentando escapar da dor. Gavin e Cash o seguravam contra o colchão para mantê-lo imóvel.

Fechei os olhos; não queria vê-lo sofrer. Seus gritos seguiam e seguiam, me golpeando como um dardo envenenado uma e outra vez. As lágrimas corriam mais rápido por minhas bochechas. *Quando terminaria? Não posso escutá-lo assim.* Se a bala estivesse muito profunda, Janice não seria capaz de alcançá-la. Sem um médico ou um hospital, poderia morrer em sua própria cama de infância. A ideia não saía da minha mente.

Cobri a boca com uma mão, contendo um grito enquanto seus gritos seguiam e seguiam. Não podia me afastar, mas não queria escutar mais. Se perdesse o homem que amava e o pai de meu bebê, minha vida acabaria.

De repente, os gritos pararam. Abri os olhos, petrificada pelo que encontraria.

Ryder estava pálido e imóvel. Por um instante, fiquei paralisada, com medo de que estivesse morto; mas então vi a subida e descida de seu peito. *Acima. Abaixo. Pausa. Acima. Abaixo. Pausa.*

As lágrimas de Janice aterrissaram no corpo de Ryder e se mesclaram com seu sangue enquanto continuava com a busca da bala. Gavin limpou o sangue com suas suaves e gentis mãos e ela permanecia como uma rocha enquanto estava em busca da peça perdida de metal. Como persistia tão perfeitamente imóvel, sem que tremessem suas mãos, não sabia.

Todos prendemos a respiração. Ninguém falou. Ninguém se movia além de Janice. Eva me dirigiu um olhar desolado. Só ela saberia a bagunça que eu estava naquele momento, quando mal podia me manter forte. Roger

continuava de pé no canto do quarto, inquieto enquanto esperava qualquer sinal de que seu filho estivesse bem.

Enquanto esperava, as lembranças me invadiram de novo, como um velho filme reproduzindo-se silenciosamente na tela. Ryder e eu brincando quando crianças. Saindo quando adolescentes. Dançando juntos na pista. Fazendo amor no meio da noite. Cada lembrança gravada para sempre em minha memória. Lembrava cada detalhe, cada toque, cada vez que me olhava. As brigas que tivemos, cada sorriso que me deu. Tudo se encontrava ali e nunca ia desaparecer.

Quando Janice retirou a bala, soltei um tremente suspiro. Meu corpo pareceu perder todo o peso. Me segurei à armação da cama, lutando contra a vontade de me ajoelhar de alívio. Ainda não estava fora de perigo, mas ao menos encontrou e tirou a bala.

Agora era um deformado pedaço de metal, parecendo mais com um pedaço de aço do que com uma bala. Janice a jogou sobre a cama e imediatamente pressionou um pano na ferida quando o sangue deslizava pelo lado.

Observei com desesperança o olhar que deu a Gavin. Sabia que alguma coisa estava errada, mas tinha medo de perguntar. Minha mente se enlouqueceu quando pensei que tudo poderia dar errado. *A bala pode ter cortado algum músculo ou alguma artéria principal. Ele poderia estar morrendo agora, bem em frente a meus olhos.*

— Droga, Cash, vá buscar alguma coisa para ela se sentar — ordenou Gavin, me olhando fixamente enquanto baixava outra toalha ensanguentada ao chão — Se vai ser malditamente teimosa, Maddie, pode também se sentar antes que caia.

Quando me encontrei com seu olhar, vi o medo dominar a frieza que se instalou ultimamente neles. Soube imediatamente que estava assustado. Ryder

não vai conseguir. Estava escrito por todo o rosto de Gavin. Afastei os olhos, me recusando a acreditar em algo tão terrível.

Quando Cash foi procurar a cadeira, observei com medo como Janice limpava suas mãos em uma toalha limpa. Estavam repletas de vermelho com sangue sob suas unhas.

— Eva, me dê uma agulha e linha. Acredito que estão no estojo de primeiros socorros — pediu Janice, assinalando o lugar.

Eva entregou tudo quando Cash trouxe uma cadeira para mim. Sentei-me, sem afastar meus olhos de Ryder.

Janice derramou álcool no fio e agulha.

— Não é o mais higiênico, mas é o melhor que posso fazer agora. Temos que fechar essa ferida o mais breve possível antes de que se infeccione.

— Tem certeza de que pode fazer isto? — perguntou Gavin a sua mãe, observando fixamente as lágrimas que caíam por seu rosto.

— Posso fazer — respondeu, parecendo exausta. Suspirou uma vez e sabia que ver Ryder tão imóvel e envolto em sangue era muito para ela.

— Por que não me deixa fazer isso? Sei como dar pontos — disse Gavin, oferecendo sua mão.

Janice fechou os olhos fortemente e concordou, dando a ele a agulha e fio.

Assim que fechou a ferida, a antiga foi enfaixada de novo e seu peito foi limpo do sangue. Nesse momento, a temperatura de Ryder tinha subido.

— Temos que verificar os cortes em suas costas, mas ainda não quero movê-lo — murmurou Janice, mais para ela que para qualquer um.

— Como demônios os conseguiu? — perguntou Roger, afastando-se da parede e parando completamente. Por trás de sua barba cinza e as rugas que rodeavam seus olhos, vi a irritação por alguém ter machucado seu filho.

— Parecem marcas de chicotadas — respondeu Gavin — Alguém o espancou e açoitou. Algumas são cicatrizes, outras são novas. Quem quer que tenha feito isto, esteve fazendo isso por um tempo.

Oh, Deus! Pensar em Ryder sendo espancado foi uma tortura em si. Obriguei-me a respirar profundamente. *Tudo ficará bem. Sobreviverá. É forte e orgulhoso. Não se renderá tão facilmente.*

Janice se aproximou de mim, me abraçando com força.

— Não está muito bem, Maddie. Não sabemos se a bala atingiu algo vital e perdeu muito sangue. — Olhou para Ryder, deitado petrificado na cama — As próximas quarenta e oito horas serão críticas. Precisamos encarar o fato de que pode não conseguir.

— Não. Não — retruquei, me levantando lentamente da cadeira.

O lábio inferior de Janice começou a tremer. As emoções que garantiu resistir finalmente se libertaram; suas silenciosas lágrimas se transformaram em grandes soluços que sacudiam todo seu corpo e a fizeram curvar-se de dor. Rapidamente, a envolvi em meus braços, sem querer vê-la sofrer assim.

Roger a afastou de mim e envolveu os braços a seu redor.

—Vamos nos sentar por um momento. Está a ponto de cair — disse, a ajudando a se sentar.

Enquanto Roger consolava Janice, caminhei para a cabeceira, com a atenção só em Ryder. Uma faixa branca envolvia sua cintura. As tatuagens ainda decoravam seu corpo, mas agora, pareciam cruéis em sua pele pálida. Levantei uma mão tremente, com medo de tocar nele, mas precisando senti-lo contra meus dedos. Toquei sua testa. Ardia. Fervia em febre, outro problema que ameaçava sua vida.

— Disse alguma coisa para você? — perguntou Gavin, limpando com uma toalha limpa suas mãos ensanguentadas enquanto esperava minha resposta.

— Só meu nome e que pensou que estava morto — respondi com voz tremente.

— Viu mais alguém?

Inclinei a cabeça para o lado, olhando-o fixamente.

— Se tivesse visto outra pessoa, não acha que já teria dito?

Me olhando fixamente, Gavin baixou os cantos de sua boca, fazendo uma careta desaprovadora. Olhei para ele, resistindo a vontade de empurrá-lo longe de mim. *Ryder estava correndo risco de morte; não precisava de perguntas estúpidas*.

— Sim, mas estava nervosa, então possivelmente tenha esquecido — respondeu, levando sua atenção para seu pai e Cash — Sua ferida de bala parece ser de poucas horas atrás. Quem quer que tenha atirado, está perto.

Senti o sangue abandonar meu corpo. Suas palavras trouxeram uma imagem de um exército inteiro correndo pelo bosque, armas elevando, gritos de guerra ressonando por toda a área. Tudo pelo sangue de Ryder.

— Ou qualquer pessoa ao azar atirou nele... — começou Cash.

— Ou o estão caçando — terminou Gavin, olhando-o fixamente.

Vi uma mensagem silenciosa entre eles, uma que me deixou nervosa.

— Estou nisso — disse Cash, virando-se e cruzando o quarto; suas longas pernas fazendo o trabalho no piso de madeira. Ao sair, pegou seu chapéu de vaqueiro e o colocou no topo de sua cabeça, ajustando-o.

— Vou verificar a casa e celeiros — adicionou Roger, passando sua mão pelo ombro de Janice antes de sair.

Depois que seu pai saiu, Gavin passou a mão pelo rosto, pensando intensamente. Por último, olhou para Eva.

— Onde Brody está?

— Não... não sei — respondeu com dúvida.

Dirigiu-se à porta com passo rápido.

— Fiquem aqui. Se ele acordar, façam com que ele beba um pouco de água. Está desidratado e com essa febre, precisa se hidratar. — Olhou para

Eva — Irei encontrar Brody e então, devemos fechar a estrada. Se os terroristas estão caçando Ryder, trouxe-os direto para nós.

Eva e eu nos olhamos quando Gavin se foi, tentando compreender o que estava acontecendo. Ryder estava correndo risco de morte e os terroristas podiam estar seguindo-o, pondo todos nós em perigo.

Eva olhou pelo quarto e mudou o peso para o outro pé. Podia notar que não sabia o que fazer. Brody estava perdido e nós éramos alvo de ataque. A conhecia o suficientemente bem para saber que, como eu, precisava manter-se ocupada com algo para se distrair da crescente crise. Se concentrando nas toalhas ensanguentadas no chão, agachou-se para pegar.

— Vou procurar alguma coisa para eliminar isto — disse, caminhando para a porta.

Escutei ela, mas minha concentração permanecia em Ryder. Sabendo que não estava sozinha em minha angústia, olhei para Janice, sentada imóvel na cadeira. Seu rosto estava abafado pelas mãos, escondido atrás de seus dedos.

— Janice? — perguntei vacilante.

Afastou as mãos e quando levantou o olhar, vi desespero em seus olhos.

— Oh Deus, Maddie. Devia ter dito. Merecia saber a verdade — chorou, ficando de pé — Agora ele nunca saberá.

— Do que está falando? — perguntei receosa.

— Eu tinha uma irmã — começou, limpando as lágrimas — Era rebelde, sempre recusando-se a seguir as regras de todos. Fazia o que queria, quando e com quem queria. Parece familiar?

Assenti, surpresa de nunca ter escutado ela falar de sua irmã.

— Era cinco anos mais nova que eu. Meus pais não podiam controlá-la e eu tampouco. Sempre se metia em problemas e logo deixou o colegial. Não a vi muito depois disso. Entrava e saía da reabilitação por drogas ou álcool a

maioria das vezes e quando não era assim, mudava-se com frequência, mas um dia, recebi uma ligação. Estava no hospital.

"Pensei que estava ferida ou em problemas, mas me ligou para dizer que ia ter um bebê. Gavin tinha três anos nessa época. Levantei e fui para a cidade, desesperada para ver minha irmã... e seu novo bebê. Fazia quase um ano desde a última vez que a vi. "

Seu olhar estava distante, enquanto recordava o passado.

— Entrei no quarto do hospital e vi minha irmã com um bebezinho. Era tão lindo com os olhos mais azuis que já tinha visto. Parecia tanto com Gavin que era como se estivesse vendo meu próprio bebê.

Observei Ryder imóvel na cama. Meu coração pulsava mais forte. Sabia para onde isto estava indo.

— Ela não o tocava. Recusava-se a olhar para ele e me implorou que ficasse com ele. Insistiu que não queria estar presa a ninguém. Nem sequer sua própria carne e sangue. — Janice se agachou para acomodar a colcha ao redor das pernas de Ryder — Então, mais tarde nesse dia, levamos ele para casa. Ryder foi nosso desde então.

Tudo tinha sentido. Tudo. Por que Ryder pensava que não pertencia a sua família. Por que nunca sentiu que era tão bom quanto Gavin frente aos olhos de seus pais. Sempre dizia que não se encaixava com eles, que seus pais o olhavam diferente. Janice e Roger devem ter visto sua mãe biológica nele: alguém rebelde e indomável. Uma pessoa que não seguia as regras e não se importava em pagar as consequências disso.

— Por que não disse a ele? — perguntei — Tinha o direito de saber.

Sacudiu a cabeça e começou a recolher os utensílios de primeiros socorros, colocando-os de volta no estojo de primeiros socorros com movimentos torpes.

— Ninguém sabe, nem sequer Gavin. Tentei fazer com que minha irmã vivesse conosco depois de ter alta no hospital, mas recusou. Acredito

que tinha medo de afeiçoar-se com alguém, até mesmo a seu bebê. Umas poucas semanas depois, localizei-a. Ela estava a algumas cidades de distância, destroçada e dormindo em um quarto decadente com outras pessoas. Ficou nervosa e gritou comigo por encontrá-la. Então, fui embora. Depois disso, só a vi uma vez. Estava drogada e mal sabia quem era eu.

— Sinto muito, Janice — disse brandamente.

Seus olhos se encheram de lágrimas de novo. Tirou-as e continuou:

— Quando Ryder tinha dois anos, recebi outra ligação. Ela tinha morrido de overdose. Eu e Roger simplesmente pensamos que não era necessário dizer a ele sobre a adoção. Ele era nosso. Criamos ele desde o instante em que tinha horas de nascido. Não importava quem o trouxe para a vida; ele era nosso filho.

— Ele se parece com você e Gavin — disse, tentando compreender tudo o que dizia.

— Minha irmã era meu retrato vivo. Não tenho ideia de quem é o pai de Ryder. Nem sequer acredito que ela soubesse.

— A isso que se referia quando disse que ele é igual a ela? — perguntei.

— Sim. Toda vez que Ryder chegava bêbado ou cheio de hematomas por uma briga, via minha irmã. Não tinha escrúpulos ao se colocar em perigo e ele é igual. Sempre que ele se rebelava, via as atitudes dela, todas as vezes que ultrapassava seus limites. Herdou sua paixão pela vida, mas também sua imprudência. No fundo, era uma boa pessoa; apenas estava perdida.

Levantou a mão e tocou minha bochecha; seus dedos eram frios contra minha pele.

— Minha irmã não tinha ninguém, negava-se a deixar que alguém se aproximasse, mas Ryder teve você todos estes anos, para mantê-lo com os pés no chão. Observava vocês brincando juntos quando crianças. Eu vejo o jeito que ele te olha. É a única pessoa que deixa entrar em sua vida. Pode ser que

seja alguém difícil de lidar e grosseiro, mas te ama mais que tudo neste mundo.

As lágrimas caíram por meu rosto, entristecidas pelo bebê que foi menosprezado por sua própria mãe. O menino que pensou que não pertencia a nenhum lugar. O homem que ainda continua ferido.

— Quando despertar, direi a ele. Devo fazer isso, mas só espero que nos perdoe por ocultar a verdade. — Molhou um pano e me entregou isso — Mantenha ele o mais frio possível, Maddie. Se sua temperatura subir...

Peguei o pano que me oferecia, concordando distraidamente. Sabia que se sua temperatura subisse além dos quarenta graus, as células em seu cérebro começariam a morrer. Seu coração se esforçaria mais para levar sangue a suas extremidades. Posteriormente, seus órgãos deixariam de funcionar. Ele morreria. A ideia fez com que minha garganta se fechasse, me afogando. Tirando todo o ar do quarto.

Com uma mão tremente, segurei o pano molhado e o passei pelo pálido rosto de Ryder. Seu cabelo estava longo e embaraçado. A sujeira alagava cada fio e criava uma barba em seu rosto. Não sabia o que fazer, por onde começar. Sentia-me imprestável e temerosa.

Mas devia ser forte. Sentindo um renovado sentido de propósito, comecei a limpar a imundície em seu rosto, esperando desesperadamente ver o homem que amava sob essa sujeira.

Meus olhos caíram para seu peito, para ver o sangue coagulado.

Molhei o pano de novo e o passei delicadamente por sua clavícula, logo por seu abdômen. Enquanto o sangue desaparecia, os hematomas em seu corpo se fizeram mais notáveis. Foi golpeado tão duramente que quase tinha medo de tocá-lo.

Meus olhos foram para os fortes músculos de seus braços, parando em sua mão. Alcancei-a e virei sua palma, me encolhendo quando vi os pequenos cortes e arranhões em sua pele. Alguns eram profundos enquanto outros eram

finos cortes de navalhas. Percorri meus dedos por sua rugosa palma, lembrando suas mãos em mim. Tocando, atormentando e me salvando.

Não posso acreditar que realmente esteja de volta. Era como se estivesse sonhando. Se fosse assim, não queria despertar nunca.

Ouvi que Janice abandonou o quarto, mas não me movi nem soltei a mão de Ryder. Com o coração em minha garganta, entrelacei meus dedos com os seus. Segurando com força sua mão, atraí-a para mim e pressionei sua palma em meu ventre.

Uma vez foi um bebê menosprezado e não amado. Um menino perdido. Agora, era um homem encontrado. Um que eu precisava e nosso bebê também.

— Você vai ser pai, Ryder — sussurrei, apertando com mais força seus dedos — Preciso de você. Fica comigo, *por favor*. Te amo muito para te deixar partir.

Não houve resposta. Nem pressão em meus dedos. Nem um sussurro com meu nome. Só havia um silêncio proveniente dele, recostado aí, lutando para sobreviver.

Capítulo 13

Orei. Suplique. Jurei nunca voltar a duvidar dos milagres. Chorei tanto esses primeiros dias que me sentia vazia. Esgotada.

Tínhamos o encontrado, mas continuava perdido para nós.

O observei enquanto lutava contra a infecção. Esforcei-me para mantê-lo com vida. Lutei contra a febre que fazia estragos em seu corpo, ameaçando tira-lo de mim, mas tinha a esperança de que ia melhorar. E desta vez, a esperança ganhou.

No oitavo dia, a febre de Ryder cessou pela primeira vez desde que tinha voltado para casa.

Estava sentada junto a sua cama, com os olhos fechando pelo cansaço. Já sem poder mantê-los abertos, adormeci, tão cansada que me sentia como se estivesse em um sonho. Tinha o queixo apoiado na mão e o cotovelo no braço da poltrona. Ao adormecer, minha cabeça caiu para trás, despertando de um puxão. Tentei encontrar uma posição mais cômoda e me enrolei como um novelo, puxando meus pés debaixo de mim e me aconchegando no calor da cadeira. Em segundos, estava adormecida.

— Maddie.

Um sonho. Sonhava outra vez, mas desta vez parecia tão real. Quase podia estender a mão e tocá-lo. A voz me rodeava, me esquentando. Sorri em meu sonho, feliz de escutar Ryder novamente.

— Maddie. — A voz áspera soava como lixa contra a madeira. Amava a maneira como dizia meu nome.

Alguém perto tossiu. Meus olhos se abriram lentamente, obrigando o sonho a afastar-se. A primeira coisa que vi foram uns olhos azuis me olhando

fixamente. Despertei de um golpe, sem afastar nunca os olhos dos que me olhavam. *É verdade que está acordado? Estou sonhando de novo?*

Ryder me observava, com as pálpebras pesadas, caindo um segundo antes de levantar-se outra vez.

Sem saber se o que via era real ou não, pouco a pouco, baixei os pés ao piso e me pus de pé.

— Ryder? — perguntei com voz tremida e dei um passo vacilante para frente. Debaixo do longo cabelo e barba, seus olhos se encontraram com os meus, sem abandonar nunca meu rosto. Fechou-os por meio segundo antes de obrigá-los a abrir-se outra vez, focando em mim.

— Diga algo mais — disse com voz rouca — Quero escutar sua voz.

Oh, Meu deus! Está acordado! Atirei-me à cama, incapaz de me conter. Meus braços foram ao redor de seu pescoço enquanto as lágrimas rodavam por meu rosto.

Deixou escapar um assobio de ar quando caí contra ele. Uma de suas mãos tocou meu lado, tão leve que quase não senti. Queria chorar. *Ryder está me tocando! Está me segurando!* Tinha medo de nunca voltar a sentir suas mãos em mim. Pensar que talvez nunca voltaria a envolver seus braços a meu redor era um medo que tinha me perseguido dia e noite.

Quando gemeu de dor, o soltei, com medo de estar fazendo mal a ele. As lágrimas alagaram meus olhos, me dificultando a vista, mas através da umidade, pude ver a vendagem ao redor de seu abdômen. Ainda estava branca. Sem sangue encharcando-a.

Sua mão roçou minha perna e logo caiu fracamente na cama. Inspecionei seu rosto, vendo suas bochechas afundadas e os círculos sob seus olhos. Os cortes e contusões em suas bochechas e testa curavam lentamente e o inchaço ao redor de seus olhos baixava.

Suas pálpebras começaram a ir à deriva para fechar-se, mas os obriguei a abrir-se de novo.

— Maddie — disse com sua profunda voz e seus olhos tentaram focar-se em meu rosto.

— Estou bem aqui — disse, me inclinando mais perto.

Seus dedos roçaram meu jeans antes de descansar em meu quadril.

— Fica comigo — sussurrou, agarrando meu quadril com sua mão, surpreendentemente forte.

— Não vou a lugar nenhum — disse.

— Voltei para você — disse, forçando cada palavra.

— Sim, voltou para mim.

— Sempre.

A palavra saiu exatamente quando voltava a entrar na inconsciência.

***

Música forte enchia o salão de tatuagens. Parecia mais como alguém gritando que cantando. Era sábado à noite e o lugar estava cheio de todo tipo de personagens interessantes.

Não era meu típico lugar de encontro, mas estava aqui com Ryder. Ele tinha dezoito anos. Eu quinze. Sei, não deveria estar aqui com ele, por ser menor de idade e tudo isso, mas Ryder conhecia o dono, então estava bem. Ao menos isso era o que continuava me dizendo.

Me encolhi e vi como um tatuador riscava a pele de Ryder. O zumbido da máquina dava medo, mas não importava.

— Amigo, isto vai ser malditamente genial — disse o homem tatuado que trabalhava em Ryder. Fiquei surpresa de que pudesse dizer sequer uma só palavra coerente com todos os aros que tinha em seu lábio inferior. E seu cabelo arrepiado de cor verde escura combinava com o verde da tatuagem de dragão que rodeava seu pescoço. Tentei não olhar para ele fixamente, mas parecia impressionante. Algo ardente, de uma maneira estranha e retorcida.

— Malditamente geniiiial — repetiu o homem.

— Sim, é isso o que eu quis dizer — disse Ryder sarcasticamente, vendo como o cara se inclinava mais sobre seu braço e riscava em sua pele com a agulha.

Imaginando o muito que isso doía, dei um passo para trás, chocando-me com a bandeja de equipamentos atrás de mim.

Ryder levantou o olhar e curvou o canto de sua boca.

— Está bem, Maddie? Está um pouco pálida.

Dei a ele um sorriso doce, totalmente falso.

— Estou bem. Simplesmente admirando a obra de arte deste cara.

Notando minha mentira, seu sorriso ficou maior. Tivemos uma discussão a respeito de vir aqui, mas insistiu, dizendo que me queria com ele. Sabia que eram um montão de idiotices, mas cedi, como sempre.

Há uma hora esteve na minha soleira, cheio de tristeza e ira. Na esperança de bater em alguém. Precisando falar. Teve outra briga com seus pais, desta vez, por quebrar sua mão em uma briga de bar. Escutei enquanto ele amaldiçoava uma e outra vez, odiando Gavin por ser o filho perfeito. Odiando-se pôr não ser o que queriam seus pais. Quando finalmente se acalmou, implorou que eu subisse em sua caminhonete e fosse dar um passeio com ele. Queria uma tatuagem. No fim, só outra maneira de se rebelar.

— São um casal ou alguma coisa assim? — O tatuador cabeceou para mim, mas continuou trabalhando.

— Ou alguma coisa assim — respondeu Ryder e seu sorriso decaiu um pouco.

— Que mal, amigo. Ela é linda — disse o homem.

— Sim, mas é uma fera — respondeu, com seus olhos em mim.

— Essas são as melhores, homem. Te mantêm no ar. Nunca tem um momento aborrecido. Melhor toma-la antes que alguém mais faça — disse o homem, limpando com um tecido a pele de Ryder antes de voltar a baixar a agulha.

— Vou manter isso em mente — disse Ryder com voz rouca; seus olhos correram a toda velocidade por meu corpo.

Mordi a parte interior da bochecha, olhando os arredores da sala. Continuávamos rodeados de gente, a maioria com tatuagens, mas parecia como se estivéssemos só Ryder *e eu. Estranho. Acreditei que isso só acontecia nos livros.*

O guru da tatuagem começou a cantarolar, desaparecendo em um mundo próprio que aparentemente, incluía uma música que não parecia tão ruim. Tentava averiguar que canção era quando Ryder *atraiu minha atenção, me fazendo um gesto com a cabeça para que me aproximasse.*

— Veem aqui — disse, ignorando a agulha que marcava seu braço.

A sala estava tão cheia de pessoas e equipamentos que tive que passar por cima da cadeira que ele ocupava. Minhas pernas nuas roçaram os jeans que cobriam seus joelhos, enviando uma sensação nova e incomum a meu corpo. De repente, a sala ficou muito quente. E por que comecei a suar?

Molhando meus lábios secos, dei um passo ao lado de Ryder. *Olhou para mim e seus olhos caíram para meus lábios por um segundo.*

— Dói? — perguntei, apontando para seu braço.

— Um pouco — admitiu, baixando o olhar à agulha contra sua pele.

Olhei para o tatuador, ainda surpresa de que Ryder *estivesse fazendo isto. Sua primeira tatuagem e eu estava aqui para presenciar.*

— Obrigado por vir comigo — disse, o bastante baixo para que só eu pudesse escutar — E obrigado por me escutar.

— Amigos são para isso — disse, encolhendo os ombros. Dei uma olhada à tatuagem em seu braço outra vez. Estava em carne viva e vermelha contra sua pele bronzeada. Parecia muito doloroso.

Ele não disse nada por um segundo, só me observava admirar a tinta que estaria aí para sempre.

— Você gosta da tatuagem? — perguntou, olhando para seu braço.

Um desenho intrincado cobria seus bíceps, girando ao redor dele como se estivesse se apoderando de seu corpo.

— É perfeito — falei sério. A tatuagem não fazia com que Ryder parecesse perigoso, ele fazia por conta própria, mas ainda assim era muito bom.

— Bem. Desde que você goste, é tudo o que conta — disse, elevando o canto de sua boca — Nada mais.

— Demônios, homem, as garotas vão ficar loucas por isso — disse o homem — As garotas gostam de tinta, amigo.

— Não me importa — disse Ryder, com os olhos fixos em mim— Maddie gosta. Talvez vá fazer mais uma centena.

❄❄❄

Acordei com gritos de raiva. Minhas pálpebras estavam pesadas enquanto tentava me concentrar na figura deitada na cama frente a mim.

Estou sonhando outra vez, mas desta vez, Ryder está gritando, não me olhando com desejo.

As vozes tinham me forçado a abrir bem os olhos, afastando a necessidade de dormir.

Foi quando me deparei com Gavin e Janice, que vinham rapidamente para a cama e um deles levava uma lanterna. O outro trazia uma arma. Ambos pareciam privados de sono.

O que acontecia? A confusão tinha me feito piscar, tentando afastar as teias em minha mente.

Sem advertência, um rugido dolorosamente angustiado estalou no quarto. Pulei, mas não antes que o movimento na cama chamasse minha atenção. Ryder estava rolando de um lado para o outro, com movimentos espasmódicos, puxando um travesseiro e jogando no chão.

Janice e Gavin chegaram na beirada da cama exatamente quando meu nome saía dos lábios de Ryder. Todos os pensamentos de sono desapareceram de minha mente. Tirando o edredom de minhas pernas, saí da cadeira de um salto, empurrando Janice no caminho para chegar a ele.

— Maldita seja, Maddie, volta! — gritou Gavin, agarrando os braços de Ryder e tentando manter ele quieto enquanto se sacudia.

Sem medo dos braços oscilantes de Ryder, coloquei uma mão em sua testa ignorando Gavin.

— Janice, está ardendo — disse, sentindo como se estivesse tocando carvões ardentes.

— Sua febre está alcançando o máximo — disse ela, colocando de lado a camisa para inspecionar o curativo de seu centro — Maddie, pegue a lanterna e a aproxime.

Gavin utilizou toda sua força para manter Ryder imóvel enquanto eu segurava a lanterna.

Janice tirou o curativo ensanguentado, provocando um gemido dele. Pus amarelo gotejava em torno da pequena ferida de bala em sua costela.

— Se infectou e ele está rasgando os pontos — disse, segurando a respiração.

— Você acha que ele está ficando infectado? — perguntou Gavin, tentando mantê-lo de barriga para baixo enquanto ele continuava se retorcendo, sacudindo.

— Deus, espero que não. Se for assim, o antibiótico que tenho pode não funcionar — murmurou Janice, examinando a costela de Ryder.

Ele gritou, tentando afastar suas mãos com um golpe.

Coloquei minha palma contra sua testa. Com minha mão esfriando sua carne quente, ficou quieto.

— Se a infecção se estabelecer, só em um lugar haverá uma dose mais forte de antibióticos — advertiu.

— O hospital — disse Gavin, rotundamente.

— Sim, o hospital que foi invadido pelos insurgentes a alguns dias atrás, se as notícias forem certas. — Usando o dorso de sua mão, Janice

afastou o cabelo cinza de seu rosto. Os círculos sob seus olhos eram negros à luz da lanterna, dando a ela um aspecto mais cansado.

— Não podemos ir ao hospital — disse Gavin — É muito perigoso.

— Eu sei. — Janice me olhou com os olhos sombrios.

Um nó se instalou em meu peito, já que o olhar em seu rosto me aterrorizava.

— Vou suturar — disse, com solenidade — Vou trazer Roger para que esquente um pouco de água. Manteremos uma compressa morna em suas feridas: trinta minutos, logo uma hora. Se isso não ajudar...

Concordei; as lágrimas queimavam a parte posterior de meus olhos. As palavras não precisavam serem ditas. *Pode ser que Ryder não supere isto*. A infecção poderia viajar por seu corpo como uma onda, destruindo tudo em seu caminho, tirando ele de mim.

O único homem que sempre tinha me salvado e que talvez não pudesse ser salvo.

Capítulo 14

— Então, como está?

Olhei para Eva enquanto entrava na cozinha. Estava sentada na mesa, rodeando uma caneca de algo quente com as mãos. Estava envolta em um enorme casaco que provavelmente pertencia a Roger.

Éramos sete e não havia casacos suficientes para todos. Então, fazíamos o que devíamos: compartilhar tudo. Era isso ou morrer de frio. Nossas opções eram muito limitadas, mas fizemos o melhor com o que tínhamos.

A máquina de lavar roupa e secadora de Janice estava no celeiro agora, destruídos por Brody para obter os cabos e mangueiras do interior. Era nosso engenheiro, capaz de construir algumas coisas com suas mãos. Nosso banheiro tinha água corrente, graças a seu projeto de recolhimento da água da chuva e a tubulação interna. Nossos rádios portáteis continuavam funcionando graças a ele e também tentava converter um dos veículos para que funcionasse sem gasolina. *Suponho que esses anos de aulas de engenharia estavam dando seus frutos.*

— Olá? Terra para Maddie? Vai responder ou me ignorar? — perguntou Eva de novo, levantando uma sobrancelha loira.

Ao passar por ela, equilibrei um recipiente de água suja em meus braços, tentando não deixar que a água caísse sobre a beirada. Tinha acabado de limpar as feridas de Ryder, com a esperança de deter a infecção e que não se propagasse por todo seu corpo. Até agora, não estava funcionando.

— Está melhor, suponho. A febre não é tão alta, mas sua ferida ainda parece infectada — disse a ela, achando impossível não desmoronar e me

quebrar. Nos últimos dias, eu tinha conseguido me manter forte, tentando parecer forte apesar de que a única coisa que eu queria fazer era chorar.

Eva levantou a xícara aos lábios, mas parou antes de tomar um gole.

— Não se preocupe, Maddie, vai sair dessa. É um filho da puta muito teimoso para não fazer isso.

Sabia que tinha razão. Ele era muito teimoso para se render facilmente, mas tinha medo de que desta vez, talvez perdesse a partida contra a infecção e as lesões sofridas.

Contive a angústia que surgiu em mim.

— Onde está todo mundo? — murmurei.

Encolheu seus magros ombros e estes apenas se moveram por debaixo de seu casaco de grande tamanho.

— Por aí. Gavin e Brody foram viajar para verificar tudo. Cash está ausente como de costume. Janice e Roger tentam pescar algo para o jantar.

Agarrei-me à tigela com um braço quando cheguei a maçaneta da porta.

— Estou indo despejar está água e estarei de volta — disse a ela, dando um passo para fora. Um forte vento soprou contra mim, enredando meu cabelo em nós e jogando isso em meu rosto.

Estava na metade do caminho através do quintal quando os cabelos da minha nuca se arrepiaram. Diminui a velocidade, escutando meu instinto me advertir de que alguma coisa estava errada. *Talvez seja só Cash, aproximando-se de mim sigilosamente em seu modo tranquilo*. Virei a cabeça e consegui ver alguém me seguindo.

Não era Cash. Era um estranho.

— Olá! Você aí! — gritou.

Meu coração começou a pulsar mais rápido e meu pulso acelerou até estar fora de controle. Com cuidado de não fazer movimentos bruscos, apertei o passo, sem me preocupar com a água que salpicava ao sair da tigela. Meus instintos gritavam para que corresse. *Saia! Saia daqui AGORA!*

Joguei a tigela no chão e acelerei com os olhos fixos no celeiro. *Se pudesse entrar, poderia me armar com alguma coisa. Uma pá, um martelo*. Qualquer coisa era melhor que minhas mãos vazias.

Meu coração pulsava com força em meus ouvidos, por isso era difícil escutar qualquer coisa além do ar ao entrar e sair dos pulmões. Estava na metade do caminho no quintal quando a voz do homem me parou.

— Ei! Por um minuto, pode ser? — gritou o homem.

— O que quer? — gritei por cima do ombro, quase correndo.

— Comida. Água. Alguém com quem falar — respondeu enquanto suas pesadas botas repicavam no chão ao me seguir.

Meu passo vacilou. Tudo o que tinha que fazer era dar a ele algumas latas de comida e um par de garrafas de água e seguiria seu caminho? Parecia muito fácil, mas talvez não fosse uma ameaça. Talvez não fosse mais que um homem desesperado por comida. Me virei, sabendo que não tinha outra opção.

O homem estava a uns metros de mim; tinha um tamanho médio e indescritível. Não tinha nem ideia se era um dos insurgentes. Não era nem de raça caucásica, nem asiática. Nem russo, nem afegão. Nem jovem, nem velho. Não tinha nada especial. Nada estranho.

O incomum era sua aparência. Parecia saudável. Limpo. Isso não fazia sentido; a maioria das pessoas morriam de fome. Como fez para ter roupa limpa quando a maioria das pessoas nem sequer tinha água limpa para beber, muito menos com a que lavar-se?

Dei um passo longe dele e levantei o queixo, mostrando minha falta de vontade para ter medo.

— Posso te trazer um pouco de comida e água — disse, olhando para casa, com a esperança de ver ajuda.

Seguiu meu olhar. Ao não ver nada incomum na casa, seus olhos se moveram pela zona, avaliando tudo. Finalmente, olhou para mim e sorriu. Seus dentes brancos pareciam muito perfeitos, reluzentes sob o sol.

— Está bem — disse em tom de confiança — Vou te esperar aqui. Não se preocupe.

Uma sensação de inquietação me encheu enquanto fazia um amplo círculo ao redor do homem. Enquanto o observava pela extremidade do olho, resisti à tentação de colocar a mão sobre meu estômago para protege-lo.

Era mais alto que eu, mas não tanto quanto Ryder. Usava seu cabelo castanho quase rapado, muito perfeito para um mundo sem barbeadores elétricos. E sua mandíbula era suave, sem resíduos pressente. Colocou as mãos nos bolsos da jaqueta, em um gesto de relaxamento. Não confiava nele.

Passei por ele e Eva saiu na varanda. Seus olhos se concentraram imediatamente no desconhecido. Quando me olhou, vi medo. Sacudi a cabeça, um pequeno movimento que esperava que ela reconhecesse como uma advertência.

Vá para dentro, Eva!, queria gritar para ela.

— Maddie? — disse em voz alta, observando o estranho com receio.

Antes que pudesse responder, brotou dela um grito que me gelou o sangue.

Me virei, sentindo que me movia em câmara lenta. Frente a mim, estava o homem, desta vez, com uma pistola apontando diretamente para meu coração.

Fiquei imóvel; meu único pensamento era salvar meu bebê. Rodeei-me a cintura com um braço, tentando não olhar à arma 9mm a centímetros de mim.

— Onde está? — perguntou o estranho, apagando seu sorriso artificial.

— Quem? — perguntei com voz tremente, dando um passo para trás.

— Um homem. Alto — respondeu, com sua arma estável — Tem um par de buracos de bala.

Ryder.

Engoli seco, quase perdendo o equilíbrio quando tropecei com uma rocha atrás de mim.

— Eu... não sei de quem está falando — balbuciei, recuperando o equilíbrio.

— Oh, acho que sim. Segui ele até aqui. — Levantou uma sobrancelha e franziu os cantos de sua boca — Foi bastante fácil com o rastro de sangue que deixou para trás.

Meu rosto empalideceu ao pensar em Ryder deixando um rastro de sangue. Nos preocupamos por vários dias se por acaso alguém o tinha seguido. Suponho que tínhamos razão.

O homem deu um passo mais perto, perfurando meus olhos com os seus escuros, quase negros.

— Perdi seu rastro em um campo perto daqui, mas logo me inteirei de sua casa e pensei: "possivelmente está aí". Então, me escondi e observei o lugar, esperando que saísse o que me interessa, mas nunca o fez. Quando seus homens saíram hoje — encolheu os ombros — decidi que era o dia para encontrar quem estive procurando. Onde está?

— Não sei de quem fala — repeti, sem deixar de caminhar para trás. *Se ao menos pudesse chegar na casa, estaria segura.*

Atrás de mim, escutei Eva correndo pelos degraus da varanda, gritando ao homem que não me tocasse.

Foi então que soube que era hora de virar as costas e correr.

Como um bichinho desesperado para escapar de uma morte certa, eu fugi. Antes que chegasse muito longe, o homem estendeu a mão e me agarrou. Gritei em alarme. Seus dedos se cravaram em minha pele. Lutei, tentando soltar meu braço. Cansada de lutar, me sacudi com força, fazendo com que meu cabelo caísse em meu rosto e me cegasse.

Movendo de um puxão a arma, levantou-a por cima da minha cabeça. A arma estava em seu punho, parecendo mortal. Vai me acertar, pensei com horror.

Antes que tivesse a oportunidade de brigar contra ele, ouviu um disparo. Gritei enquanto uma bala golpeava o chão perto dos pés do homem, a centímetros de meu próprio pé. A sujeira e a grama voaram por toda parte, cobrindo meus sapatos.

O desconhecido me virou para me deixar olhando para a casa com minhas costas pega a ele. Me usando como um escudo humano, manteve-me na frente de seu corpo.

Foi então quando vi Ryder de pé na varanda, com uma espingarda apoiada no ombro com a qual apontava ao estranho. Tinha a camisa desabotoada e as pontas se moviam com o vento. Havia uns jeans desbotados em seus quadris, com o zíper puxado, mas não abotoados. Podia imaginá-lo colocando-os em sua pressa para chegar até mim, o que os deixou pendurados. Havia um curativo ao redor de seu abdômen, aparecendo entre as bordas de sua camisa e calças. Não compreendia como tinha conseguido ficar em pé e sair da cama.

— Deixe ela ir! — gritou Ryder, olhando pelo cano da arma.

O homem que me segurava moveu a arma, colocando-a em minhas costelas.

— Minha busca terminou. Por fim encontrei o que procurava — murmurou, apertando seu agarre em mim.

Ouvi o disparo da espingarda um segundo antes de que soasse outro disparo. Por cima de minha cabeça. Meus ouvidos zumbiam, amortecidos para uma segunda explosão.

— Te disse para deixar ela ou é um homem morto! — grunhiu Ryder, carregando a espingarda de novo. Debaixo de sua barba desalinhada, seus olhos brilhavam com um tipo perigoso de azul. Cheio de assassinato.

— Vim por você, meu amigo — gritou o desconhecido — Não preciso desta mulher. — Seu acento americano desapareceu, substituído por um que não reconheci.

— É melhor que solte à mulher ou a próxima vez que respirar será a última — bramou Ryder, com a cabeça baixa sobre a arma e seus olhos olhando para baixo. Prendi a respiração sem me alterar quando o extremo da pistola se cravou dolorosamente em minha caixa torácica. Esperei que disparasse, o que poria fim a minha vida. Sabia que Ryder o faria também. Apertar o gatilho e matar o homem só para me proteger.

Mas não teve que fazer. O homem me soltou e me deu liberdade. Aturdida, virei-me, olhando para ele enquanto se afastava. Elevou os braços sobre sua cabeça em sinal de rendição, na qual eu não confiava.

Seus olhos escuros pareciam vigilantes e se mantiveram em Ryder. Um sorriso levantou o canto de sua boca.

— Dizem que é um homem morto, meu amigo. Os homens acreditam que se converteu em um fantasma que anda em meio a eles. Eu digo que se equivocaram. É um homem com sorte, mas um dia, não a terá e quando isso acontecer vou estar ali.

Continuou caminhando para trás e suas seguintes palavras foram cheias de advertência.

— Os norte-americanos têm dito que os terroristas invadiram suas terras, mas deveria saber isto, meu amigo, vou invadir as tuas. — Olhou para mim; seu significado era claro.

Soou outro disparo. Desta vez, acertou o alvo.

A bala rasgou o ombro do homem e este se inclinou para trás. Um jorro de sangue saiu voando pelo ar, quase me manchando. De algum modo, o desconhecido conseguiu manter-se em pé apesar do sangue que corria por seu braço. Agarrando seu ombro, olhou para Ryder um segundo mais antes de correr pelo quintal.

— Maddie.

Me virei, esquecendo o desconhecido quando ouvi Ryder gritar meu nome. Vacilou no degrau superior, com seus olhos fixos em mim.

Corri para a varanda e o terror fazia com que fosse difícil me mover. Os olhos de Ryder nunca me abandonaram, mas rodaram para trás em sua cabeça uma vez, antes de que os obrigasse a abrir-se de novo. No momento em que o alcancei, estava pálido e lutando para se manter em pé.

— Maddie — disse com uma voz rouca e tão baixa que quase não o ouvi — entre na casa.

O sangue encharcava o curativo, tingindo o branco de vermelho. Quando pareceu que poderia desmaiar, envolvi imediatamente meu braço ao redor de sua cintura. Apoiei ele em mim, com seu braço em meus ombros, o segurando.

Eva pôs um braço ao redor de seu outro lado, ajudando a levá-lo para a casa. Uma vez dentro, fechou a porta atrás de nós, deixando o perigo lá fora.

— Alguém deveria ir atrás do homem — disse Eva, me olhando com uma expressão de medo — Pode voltar e trazer outros para cá.

— Não. — Ryder apertou os dentes pela dor, obrigando-se a dizer as palavras — É muito perigoso.

Começou a balançar-se, ficando mais pesado. Eva e eu mal tínhamos colocado ele para dentro quando caiu, nos jogando com ele no chão da cozinha. Freneticamente, fiquei de joelhos junto a ele. Sua mão ficou em mim enquanto verificava sua ferida. O sangue corria por suas costelas; o curativo fazia pouco para contê-lo.

— Está bem? — me perguntou, com voz débil.

Ignorei as lágrimas que corriam por meu rosto até cair em meu colo. Ryder estava estendido no chão, sangrando, com um buraco de bala, mas se preocupava comigo. *Comigo! E Eva se perguntava por que o amava? Havia alguma dúvida?*

— Estou bem — disse, agarrando uma toalha da mesa da cozinha para pressioná-la contra a ferida. Algo para deter o fluxo de sangue.

Vi como parava de lutar e desmaiava, com a mão ainda em mim. As lágrimas corriam mais rápido por meu rosto, deixando marcas em minhas bochechas.

Era isso. A verdade. A razão pela qual ambos vivemos e respiramos. Alguns chamavam de amizade. Outros, amor. Eu apenas o chamava de um ou outro.

Nós precisávamos um do outro para sobreviver.

Capítulo 15

Caminhei através do quintal, enquanto o vento frio batia em meu corpo em seu melhor intento de me derrubar. Virando o rosto na gola da minha jaqueta, tentei me esconder da cortante e fria brisa. O final da minha trança caiu contra meu peito, uma sensação pesada contra meu esterno. Empurrei o gorro sobre minha testa e então coloquei as mãos em meus bolsos, procurando um pouco de calor para meus dedos.

Me sentia tão fraca, mas não tinha tempo para estar cansada. Por dias, todos tínhamos estado nervosos, esperando que o terrorista voltasse, mas não apareceu. Ninguém se aventurou no rancho e não havia sinal de que alguém o transgredisse. Talvez nos encontrássemos a salvo. Talvez nos esqueceriam.

Só podia rezar.

Meu estômago rugiu; a sensação de fome se fazia constante. Um pedaço de pão, uma lata de frutas, um pedaço duro de carne. Esse foi nosso café da manhã, almoço e jantar nas últimas semanas. O arroz e o feijão estavam sempre presentes no menu, duas coisas que temia que nunca deixaríamos de comer. Os odiava bastante. Nosso café também acabou. Tudo o que tínhamos para beber era água filtrada do riacho. Queria tanto uma Coca-Cola diet que quase podia sentir o gosto, fria e borbulhante em minha língua.

Engoli seco e afastei a lembrança da minha mente enquanto caminhava para a casa. Pensar no que sentia saudades só me deixaria louca. Lembrar o que não tinha só me levaria à histeria e me deixaria em um lugar escuro do qual seria impossível sair. Não podia me deprimir, porque sentia saudades de uma bebida, ou da comida real. Havia tantas coisas mais pelas quais me preocupar, como o colapso do país e as centenas de mortes. Ou o medo de ter

um bebê sem a equipe médica apropriada. Não, havia muitas coisas pelas quais estar preocupada; o que não podia ter já não era importante.

Um grito no portão da frente chamou minha atenção, me tirando de meu transe. Virei o rosto para o vento, vendo Cash tocar o gado para o celeiro. A aba de seu chapéu de vaqueiro se elevou pelo vento e quase caiu de sua cabeça. Vi ele movê-lo, mantendo-o em seu lugar enquanto mantinha um olho em uma vaca em particular que não seguia o gado.

Mudei o olhar até Roger. Cavalgava seu próprio cavalo, um grande que tinha uma atitude ruim, mas que era bom trabalhador. O cavalo fazia com que o gado continuasse se movendo e que Roger parecesse como se só estivesse ali para cavalgar.

Tremi quando Brody caminhou até o portão, com uma grande faca em suas mãos. Sabia que esperava que levassem outra vaca para matá-la tão humanamente quanto fosse possível.

Dois dias atrás, estávamos sentados ao redor da mesa, todos envoltos como esquimós enquanto comíamos o jantar. O rádio de onda curta estava ligado, colocado honrosamente no centro da mesa. *Era nossa nova forma de entretenimento.*

A voz metálica de um homem repicou através do pequeno rádio, enchendo o silêncio na cozinha.

— As tropas do governo estão revisando o campo, para apoderar-se do gado. Este será sacrificado para nutrir a fome. Os cavalos também serão tomados, usados como comida ou para a cavalaria dos Estados Unidos. Qualquer um que se recuse a entregar seu gado será detido. Tenham isso em mente, rancheiros.

Paramos de comer para escutar. Uma palavra ficou estancada em minha mente: *apoderar-se.*

— Repito, o governo está se apoderando do gado para raciona-lo. — A transmissão caiu na estática, codificando o resto das notícias.

Brody esticou seu braço para golpear o lado do rádio como sua forma de arrumá-lo. Embora desta vez, não funcionou. A coisa morreu.

Gavin baixou seu garfo, esquecendo a pequena quantidade de comida no prato.

— Pai? — perguntou, olhando para ele em busca de instruções.

Roger pôs um pouco de tomates enlatados em sua boca e mastigou por um momento. Podia ver ele pensando e pesando nossas opções. Depois engoliu e baixou seu garfo em silêncio. Colocou as mãos sobre a mesa e olhou a todos.

— Quando era pequeno, minha bisavó me contava histórias sobre a Depressão. Disse que o governo levou o gado dos ranchos em Oklahoma e no Texas para aumentar o preço da carne. Quando escutaram as notícias, meus bisavôs sacrificaram todas suas vacas. O maldito governo não ia conseguir seu gado. Então, enlataram a comida e a esconderam. No fim, isso foi a única coisa que os salvou de não morrer de fome naquele ano.

Esfregou o queixo, pensando em suas próximas palavras.

— A coisa não mudou muito, meninos. Graças a esse maldito ladrão, só ficaram cinco vacas. Acredito que devemos começar a sacrificá-las amanhã. Digo que conservemos duas escondidas para leite. Meu neto eventualmente precisará de leite.

Desde esta noite, ajudava os outros do amanhecer até o anoitecer. Era um horrível e sangrento trabalho. Nunca esqueceria a imagem do gado sendo morto, sapecados e cortados para que o enlatássemos. Os homens faziam o sacrifício. As mulheres cortavam e enlatavam. Graças ao conhecimento de Janice sobre como conservar a comida, mais a paixão de Roger por armazenar artigos de sobrevivência, tínhamos uma panela de pressão e latas suficientes para guardar carne e todo tipo de comida que pudéssemos encontrar. Era um extenso e interminável processo, mas ao menos, não morreríamos de fome.

Isso é o que não parava de dizer a mim mesma enquanto o cansaço tornava quase impossível estar de pé. Respirando profundamente, subi os degraus da varanda, me segurando no corrimão. Estou tão cansada. Minhas pálpebras estavam pesadas e minhas pernas eram como gelatina. Nunca tinha sentido tão cansada em toda minha vida, nem sequer quando caminhamos para casa depois do ataque do pulso eletromagnético.

Além de ajudar a enlatar, pegávamos turnos para cuidar de Ryder. Continuava inconsciente. Lutando contra a desagradável febre. Hoje, eu peguei a parte mais curta, por isso tinha que ajudar a sacrificar.

Abrindo a porta da casa, entrei, querendo trocar de roupa e um suave lugar onde pôr minha cabeça. Talvez também um sabonete. O que não esperava era encontrar uma voz gritando, trovejando através da casa.

— Onde demônios está!? Vou sair desta maldita cama se não me disserem onde Maddie está!

Ryder. Está acordado!

Esquecendo meu cansaço, corri pelo corredor, deixando marcas de lama das minhas botas. Meu cachecol se balançava, movendo os pontilhados fios contra minhas costas ao correr. Em segundos, estava de pé na porta aberta, olhando fixamente a cena frente a mim.

O calor do improvisado aquecedor me rodeou enquanto permanecia de pé na soleira, esquentando meu nariz e queixo. Eva estava de pé junto à cama com as mãos em seus quadris, olhando furiosamente para Ryder enquanto punha suas pernas de lado da cama. Apoiou-se em seu lado ferido e a agonia retorceu seu rosto.

— Está acordado, Maddie — soltou Eva — E volta a ser o Príncipe Encantador. Que sorte.

Os olhos do Ryder encontraram imediatamente os meus. Vi o alívio cruzar por seu rosto, apagando sua preocupação.

— Maddie — disse; sua voz estava cheia de emoção. Seus olhos deslizaram por meu corpo, garantindo que estivesse bem. Estendeu os dedos em seu colo, com as palmas estendidas, de alguma forma me implorando que me aproximasse.

Vi sua mão e escutei a súplica em sua voz, mas não podia me mover. Só queria permanecer ali e olhar para ele. Precisava olhar para ele.

Seu cabelo estava mais longo. Novas manchas loiras estavam entrelaçadas com o castanho, me fazendo pensar que tinha estado sob a luz do sol por longos períodos de tempo. Escassos cachos se curvavam contra seu pescoço, dando a ele um aspecto inocente que eu sabia que era uma fachada. Uma grossa barba cobria a maior parte de seu rosto, fazendo-o parecer um estranho. Foram os brilhantes olhos azuis os que me disseram que era ele realmente.

— Diabos, Maddie, diga alguma coisa. Por favor. Parece como se tivesse visto um fantasma. Está me assustando, porra — disse roucamente.

Soube então que estava de volta. As grosserias nunca soaram tão doces. *Meu homem imperfeito estava em casa.*

Em segundos, eu estava em seus braços.

— Pensei que tinha te perdido — disse, enterrando meu rosto em seu pescoço. Seu aroma girou em torno de mim, me recobrindo de comodidade. *Quero ficar aqui para sempre. Em seus braços. Contra seu corpo.*

Suas mãos se moveram ao redor de minha caixa torácica, me aproximando mais. As lágrimas deslizaram por meu rosto enquanto seus dedos se estendiam, abrangendo meu corpo e me aproximando ainda mais, precisando me abraçar tanto quanto eu precisava ser abraçada.

Estendendo as pernas, embalou-me contra seu corpo, dureza contra suavidade. Suas mãos se moveram de cima para baixo por minhas costas, sentindo cada centímetro de meu corpo. Suas coxas descansavam contra meus quadris, me mantendo como refém entre suas pernas.

— Merda, Maddie, senti saudades — disse com voz rouca. Suas mãos se deslizaram até os lados de minha cabeça, enrolando seus dedos em meu cabelo — Está bem? Eva não queria me dizer onde estava.

Assenti.

— Estou bem. Mais do que bem — disse em um sussurro. Através das lágrimas que corriam por meu rosto, olhei em seus olhos. Olhos limpos de febre. — Eu estava tão assustada, Ryder. Pensei que tinha morrido.

— Não chore — disse e apagou com seu polegar uma lágrima que corria por minha bochecha — Voltei, como eu te disse.

Limpei minhas lágrimas, deixando certamente uma mancha em meu rosto.

Suas mãos caíram para a parte da frente do meu casaco. Segurou as lapelas com força e me aproximou. Seus olhos deslizaram até minha boca e deixou escapar um gemido.

A princípio, pensei que o gemido era por desejo, mas então fez uma careta. Soltando meu casaco, tocou sua costela. Escutei ele puxar ar quando sentiu a dor. A camisa de flanela estava desabotoada, deixando seu peito descoberto. Podia ver as tatuagens que decoravam um lado de seu corpo, descendendo até desaparecer debaixo do curativo branco envolto em sua cintura. Um curativo que já não era branco.

— Está sangrando! — exclamei, afastando sua mão para examinar as manchinhas de sangue no curativo.

Quando não disse nada, elevei o olhar para vê-lo, temendo encontrar de novo seus olhos cheios de ira desconhecida. Ao invés disso, estudava-me com olhos claros que pareciam ver através de mim.

— Não estava aqui quando acordei — sussurrou brandamente.

— Estou aqui agora.

Uma de suas mãos embalou meu queixo. Esfregou meu lábio inferior com seu polegar e sua pele calosa era áspera contra meu lábio.

— Não posso acreditar que esteja aqui, te tocando — disse parecendo cansado, enquanto olhava minha boca.

— Sei. Senti muitas saudades — sussurrei; as lágrimas encheram de novo meus olhos.

Removi brandamente sua mão. Quando comecei a tirar o curativo, respirou fundo. Mordi o lábio inferior, lutando com a necessidade de afastar a agonia que vi em seu rosto.

— Deve se deitar antes que tire os pontos — disse, colocando o curativo em seu lugar.

— Quanto ruim é? — perguntou com os olhos em mim.

— Sua mãe tirou a bala, mas perdeu muito sangue.

— Quase te perdemos — intercedeu Eva, colocando-se a meu lado

O olhar de Ryder deslizou até ela; suas mãos nunca soltaram as minhas.

— Está bem, Eva? — perguntou.

Ela mudou seu peso de um para o outro, olhando o chão e então o teto. De repente, correu até o Ryder, laçando-se para ele.

— Obrigada — disse, o abraçando — Nunca esquecerei o que fez por mim. Nunca.

Ryder bateu em suas costas sem jeito.

— Faria de novo, Eva.

Ela se afastou e puxou ar.

— Amo você em uma forma retorcida de amor e ódio. Como amigos, você entende.

Ryder limpou a garganta.

— Sim, eu também.

Parecendo satisfeita e um pouco atordoada, Eva se afastou.

— Quanto tempo estive inconsciente? — perguntou.

— Quase duas semanas — respondi.

— Merda — amaldiçoou. Começou a soltar palavrões quando a dor o atingiu de novo.

— Por que não se deita? — sugeri, me afastando para dar espaço a ele. Antes que me afastasse muito, esticou as mãos e agarrou meu pulso. O calor de seus dedos viajou por meu braço para descer até o centro de meu corpo.

— Eva, poderia nos deixar sozinhos? — disse Ryder, com olhos ardentes.

— Por que? O que vão...? — Um canto de sua boca se curvou em um sorriso — Oh.

Ryder a ignorou enquanto seus olhos deslizavam de cima abaixo por meu corpo, parando em meus seios. Minha barriga de quatro meses de gravidez estava oculta pelas camadas de roupa que usava para mantê-la abrigada. Ainda não se notava muito, mas o tempo lhe diria a verdade.

Eva deixou o quarto, fechando a porta silenciosamente atrás de si. Era a primeira vez que Ryder e eu ficamos sozinhos sem que a febre se interpusesse entre nós, o deixando inconsciente de tudo. Éramos só nós dois. Estava nervosa, excitada e assustada, tudo de uma vez.

— Ryder, por favor, se deite. Não poderei suportar que fique doente de novo — implorei, pondo uma mão em seu peito.

— Ainda não. Preciso fazer uma coisa. — Me puxou para ele. Não estava preparada para a força em suas mãos.

Minha respiração saiu em um assobio quando caí contra ele. Suas fortes coxas me capturaram, me mantendo no lugar.

— Ryder, o que está fazendo? Vai se machucar — disse, sem fôlego. Não respondeu. Moveu uma de suas mãos para meu quadril, me segurando. A outra deslizou debaixo de minha trança, agarrando meu pescoço.

— O que está me machucando é não fazer isto — disse.

Antes que pudesse me dar conta do que quis dizer, sua boca estava sobre a minha. Sua abundante barba esfregou contra meu queixo, áspera

contra minha pele sensível. Seus lábios capturaram os meus, tomando o que sentia saudades e necessitava. Sensações dispararam dentro de mim. Calor, necessidade, fogo e paixão. Todas ali, construindo-se em algum lugar na parte baixa de meu corpo e movendo-se para cima.

Pela primeira vez em meses, me senti viva.

Gemi enquanto sua boca se inclinava contra a minha, demandando mais. Meus lábios se abriram, dando a ele o que queria.

Soltei um gemido de decepção quando sua mão me abandonou, mas não tive que esperar muito para que voltasse para mim. Com um puxão, tirou meu gorro e o lançou através do quarto. Assim que meu cabelo estava livre, seus dedos deslizaram através dele, se enrolando entre os fios.

Quando sua língua entrou em minha boca, fiquei louca. Minhas mãos se moveram por seu peito nu, sentindo o calor nas pontas de meus dedos. Podia sentir seus músculos delineados, me lembrando que poderia ter perdido peso no campo de prisioneiros, mas que ainda era forte, construído para lutar.

— Tire isto — chiou contra minha boca, puxando meu casaco — Tenho que te sentir. Te tocar. Deus, tenho que ter certeza de que é real e não estou sonhando.

Congelei. *Quer que tire o casaco. Isso era tudo. Tinha chegado o momento da verdade. O momento em que descobriria que ia ser pai*.

Sua boca cobriu a minha de novo, mais urgente dessa vez. Enquanto me beijava, estiquei as mãos para desabotoar o casaco que usava.

— Só podia pensar em você, Maddie. Estava em minha mente dia e noite. Podia ver seu rosto. — Sua boca baixou até minha mandíbula, deixando um rastro de umidade. Seu polegar deslizou até debaixo da gola da minha camisa, esfregando minha clavícula e enviando um calafrio através de mim.

Tirei um botão de seu buraco, tentando me concentrar nisso, mas com seus lábios nos meus, o desejo chegava a níveis perigosos.

— E seu cabelo. Podia senti-lo em minhas mãos. Lembrar dele envolto ao redor de meus dedos enquanto estava profundamente em seu interior — chiou contra meu pescoço, tirando a tira do final de minha trança. Muito devagar, desfez minha trança. Quando meu cabelo estava solto e caindo em minhas costas, colocou seus dedos através dele.

Reclinei a cabeça para trás enquanto sua boca formava um quente caminho até meu pescoço. Seus dedos se apertaram em meu cabelo, segurando minha cabeça enquanto saboreava minha pele.

Com os olhos fechados, respirava pesadamente. Agora, minhas mãos tremiam, deixando que meu casaco deslizasse até suas coxas.

— E seus lábios. — Sua boca retornou à minha, esfregando-se contra meus lábios — Merda, Maddie, lembrar de seus lábios me mantinha duro durante as noites.

Sua boca tomou grosseiramente a minha, me forçando a separar os lábios. Gemi, encontrando sua língua com urgência. Se encarregando do trabalho, desabotoou outro botão.

— Pensar em você me manteve vivo — sussurrou.

Assim que desabotoou o último botão, tirou o casaco de meus ombros. Parecia com um atoleiro a meus pés, cobrindo minhas botas e enredando-se ao redor de minhas pernas. Não me cobria com nada mais que camadas de camisas.

Seus dedos alcançaram o primeiro botão da minha camisa enquanto sua língua se deslizava em minha boca, me enchendo. Não podia resistir. Minhas mãos viajaram até seu cabelo, enrolando-se nos longos fios e aproximando-o.

Quando gemeu, não com necessidade, mas sim com dor, a preocupação me congelou.

— Não podemos fazer isto, Ryder — disse, afastando meus lábios dos seus.

Seguiu-me, inclinando-se sobre a beirada da cama para seguir minha boca.

— Ao diabo se não podemos — grunhiu, agarrando a parte de trás da minha cabeça e me puxando para ele.

Sua boca pousou na minha enquanto suas mãos foram de novo para minha camisa. Em questão de segundos, tinha-a desabotoado por completo.

Chegou o momento de dizer a ele.

— Ryder, tenho algo para te dizer — disse para ele, me afastando e odiando cada segundo disso.

— Mais tarde. Preciso de você — disse, agarrando meu cabelo solto em uma mão e me aproximando mais.

— Uma ferida de bala não vai te deter? — perguntei com um sorriso.

— Com você não, baby.

Ao ouvir suas palavras, enrolei meus dedos em seu cabelo, colocando sua boca de novo na minha. Grunhiu quando o beijei e suas mãos foram para meus quadris.

Agarrei uma de suas mãos. Com meus dedos ao redor de seu pulso, comecei a levá-lo pouco a pouco para minha barriga. Meu coração acelerou e minhas mãos tremiam. Era isso. *O que ele dirá?*

Ele já quase tocava minha barriga exatamente quando a porta do quarto se abriu.

Sua mãe estava na porta, com lágrimas nos olhos. Atrás dela, estava Roger, com um boné de beisebol na mão e passando de um pé a outro, nervoso.

— Mãe. Pai. — disse Ryder, levando a mão até meu quadril, para me manter perto.

Assim que a nomeou, Janice entrou no quarto, enquanto os soluços sacudiam seu corpo. Me afastei de Ryder, deixando o lugar para ela, que

cruzou o quarto até ele. Em segundos, lançou os braços a seu redor, segurando ele certamente como fazia quando era um menino.

— Ryder, Oh, querido — sussurrou, alisando seu rebelde e longo cabelo.

Ele envolveu os braços ao redor de sua magra figura, olhando por cima do ombro a seu pai. Roger permaneceu na porta, olhando para sua esposa e filho com cuidado.

— Está bem, mãe — disse com uma voz suave.

Janice soprou e se afastou, mantendo as mãos apoiadas sobre seus ombros.

— Acreditávamos que não conseguiria. A febre subiu e....

— Estou bem — interrompeu Ryder, me olhando nos olhos — Nunca estive melhor.

Suas palavras enviaram um calafrio através de mim. A necessidade que vivia entre nós era tão forte agora como sempre foi. O tempo não podia mudar isso. Nada podia.

Janice afastou o cabelo da testa dele. Uma imagem dela fazendo isso quando ele tinha quatorze anos passou por minha cabeça. Ryder sempre se zangava, dizendo que já não era um bebê. Em resposta, dizia a ele que sempre seria seu bebê. Agora, compreendia que significava mais que algo que uma mãe dizia a seu filho.

Durante dez ou quinze minutos, ele falou com seus pais, dando a eles a segurança de que se sentia bem. Janice escutava, mas suas sobrancelhas estavam muito franzidas pela preocupação. Percebi que queria dizer algo mais e finalmente, disse.

— Está bem. Não poderia pedir mais, mas há algo que deve saber, Ryder. Algo que deveria ter dito a você há muito tempo. Tinha tanto medo que te machucasse e fosse embora. — limpou a garganta e as lágrimas faziam seus olhos mais brilhantes — Quando pensei que estava morto, quase morri

também. Sentia tanta culpa, tanto que não tinha te contado. É hora de que saiba a verdade.

Ryder se manteve a seu lado e tentou se sentar, de repente muito alerta.

— O que está acontecendo?

Me senti incômoda, como espiando um momento muito privado. Estava saindo quando Janice me deteve.

— Fique, Maddie. Por ele.

Assenti, sentando em uma cadeira próxima. A mesma cadeira em que me sentei quando Ryder sangrava depois que o trouxemos para casa.

Respirando fundo, Janice contou tudo a ele. Falou de sua irmã, a verdadeira mãe dele. Como ela tinha problemas com as drogas e o álcool e sempre se metia em problemas. Descreveu todos os anos que tentou ajuda-la, a agonia de não saber onde estava na maior parte do tempo. Explicou a ele sobre a ligação que recebeu e a noite em que o levou do hospital para casa, na qual ele se tornou seu filho.

Ryder manteve os olhos em sua mãe, sem mover nem um músculo enquanto ela falava.

— Amava você, Ryder, da maneira dela. Não quero que pense mal dela. Simplesmente não sabia como criar outro ser humano — disse, em voz baixa — Tinha problemas e sabia que não podia ser a mãe que precisava.

Sua mandíbula se apertou mais forte sob sua espessa barba. Pude ver em seus olhos o quanto ferido se sentia, escondendo isso por trás da habitual dureza.

— Você é nosso filho em todos os sentidos da palavra — acrescentou Roger — Não esqueça.

A boca de Ryder era uma linha sombria e seus olhos se endureceram quando deu uma olhada de sua mãe a seu pai.

— Mas não sou seu filho. Parece que sou igual a ela. Tenho a necessidade de brigar e beber e de me irritar com todo mundo. — Sacudiu a

cabeça, aborrecido — Por que diabos não me disse isso? Isso explica tudo, maldito seja.

Roger se afastou do batente da porta.

— Não, não explica! Você é quem é. Toma suas próprias decisões. Quer sair e se embebedar, faz isso. Não por causa de seus malditos genes!

Janice ficou de pé, endireitando os lençóis e as mantas da cama em um gesto nervoso.

— Sei que é impactante e que devia ter dito isso antes, mas é meu filho embora não tenha dado a luz. Sempre será meu filho — disse.

Ryder assentiu, apertando em punhos suas mãos.

— Entendo — disse com aspereza.

Por uns momentos, ninguém falou. O silêncio no quarto era muito pesado, por isso me retorci em meu assento. Ao saber que isto tinha feito mal a ele, queria ir até Ryder, mas fiquei sentada.

No final, Roger fez um gesto para Janice.

— Vamos dar a eles um pouco de espaço, querida — disse — Acredito que talvez precisem.

Ela olhou para Ryder a contra gosto, com indecisão em seu rosto, mas Roger pegou sua mão e a levou para fora do quarto.

Depois de fechar a porta, não estava muito segura do que fazer. *Esta é uma notícia que muda sua vida. Queria ficar sozinho? Deveria deixá-lo em paz? Ficar aqui?*

Ryder fechava os punhos, fazendo com que crescessem os músculos sob sua camisa.

— Você sabia? — perguntou, com os olhos fixos à frente.

— Ela me disse isso no dia que te encontramos — respondi.

Esfregando o rosto, suspirou.

— Maldita seja — sussurrou.

Essa palavra continha tanta dor como angústia e tive que ir até ele. Apressada, aproximei-me da cama. Quando estava o suficientemente perto, me alcançou, me puxando entre suas pernas.

Por um momento, nos abraçamos. Suas mãos embalavam minha cabeça enquanto meus dedos pousavam na pele quente de seu pescoço.

Depois do que pareceu uma eternidade, afastou meu cabelo do pescoço, deixando meu ouvido descoberto.

Baixando a cabeça, seus lábios roçaram a delicada pele do lóbulo de minha orelha enquanto sussurrava em meu ouvido:

— Obrigado por me suportar todos estes anos. Não teria sobrevivido a toda esta merda louca sem você.

Suas mãos vagavam por minhas costelas, parando em meus quadris. Seus lábios se afastaram, abandonando meu ouvido.

Agarrei sua cabeça. Ao virar seu rosto para mim, baixei meus lábios aos seus.

— Amo você, Ryder — sussurrei contra sua boca.

Um gemido foi sua resposta quando meus lábios se abriram sob os seus.

Estávamos sozinhos. Agora era o momento de dizer a ele sobre o bebê, mas não pude. Acabavam de dizer a ele que toda sua vida era uma mentira, que foi adotado. Contar que ia ser pai um pouco depois disso parecia muito rápido. Diga o que quiser, mas não podia pronunciar as palavras.

Sua mão deslizou sob minha camisa, tocando meu quadril nu. Ele poderia estar ferido e eu poderia estar escondendo minha gravidez, mas o queria. Nada teria parado isso.

Movia sua mão para meu abdômen quando a porta abriu de novo, detendo-o.

Arranquei meus lábios dos seus. *Todo mundo tinha se esquecido de como bater na porta?*

— Merda. Estou ocupado, Gavin — disse Ryder, tirando sua mão da minha camisa quando viu seu irmão de pé na soleira.

— Bom, diabos. Olhe quem se levantou da tumba — brincou Gavin enquanto entrava no quarto — O todo-poderoso Ryder.

Tentei me afastar e deixar os dois irmãos se reencontrarem, mas Ryder me manteve a seu lado, negando-se a me deixar ir.

— Como está? — perguntou Gavin, parado na beirada da cama. Pondo sua mão sobre o ombro de seu irmão, deu a ele um bom e firme tapinha.

— Já estive melhor*, irmão*, ou devo dizer primo? — disse Ryder, em voz baixa.

— Então mamãe te disse? — perguntou Gavin, apagando seu sorriso.

— Sim. Uma merda, não?

— Sim. — ele coçou o queixo barbudo, parecendo desconcertado. Pôs as mãos nos bolsos traseiros e limpou a garganta — Me disse isso a uns dias, mas toda essa merda não importa. Continuamos sendo irmãos, Ryder.

— Bom, me importa. Outro segredo que não saiba? — perguntou Ryder, com olhos penetrantes.

Gavin esfregou a ponta do nariz e me olhou. Esperei que dissesse as palavras que o destruiriam: *Beijei Maddie*. Prendi a respiração, rezando para que Ryder não nos odiasse ao escutar, mas não disse nada.

Afastei os olhos ao mesmo tempo em que Gavin se moveu e se concentrou em suas botas. Ryder nos olhava, passando os olhos de Gavin para mim.

— E vocês dois? — perguntou, afastando suas mãos de mim — O que é que não estão me dizendo? — A dureza afiava sua voz e seus olhos se tornaram frios; um olhar que reconheci muito bem.

— Nada — respondeu Gavin, me olhando de novo.

— Por que não acredito em você? — replicou Ryder. Como uma criatura que se camufla para sua proteção, vi ele ocultar suas emoções, as

cobrindo com ira e rancor. Estava se afastando de mim, arrastando uma cortina sólida a seu redor para que ninguém pudesse chegar até ele.

Encolhendo-se, Gavin se virou, mas a culpa se encontrava escrita por todo seu rosto. Diferentemente de seu irmão, não podia ocultar suas emoções tão bem e, geralmente, levava seu coração na manga. Agarrou uma cadeira de descanso no canto do quarto e a levou junto à cama. Deu a volta e se sentou escarranchado sobre ela, frente a Ryder.

— Vamos ao importante — disse, cruzando os braços sobre o encosto — O que aconteceu lá fora?

— Que parte quer ouvir? A parte onde atiraram em mim e depois me arrastaram a seu buraco do inferno ou onde me espancaram e me deixaram ensanguentado para que as moscas se banqueteassem — perguntou Ryder, sem rodeios.

Todo o sangue foi drenado do meu rosto. De repente, tinha que me sentar, por isso me abaixei em uma cadeira. Sabia que Ryder foi espancado. Suas costas era um entrecruzado de marcas e cortes, colocado ali por algum chicote ou corrente. Grandes hematomas se cruzavam com as marcas, com o tamanho perfeito do punho de um homem. Tinha sido espancado, torturado, baleado e dado por morto. Era um milagre que continuasse vivo, mas era horrível ouvir ele falar do que aconteceu.

— Quantos soldados estavam no acampamento? — perguntou Gavin, parecendo como se estivesse em uma interrogação militar.

Deu de ombros.

— Não sei. Se tivesse que adivinhar, diria que uma centena, mas iam e vinham, então não posso ter certeza.

— Quantos prisioneiros?

— Cinquenta? Sessenta? Estava inconsciente a maior parte do tempo, então não tenho ideia — respondeu Ryder.

— Armas?

— Tudo o que possa imaginar. Metralhadoras, granadas, bazucas. Também tinham geradores. Um com a maldita energia suficiente para iluminar um edifício.

— O que acontece...?

— Hey, Gavin, por que não te digo simplesmente a merda que passei. Se for me fazer um punhado de malditas perguntas, ficaremos aqui toda a noite. – Olhou para mim, baixando o olhar para meus lábios — E tenho que fazer coisas mais importantes.

— Então cuspa — disse Gavin, endurecendo sua voz ao mesmo nível da de Ryder — E vou deixar que volte para suas coisas.

Me deu um olhar de desgosto.

— Quer saber o que aconteceu? Merda foi o que aconteceu. Me espancavam pelo menos duas vezes por dia com tudo o que podiam ter à mão. Arames, tubos, correntes. Não importava. Me deram pão cheio de vermes e água que parecia urina. Cheirava muito mal. — passou uma mão da nuca até o pescoço e o movimento recordou a alguém nervoso e incômodo com a conversa — Tentaram algum tipo de merda de tortura mental, como algo saído de um maldito filme. E demônios, funcionou. Tinha medo de dormir. Os pesadelos eram muito horríveis. Não posso garantir que tenham parado.

Me movi no assento, sentindo angústia ao lembrar todas as noites que acordava gritando e agitando-se como se lutasse contra alguém. Pensei que fosse devido à febre que fazia estragos em seu corpo, mas agora sabia que era os pesadelos que o atormentavam.

Ryder passou uma mão pelo cabelo, depois em sua barba, parecendo incômodo por falar disto.

— O que é isto em meu rosto? — perguntou, coçando bochecha — Esta merda pinica. Preciso de uma navalha.

— Mais tarde. Precisamos dos detalhes antes que mais bastardos apareçam aqui — disse Gavin, cada vez mais impaciente.

Segurando seu lado lesado, Ryder se endireitou e todo seu humor desapareceu.

— Mais? Que diabos aconteceu enquanto estive inconsciente?

— Não se lembra?

— Não lembro uma merda — admitiu, notavelmente irritado — Tudo o que sei é que me balearam e cheguei em casa me arrastando. A última coisa que lembro é de ver Maddie. Está dizendo que aconteceu alguma coisa enquanto estava na cama como um inválido?

— Se acalme. Vai puxar os pontos se te exaltar — queixou-se Gavin. Ele pôs as mãos em seus ombros e me deu uma olhada.

— Faz uns dias, diabos, talvez mais, um deles veio para te buscar. Encontraram Maddie — disse.

— Maldito seja — murmurou Ryder, virando os olhos para mim — Está bem?

— Estou inteira então, sim, estou bem — respondi, sentindo o rubor se arrastar até meu pescoço enquanto me avaliava com seus olhos.

Começou a dizer algo mais, mas Gavin o interrompeu.

— De algum modo, saiu e disparou uns tiros. Pôs uma bala no ombro do homem, mas se foi. Não podemos encontrar nem um cabelo dele. Nenhum maldito rastro.

— São uns filhos da puta ardilosos — disse Ryder.

— Então, o que é que querem? — perguntou Gavin.

Vi como trabalhava a mente de Ryder. Seus olhos ficaram em mim um segundo mais antes de responder Gavin.

— Querem me matar. Me enforcar pelo que fiz — disse, sombriamente.

— O que fez? — perguntou.

A dureza estava de novo em seus olhos, unindo-se com a frieza.

— Matei seu maldito líder.

— Oh, merda! — disse Gavin entre dentes; seu corpo desinflando-se.

— Acreditaram que tinha morrido e foram me enterrar em um lado da prisão. Uma vez que cruzamos a maldita cerca que rodeava o lugar, matei o filho da puta. Aproximou-se o suficiente para poder tirar sua arma e disparar no peito. No caos escapei, mas não sem uma bala como presente de despedida. — Respirou fundo e soltou o ar em um assobio — vão voltar. É só questão de tempo. Armei um alvoroço e agora virão em busca de sangue.

Gavin beliscou a ponte do nariz, parecendo exausto.

— Vamos ter uma briga logo.

— Já a temos. No momento em que pus um pé perto de seu acampamento, desenhei um alvo em nossas costas. E agora os trouxe diretamente a Maddie — disse, odiando-se a si mesmo — Coloquei todos em perigo.

— Não se eu tiver algo a dizer a respeito — declarou Gavin — Vamos nos refugiar e lutar.

Tentei escutar enquanto falavam de estratégia, mas não podia manter os olhos abertos. Já estava quase dormindo quando a voz profunda de Ryder retumbou por todo o quarto.

— Obrigado por mantê-la a salvo.

— Disse a você que faria isso — respondeu Gavin.

Mantive os olhos fechados, vagando nesse lugar entre o sono e a vigília.

— Se alguma coisa acontecesse com ela — disse Ryder em voz baixa — poderia ter partido em dois com minhas próprias mãos.

— Não aconteceu nada. Ela está bem.

— Mas se não estivesse, se estivesse ferida ou pior... demônios, não posso nem sequer pensar nisso. Brigarei com cada maldito terrorista para proteger ela. Ela é....

— Ama ela, entendo — resmungou Gavin.

— Significa mais para mim que só alguém que amo. Muito mais.

Capítulo 16

Algo empurrou o lado de meu corpo. Me encolhi mais debaixo dos lençóis, mais perto do calor ao meu lado. Meu queixo e nariz estavam intumescidos do frio. Coloquei as pernas mais perto de meu peito e envolvi os braços ao redor de minha cintura, me sentindo contente e em paz. No fundo da minha mente, me perguntava quem tinha me colocado na cama, mas não importava. Sentia-me mais quente sob os lençóis do que na cadeira, então não iria me queixar.

Alguém me empurrou de novo, mas desta vez foi mais forte. Abri os olhos, mas o quarto estava em escuridão total.

O que está acontecendo?

Notando alguém atrás de mim, comecei a me virar quando de repente, um punho voou pelo ar, me golpeando no braço.

Gritei e deslizei até a beirada da cama. A frieza se apoderou de mim, fazendo com que o quarto parecesse mais um quarto de refrigeração do que um dormitório. Meus olhos se acostumaram à escuridão rapidamente. Vi a silhueta de uma pessoa deitada ao meu lado, gemendo e agitando-se, chutando os lençóis.

— Ryder? — me aproximei, tocando seu braço.

Ele se estremeceu, movendo a cabeça para trás e para frente no travesseiro.

— Naaaaaão! — gritou com os olhos fechados, afastando-se de mim.

— Ryder — disse mais forte, o sacudindo. Estava me assustando. Chutou, passando suas pernas muito perto de meus pés. Seu grande punho balançou no ar, quase me golpeando na cabeça.

A luz da lua iluminou a brancura do curativo que rodeava sua cintura. *Se não o acordar, os pontos vão abrir.* Ignorando a ameaça para mim, fiquei de joelhos. Me arrastando mais perto, tentei agarrar seus braços e detê-lo, mas lutou, brigando contra mim.

— Ryder! Acorda! — gritei, tentando acorda-lo.

Grunhiu, com os olhos ainda fortemente fechados.

— Tente me matar, seu bastardo — rugiu.

De repente, seus olhos se abriram, mas continuavam aturdidos, nublados. Vi o suor frio em sua testa, mas senti o calor emanando de seu corpo.

A febre voltou.

Com outro grunhido, agarrou meus pulsos com uma mão e me derrubou sobre minhas costas, rodando em cima de mim. Respirando com dificuldade, olhou para mim, me sujeitando por debaixo dele. Lembrei suas palavras de antes, ao descrever os pesadelos que continuava tendo. Então soube que não estava vendo a mim, mas sim o pesadelo que o torturava.

— Ryder, sou eu. Maddie — disse com a voz tremendo, suplicando que acordasse. Tentei mover os pulsos de suas mãos, mas tinha um firme controle sobre mim.

Seus olhos não reconheciam nada. Não me reconhecia. Não estavam vigilantes. Só a febre e o delírio.

Transferindo meus pulsos para uma mão, deslizou lentamente a outra por meu braço. Seu toque era áspero, seus dedos eram agressivos.

Respirava com força, ainda deitada debaixo dele. Tinha medo de me mover, de o assustar mais.

— Ryder? — Esperava que o som de minha voz o acordasse. Parecia acalmá-lo. Por que não agora?

Seus dedos roçaram minha clavícula, movendo lentamente para cima.

— Ryder, acorda — disse, me movendo debaixo dele.

Um grunhido brotou de sua garganta enquanto seus dedos se estendiam ao redor de meu pescoço, envolvendo-os facilmente ao redor de minha garganta com uma mão só. Comecei a sentir um pouco mais de pressão à medida que seus dedos se cravaram em meu pescoço. Envolvi os dedos ao redor de seus pulsos e tentei afasta-lo, mas ele era forte, muito para mim.

Gritei. Era a única coisa que eu sabia fazer. Esta pessoa em cima de mim não era Ryder e sim, um estranho. Um homem atormentado por demônios do que tinha visto e feito.

Fechei os olhos, porque não queria que acontecesse isto. Não queria vê-lo assim. Senti-lo me tocando assim. Eu o amava. A violência da guerra não ia se interpor entre nós e tirar de mim o homem que conhecia.

— Ryder, pare. — Engasguei, temendo que apertasse mais seus dedos. Ele só grunhiu, enquanto seu corpo ardia de febre.

Gritei por ajuda e imediatamente escutei o correr de uns pés no corredor. Um segundo mais tarde, a porta do dormitório se abriu com força, golpeando a parede.

— Que demônios! — gritou Cash, correndo para dentro. Gavin e Brody o seguiram de perto, dispostos a lutar contra a ameaça imprevista. Em questão de segundos, Cash o tirou de cima de mim, jogando ele no outro lado da cama.

Me sentei, olhando com temor como segurava Ryder, praticamente sentado em cima dele.

— O que está acontecendo? — gritou Gavin, balançando sua lanterna e iluminando a cama.

— A febre voltou! — disse a ele, me pondo de joelhos enquanto as lágrimas rodavam por minhas bochechas — Ajude ele!

Ryder movia os punhos, golpeando a lateral da cabeça de Cash. Quando ele foi jogado de lado, Brody pulou em cima de Ryder, sujeitando-o antes de que pudesse escapar.

Gavin se uniu à briga, gritando:

— Saia daqui, Maddie!

Meus olhos piscaram para Ryder, vacilante em deixa-lo. Sua mandíbula parecia dura e a dor empalideceu seu rosto, mas foi o vazio em seus olhos o que me assustou. Continuava perdido em seu pesadelo, lutando contra as forças invisíveis.

— Maddie, vá! — gritou Gavin, enquanto seu cabelo escuro caía em seus olhos.

Fiquei ao lado da cama, enrolada entre os lençóis por um segundo. Minhas pernas tremiam, quase negando-se a me manter em pé.

— Segure ele, Brody! — gritou Gavin quando Ryder começou golpear de um lado a outro, gritando a respeito de matar alguém e escapar.

Sem ser capaz de ver mais, saí do quarto. Seus gritos ecoaram arás de mim. Me enchendo de dor, rasgando minhas vísceras. No corredor, passei por Janice. Vestida com um pijama de flanela, um casaco grosso e um gorro de lã, correu até mim.

— Ryder? — perguntou, sem fôlego.

Concordei, aturdida e petrificada no corredor escuro. Não dei atenção a Roger quando passou perto de mim. Obriguei-me a pronunciar as palavras quando Eva parou na minha frente, exigindo saber se estava bem.

Apoiando-me contra a parede, coloquei uma mão sobre minha barriga, sentindo o ligeiro arredondamento. A escuridão da casa me tragou e me deixou fria e sozinha. Bloqueei os ruídos provenientes do quarto, os sons da luta. Sons de pesadelos e dor. Fechei os olhos, me obrigando a respirar fundo pelo nariz.

— Está bem — sussurrei para meu bebê e para mim — Vai ficar bem. Ele vai ficar bem.

Só esperava que fosse verdade.

***

Uma hora mais tarde, alguém me sacudia o ombro, em um intento de me acordar. Obriguei-me a abrir os olhos.

Estava sentado a meu lado no sofá, o olhar sombrio e ombros largos na escuridão do quarto. De algum jeito, sabia que não era Ryder. Meu corpo não cantarolava e meu coração não revoava como fazia quando estava por perto.

— Você está bem? — perguntou Gavin, me observando na escuridão da sala.

Sentei-me, colocando os pés debaixo de mim e tirando meu cabelo dos olhos.

— Sim — respondi e levei a mão à garganta, para tocar a pele sensível ali.

— Tem certeza? Deixou hematomas? — perguntou, ao ver que esfreguei minha pele.

— Não. Ele pôs sua mão ao redor de minha garganta, mas não me fez mal. Era como se algo o impedisse de apertar muito.

Apoiando os cotovelos sobre os joelhos, Gavin soltou um profundo suspiro, parecendo cansado.

— A febre voltou.

— Os pontos abriram? — perguntei.

— Não.

— Foi um dos pesadelos — disse a ele, precisando tranquilizar a nós dois.

— Sei. Mamãe e eu conversamos... Acreditamos que tem transtorno de estresse pós-traumático, Maddie. Tem todos os sintomas clássicos. Os pesadelos, ver coisas que não estão ali. Lembra como estava Eva ao voltar? Bom, pense no gênio ruim normal de Ryder e acrescente ser espancado e passar fome durante semanas. Poderia romper a qualquer um. Inclusive Ryder.

— Talvez seja só pela febre. Estava muito bem esta tarde. Mesmo depois de inteirar-se de sua adoção, parecia estar bem — disse a ele.

— Não estava. Quando adormeceu, ele... bom, ficou louco. Papai entrou na casa e fechou a porta. Suponho que o ruído provocou alguma coisa. Ryder enlouqueceu, dizendo que alguém atirou nele. Tinha um olhar selvagem. Nunca o tinha visto assim, Maddie — disse Gavin, claramente chateado.

Ryder sempre foi o forte, que salvava os outros. Vê-lo assim era difícil, quase impossível de suportar. Onde estava o homem que ameaçava ferir qualquer um que me olhava errado? Que não conhecia o medo?

— Já falei com papai a respeito de veteranos que retornam da guerra com transtorno de estresse pós-traumático. Parece igual. Assustam-se por um ruído forte. Os pesadelos. Pode ser que ele não seja um soldado, mas foi para a guerra.

— E continua ali — acrescentei.

Lá fora, o vento soprava, fazendo vibrar as janelas. Parecia apenas com vontade de entrar. Tirei meus pés debaixo de meu corpo e me levantei, sabendo onde deveria estar agora.

— Aonde vai? — perguntou Gavin, me olhando.

— Voltar para a cama — respondi, caminhando diante dele.

Gavin se levantou de um salto, me seguindo através do quarto.

— Não acho que seja seguro.

— Não vai me fazer mal, Gavin.

— Mas não é ele mesmo.

Me virei para enfrenta-lo.

— Ryder pode ser frio e difícil de lidar, mas nunca me faria mal. Não vou deixa-lo sozinho. Vou dormir na cadeira se for necessário, mas não vou renunciar ele.

— Só dê tempo a ele, Maddie.

Isso era fácil, porque tinha todo o tempo do mundo.

Capítulo 17

A febre persistiu e os pesadelos também. Insisti que deviam ser pela febre que fazia estragos em seu corpo. Gavin insistiu que era o transtorno de estresse pós-traumático. Não concordávamos, mas não dissemos a Ryder. Se ele soubesse que me atacou naquela noite... bom... tinha medo do que isso faria com ele.

Dois dias mais tarde, sacrificamos outra vaca. Era um trabalho sujo e asqueroso, mas tivemos carne suficiente para aguentar todo o inverno. Duas vacas leiteiras percorriam os campos, ruminando brandamente durante o dia e ficando no curral a noite.

Enlatamos a última carne, escondendo um pouco na salinha sob o chão do estábulo. O resto foi escondida no celeiro, onde se manteria fria durante o inverno.

Desde cedo, tinha trabalhado lá fora, mantendo o fogo o suficientemente quente para ferver os frascos de vidro, avermelhando minhas mãos e queimando meus dedos. Perto do entardecer, por fim, me arrastava até a casa, um passo de cada vez. Abri a porta de trás e me apoiei contra o portal, tentando encontrar a energia suficiente para entrar. Descansei minha cabeça contra a pintura descascada da porta e fechei os olhos, deixando que a escuridão se deslizasse pela minha visão. *Poderia dormir de pé, pensei. Seria muito mais fácil que caminhar pelo corredor.*

Os sons de atividade na casa me fizeram abrir os olhos, voltando para a consciência. Me afastei da porta, quando um bocejo abriu caminho entre meus lábios. Me arrastando pelo corredor, senti-me como se fosse uma sonâmbula. Ao virar, um quarto escuro me deu as boas-vindas.

A cama estava vazia. Sentia-me muito cansada para me preocupar com a localização de Ryder e sem pensar duas vezes, meti-me na cama, com roupa e tudo. Em questão de minutos, adormeci.

Acordei mais tarde em um quarto frio. Esfregando os olhos, estiquei-me debaixo das mantas, me perguntando quanto tempo tinha estado dormindo. De acordo com a escuridão lá fora, eu perdi o jantar. De novo.

Pela terceira vez esta semana, mas me sentia muito cansada para comer. Depois de conservar carne durante todo o dia, não gostava da ideia de comer.

O bebê escolheu esse momento para chutar meu lado, me pegando de surpresa. Com uma mão, fiz pequenos movimentos circulares sobre minha barriga, sentindo o movimento do bebê profundamente dentro de mim. *Preciso dizer a Ryder.* Ainda me sentia nervosa por dizer a ele depois de tudo o que aconteceu: A tortura, a luta para chegar em casa, os pesadelos, a verdade por trás de seu nascimento, mas ele precisava saber. Chegou o momento.

Em algum lugar da casa, fechou-se uma porta. Vozes murmuraram. Me sentando, joguei meu longo cabelo escuro atrás do ombro, desejando o ter trançado para mantê-lo fora do caminho.

Tirei os cobertores de minhas pernas e desci da cama. Precisava tirar a roupa fedorenta, conseguir um pouco de comida e encontrar Ryder.

Meus olhos se acostumaram à escuridão do quarto, mas a falta de luz da lua dificultava a visão. Acendi uma vela pequena junto à cama, inundando o quarto com a suave luz amarela. Indo até o armário de Ryder, agarrei uma camisa nova, porque já não queria cheirar como gado.

Desabotoei a camisa e a joguei no chão. Só com meu sutiã, fiquei de costas para a porta fechada do dormitório. Meus dedos pararam em minha barriga, apenas sentindo o arredondamento sob minhas mãos. Estava quente, mas minhas mãos estavam frias, filtrando o frio em minha pele. Embalando meu abdômen com ambas as mãos, fiquei sozinha no quarto, enquanto minha mente se remontava ao dia em que acredito que nosso bebê poderia ter sido

concebido. A noite que entramos nessa casa a caminho de nosso lugar, em busca de refúgio.

Continuava ali de pé, lembrando, quando a porta do quarto se abriu. Me virando, deixei escapar um gritinho. Havia um homem na porta, alguém a quem quase não reconheci.

Era alto, com um corpo sólido. Lindo. A vela piscava sobre ele, lhe dando um aspecto cru e perigoso. A barba espessa ficou para trás. Sua mandíbula e bochechas pareciam suaves, pedindo para serem tocadas. Meus dedos doíam por querer deslizar pela pele bem barbeada. Tinha o cabelo úmido pelo banho recente, penteado e parecendo perfeito. Suas maçãs do rosto se destacavam proeminentes por sua perda de peso e seus olhos pareciam mais azuis, mais surpreendentes. Mais penetrantes.

Um calor puro me devolveu o olhar, fazendo com que meu coração parasse e perdesse o fôlego.

Oh. Deus.

Não podia afastar o olhar. Um pensamento passou por minha mente. *Preciso dele.*

Seus olhos se moveram lentamente sobre mim, centímetro a centímetro, calmamente. Meus nervos arderam para a vida enquanto seu olhar viajava por meu peito, atrasando-se em meu sutiã antes de viajar mais abaixo.

— Que diabos? — Olhou minha barriga com incredulidade, encontrando meus olhos uma vez antes de baixar a vista. Não parecia muito feliz com o que viu. Me virei, tremendo de repente. *Assim não! Não devia saber desta maneira!* Alcançando sua camisa, apressei-me a colocar os braços pelas mangas, frenética para me cobrir.

Olhei por cima do ombro e me apressei a abotoar a camisa. Ryder entrou mancando no quarto, sustentando o lado de seu corpo e caminhando diretamente para mim como um homem com uma missão.

— Ryder, me escute... — comecei, prendendo o último botão.

Agarrou-me pelo braço e me fez girar. Uma careta cruzou seu perfeitamente liso rosto. Suas sobrancelhas se juntaram sobre seu olhar selvagem. Soltando meu braço, seus dedos começaram a desabotoar minha camisa; suas mãos trabalhavam tão rápido como era possível.

— O que está fazendo, Ryder? — perguntei com uma voz tremente, dando um passo para trás.

Não respondeu, mas agarrou meu pulso, me puxando para ele. Seus olhos fixos nos meus me enviavam uma mensagem silenciosa de ficar quieta e em silêncio. Normalmente, eu ignorava, mas desta vez, eu fiquei quieta.

Voltando para os botões, suas grandes mãos fizeram um trabalho rápido com as pequenas e redondas peças de plástico.

— Ryder, pare — supliquei, afastando suas mãos.

— Maddie — advertiu, afastando minhas mãos do caminho — Fica quieta. — Seus dedos voltaram para os últimos botõezinhos que mantinham unida minha camisa.

Meu coração pulsava com tanta força, que tinha medo de que pudesse ouvi-lo. Dei um passo para trás. Meu traseiro golpeou a cama, me prendendo entre o colchão e o corpo duro do Ryder. Estendendo suas pernas a cada lado de mim, manteve-me prisioneira. Suas mãos trabalharam nos últimos botões. Com três giros mais de seus dedos, a camisa ficou desabotoada.

Seus olhos se moveram até minha cintura enquanto puxava as beiradas da camisa. Fechei os olhos, apertando-os forte, temendo ver a expressão de seu rosto quando descobrisse a gravidez. Vai ficar nervoso. Vai ficar nervoso. A oração não deixava de reproduzir-se em minha mente, me lembrando o tipo de homem que foi uma vez. Prostituto. Mulherengo, mas pai? *Ryder Delaney não era homem de família ou bebês. Ele só era... meu.*

Ryder prendeu a respiração e suas mãos ficaram rígidas enquanto segurava minha camisa. Abrindo os olhos, observei surpresa quando suas

mãos começaram a tremer. Engoliu seco uma vez. Então duas. Quase podia sentir a tensão saindo dele.

De repente, ficou de joelhos diante de mim.

O tempo parou. Minha respiração parou e meu coração se agitou.

A luz da vela piscava sobre seu rosto enquanto seus olhos percorriam meu abdômen. Lentamente, como se tivesse medo de me tocar, pôs uma mão contra minha barriga. Seus dedos me atravessaram, cobrindo meu abdômen completamente.

Derreti. Não havia outra palavra para isso. Meu melhor amigo estava de joelhos diante de mim, com a mão sobre seu bebê. Nosso bebê.

— Maddie? — disse com voz rouca enquanto me olhava nos olhos.

— Estou grávida de quatro meses.

Abriu a boca, mas não saiu nenhuma palavra. Vi ele engolir outra vez, sua forte garganta trabalhando para deixar sair algum som.

— Um bebê. Vamos ter um bebê — disse assombrado, deslizando o olhar para meu abdômen.

— Ia te dizer isso quando voltasse para casa, mas então não voltou e quando chegou, estava ferido. E logo, com a notícia a respeito de sua mãe biológica...

— Como se sente? — perguntou, cortando minhas divagações. Moveu a mão mais abaixo, debaixo de meu umbigo — Se algo te acontecer...

— Pare — disse, pondo minha mão sobre a sua — Estou bem.

— É muito pequena. Merda e se você não puder... — ficou de pé, roçando seu corpo com o meu — Maldita seja, não posso nem pensar nisso. Não quero, porque assusta muito.

— Eu também tenho medo — admiti.

Seus olhos ardiam nos meus, vendo todo ele, o querendo todo.

— Não vou deixar que te aconteça nada, Maddie — sussurrou — Se tiver que lutar com cada maldita pessoa neste país para chegar a um hospital,

farei isso. Nada te separará de mim. — Sem esperar um segundo mais, baixou a cabeça. Deixei escapar um gemido quando sua boca tocou a minha. Isso era o que precisava. Assim como um gole de água fria, ele me aplacava e me dava o que eu queria.

Aproximando-se mais, seus lábios tomaram o controle, segurando meu corpo contra o seu na beirada da cama. Pus minhas mãos ao redor de seu pescoço, enredando os dedos em seu cabelo molhado e o puxando para mim. Inclinou a cabeça e aprofundou o beijo, tornando-se mais urgente. Sua língua saiu, tocando meu lábio inferior antes de mergulhar em minha boca.

Gemi, agarrando sua camisa e me aferrando a ele para salvar minha vida.

— É maravilhoso — disse em torno da minha boca. Capturou meu lábio inferior entre seus dentes e logo o liberou, deslizando seus lábios por minha mandíbula. Sob minha camisa, suas mãos roçaram minha caixa torácica.

— Cada centímetro de sua pele é minha, Maddie. Para saborear. Para lamber. — A ponta de sua língua tocou a pele suave e sensível de meu pescoço, enviando um calafrio através de mim — Para ter.

— Então tome — disse, entrelaçando minhas mãos entre seu cabelo úmido, sentindo os fios enrolar-se em meus dedos.

Tirou minha camisa desabotoada. Sua boca foi à pele exposta de meu ombro, tocando a área com seus lábios.

— Deus, Maddie, desejo você — disse; seu fôlego roçava minha pele.

— Talvez não devêssemos fazer isto. Está ferido — disse, forçando as palavras, desejando não ter que dizer.

— Vou sobreviver. Caralho, tirarei estes pontos eu mesmo se isso significar que posso estar dentro de você — disse. Levou a mão a meu jeans, baixando o zíper e tirando-os num só movimento.

As pontas de seus dedos pararam na parte superior da minha lingerie, deixando um rastro de calor.

— Isto é muito sexy — disse, com uma voz profunda — Usava só minha camisa e este pequeno pedaço de renda. Tão fodidamente sexy.

— Ummm — murmurei, perdida na sensação da provocação de seus dedos.

Moveu os lábios para beijar a pele debaixo de minha orelha.

— Mas se interpõem em meu caminho. Esse é um problema — sussurrou, empurrando minhas calcinhas por minhas pernas dolorosamente lento.

Dei um grito afogado, agarrando seus ombros, quando sua mão foi até meu traseiro. Seus dedos apertaram, seus rastros invisíveis gravados a fogo em mim para sempre. Me marcando como dele.

Agarrei sua nuca e trouxe sua boca à minha. Abrindo meus lábios, deslizei minha língua para passá-la através de seu lábio inferior.

— Faça isso outra vez e vou explodir — grunhiu.

Então fiz de novo.

Com um gemido, abriu sua boca, aceitando minha língua. Enrolando seus dedos em meu cabelo, segurou-me fortemente, fazendo o que queria comigo.

— Minha vez para te deixar louca — disse. Seus dedos foram entre minhas pernas, procurando por.... Oh, sim! Ofeguei. Seus dedos eram... Oh merda, eram mágicos!

Afundou um dedo dentro de mim, então dois. Sua mão agarrou meu cabelo, me mantendo imóvel quando comecei a me mover e me retorcer. Precisava... queria... Oh Meu Deus.

Não podia pensar com claridade. Quando seus dedos se retiraram para me acariciar, destroçou-me. Meu mundo explodiu. Luzes brilhantes apareceram por trás de minhas pálpebras fechadas.

Seus lábios cobriram meus gritos, mas seus dedos não pararam. Deslizaram de novo em mim, indo mais fundo.

— Ryder — ofeguei, retirando minha boca da dele, precisando que parasse, esperando que não o fizesse.

Usando a mão envolta em meu cabelo, puxou minha boca de novo para a sua.

— Está tão apertada e molhada — disse ele, movendo sua boca ao longo de minha mandíbula.

Eu queria responder, mas não podia. Não era mais que um matagal de terminações nervosas, pulsando por toda parte. Desesperada para ser tocada, desejando ser satisfeita.

— Tire o sutiã — exigiu, mordendo meu pescoço.

Fiz isso. Rapidamente.

Baixou a cabeça, seu fôlego quente roçou minha pele enquanto viajava por meu corpo. Com os dedos de uma mão dentro de mim, sua outra mão apertou meu seio, enquanto sua boca se fechava ao redor de todo meu mamilo.

Agarrando seu cabelo, me agarrei a ele enquanto sua língua se movia sobre meu mamilo, me enviando ondas de eletricidade. Gritei quando seus dentes me beliscaram; suave um instante, áspero no seguinte. Lambeu e chupou enquanto seus dedos deslizavam dentro e fora de mim. Só suas mãos e a cama atrás de mim me mantinham de pé.

Exatamente quando pensei que ia me romper, sua boca e dedos deixaram meu corpo. Tecendo seus dedos por meu cabelo, sua boca capturou a minha de novo.

— Estou tentando me controlar, mas não posso. Me deixa louco, Maddie. Tão malditamente louco — disse contra meus lábios.

— Me mostre.

Gemeu ante minhas palavras e tomou minha boca de novo. Seus lábios se tornaram exigentes, frenéticos por me possuir. Sua mão se moveu para baixo para agarrar meu traseiro nu e beliscar minha pele.

— Cama. Agora — demandou.

Não hesitei. Em menos de um segundo, estava ajoelhada no meio da cama, o olhando rastejar para mim. Seus olhos ardiam, percorrendo meu corpo com fome crua.

Suas mãos foram para meu cabelo, desta vez suave. Retirou as mãos de meu cabelo. Ao invés disso, tocou as pontas apoiadas contra meu peito. Sua palma roçou meu seio enquanto acariciava as pontas lisas. Estremeci e estendi a mão para tirar os botões de sua camisa, precisando senti-lo.

Continuou me tocando por toda parte, como se estivesse tentando memorizar cada centímetro de mim, mas quando tocou minha garganta, uma careta cruzou seu rosto e curvou os lábios para baixo, como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa.

Temendo que suas lembranças arruinassem o momento, trabalhei com rapidez nos botões da camisa, frenética por conseguir desfazê-los. Quando o último foi posto em liberdade, tirei do caminho o material.

Tirou a camisa enquanto seus olhos caíam para meus seios. A luz das velas lançou um suave resplendor sobre seu corpo, ressaltando os músculos que continuavam ali. Hematomas amarelados ainda marcavam seu torso, arruinando o tom perfeito de sua pele.

Com minha mão, segui o corte e a curva de cada músculo do peito. Sua pele era suave. Lambível. Me inclinando, toquei com meus lábios seu peitoral. Ele gemeu e agarrou meus quadris, cravando seus dedos em mim.

Minha língua tocou sua pele quente enquanto deslizava minha mão por suas costas. As pontas de meus dedos roçaram as marcas de chicotadas e cortes. Quando sua mão se moveu bruscamente, agarrando meu pulso, gritei. Não com dor, mas sim com surpresa. Tinha estado tão envolta na sensação de sua pele que não prestei atenção à rigidez repentina de seu corpo.

Seus dedos se fecharam ao redor dos magros ossos de meus pulsos. Seus olhos eram claros, vazios da febre muito alta que o perseguiu durante

dias ou a desilusão que o incomodava a noite. A frieza me devolvia o olhar. Era capaz de fazer estremecer aos homens maiores, mas não a mim.

— Ryder? — disse em voz baixa, precisando que viesse de novo para mim. O homem que não era frio e duro.

Fechando os olhos, apertou os dentes, lutando contra algo que eu não podia ver. Seus dedos se afrouxaram em meu pulso, mas não me soltou. Seus olhos se abriram, toda a frieza desaparecida. Vi como baixavam de novo até meus seios nus, com fome em seu olhar.

— Ryder, não acredito que devamos...

Sem aviso prévio, me puxou para ele, cortando a frase. Os músculos duros de seu peito pressionaram contra meus seios, deixando mais duros meus mamilos.

Sua boca tomou a minha de novo, me fazendo esquecer de tudo. Sua língua deslizou dentro de minha boca enquanto baixava o zíper de seu jeans.

Afastando-se, puxou suas calças e as jogou no chão. Com impaciência, me levantou, me levando até seu colo.

Envolvi as pernas ao redor de sua cintura e me sentei escarranchada. Meus braços rodearam seu pescoço quando se reajustou debaixo de mim, me pressionando com sua longitude. Gemi, já que a fricção enviava ondas de choque através de meu corpo.

Embalando um seio, inclinou-se para tomá-lo em sua boca. Ofeguei e agarrei seu pescoço com força enquanto puxava meu mamilo com os dentes. Uma dureza empurrou entre minhas pernas. Zombando de mim. Implorando para estar onde eu queria que estivesse.

Estava ofegando no momento em que sua boca deixou meu peito. Tentei puxar seus lábios de novo para meu mamilo, mas resistiu.

— De joelhos — ordenou, com as mãos ao redor de minha caixa torácica.

Obedeci, levando meus joelhos a ambos os lados dele. Isso pôs meus seios bem alinhados com sua boca. *Homem inteligente*.

Suas mãos me seguravam cativa quando seus olhos caíram até minha barriga.

— Não quero te fazer mal — disse com voz rouca e cheia de preocupação.

— Não fará.

Isso era tudo o que precisava ouvir.

Sua boca se equilibrou, faminto por me saborear de novo. Deixei escapar um gritinho quando sua língua deslizou por meu mamilo uma e outra vez. Ao mesmo tempo, sua ereção me incitava, solicitando entrar. Mantendo as mãos plantadas em minha caixa torácica, baixou-me, centímetro a centímetro. Me enchendo e me esticando além do meu limite. Estremeci, me levantando só para me afundar com mais força.

— Cristo, Maddie — disse com voz rouca, afundando os dedos na minha pele — Isso é tão fodidamente bom.

Suas mãos foram para o meu cabelo, agarrando punhados e deixando-o uma confusão. Inclinando-se, seus dentes beliscaram meu pescoço enquanto deslizava mais profundo em mim.

Meu pulso saltou quando se retirou, deixando só uma pequena parte de si mesmo dentro de mim. Tentei descer, mas segurou meus quadris, tomando o controle.

Enquanto deslizava de novo em mim, sua voz vibrou contra meu pescoço:

— Vou tentar ir devagar mas... caralho, pode ser que eu não seja capaz de fazê-lo.

— Só não pare — respondi, forçando as palavras à medida que avançava mais profundo dentro de mim, enviando vibrações através de meu

corpo. Assim que esteve enterrado até o punho, me levantei lentamente e baixei de novo.

Ele chiou e o fôlego golpeou minha pele, deixando calor e umidade atrás. Seus dedos se cravaram em meu corpo enquanto seus quadris se levantavam para encontrar-se com os meus.

Gemi quando chupou um de meus mamilos. Saiu e se inundou em mim outra vez. Mordi meu lábio, quase tirando sangue, quando deslizou para fora e logo se introduziu de novo.

Em algum lugar muito dentro de mim, algo começou a se construir. Algo intenso. Algo que poderia fazer arder minha pele, convertendo-a em chamas.

— Ryyyyder — disse, arqueando minhas costas quando me encontrei com sua investida outra vez.

— Diga, baby. — Sua voz profunda retumbou junto a meu ouvido.

— Por favor — gemi, necessitando mais, mas temendo não sobreviver.

— Isto é o que eu queria. Te sentir a meu redor. — Saiu lentamente e logo se afundou de novo em mim — Te escutar implorar. Ver você gozar enquanto te encho. Uma e outra vez.

Ofeguei quando mordeu o lóbulo de minha orelha e me penetrou com mais força.

— Quero te escutar. Quero te ouvir gritar meu nome. Acordar a maldita casa, Maddie.

Me perdi. Quando seu polegar beliscou meu mamilo e deslizou dentro de mim outra vez, perdi todo o controle. Arqueando minhas costas, concedi a seu desejo. Gritei, sem me importar a quem acordaria.

Ryder agarrou minha cabeça, levando meus lábios aos seus. Engolindo meus gritos, continuou tomando meu corpo, afundando-se dentro e fora de mim, com frenesi. Movendo-se mais rápido, os músculos de seu estômago se apertaram enquanto seus quadris se sacudiam contra os meus. Seus dedos se

apertaram em meu cabelo, me segurando assim enquanto aumentava a velocidade de seus quadris. Com cada exigente investida, deixei escapar um grito afogado.

— Mais uma vez — insistiu, estendendo a mão entre nós para me tocar enquanto me movia para cima e para baixo.

Gritei, sem necessidade de estímulo.

Bombeava dentro de mim. Mais duro. Mais rápido. Fechando os olhos, cravou os dedos em meus quadris, me impulsionando para ele. Gritei quando ele explodiu em meu interior.

Enterrando seu rosto em meu pescoço, ficou quieto, palpitando muito profundo dentro de mim. Um calafrio percorreu seu corpo, viajando ao meu. Respirando com dificuldade, seu peito subia e baixava. Podia sentir o rápido batimento de seu coração. Coincidia com o ritmo do meu.

Seus lábios voltaram para os meus, me beijando primeiro com urgência e então com doçura.

— Deus, Maddie, eu nunca... — limpou a garganta e tentou de novo — Merda, não posso pensar com você. — Tocou meu lábio inferior com a ponta de seu dedo polegar — Está bem?

Sorri. *Ele era o que tinha um buraco de bala e se preocupava comigo?* Típico do Ryder.

— Estou bem. E você? — perguntei, passando meus dedos pela parte superior de seu curativo.

Suspirou.

— Estou mais que bem. Estou em casa, dentro de você, onde pertenço.

Fiquei vermelha, me sentindo tímida de repente.

— Diabos, Maddie, pare de ficar vermelha ou poderia te tomar de novo.

— Promete? — perguntei, me inclinando para tocar sua mandíbula suave com meus lábios.

Seus dedos se apertaram em meu cabelo, levando minha boca de novo à sua.

— Prometerei o que quiser se puder ficar enterrado em você — sussurrou, roçando seus lábios com os meus.

Gemi enquanto lambia o canto de minha boca, enviando um calafrio através de mim.

— Está com frio — disse, passando um braço sobre a pele arrepiada em meu braço. Retirando-se de mim, pegou minha camisa, jogada no extremo da cama. A segurou enquanto eu colocava os braços através dos buracos, me envolvendo no algodão suave que cheirava a ele.

Me olhava, sem tirar os olhos de meu corpo. Comecei a abotoar a camisa, levantando os olhos para encontrar seu olhar em minha barriga. Em questão de segundos, estava a meu lado outra vez, me puxando para seu colo no meio da cama.

Sua mão foi para o meu abdômen; a suave flanela era a única coisa entre nós. Com dedos estendidos, me cobriu completamente. O vi engolir seco enquanto a luz das velas piscava sobre ele.

— Deus, um bebê — disse, com a voz sussurrando no silêncio do quarto — Não sei o que dizer.

— Só me diga que me ama.

— Amo você, Maddie e te garanto que sei como demonstrar — disse, agarrando minha cabeça e levando meus lábios aos seus.

E assim o fez. Sem palavras bonitas nem longas confissões de amor, me mostrou o quanto me amava.

❄❄❄

Algumas horas mais tarde, estava acordada, incapaz de dormir. Meu pai sempre brincava comigo, já que quando tinha algo em mente, nunca deixava acontecer. *Suponho que isso era o que acontecia comigo agora.*

— Está acordado? — sussurrei, olhando como o peito do Ryder se movia acima e abaixo lentamente.

— Sim — disse, com os olhos fechados.

Eu brincava com a beirada do lençol.

— Sobre o bebê...

Havia suficiente luz da lua no quarto para ver como abria os olhos e me olhava, esperando que continuasse.

Respirei fundo. Exalando, deixei correr as palavras que tinha estado segurando durante tanto tempo.

— Falando sério, concorda com isto? Refiro-me a ser pai. Sei que este bebê é uma surpresa e depois de tudo o que passamos...

Ryder repentinamente se inclinou sobre mim; suas mãos a ambos os lados de meu corpo. Aspirei uma baforada de ar ao ver seus lábios tão perto dos meus e lembrando o que podiam me fazer. Uma de suas mãos se moveu sob os lençóis, correndo por meu lado. Meu coração se acelerou, sentindo seus dedos em mim. Correram debaixo de minha camisa, encontrando a pequena curva de minha barriga.

— Maddie, escuta. Não sou perfeito, fiz algumas coisas de merda em minha vida, mas vou ser o melhor maldito pai possível — disse, acariciando minha pele com a mão — Pode ser que minha verdadeira mãe não tenha me querido, mas estou contente de que se deu por vencida. Caso contrário, pode ser que não tivesse te conhecido quando era aquele garotinho que precisava de um amigo. — Baixou o olhar, vendo sua mão mover-se debaixo dos lençóis — Eu sempre disse que o destino é desprezível, mas desta vez, fez algo bom. Me trouxe para o bebê e para você. Devo muito a ele.

Sorri, feliz. Me surpreendi ao escutar Ryder Delaney sendo tão... doce. Só desejava que a sensação tivesse podido durar mais tempo.

Capítulo 18

Trovões retumbaram lá fora, me acordando. O frio no quarto me fez arrepiar e me enroscar ainda mais sob os lençóis. Joguei o lençol de algodão por cima da minha cabeça, dormindo de novo.

Bum. O ruído me acordou, me fazendo abrir os olhos. Ouvi. Bum. Desta vez não era um trovão, mas sim um som proveniente do quarto. Ryder foi para fora da cama, puxando as mantas. Me virei, me perguntando aonde ia no meio da noite.

Sentou-se na beirada da cama, de costas para mim. Vi as cicatrizes do chicote, algumas delas de cor vermelha, outras inchadas. Escutei algo bem baixo, quase um sussurro.

— Idiotas do caralho.

— Ryder? — Me sentei rapidamente. Meus olhos tentaram se ajustar à escuridão. *Havia alguém mais no quarto? Alguém a quem não podia perceber?* Esperei ver um atacante, alguém vindo para nós com uma faca, mas não havia ninguém.

Algo não estava bem. Os ombros de Ryder estavam rígidos, tensos. Os músculos de seus braços se flexionaram enquanto apertava seus punhos.

— Ryder, o que está acontecendo? — perguntei a ele, assustada.

Em resposta, ficou de pé. Estendeu os pés no chão e agrupou com força os músculos. A luz da lua o iluminou, destacando cada músculo de seu peito. Puxei as mantas de minhas pernas, o seguindo para fora da cama. *Está tendo outro sonho. Outro pesadelo.*

Parei na frente dele, a um pé de distância.

— Ryder, acorda — disse a ele. Não me dei conta da frieza no quarto. Só vi a careta furiosa em seu rosto enquanto ele olhava por cima de minha cabeça, vendo coisas que não estavam ali.

Os dedos da mão direita se reuniram em um punho, disposto a golpear alguém. Parecia disposto a atacar e me encontrava em sua linha de fogo.

— Estão me matando — murmurou, olhando por cima do ombro — e eles vão matá-la. — Suas palavras pareciam como gelo apoderando-se de mim, fazendo com que meu coração pulsasse mais forte.

— Ryder — disse, olhando para ele — Acordada. *Por favor.*

Me ignorando, avançou um passo mais.

— Bastardos — grunhiu, movendo os ombros de novo — Não podem me seguir aqui. — A parte posterior de minhas pernas golpeou a cadeira atrás de mim quando ele deu um rápido passo para frente. Esquivei-o, mas estendi a mão para detê-lo. Meus dedos pousaram em seu abdômen. Os músculos de seu estômago estavam rígidos sob minha mão, me lembrando de sua força. Comecei a ter medo.

— Acorde, Ryder. Por favor — disse, com voz tremente. Sabia que nunca me faria mal, mas este não era Ryder. Era um homem perdido em um pesadelo.

O empurrei, precisando que retrocedesse. *Movimento errado.*

Enfureceu-se, agarrando meu pulso e me sacudindo por ele.

— Não volte a me tocar — grunhiu, soando como um animal raivoso

— Ryder, por favor! — gritei quando meus dedos ficaram inertes por seu férreo controle. Para alguém que passou as últimas semanas na cama, sua força era formidável. Ele parecia não me ouvir. Com sua mão ao redor do meu pulso, deu-me um puxão para frente. Caí contra seu peito, pressionando minha pequena sobressalente barriga contra ele.

— Sou eu. Maddie. Está a salvo — disse a ele, falando com voz suave.

Qualquer coisa para chegar até ele. Pus minha mão livre sobre seu peito, esperando que meu contato o fizesse despertar, mas não o fez.

Um terrível som brotou de dentro de seu peito. Empurrou-me longe dele, soltando meu pulso. De maneira nada elegante, perdi o equilíbrio e caí para trás contra as portas do armário. Minha cabeça golpeou contra a madeira, me fazendo chorar e ver estrelas por trás de minhas pálpebras. Elevei o olhar exatamente quando Ryder veio para mim, com um olhar feroz.

— Se afaste dela! — gritou.

Gritei para ele que parasse. Não sabia mais o que fazer para que despertasse.

Estava a uns poucos centímetros longe de mim quando a porta do quarto se abriu de repente, batendo contra a parede. Olhei quando irromperam Gavin e Cash, seguido de Roger. Quando viram Ryder de pé junto a mim, precipitaram-se como dois linebackers derrubando o grande e musculoso quarterback.

Esse foi o momento no qual despertou. Vi o reconhecimento em seus olhos um segundo antes de que Cash se chocasse contra ele. Deixou escapar um assobio quando o ombro dele conectou com seu sólido estômago, o fazendo grunhir de dor.

Gritei, vendo como Ryder foi jogado a um par de metros para trás, surpreso, mas a surpresa durou uns poucos segundos antes de que se desatasse o caos.

Ryder recuperou o equilíbrio e foi atrás dele, empenhado em derrubá-lo. Balançou o punho para frente, cravando-o em sua mandíbula. A cabeça de Cash balançou abruptamente para trás e o som dos nódulos ao golpear a pele me causou um estremecimento.

Corri para frente, pensando em saltar no meio deles, mas Gavin me agarrou pelo braço, me segurando de novo.

— Me solte, Gavin! — gritei, olhando como Cash agarrava Ryder pela cintura em um forte abraço, arrastando-o uns passos para trás. Ryder deu um golpe nas costelas de Cash, mas este o bloqueou — Está acordado! Deixa-o em paz! — gritei, lutando contra o agarre.

A cabeça do Ryder virou para me olhar. A ira ardeu em seus olhos, ao ver o braço do Gavin em minha cintura, mas também vi a confusão. *Ele não sabe o que está acontecendo!*

Vendo uma oportunidade, Cash se antecipou para Ryder, mas esqueceu com quem tratava. Ele era um lutador perito e mortal que raramente perdia. Alguém que deixava ossos quebrados e orgulhos feridos.

Ryder afastou os olhos de mim, segundos antes de que Cash o derrubasse. Levantando o punho, pôs força em seus golpes, conectando com o rosto de Cash, enquanto este se equilibrava sobre ele, mas Cash era um bulldog atrás de um osso; ele não se dava por vencido. Recuperando-se do golpe, seus braços rodearam a cintura de Ryder, o lançando contra um criado mudo.

Ryder deixou escapar um assobio de dor quando suas costas se chocaram contra um abajur inútil. Este se inclinou e logo caiu no chão, esquecido enquanto continuou a luta. Ryder rugiu e elevou seus punhos para golpear Cash em um lado da cabeça, ignorando quando Brody e Eva corriam para o quarto.

Cash se agachou, tentando evitar os golpes. Ryder se equilibrou outra vez, sem dar-se por vencido. Seu punho roçou o lado da cabeça de Cash, quase acertando uma orelha, mas este último ficou preso a ele, como uma coceira que não desaparece.

— Me solte, maldito seja! — gritou Ryder, tentando empurrar Cash quando o envolveu com os braços, apertando firmemente como uma píton que espreme seu jantar.

— Se acalme! — gritou Cash, agachando-se quando Ryder se soltou e tentou lançar outro golpe.

— Me solte, Gavin! — gritei, olhando como Cash elevava seus punhos e os cravava a um lado da cabeça de Ryder.

— NÃO! — gritou Gavin, me abraçando forte enquanto lutava contra ele.

— Vou te matar! — rugiu Ryder, empurrando Cash do caminho. Correndo para nós, seu olhar mortal se centrou em seu irmão — Se afaste dela, Gavin!

Roger apoiou a arma contra o batente da porta e correu desajeitadamente através do quarto, apesar de que a artrite em seus joelhos o incomodava no clima frio. Agarrou seu filho pelo alto dos braços e o arrastou de novo a beirada da cama. Brody entrou em cena, pondo seu corpo sólido diante de Ryder.

Ver eles lutarem fez com que as lágrimas rodassem por minhas bochechas. Ficou difícil respirar. Difícil não estar ferida quando via Ryder cheio de tanta dor e raiva.

Ele brigou contra eles, enfocando seus olhos, cheios de desespero e fúria, em mim a cada poucos segundos. Tentei ir até ele, mas Gavin ficou na frente, bloqueando minha visão.

— Está bem? — perguntou.

Assenti, muito alterada para responder.

— Maddie — exclamou Eva, correndo para mim — Machucou você? Porque juro que...

A interrompi.

— Estou bem, Eva — disse a beira das lágrimas, vendo quando Janice entrou no quarto. Ainda podia ouvir a luta de Ryder, gritando a todo mundo que tirassem as mãos de cima dele.

— Tem certeza que não te fez mal? — perguntou Gavin, passando seus olhos por meu rosto.

— Só bati a cabeça — respondi a ele, tentando ver mais à frente.

— Disse a ele que se alguma vez te machucasse, o mataria — disse Eva, me rodeando — Transtorno de estresse pós-traumático ou não.

Antes que soubesse o que fazia, ela cruzou o quarto.

Olhei ao redor de Gavin bem quando ela parou na frente de Ryder. Lançou para trás seu punho e o golpeou no nariz.

— Eva! — gritei, vendo como a cabeça de Ryder ia para trás.

— Isso é por machucar minha melhor amiga — soltou antes de afastar-se — Da próxima vez vou apontar mais para baixo.

A atenção de Ryder se concentrou em mim e seu rosto empalideceu ao ouvir essas palavras. Ele não tentou lutar enquanto Cash e Brody seguravam seus braços.

Gavin ficou diante de mim, bloqueando minha visão. Sua mão foi para minha cintura, me segurando.

— Me deixe ver sua cabeça — disse. Antes de que pudesse protestar, ele passou uma mão por meu cabelo, comprovando as lesões na parte superior de minha cabeça.

— Está ferida? Maldição! Alguém me diga se ela está ferida! — gritou Ryder. Apareci para dar a ele uma olhada e vi o olhar frenético em seus olhos enquanto lutava contra Brody e Cash.

Tornou-se um homem selvagem, lutando para chegar até mim.

— Ryder, se acalme antes que te abra esses pontos! — sua mãe ralhou com ele, sem medo de sua ira. Quando suas mãos tocaram a pele machucada em cima da sua sobrancelha, ele parou de lutar.

Seus olhos nunca deixaram os meus enquanto movia com cuidado as mãos de sua mãe. Ia dar um passo para mim, mas Cash o deteve, o segurando.

— Maddie, fale comigo — disse Ryder e suas mãos caíram para os lados.

— Vamos — murmurou Gavin, pegando meu braço e me levando para a porta — Ele é muito imprevisível.

— Não! — gritei, tentando escapar do agarre.

— Não toque nela! — rugiu Ryder, lutando contra Cash e Brody.

— Me solte, Gavin! — gritei, tentando tirar meu braço de seu firme agarre.

— Não. Fique longe dele! — gritou Gavin — Está fodido! Não pode ficar perto dele até que esteja bem da cabeça!

Afastei meu braço, cansada de suas mãos sobre mim. Cansada desta vida. De estar separada de Ryder. Pelo que nos fazia esta guerra.

Dei a volta, fazendo com que meu cabelo comprido voasse pelo ar. Correndo através do quarto, empurrei Janice, Brody e Cash. Tinha que estar ao lado de Ryder. Devia fazer ele saber que estava bem. Que estaríamos bem.

Assim que estive frente a ele, envolvi os braços ao redor de seu pescoço. Me levantando nas pontas dos pés, afundei meu rosto em seu peito. Estava quente, ardendo em minha bochecha. Seu peito subia e baixava, respirando com dificuldade. Podia sentir seu batimento cardíaco por debaixo de meu ouvido, um rápido golpe em sintonia com o meu. Ryder permaneceu mortalmente quieto, esquecendo a briga. Toda a tensão em seu corpo se evaporou ao estar pressionado contra o meu.

— Me soltem. Só me soltem — disse com voz rouca, pedindo aos homens que o liberassem. Pouco a pouco, para garantir que não faria nenhum movimento brusco, Cash e Brody o liberaram, ainda preparados para equilibrar-se sobre ele se fosse necessário.

Não foi.

Os braços de Ryder se envolveram a meu redor, me segurando como se pudesse me quebrar.

— O que aconteceu? — murmurou contra meu cabelo, esfregando minhas costas com uma mão.

Sacudi a cabeça, me negando a dizer a ele. As lágrimas corriam por minhas bochechas. Estava ferido. Queria tirar sua dor. Queria fazer da sua a minha dor; assim ele não teria que lutar com isso.

— Está bem, Maddie? — perguntou Cash, de pé a uns metros.

Assenti contra o peito de Ryder, me negando a mover.

— Por que não dorme em outro lugar esta noite, assim Ryder pode descansar? — disse Janice detrás de mim.

— Não — murmurei contra seu peito ao mesmo tempo que ele dizia que não.

Ouvi o suspiro resignados de Janice. Não me importava o que eles pensavam, eu não ia deixa-lo.

Um minuto mais tarde, ouvi que se fechou a porta do quarto. Encontrávamo-nos sozinhos. Me afastando de modo que pudesse ver meu rosto, Ryder me olhou.

— O que aconteceu?

Neguei com a cabeça, evitando seus olhos. *Não posso fazer isto. Não posso feri-lo mais. Se ele souber que me assustou, isso o matará.*

— Maddie, fale comigo — repetiu, levando as mãos debaixo de meu cabelo para apanhar minha nuca.

Respirei fundo. Como sempre, não pude resistir.

— Teve um pesadelo...

— Sim, lembro — disse quando parei — Os terroristas me espancavam e eu tentava escapar, mas foi só... — parou franzindo a testa — O que eu fiz? Eva disse que te machuquei.

— Pensou que eu era um deles.

— Oh, merda! — amaldiçoou, me soltando e afundando as duas mãos em seu cabelo.

Dando a volta, começou a andar pelo pequeno quarto, parecendo um animal enjaulado.

— Maldito seja! Maldito seja! Maldito seja!

Estremeci, com lágrimas nos olhos. Não quis o machucar. Odiava o ver sofrer. Ia e vinha, fazendo rastro no piso de madeira. Estávamos parados em seu quarto de quando era criança, o lugar onde estávamos acostumados a brincar. Onde, quando crianças, contávamos nossos segredos um para o outro e ríamos. Onde sonhamos e falamos sobre o futuro. Agora, aqui estávamos. Sem rir. Sem falar sobre o futuro. Nos desmoronando juntos.

De repente, Ryder parou de andar, se destacando na escuridão. Pela luz da lua, pude ver a tensão em seu corpo e a firmeza de sua mandíbula.

— Eu te machuquei? E o bebê? — perguntou, com voz áspera. Quebrada.

— Não.

— Então por que Gavin verificou sua cabeça? Ele te tocou. Pôs suas malditas mãos em seu cabelo, como se pertencessem ali — disse, dando um passo para mim.

Afastei o olhar, mordendo o lábio inferior com nervosismo. A preocupação dificultava minha resposta e respiração.

— Oh, merda! *Machuquei você* não é? Eva tinha razão.

O desespero cruzou seu rosto. Suas mãos voltaram para seu cabelo, deixando brancos seus nódulos enquanto agarravam um punhado de fios de cor castanho claro. De repente, soltou seu cabelo e deu dois passos rápidos até que esteve frente a mim, a poucos centímetros de distância.

— Sinto muito, Maddie. Deus, sinto muito — disse, me olhando com olhos tristes — Você é a única pessoa que nunca quis ferir. A pessoa que significa mais que tudo para mim.

— Ryder, estou *bem.*

— Se algum dia te machucar... — Sua voz se apagou. Estendendo as pernas, colocou-me perto dele. Seus braços me envolveram, segurando minha cabeça com as mãos.

Durante o que pareceu uma eternidade, ele só me segurou. Passou o tempo. Tudo desapareceu. A guerra, seus pesadelos, minhas preocupações, tudo. Éramos só nós dois. Melhores amigos. Duas pessoas que continuam acreditando no amor, que continuam acreditando na amizade. Faríamos o que fosse um pelo outro. Abraçou-me como se fosse seu único salva-vidas. Seu único vínculo com o presente e com o passado. Sua única esperança. Meu único futuro.

No fim, sua voz retumbou contra mim, rompendo o silêncio.

— Todos os dias, me sentava nesse inferno, espancado e mal aguentando. Via às pessoas morrerem a meu redor, mas quando fechava os olhos, estava só você, Maddie. Me fez sobreviver. Não puderam me quebrar. Tentaram. Demônios, tentaram tanto, mas não puderam me tirar sua lembrança.

Suas mãos se moveram a meu pescoço e seu polegar roçou minha pele. Seus olhos seguiram o movimento, me olhando sob a luz da lua.

— O que me trouxe para casa foram os pensamentos sobre você. Tinha que ver você e te tocar mais uma vez. Sobrevivi graças a você. Estou aqui por você. Sempre foi graças a você.

Inclinando-se, seus lábios capturaram os meus com tanta ternura, que me deu vontade de chorar. Suas mãos se moveram para embalar meu rosto enquanto colocava pequenos beijos no canto da minha boca, vagarosamente.

— Pedi a Deus para estar com você mais uma vez. Implorei por outro segundo a seu lado. Outra noite em seu interior — disse, roçando seu polegar por meu lábio inferior. Levantando a cabeça, observou como minha língua saiu para provar o sal que deixou sua pele — mas não quero te fazer mal, Maddie. Estou quebrado. Sempre estive. Nem minha própria mãe me quis. É

necessário que se mantenha afastada. Para sua própria segurança. — Seus olhos olhavam fixos os meus e suas próximas palavras foram ditas em voz tão baixa que quase não as escutei — Me deixe. Corra o mais rápido que puder.

— Nunca — sussurrei — Não correrei, a não ser que seja para você.

Capítulo 19

Os pesadelos de Ryder continuaram. Às vezes, só lutava na cama, lutando contra forças invisíveis. Outras, gritava, implorando que não fizessem mal a ele. Permaneci a seu lado apesar de tudo, me negando a ir. Me negando a ter medo. O segurando quando despertava, suando e tremendo. Chorei quando vi o terror em seus olhos.

Mas nunca me dei por vencida com ele.

Quando Ryder parecia melhorar, todos íamos em sua casa, inclusive Janice e Roger. Era mais seguro dessa maneira. Morávamos mais atrás na propriedade, ocultos da estrada principal.

Lembrei as numerosas vezes que estive em sua casa. Éramos apenas dois amigos passando um bom momento. Querendo o um ao outro em segredo e sem fazer nada a respeito. Agora, não havia nada secreto.

Os braços de Ryder deslizaram ao redor da minha cintura, me aproximando mais a ele. Minhas costas estavam alinhadas contra seu peito, meu corpo se ajustava a sua perfeição. Por trás de mim, baixou a gola de minha camisa e pôs seus lábios em meu ombro nu. Um calafrio me percorreu, fazendo que me movesse. Seus lábios viajaram até minha nuca, afastando meu cabelo do caminho para chegar ao lugar atrás da minha orelha. Quando sua mão se moveu sob minha camisa, arqueei-me contra ele. Meu traseiro se pressionou em sua virilha, encontrando-o duro.

Fechei os olhos enquanto seus lábios descobriam cada centímetro de meu pescoço. Passou a mão por cima da minha barriga, dirigindo-se para meus seios. Quase tinha chegado a seu destino, alguém golpeou com força a porta fechada do dormitório.

Nós dois congelamos.

A pessoa golpeou de novo, dessa vez mais forte.

— Vão dormir todo o dia e deixar que façamos todo o trabalho por aqui ou vão se levantar? — gritou a voz de Brody do outro lado da porta.

— Diabos — murmurou Ryder contra minha pele, me provocando um calafrio — Precisamos da casa só para nós. Talvez por uns dias ou uma semana?

Tinha razão. Estava cheio de gente e muito barulhento, mas havia um acordo tácito entre todos; não nos separávamos. Nos mantínhamos juntos. Sobrevivíamos juntos. Nos apoiávamos e nos protegíamos entre nós. Estávamos fazendo isso durante meses e não pararíamos agora, apesar da casa abarrotada.

Todo mundo se deitou na sala de estar, compartilhando o calor da chaminé. Ryder insistiu que nós dois ficássemos em seu quarto. Durante as últimas noites, mantivemo-nos quentes entre nós. E cansados.

Brody voltou a chamar, cada vez mais impaciente.

Ryder grunhiu com falsa raiva e esfregou seu queixo barbudo contra a suave pele de meu ombro, me fazendo rir e querer me afastar, mas me manteve perto, negando-se a me deixar ir.

— Tinha *grandes* planos para as outras partes da casa — disse, levantando-se para inclinar-se sobre mim. Suas mãos foram para os lados de meu corpo na cama, me mantendo fixa debaixo dele.

Pela enésima vez em minha vida, sentia-me fascinada. Assombrada. Hipnotizada. Este homem, selvagem, às vezes com raiva, perigoso, lutador até a morte, me amava. *A mim*. Sua melhor amiga. Um homem pelo qual as mulheres passavam mal. Que se tornava alguém para temer. Que tinha os olhos mais azuis, o rosto e o corpo mais forte e lindo que já tinha visto em minha vida. Ele. Me. Amava. A. Mim.

Não era perfeito. Tinha um passado a superar. Uma mãe que não o queria. A crença de que nunca pertenceria a nenhum lugar. O pensamento de

que nunca poderia ser o suficientemente bom para mim. Lutava. Bebia. Fodia qualquer um. Estava poluído, mas o amava de todos os modos. Era algo mais fácil do que ele pensava.

Estendendo a mão, passei-a sobre uns pelinhos grossos de barba que tinham crescido em sua mandíbula nos últimos dias. Eu adorava a sensação de aspereza contra meus dedos. Lembrava a nós; rugosidade contra suavidade.

— Não temos um assunto pendente de qual nos ocupar? Algo que começou em seu banheiro? — perguntou com uma voz profunda e rouca que senti em cada fibra do meu ser. *Como fazia isso?*

— Acredito que nos ocupamos disso algumas vezes — disse a ele e minha voz soou sexy. *Tenho uma grande voz pela manhã. Toda sexy e cheia de desejo. Ou talvez é porque tenho sede*... mas eu gostava de pensar que era o primeiro.

Ryder se inclinou para baixo e sua boca foi para meu pescoço enquanto sua mão desaparecia sob minha camisa de novo, correndo brandamente por meu abdômen.

— Quero te tomar em um balcão de banheiro, Maddie. Quero estar entre suas pernas e te dizer o quanto te quero. O quanto quero te comer. Lembra? — Quando concordei, continuou me torturando com suas palavras — Acredito que temos que repetir esse momento — disse, enquanto os lábios deixavam um caminho quente em meu pescoço — Algumas vezes.

Fiquei vermelha e minha pele ficou quente.

— Vamos! Estamos esperando! — gritou Brody, golpeando a porta com a palma de sua mão.

A cabeça de Ryder caiu contra meu pescoço enquanto deixava escapar um profundo gemido de frustração. Segurei sua cabeça, mantendo-o a meu lado enquanto um sorriso deslizava em meu rosto. *É tão impaciente quando se trata de sexo.*

Com um grunhido, pulou da cama, puxando os lençóis e amaldiçoando entre dentes todo o tempo. Pegando suas calças do chão, as colocou, lançando adagas com o olhar para a porta.

Quando Brody voltou a chamar, Ryder se dirigiu à porta, mas parou. Sentei-me, olhando-o quando se virou. De repente, voltou junto à cama, me olhando com calor nos olhos. Suas mãos foram para meu cabelo, entrando no matagal que tinha criado ontem à noite.

Abri a boca para perguntar o que estava fazendo, mas sua boca esteve ali imediatamente, cobrindo a minha. Me fazendo saber o que perderia quando saísse do quarto.

Sua língua me provou. Seus dentes me morderam.

Estava perdida.

Afastando-se, manteve suas mãos em meu cabelo. Ambos respirávamos com força, com vontade de mais.

— Amo você, Maddie — sussurrou.

— Eu também te amo.

Me soltando, se virou. Observei como seu corpo se movia com graça. Um homem no controle de si mesmo, tudo e todos que o rodeavam.

Abrindo a porta do quarto, deu de cara com Brody que tinha uma mão levantada, disposto a golpear de novo. Ficou boquiaberto ao ver a expressão feroz no rosto do Ryder.

— Que merda, Brody! Nós estávamos um pouco ocupados — disse, fechando a porta arás de si. Suas vozes se desvaneceram enquanto caminhavam pelo corredor.

Deitei-me de novo e levei a colcha até meu queixo. Sentia frio sem ele. A cama, o quarto, tudo parecia vazio sem Ryder ao meu lado.

Sorrindo, lembrei de suas mãos sobre mim. Ele era meu vício e eu era sua obsessão. Não podíamos conseguir o suficiente um do outro.

Nunca faríamos.

Mas meu pai sempre dizia: "Nunca diga nunca".

***

As coisas pareciam perfeitas em nossa bolha. Estávamos protegidos e escondidos do terror que consumia o resto do país. Nossas vidas estavam tão perto da perfeição como era possível, tendo em conta que uma guerra arrasava nosso entorno, mas a perfeição era só uma ilusão. Uma que poderia romper-se em um minuto. Esmiuçar-se em um segundo. Morrer em um momento.

No banheiro, escovei os dentes e o rosto com água gelada do riacho que foi esterilizada depois de trazê-la para casa. Ao escovar o cabelo, tentei desfazer os nós, me ruborizando quando me lembrei do por que tinha tantos nós. *Ryder e suas mãos.*

Recolhi sua jaqueta que estava perto e a vesti antes de sair do banheiro. Enquanto caminhava pela casa, coloquei um gorro de lã com os dedos rígidos de frio. *Alguém deve ter deixado o fogo se apagar de novo. Está gelando.*

Esfreguei as mãos, para logo as colocar ao redor da boca e respirar nelas. O céu nublado dava à casa uma sensação lúgubre e escura. Me deu vontade de agarrar Ryder e passar o dia encolhidos na cama. *Sim, claro. Ryder não se encolhia, só fod...*

Parei na porta da cozinha e meus pensamentos de estar na cama com Ryder desapareceram.

O lugar estava lançado às sombras. Alguém tinha acendido uma lanterna, colocando-a no centro da mesa. Iluminava o cômodo, mas não afugentava o frio no ar.

Ou a tensão no local.

Ryder e Gavin se enfrentavam, com aspecto de gigantes na pequena cozinha. A mesa estava entre eles, transbordante de garrafas de água, pratos de ovos esmagados que se congelaram em uma confusão pestilenta e o que parecia pedaços de carne seca que Janice fazia quando matávamos o gado.

— Vamos deixar Cash e Brody aqui com as garotas. Papai está em sua casa, verificando tudo — disse Gavin, me olhando quando entrei.

O medo rodou através de mim. *Vão? Não! Ryder não podia ir de novo! Acaba de chegar!*

— Aonde vai? — perguntei a ele, tentando controlar meu pânico enquanto me aproximava de Ryder.

Baixou o olhar para meu corpo, então, por cima de meu cabelo recém penteado. Seus olhos tinham ânsias deles, mas suas palavras eram duras, seu tom monótono.

— Vamos percorrer a cavalo os limites da propriedade. Cash acredita ter visto alguns ocupantes, então vamos conferir.

Gavin elevou a espingarda da mesa. Com um movimento impaciente de suas mãos, abriu o canhão.

— Está preparado? — perguntou, olhando para Ryder e agarrando um par de cartuchos de uma caixa. Seu cabelo negro caiu sobre seus olhos enquanto empurrava os cartuchos na antecâmara de uma espingarda de duplo canhão.

Com uma expressão distante e fria, Ryder observou Gavin carregar a arma. Outro cartucho foi metido no canhão, provocando um som mortal e ameaçador ao raspar o metal. Usando as duas mãos, fechou a espingarda de repente e o ruído soou forte na pequena cozinha.

O corpo de Ryder se esticou e suas costas ficaram rígidas. Baixando o olhar à arma nas mãos de Gavin, seu rosto ficou em branco. Suas emoções se fecharam para todos. Sabia que os pesadelos continuavam sendo uma preocupação. Continuavam ali, sem deixá-lo nunca. O som, a visão de uma arma, podia ter feito retornar as lembranças, enviando sua mente a um lugar escuro que só ele podia ver.

— Tem certeza de que está bem? — perguntou Gavin, olhando para ele com cautela — Está um pouco pálido.

Ryder pegou uma faca, levantado sua camisa o suficiente para colocá-la no bolso traseiro de seu jeans. Antes que deixasse cair sua camisa, vi dois pequenos curativos brancos que cobriam as feridas de bala, me lembrando que estava quase completamente curado.

Olhou fixamente para Gavin e apertou os dentes, mantendo sua raiva sob controle. Mal a contendo.

— Estou bem — disse em uma voz séria, que dizia: não brinque comigo. Seus olhos nunca deixaram seu irmão enquanto olhavam um ao outro; a hostilidade entre eles chegou a um ponto que me surpreendia que não começassem com os murros.

Desde que Ryder me encurralou no quarto, fazendo com que eu batesse a cabeça, a tensão entre eles tinha crescido. Podia senti-la quando se aproximava. Podia vê-la quando se olhavam. E nesse momento, a tensão era enorme, ameaçando explodir e liquidar a todos nós.

Não sabia o que acontecia entre eles. Pensei que descobrir que eram primos, não verdadeiros irmãos, poderia tirar um pouco da competição, mas não o fez. Parecia estar piorando.

— Só quero garantir que não é uma responsabilidade para mim ali fora — disse Gavin com um encolhimento de ombros, sorrindo amplamente enquanto lhe entregava a espingarda, quase o desafiando a pega-la.

— Eu não preciso de uma maldita babá — grunhiu Ryder, tirando a arma das suas mãos.

A porta de trás se abriu, pondo fim ao concurso de mijadas entre os irmãos. O ar frio se envolveu ao redor de mim, me fazendo desejar um pouco de calor. Nesse instante, daria qualquer coisa para sentir a brisa cálida dos orifícios de ventilação no teto. *Nunca mais. É algo do passado, Maddie. Acabou-se.*

Cash entrou tranquilamente, fechando a porta atrás dele. Usava uma jaqueta da marinha cheia de buracos e uma das mangas mal pendurada pelos fios. Seus olhos claros estavam ocultos atrás do chapéu de vaqueiro que usava

sempre. Fizeram contato com cada um de nós, analisando a situação em segundos como só ele podia fazer.

Tirou o chapéu e passou uma mão por seu cabelo, me olhando com uma sobrancelha elevada.

— Tem algo para me dizer? — perguntou Ryder, segurando a espingarda frouxamente em uma mão.

— Não — respondeu Cash com calma, deixando seu chapéu na mesa e pegando um pedaço de carne seca. Mordeu o extremo e mastigou com lentidão, desafiando-o em silencio a dizer mais.

Apesar de assegurar que Cash era inofensivo, Ryder ainda não se sentia feliz que estivesse aqui. Dizia que não podia deixar passar o fato de que me levou ao baile de formatura e que queria sair comigo no colegial. Sim, isso foi a dois anos, mas não podia culpa-lo. Não acredito que teria gostado de viver com um de seus ex-rolos de uma noite.

— Quero ir com vocês — disse, rompendo a tensão cheia de testosterona no lugar.

Três pares de olhos me olharam. Dois "não" e um "diabos, não" muito forte foram minhas respostas.

Bufei com frustração, cansada de que me mandassem. Se não era Ryder, era Gavin. Se não Janice. Cansei disso.

— Por que não posso ir? Cansei de estar presa nesta casa. — Fiz um beicinho — E de todos os modos, só cavalgarão para os limites da propriedade. Cavalguei até a cidade. Posso lidar com um par de horas na sela.

Possivelmente fosse um pouquinho teimosa. Ao menos ia atrás do que queria.

O rosto de Ryder ficou escuro. Com uma calma que não podia combinar com seu olhar, deu um passo mais perto, pondo meus olhos no nível de seu peito. Baixou a vista para mim e parecia intimidante com as

feições tensas de seu rosto e a rigidez de sua mandíbula, mas não funcionou. Bom, quase.

Fiquei quieta e nervosa, pousando meu olhar sobre seu peito. Lembrei os músculos ocultos ali. Sua pele contra a minha. Meus seios pressionados sobre ele, esfregando toda sua pele.

Droga! Tudo bem, mentia para mim mesma; a intimidação, ao estilo Ryder, funcionava.

— Antes de mais nada, não pode ir, porque está grávida — disse, baixando seu olhar para minha arredondada barriga — Não quero que a mãe de meu bebê se machuque montando um cavalo louco. Segundo, que merda fazia na cidade?

Gavin veio em meu resgate.

— Não estávamos na cidade em si — disse.

Ryder se virou para enfrenta-lo.

— E o que em si faziam na cidade com Maddie? Sabe o que teriam feito a ela se a pegassem? Teriam a violado, em seguida assassinado — disse, enfurecido.

Gavin abriu a boca para responder, mas Cash interrompeu:

— Hey, homem. Foi a um tempo atrás. Íamos tentar te tirar de lá e Maddie queria ir. Era levá-la conosco ou deixar que nos seguisse. Ia de uma forma ou outra.

Uau. Não ouvi tantas palavras da parte de Cash em semanas.

Ryder massageou sua testa, assimilando as palavras de Cash.

— Sei o quanto pode ser teimosa. Conheci ela toda minha vida — disse, e seus olhos me percorreram antes de voltar sua atenção a Cash e Gavin — E me alegra que a mantiveram a salvo. Caralho, devo a vocês minha vida por isso, mas se voltarem a pôr Maddie e meu bebê em risco, andarão mancando por aqui com alguns ossos quebrados e algumas bolas a menos.

— Escutamos alto e claro. Agora podemos ir? — perguntou Gavin, parecendo aborrecido e pouco afetado pelas palavras bruscas.

— Sim, me dê um segundo.

Segurando a escopeta em uma mão, Ryder se aproximou de mim. Seu braço envolveu meu corpo, me atraindo para perto. Seus lábios foram ao topo de minha cabeça. Senti as mechas de meu cabelo presos na barba de sua mandíbula. Me segurando perto, sua mão foi para debaixo de meu casaco, fora da vista. As camadas que usava não podiam me proteger do desejo que estalava entre nós, saindo de controle sempre que estávamos perto um do outro.

— Logo voltarei. Ainda tem a pistola? — perguntou, movendo seus lábios contra o topo da minha cabeça.

Assenti e agarrei sua camisa mais forte, sem querer que fosse. Sei que parecia tolo, mas tinha esta sensação horrível de que as coisas eram muito boas para serem verdade. Todos os dias esperava que caísse a bigorna e nos esmagasse. Terminando o que tínhamos.

Afastei o pensamento e comecei a dizer que não se preocupasse, mas Gavin me interrompeu.

— Ficará bem, Ryder. Vamos antes que este tempo se torne de merda — disse sobre o ombro, dirigindo-se à porta de trás.

A mão de Ryder permaneceu um segundo mais antes de sair. O olhei se afastar; seus jeans desgastados, pendurando baixo em seus quadris e sua camisa ajustada em seus ombros.

Parou para agarrar uma jaqueta que foi jogada sobre a parte posterior da cadeira. Colocando os braços pelas mangas, deu um olhar de advertência a Cash.

— A mantenha a salvo — disse — Com sua vida, se tiver que fazê-lo.

— Entendido — disse Cash, assentindo.

Ryder começou a afastar-se, logo parou. Virou no mesmo lugar e enfrentou Cash, com um olhar severo.

— Isto já não é o colegial. Ela não é seu encontro para o baile. Não vai dar a ela um ramalhete e esperar marcar no final da noite. É a mãe do meu bebê. A mulher com a que planejo me casar. Entendido? — disse, sua ameaça era evidente.

— Entendido — respondeu Cash, com sarcasmo.

— Hey, estou parada bem aqui — disse, fazendo um beicinho — Parem de falar de mim como se fosse invisível.

Ryder me olhou uma vez mais antes de virar. Um segundo depois, desapareceu no exterior, permitindo entrar mais ar frio, mas deixando atrás um vazio que sempre me afligia onde quer que fosse.

O bufo ruidoso de Cash me chamou a atenção, me fazendo olhar para ele com curiosidade.

— Se soubesse que o único com o qual deve se preocupar está montando junto a ele, poderíamos ter um assassinato em nossas mãos — murmurou.

— Do que está falando? — perguntei; meu coração pulsando com mais força.

— Falo sobre esse beijo que compartilharam, Gavin e você. Ele não pode manter um segredo. Vai desembuchar, Maddie. E quando disser a verdade — fez uma pausa, colocando o chapéu de vaqueiro de novo — tome cuidado. Não vai ser bonito.

Mordi o lábio inferior, olhando a porta fechada mais uma vez.

Tinha razão. Só esperava que esse não fosse o dia em que as coisas fossem reveladas.

Capítulo 20

— Bata outra vez.

Brody se inclinou sobre a mesa e deu uma palmada na parte superior do rádio de mão, fazendo desaparecer a estática e uma voz incoerente rompeu o silêncio.

— O chão está pintado de vermelho. Repito, o chão está pintado de vermelho — disse a voz de um homem, quebrando a cada poucos segundos.

Escutamos, com a esperança de ouvir mais, mas o hino nacional começou a soar; um som metálico fez com que me perguntasse como podia reproduzir-se, já que a maioria dos produtos eletrônicos fritaram há meses.

— Que diabos significa isso de "o chão está pintado de vermelho"? Parece como alguma coisa tirada de um filme ruim de espiões — disse Eva, com os olhos muito abertos enquanto olhava primeiro para Brody e depois para o resto de nós.

— Para mim é uma espécie de código secreto — disse Cash, abrindo e fechando uma navalha. Abrindo-a e fechando-a.

Vi o movimento de seus dedos, com crescente irritação. Ele esteve fazendo-o durante os últimos minutos, me deixando louca. Chegando a meu limite, inclinei-me sobre a mesa e agarrei a navalha de suas mãos. Levantou os olhos, surpreso. Elevou as mãos e me olhou como dizendo "que caralho?", mas sabia que Cash nunca pronunciaria essas palavras.

— Está me deixando louca com esta coisa! — disse, fechando a navalha.

O lado de sua boca se curvou em um sorriso de menino que às vezes escapava quando pensava que ninguém o olhava.

— Acredito que o que *realmente* te deixa louca é saber que Ryder está lá fora com seu irmão — disse — falando Deus sabe o que.

Entrecerrei os olhos, dando a ele meu melhor olhar de não-vá-por-aí. Riu entre dentes e colocou a mão no bolso. Um momento depois, apareceu outra navalha em suas mãos. *Ugh.*

Eva esfregou as mãos com entusiasmo, ignorando os olhares sujos que lançava a Cash.

— Oh, que bom! Finalmente um pouco de emoção por aqui. Estou perdendo meus programas de televisão, mas sempre posso contar com meu bom amigo, Ryder, para que me traga um pouco de drama.

Revirei os olhos. Estava sendo a típica Eva, o que era bom, tendo em conta tudo o que aconteceu, mas neste momento, não precisava de sua atitude.

— Não é engraçado, Eva. Não acredito que iria rir se descobrisse que beijei uma garota, pensando que estava morta — disse Brody.

— Do que falamos? — perguntou Janice, entrando na cozinha com umas poucas latas de sopa em seus braços.

— Então, o que está dizendo, Brody? — perguntou Eva, ignorando a pergunta do Janice — Que beijaria outra pessoa se não estivesse aqui? É isso o que quer? A alguém mais?

Janice ficou imóvel, olhando de Brody para Eva com confusão. Assim como ela, me perguntava o que acontecia com estes dois.

Brody passou uma mão pelo rosto, exasperado.

— Não, não quero mais ninguém. Isso não é o que digo. Estou tentando dizer que Ryder vai ficar nervoso. Qualquer cara normal ficaria. Não é uma brincadeira, Eva. Têm um bebê a caminho.

Eva cruzou os braços sobre seu peito, levantando o queixo.

— Sou plenamente consciente disso, Brody — disse — Vou ser uma pseudo-tia logo e serei a que vai estar segurando a mão de Maddie quando ela

expulsar essa coisa, então não preciso que me lembre que vai ter um filho do diabo.

— Excelente, Eva. Tem um dom com as palavras. Possivelmente merece Ryder, porque é uma bruxa! — espetou Brody, parecendo irritado.

Uau.

Vi a dor no rosto de Eva. Brody olhou para outro lado, sua cara vermelha, seja com vergonha ou com ira. Não poderia dizer qual. Sabia que tinha que intervir antes que Eva saltasse sobre a mesa e o estrangulasse.

— Não sei o que está acontecendo entre vocês dois, mas acredito que todos precisamos... — Não tive a oportunidade de terminar o resto da frase.

A porta traseira abriu de repente, golpeando a parede interior. Imediatamente ricocheteou e apareceu um buraco no gesso da parede devido ao cabo da porta.

Saltei, com o coração acelerado. Eva gritou a meu lado, um som que nunca tinha escutado fazer. Cash saltou, sua cadeira voou para trás. Uma pistola apareceu do nada, apontando ao homem que tinha irrompido na cozinha.

Ryder.

E estava como louco.

Ignorando todos os outros, Ryder me olhou fixamente. Sua boca era uma linha firme. Seu corpo estava preparado para atacar. Era impossível não ver a ferocidade dirigida para mim. Era óbvio que de repente, entrei em sua lista negra.

— Ryder? — obriguei-me a dizer.

— Querido? O que está acontecendo? — perguntou sua mãe.

Ele não respondeu a nenhuma das duas. Tirando as luvas, jogou-as em uma cadeira próxima, sem perder o passo enquanto entrava mais na cozinha.

Ia atrás de uma coisa e isso era eu.

Congelada no lugar, vi como veio para mim como um animal a ponto de atacar. Surpreendeu-me que não estivesse mostrando os dentes e grunhindo. Quando chegou o suficientemente perto, agarrou meu cotovelo, pondo a quantidade justa de pressão sobre meu braço para me levantar.

— O que está fazendo? — perguntei, firmando meus calcanhares quando se dirigiu de novo para a porta, me arrastando com ele.

Parou, franziu o cenho. Me perfurando com os olhos cheios de nada mais que fragmentos frios de gelo.

Foi então quando o vi. Ódio. De mim.

Ele sabia. Jesus, sabia.

— Solte-a — exigiu Cash, o bloqueando para que não se afastasse mais comigo. A pistola que segurou anteriormente, agora estava na cintura de suas calças jeans, de fácil acesso se precisasse.

Ryder olhou para Cash e seus lábios se encresparam com um grunhido.

— Afasta-se — grunhiu, dando um passo e pondo seu corpo diante do meu.

— Não posso fazer isso, Ryder — disse — Sei que está nervoso e tem todo o direito de estar, mas deve se acalmar. Não quer machucar Maddie ou seu bebê.

Ryder olhou a seu redor, vendo Eva e Brody de pé. Vendo sua mãe perto da mesa, com as costas reta e seus lábios em uma linha magra.

A fúria saía dele. Sentia enquanto me mantinha atrás de suas costas, quase me protegendo de si mesmo, de algum jeito retorcido.

— Estou irritado e agora, provavelmente, poderia matar, mas ferir Maddie? Ou meu filho? Quem caralho acha que sou? — grunhiu.

Ninguém disse nada. Essa era toda a resposta que precisava.

— Sim, isso é o que pensei — disse, zombando com desgosto — Posso ser um filho da puta, mas não se preocupem, iria embora antes de danificar um cabelo dela.

Sem dizer uma palavra, levou-me com ele para a porta.

O vento me golpeou, me esbofeteando no rosto com um frio que foi diretamente a meus ossos. A porta traseira se fechou atrás de nós, já que o vento a forçou a fechar-se, nos bloqueando no exterior.

— Ryder, mais devagar! — exclamei, quase caindo pelas escadas da varanda enquanto ele se agarrava a mim. Suas longas pernas cobriam mais terreno que as minhas. Acredito que às vezes se esquecia disso. Se sua mão não estivesse apertada em meu braço, poderia ter aterrissado de bruços no chão.

Sem dizer uma palavra, soltou-me e continuou caminhando, me deixando de pé sozinha. Agindo como se eu não existisse.

Olhei para suas costas enquanto se dirigia para o celeiro. *Qual era seu problema? Primeiro me agarrava e me arrastava para fora da casa e então, me dava as costas? Não mesmo, amigo...*

A ponto de perder as estribeiras, fui atrás dele, seguindo seus passos. Pronta para esclarecer coisas.

— Ryder, me escute, sei o que está acontecendo, mas precisa...

Parou de repente, quase me fazendo tropeçar com suas costas. Virou-se e seus olhos pousaram em mim, cheios de repugnância.

— Não me diga o que devo fazer, Maddie. Já não tem esse direito — disse, me olhando diretamente nos olhos e me deixando ver o ódio ali.

Senti uma pontada em meu coração, como se uma das navalhas de Cash estivesse se cravando pouco a pouco.

Começou a andar de novo, caminhando como se fosse para sempre. O segui, ignorando os batimentos do meu coração e da visão de seus músculos movendo-se sob sua jaqueta. *Mantenha o foco, Maddie. Está zangado. Mantenha a calma.* Estava tão concentrada em tentar controlar minha ira, que tropecei com uma pedra grande.

A mão de Ryder saiu disparada, agarrando meu braço e impedindo minha queda.

— Olhe por onde anda, Maddie. Posso estar fodidamente louco neste momento, mas se quebrar uma perna, vou perder a pouca prudência que fica.

Mantendo sua mão ao redor de meu braço, continuou me puxando, sem parar em sua busca de aonde íamos.

Olhei para o céu nublado, enquanto meu fôlego deixava baforadas pequenas de vapor. Um floquinho de neve caiu sobre meu nariz, derretendo-se imediatamente. Dois pássaros chamaram minha atenção, voando no vento, suas grandes asas batiam no ar. Suas opacas plumas negras eram escuras contra o céu cinza, representando perigo e ameaça. Aterrissando em um ramo de árvore próxima, grasnaram ruidosamente. O som me provocou um arrepiou.

— Temos que falar sobre isso — disse, trazendo minha atenção para Ryder.

— Oh, falarei com você, mas não vai gostar do que tenho a dizer — disse, com palavras cortantes.

O vento se impulsionava contra mim, depositando mais diminutos flocos de neve em meu cabelo e rosto. O riacho estava à esquerda, correndo paralelo à propriedade de Ryder. Evitei olhar nessa direção, com medo de que a lembrança de nós fazendo amor na água, meses atrás, fosse muito.

Em questão de segundos, estivemos de pé diante das grandes portas do celeiro. A chapa de metal de cor cinza estava velha e gasta, mas sabia que era mais grossa do que parecia.

Com um movimento de suas mãos, Ryder abriu a porta. Senti o aroma de umidade de feno e esterco de vaca. As lágrimas brotaram em meus olhos, me lembrando que o gado tinha que ser assassinado, mas talvez, as lágrimas fossem mais pelo que eu temia que estava por vir. *Poderia perde-lo. Este pode ser o fim para nós.*

Fechando a porta atrás dele, Ryder me levou para a escuridão do celeiro. Parando, olhou para mim, elevando-se em toda sua altura. Parecia um homem selvagem, alguém próximo a perder o controle. Seu cabelo estava despenteado, caindo sobre seus olhos, mas não conseguiam ocultar o cenho franzido dirigido a mim.

Dando um passo para mim, invadiu meu espaço pessoal. Mantive-me firme, ao menos durante alguns segundos.

— Então, o que vai me dizer? — perguntou, avançando para mim lentamente.

Dei um passo trás, pondo minha mão sobre seu peito.

— Sobre Gavin?

— Sim — respondeu, sem dar atenção a minha mão.

— Então suponho que ele te disse? — perguntei, mordendo o lábio inferior com nervosismo à medida que continuava caminhando para trás. Minha mão caiu de seu peito. Mesmo através das camadas de roupa, não podia tocá-lo. Causava uma necessidade, um desejo que era simplesmente muito.

Seus olhos se dirigiram para meus lábios. Percebi que meu lábio inferior estava preso entre meus dentes, sendo mordido até a morte. Eu os soltei. Meus dentes deixaram pequenos entalhes no lábio que podia sentir com minha língua.

— Fez... essa merda com ele? — perguntou, vendo minha boca — Morde seu lábio? Flerta com ele? — Voltou a me olhar nos olhos — Que mais fez? Heim?

O que? Como podia sequer pensar nisso! Vi vermelho um segundo antes de explodir.

— Não se atreva a dizer isso! — gritei, o empurrando. Não se moveu, seguiu caminhando para mim, me espreitando. Não se deteve até que minhas costas golpearam o estábulo de cavalos atrás de mim.

Inclinando-se, Ryder pôs as mãos sobre a madeira torcida atrás de mim, me sujeitando. Debaixo de sua jaqueta, tinha os músculos de seus braços flexionados. Sabia que tinham o poder de me ferir com um movimento de sua mão ou me abraçar forte quando gozava com ele dentro de mim. Queria dar uma bofetada nele por me fazer sentir assim. *Maldito por me fazer pensar em sexo cada vez que estava perto!*

Tentei controlar minha respiração quando seu grande corpo bloqueou minha fuga. O calor de seu corpo me envolveu, empapando minha pele. Me tocando em lugares onde só seus dedos e dureza tinham chegado.

Mas suas palavras causaram um tipo de reação distinta.

— O beijou, Maddie. Beijou. Meu irmão — disse, aproximando-se mais, me olhando com uma mescla de ódio e dor.

Estremeci com cada palavra, odiando que fosse verdade. Odiando que ele soubesse. Me odiando pôr machuca-lo.

Mas não o suficiente para me acovardar.

Agachei-me e rapidamente escapei de seu braço. Antes que pudesse me deter, corri para as portas do celeiro, mas ele tinha outros planos e não incluíam me deixar ir.

— O BEIJOU? — rugiu e sua voz ecoou nas paredes do celeiro.

Me virei para olhá-lo.

— NÃO! Ele me beijou! — gritei — Pensava que estava morto e acreditou que era seu dever cuidar de mim. Fez ele prometer que o faria! Disse a ele que era perfeito para mim! Como pôde? — gritei, colocando meu dedo indicador em seu peito quando se aproximou o suficiente — Não pode se dar por vencido tão facilmente, Ryder! Às vezes, você é tão frustrante... — Respirei fundo, tentando me acalmar, mas não ajudou — O beijo não significou nada, Ryder! NADA!

Assentiu, como se entendesse. Senti alívio. Desapareceu a pressão em meu peito, mas suas seguintes palavras me golpearam como uma tijolada na cabeça.

— Nada? Desde que voltei, vi coisas, Maddie — disse, dando passos mais perto — O vi pôr suas mãos em seu cabelo. Vi a forma que te olha e vi o quanto se tornaram próximos desde que fui. Caralho, não pode resistir a você. Ninguém pode. Então me diga, que mais seus lábios têm feito a meu irmão?

Era como um disparo em meu coração.

Meu queixo tremia e minha garganta se fechou hermeticamente. Era um desastre, mas ainda me agarrava, lutando por nós, ainda que ele não.

— Estes lábios não fizeram nada com ele! Esteve com inumeráveis garotas e está furioso comigo, porque seu irmão me deu um beijo? Foi um maldito beijo!

— Sim, me deitei com um punhado de garotas! Merda, se fosse possível apagaria isso! — gritou, dando um passo mais, mas logo sua voz baixou, correndo por minhas terminações nervosas — *Nunca* teria tocado outra garota se soubesse que podia te ter. Esse é o problema. Não quero ninguém mais, mas talvez você sim.

— Não! — Sacudi a cabeça, aterrorizada de que ele acreditasse — Tinha os braços de Gavin a meu redor e desejava que fossem os teus. Que você me beijasse! Teria dado minha vida para te ter de volta. Sentia saudades!

— Caralho, Maddie, eu também senti falta de você. Me deitava no chão duro durante a noite e sentia saudades de você. — A dor e a fúria se mesclaram em seus olhos e em seu rosto — Respirei e vivi por você. Caminhei pelo bosque sozinho, sem comida nem água só para voltar para você. — Sua voz se fez mais forte e desapareceu a dor. Só se manteve a raiva — Então chego em casa. Minha família está faminta, mal resistindo. Fico sabendo que sou adotado e que minha verdadeira mãe era uma drogada que não me queria.

Parou sobre mim como um gigante. Suas seguintes palavras foram duras e as disse com os dentes apertados.

— Então descubro que a mulher que amo e meu irmão estavam se enrolando aqui em casa enquanto eu agonizava. Acredita que não deveria estar soltando fumaça, como um maldito louco?

Meu sangue ferveu e a frieza encheu minhas veias.

— Sim, tem todo o direito de estar com raiva, mas Gavin e eu não estávamos nos enrolando! — gritei — Maldito seja, Ryder! Não aconteceu mais nada! Por que não pode entender?

Olhou para mim com frieza, vazio de toda emoção. Nem amor, nem ódio, nem paixão. Nada

— E se acha que devo acreditar? — zombou, enojado — Meus pais mentiram para mim durante todos estes anos a respeito de meu nascimento. Talvez minha melhor amiga também esteja mentindo.

Fiquei reta, expulsando todo o ar de meus pulmões. Me dando conta que tinha um controle firme sobre seu casaco, obriguei a meus dedos frios a soltá-lo. Estufando meu peito, olhei em seus olhos. *Qual era o ditado? Nunca deixe que te vejam suar?* Bom, eu não ia deixar que me visse ferida. Queria gritar como um bebê. Tinha vontade de gritar como uma louca. Queria bater nele até fazê-lo sangrar, mas fiquei tranquila. No passado, ele tinha me chamado de teimosa. Iria ver quão teimosa podia ser.

Dei um passo para trás, forçando uma parede invisível entre nós. Seus olhos se moveram por meu corpo, me queimando de algum jeito. Queria agarrar sua nuca e beijá-lo. Seus jeans para montar zombavam de mim, fazendo-o parecer mais provocador do que tinha direito. Queria desabotoá-los e colocar minha mão, para logo envolvê-la a seu redor e mostrar o muito que eu adorava cada centímetro de seu corpo, mas ao invés disso, apertei minhas mãos em punhos aos lados. *É muito triste, Maddie. Não pode resistir a ele, nem sequer quando te odeia?*

Tomando uma baforada de ar muito necessária, me virei e me afastei, o deixando sozinho. Ele me permitiu ir. Isso me doeu tanto quanto suas palavras anteriores.

Na metade do caminho pelo chão poeirento do celeiro, parei, quando uma pergunta apareceu em minha mente. Tomando o controle de novo, o enfrentei. Seu olhar ficou em mim, me olhando com uma expressão fechada.

— Onde ele está? — perguntei.

Ryder bufou e desviou o olhar, sacudindo a cabeça com desgosto. Doeu em mim vê-lo agir assim, mas não era um santo. Sabia disso minha vida inteira. Ele podia ser um bastardo sem coração, mas sabia que era uma fachada para proteger-se. Uma maneira de ocultar suas emoções dos outros.

— O deixei no campo, fora de combate. Tem sorte de que não tenha atirado nele e o deixado apodrecer — disse.

O terror alagou meu corpo. *Gavin estava lá sozinho? Estendido no chão e machucado?* Sem pensar duas vezes, corri para um dos estábulos.

— O que está fazendo? — perguntou, vendo como puxava uma manta de um lado da sela no alto. O pó formou redemoinhos a meu redor, fazendo com que meu nariz coçasse quando a manta caiu na palha a meus pés.

Não respondi, tentando alcançar a sela de montar acomodada em seu lugar. Colocando as mãos no couro, a puxei, mas não se moveu.

— Jesus, Maddie, que demônios acha que está fazendo? — perguntou, dando grandes passos pelo chão do celeiro, parando só quando esteve a meu lado.

Neguei-me a olhar para ele e puxei a sela. Desta vez, começou a cair. O peso quase me derrubou, mas Ryder a apanhou com facilidade.

— Maldita seja, Maddie, vai se machucar — murmurou, baixando a sela ao chão — Está grávida. Não pode levantar coisas pesadas, lembra?

Queria dizer: *Sou uma mulher adulta e não preciso que me diga o que posso ou não posso fazer*, mas mantive a boca fechada. Foi algo muito difícil.

Me inclinando, tentei levantar a sela, qualquer coisa para manter minha mente fixa na tarefa e não no corpo de Ryder junto a mim, mas me rendi e deixei a sela no chão, quando se fez evidente que era muito pesada para que a levantasse.

Em seu lugar, peguei algumas rédeas e a ferradura que pendurava sobre um prego perto. Sem olhar para Ryder, agarrei a manta da sela e me afastei, deixando a sela para trás. *Não preciso dela. Podia fazer isso sem um pedaço de couro. Ou sem Ryder.*

— Não irá atrás dele — disse, me seguindo pelo celeiro.

— Tente me deter. — Apertei os dentes, focada nas portas de metal.

— Não me tente, Maddie. Não quero uma desculpa para te tocar.

Suas palavras doeram, mas ignorei a dor.

Ao abrir de repente a porta do celeiro, senti o vento frio esfriando meu rosto e formando redemoinhos de flocos de neve a meus pés. Ignorando o frio, saí do celeiro. Meus braços estavam cheios de rédeas que penduravam atrás de mim e a manta de cavalo áspera irritava minha pele, mas não me importei e segui adiante.

Pela extremidade do olho, vi Eva e Brody na varanda, nos olhando. Eu sabia que Eva estava zangada, com vontade de envolver suas mãos ao redor do pescoço de Ryder. *Bem-vinda ao clube.*

Cash se aproximou de nós com um propósito, movendo seus quadris casualmente com cada passo. Seu andar era depravado, mas eu sabia que estaria preparado para brigar no momento da notícia. O onipresente chapéu de vaqueiro que tinha em sua cabeça ocultava seus olhos do mundo. Um rifle estava sujeito a sua mão direita, uma que bem poderia inclinar a arma e disparar em questão de segundos, mas sabia que não era a única arma que levava. O homem era um exército andante, capaz de fazer com que um homem se rendesse com apenas um som.

Ignorando-os, corri até beira do celeiro. A poucos metros, estava o pasto. Três cavalos ao lado do cocho nos observavam com interesse. Me dirigi a eles, sem dar atenção a Ryder nem ao frio vento que me fazia tremer.

— Maddie — disse Ryder, como se dizer meu nome fosse tudo o que devia fazer para me deter. *Bom, desta vez não.*

No portão, tirei o cadeado e o pendurei perto do arame farpado. Os cavalos observaram me aproximar, movendo as orelhas para trás e para frente. Passando além deles, aproximei-me de minha égua quarto de milha. Ela sacudiu a cabeça, enquanto seus grandes olhos marrons me olhavam com ferocidade indomável.

— Hey, garota — disse a ela, estendendo a mão e deixando que cheirasse meus dedos frios.

— Maddie, juro que se subir e ir atrás dele...

Joguei a manta na parte posterior da égua e olhei por cima do ombro para Ryder.

— O que fará? Ficará nervoso comigo? — perguntei com indiferença — Vou atrás dele, Ryder. É seu irmão e meu amigo. Não tente me deter, porque não pode.

Cash parou a uns metros de nós, olhando com receio para Ryder.

—Tudo bem, Maddie? — perguntou.

Meus olhos se dirigiram para a arma em sua mão, enquanto os flocos de neve caíam ao nosso redor.

Escutei Ryder mover-se atrás de mim, preparado para atacar Cash como se tivesse ultrapassado alguma boba e estúpida fronteira. Simplesmente me irritava mais.

— Maddie, o que está acontecendo? — voltou a perguntar Cash.

— Ryder nocauteou Gavin e o deixou lá fora — respondi, apontando para o campo enquanto punha o cabresto sobre a cabeça da minha égua —

Alguém deve ir busca-lo. Bem que poderia ser eu, já que estamos tão próximos. Já sabe, como meus lábios têm feito todo tipo de coisas com ele.

Certo, não deveria ter dito a última parte, mas não pude resistir. Estava tão zangada que só queria gritar. E não era a única.

Ryder explodiu. Sua cara ficou vermelha e sua mão agarrou meu braço, me fazendo virar.

— Juro, Maddie, estou perto de te estrangular — forçou-se a dizer com os dentes apertados.

Ambos ignoramos Cash enquanto dava um passo mais perto, sempre de guarda-costas.

— Vá em frente — sussurrei, com ira e dor — Quase faz isso uma vez. Envolveu suas mãos ao redor do meu pescoço e pouco a pouco começou a apertar. Desafio você a me tocar novamente.

Ficou olhando, surpreso por minhas palavras. Sabia que não me faria mal, mas tive que pressioná-lo. Ele me deixava muito louca para não fazê-lo.

Alcançando-o, agarrei sua mão e a pus em meu pescoço, forçando seus dedos. Estavam quentes contra minha pele. Familiares. Queria suas mãos por toda parte em mim, mas desprezei o desejo. Não queria voltar a senti-lo. Queria sentir a fúria, não o desejo que me consumia pela manhã e à noite.

— Vá em frente, Ryder. Aperte. Me mostre o quanto me odeia — disse a ele, furando seus olhos com os meus.

Engoliu seco duramente. Seus dedos percorreram minha pele brandamente, enquanto seus olhos observavam o movimento. Deslizou o polegar debaixo da parte superior de minha camisa, logo desapareceu debaixo do pescoço de minha jaqueta.

Quando seu polegar se moveu sobre minha clavícula, aspirei uma baforada de ar, levando o ar frio dentro de meus pulmões.

— Acha mesmo que poderia te fazer isso? Te ferir? — perguntou, o suficientemente baixo para que só eu pudesse o ouvir.

— Já me machucou uma vez hoje ao não acreditar em mim. Por que não torcer a faca um pouco mais? — disse a ele, tentando não me desmoronar quando sua mão se moveu para minha nuca.

Vi uma faísca, uma pequena pitada de sentimento em seus olhos. Logo desapareceu, encoberto por uma expressão retraída. Então soube que se perdeu na ira.

— Deixe-me ir, Ryder — sussurrei.

— Vou com ela — interveio Cash ao nosso lado.

Apertou sua mão em minha nuca, me aproximando. Deixei-o, pensando que ia me rodear com seus braços e dizer que sentia muito. Ou suplicar meu perdão. Devi saber. Este era Ryder.

— Vá. Corra para ele — grunhiu; suas palavras saíram suaves, mas a ameaça por trás delas era real — mas você sempre será minha, Maddie.

Pouco a pouco, suas mãos me abandonaram. Deixando-me ir, mas eu soube que nunca seria livre dele.

Nunca quis ser.

Capítulo 21

Encontramos Gavin a meio quilômetro da casa, perto do riacho que corria ao longo do rancho. Por cima do som do vento, podia ouvir a água e sabia que era perto de uma zona onde se formava redemoinhos e borbulhava sobre grandes rochas. Ryder e eu tínhamos brincado ali quando éramos crianças. Uma ou duas vezes, Gavin se uniu a nós quando nadávamos ou tentávamos pegar peixinhos na água. Muitos dias, tinha me sentado na margem arenosa, olhando e rindo enquanto eles competiam sobre quem poderia pegar a maior quantidade de peixes pequenos. Eram ferozes competidores, antes e agora. Só que agora, competiam por outra coisa, mas eu já sabia quem era e sempre seria o ganhador.

Gavin tinha uma bota no estribo e ia montar seu cavalo quando viu, Cash e eu cavalgando para ele. Cheguei antes que Cash; minha égua galopou até a área sombreada perto de Gavin. Assim que minha égua parou, desci da sela, com o olhar fixo nele. Cruzando a terra gelada, caminhei através do mato alto que me rodeava até a altura da coxa.

— Diabos, Maddie, o que faz aqui fora? — perguntou, deslizando seus olhos por meu corpo. *Tenho frio, mas estou aqui para salvar seu traseiro, quase disse.*

Olhou para mim cautelosamente enquanto me aproximava. Seu nariz sangrava e a pele ao redor de seu olho estava machucada, deixando atrás de si um hematoma desagradável graças a Ryder.

— Ryder disse que te deixou inconsciente. Está bem? — perguntei.

Limpou o nariz com o dorso da mão e logo olhou o sangue.

— Sim. Merecia cada golpe que me deu — murmurou, tocando a extremidade de seu olho — Provavelmente merecia muito mais.

Fiz uma careta. Seu olho, que já estava inchando rapidamente, parecia dolorido.

— Então, o quanto irritado estava? — perguntou.

— Irritado não começa a descrevê-lo. Estou surpreso de que continue inteiro — respondeu Cash, inclinando-se para frente na sela — Não posso dizer que o culpo por te chutar o traseiro. Eu teria feito o mesmo. — Gavin soltou um bufo e passou por diante de mim, levando seu cavalo até o meu.

— Quero chutar meu próprio traseiro — murmurou — Sinto muito, mas tive que dizer a ele, Maddie. Estava me comendo por dentro. Cada vez que me olhava, sentia-me muito culpado.

Franzi o cenho, lembrando das palavras de Ryder.

— Disse a ele que não significou nada, mas está irritado. Furioso.

Olhou para mim. O vento levantava mechas de seu cabelo escuro; muito mais escuro que o de Ryder. Pareciam irmãos, mas havia pequenas diferenças entre eles. Além da escura personalidade que Ryder tinha e Gavin não, este último era mais magro. Tinha o corpo de um corredor, mais magro, mas musculoso. Ryder tinha o corpo de um lutador, forte e esculpido em pedra, preparado para brigar com alguém. Assim como tinha feito com seu irmão.

— Como você está? — perguntou para mim.

Olhando ao longe, encolhi os ombros. Estava chateada, mas acima de tudo, irritada. Queria bater em alguém ou algo. Quer dizer, em alguém alto que me enfurecia como ninguém mais.

— Sinto muito por tudo isto, Maddie. Só espero que ele se dê conta do que tem e não o jogue fora. Se o fizer, vou chutar o traseiro dele daqui até no próximo domingo — disse Gavin — por você.

— Obrigada, Gavin.

O canto de sua boca se elevou em um meio sorriso tolo que teria feito as mulheres de Dallas passarem mal. Seus longos cílios negros capturaram um floco de neve, deixando um toque de humor em seus olhos.

— Não tem problema, pequena.

Sorri, seu velho apelido curvou meus lábios em um sorriso. Talvez não devesse ter sorrido. Ryder estava irritado comigo. Nevava e tinha frio. Não tínhamos suficiente roupa para o inverno. Nosso fornecimento de suprimentos ia diminuindo. Sentia muitíssima falta de meu pai e faltavam poucos meses para ter um bebê sem atenção médica adequada. Sorrir não parecia correto. Chorar? Sim. Lamentar-se? Claro, mas acredito que às vezes, a felicidade significava viver. Estar presente. Estar vivo. Estar rodeado dos que mais ama.

Inclusive se às vezes, te fazem se irritar.

Capítulo 22

A viagem para casa foi horrível. A neve se tornou mais pesada, cobrindo pouco a pouco o terreno em uma leve camada de branco, mas quando aterrissava em mim, simplesmente se convertia em umidade fria, encharcando minha jaqueta e meu jeans.

Meu cabelo estava molhado, parecendo gelo contra a pele de minha garganta e rosto. Meus dentes tocavam castanholas e todo meu corpo tremia com grandes estremecimentos que tornavam difícil concentrar-se. Precisava de calor e precisava agora.

Mas nunca parecia conseguir o que queria. A vida simplesmente não funcionava dessa maneira para mim. Se fosse assim, não teria frio e fome enquanto a neve cobria meus inadequados tênis. Eu estaria a salvo e aquecida em meu apartamento, rindo com Eva sobre os meninos e me preocupando em estudar para os exames finais.

Não estaria preocupada com uma guerra em nossa própria terra, que matava a milhares e milhões de famintos. Teria eletricidade, um carro, suficiente comida para todo o inverno e água limpa que não tinha que ser filtrada. Teria meu pai. Nunca teria perdido minha mãe, mas de novo, talvez não tivesse tido Ryder nem tampouco nosso bebê.

Dizia a Gavin sobre a crítica mensagem que escutamos no rádio de onda curta, quando de repente Cash puxou as rédeas, para deter seu cavalo. Quando ele fazia coisas assim, eu prestava atenção nele. Nunca fazia nenhum movimento brusco sem uma razão. E seja qual fosse a razão, encheu seu corpo com tensão.

Gavin e eu seguimos seu exemplo e detivemos os cavalos. Nossa conversa se desvaneceu quando vimos a cara de Cash. Sua mandíbula barbuda

parecia esculpida em pedra. Debaixo do chapéu de vaqueiro, vi seus olhos fixos à frente com precisão mortal. Segui seu olhar, em busca do que o fez esticar-se. Foi então quando os vi.

— Maldito seja — sussurrou Gavin, chocando minha perna com a sua quando seu cavalo se aproximou do meu.

Meu coração parou. Meus pulmões deixaram de respirar. O frio não importava. A neve que caía a nosso redor não importava. O que importava eram os soldados de pé na frente da casa.

Sem fazer ruído, Cash levou a mão para trás e lentamente retirou o rifle da capa na sela. Apoiando as rédeas em seu colo, controlou o cavalo com suas coxas enquanto levava o rifle a seu ombro, fazendo que parecesse a coisa mais natural do mundo. Sob seu chapéu de vaqueiro, ele observou através da mira montada no topo do rifle. Sem binóculos, era a única maneira de saber a que nos enfrentávamos.

— Soldados. Quinze ou algo assim — disse, movendo o rifle lentamente e explorando a zona — Todos armados.

Apertei os dedos ao redor das rédeas e senti pânico. Minha égua sacudiu a cabeça e chutou o chão, ansiosa para começar a mover-se. Não dei atenção. Meu corpo se sentia frouxo, abandonada por tudo o que me mantinha inteira.

Encontraram Ryder.

Vá por ele, insistiu minha voz interior. Cravei os calcanhares nas costelas de minha égua, fazendo com que a parte traseira de sua cabeça fosse para trás pela surpresa. Afrouxando as rédeas, deixei-a em liberdade, livre para decolar em um galope.

Mas Gavin me deteve. Estendendo a mão, agarrou as rédeas da minha égua e a impediu de ir mais longe.

Tudo o que podia pensar era no inimigo, tentando ferir Ryder. O fazendo pagar por ter matado seu líder. Não queria me sentar aqui e observar enquanto acontecia. Não poderia.

— Temos que ajuda-lo! O matarão! — exclamei em um sussurro; meu medo se mesclava com a ira.

— Espera, Maddie — disse Gavin em voz baixa, com os olhos fixos na casa.

— São americanos — interrompeu Cash, sem deixar de observar os soldados através da mira do rifle.

— Como sabe?

— Vestem roupa de camuflagem americana. Não são desgraçados estrangeiros — explicou Cash.

— Vê alguém mais? — perguntei, tentando reprimir o pânico em minha voz.

— Sim — respondeu Cash, sua voz silenciada contra o vento.

— Quem? Ryder? — perguntei, tentada a agarrar a arma e dar uma olhada pela mira.

Cash não respondeu, o que me preocupou.

— Cash? Vê o Ryder? — perguntei de novo, tentando não gritar de frustração com ele.

Empurrando o chapéu para trás em sua cabeça, moveu a arma para a esquerda

— Sim, está aí. Segue em pé e é surpreendente já que... — Deteve suas palavras. De repente, seus ombros se esticaram sob sua jaqueta grosa — Oh, caralho — murmurou.

— O que? — perguntou Gavin, olhando com os olhos abertos quando Cash baixou o rifle e se apressou para colocá-lo na capa.

— Viram-nos.

Tentando controlar o pisoteio impaciente da minha égua, dei uma olhada à casa. Cinco homens nos apontavam. De repente, começaram a correr para nós.

Eles vinham por nós.

Um movimento chamou minha atenção. Alguém nos olhava. Parecia mais alto que o resto, de pé no meio do pátio, rodeado pelos homens.

Ryder.

Aí foi quando o escutei. Um grito.

— HEY!

Observei com crescente pânico quando se viraram os cinco homens, esquecendo-se de nós durante um minuto.

O que está fazendo?

Dando a volta, Ryder deu um murro na cara do homem mais próximo. Então lançou um punho no estômago. Um segundo mais tarde, os soldados se apressaram para ele.

— TIRA ELA DAQUI! — gritou, se esquivando de um gancho no queixo antes que alguém lhe cravasse um no estômago.

— Não, não, não — disse em voz baixa, sabendo o que fazia.

Nos dava tempo.

A ideia me fez sentir mal do estômago. Ele permitia que lhe dessem uma surra para que Gavin e Cash pudessem me pôr a salvo. Sacrificava-se para que pudéssemos escapar.

— Merda! — amaldiçoou Gavin, puxando as rédeas quando seu cavalo elevou a cabeça — Que diabos está acontecendo? Somos americanos!

— O que acha? — disse Cash, gritando e tentando controlar seu próprio cavalo — É uma grande festa e acabam de nos convidar.

Capítulo 23

A tática de Ryder não funcionou. Só nos economizou uns segundos.

— Caramba! Lá vem eles! — nos advertiu Gavin, olhando como os cinco homens começaram a correr pela grama alta em nossa direção.

— Maldito seja — murmurou Cash, tentando controlar seu cavalo nervoso — Estamos entre a espada e a fodida parede. Se dermos a volta e corremos, seria iminente uma luta que envolva balas. Garanto que não quero isso quando Maddie está conosco.

Lançando uma perna por cima da sela, desmontou rapidamente. Tirou a pistola e as facas escondidas em vários lugares de seu corpo, as deixando cair na grama alta a seus pés.

— O que está fazendo? — perguntou Gavin, vendo como as armas desapareciam nos troncos e ervas daninhas que nos rodeavam.

— Estou me lembrando de minhas aulas de história — respondeu Cash, levantando o olhar por debaixo de seu chapéu — O governo está fraco. Escutamos e vimos isso muito bem. Armas de fogo, balas ou armas de qualquer tipo, são mercadoria que os exércitos precisam. Que me condenem se dou as minhas a eles.

Gavin olhou para os soldados antes de retornar seu olhar a nós, mostrando-se indeciso sobre o que fazer.

Eu já sabia. Lancei a perna sobre a sela e me deslizei até o chão congelado. Não me importavam os soldados. A única coisa que importava era recuperar Ryder e Eva e manter meu bebê a salvo. *Permanecer juntos*. Esse foi nosso lema há meses e não o mudaríamos um pouco. Quando o fazíamos, aconteciam coisas ruins.

Gavin me copiou e desmontou. O gelo encravado na erva rangia sob suas botas e o som por si só me fazia tremer. Imediatamente, ele desprendeu a escopeta de sua sela de montar. Com o cenho franzido, colocou-a no chão. A arma desapareceu da vista na erva alta que nos rodeava.

— Fico com minha faca — afirmou obstinadamente.

— Essa é sua maldita própria decisão, mas não arruíne tudo por brincar de herói — disse Cash — Temos o suficiente disso com Ryder.

Ante a menção de seu nome, todo o sangue fugiu da minha cabeça. Assim que pude vê-lo, de pé no meio dos homens. Vi que lançavam murros e sabia que Ryder não ia os devolver. Ele era o único disposto a ser um saco de boxe para que pudesse escapar.

Vi os soldados nos seguindo. A bílis subiu por minha garganta. Cada um deles tinha uma arma de fogo, alguns inclusive mais de uma. Outros tinham a cara manchada de negro, lhes fazendo camuflagem, com aspecto preparado para a batalha. Outros pareciam a ponto de matar qualquer coisa que se movesse; animal ou humano. Tinha a sensação de que não lhes importava muito.

Gavin e eu seguimos a caminhada de Cash, deixando nossas armas escondidas para trás.

— Só deve se comportar com naturalidade e dar a eles o que querem —murmurou Cash, com os olhos fixos nos homens que se aproximavam.

Meu coração se acelerou. Minhas pernas ficaram rígidas com a baixa das temperaturas. Fazia frio e tinha fome, mas tínhamos problemas maiores.

— Vocês! Quem são? — gritou um dos homens e levantou a pistola. Os soldados nos rodearam. Superavam-nos em número e armas. Podiam ser aliados, mas pareciam hostis, preparados para equilibrar-se sobre nós se cometêssemos um movimento em falso.

— Vivemos aqui — respondeu Gavin, assinalando para a casa — O que está acontecendo?

Ninguém respondeu. Todos pararam, com as mãos nas pistolas e os olhos postos em nós.

— Têm armas? — perguntou um em um profundo acento do leste do Texas.

— Não, senhor — respondeu Cash.

O homem se aproximou e as ervas daninhas golpeavam suas calças com cada passo que dava. Parando a uns sessenta centímetros de distância, retraiu a antecâmara de sua arma. Era uma ameaça, uma advertência silenciosa de que estava armado e carregado.

— Está me dizendo que estão dando voltas enquanto os terroristas filhos de puta se encontram à caça de americanos e que não têm armas? — perguntou, olhando brutalmente a Cash antes de cuspir no chão.

— Isso é correto, senhor. Não temos nada de armamento. Não as tínhamos antes que os filhos da puta atacassem e agora menos ainda. Uma merda — respondeu Cash com seu acento texano. Ele brincou com as rédeas na mão e trocou o peso de seu corpo de um pé para o outro, como se estivesse nervoso. Jamais o havia visto nervoso. Tudo era uma fachada. Uma atuação e uma muito boa.

O soldado nos estudou durante um minuto, com cautela, para decidir se dizíamos a verdade ou não.

— Está bem, unam-se a seus amigos — disse finalmente, assinalando com um gesto para a casa.

Com Gavin e Cash flanqueando meus extremos, começamos a caminhar para a casa. Gavin levou seu cavalo e o meu, ficando perto de mim. Os homens nos seguiam de perto, preparados para disparar se fizéssemos um movimento em falso.

Comecei a tremer, não por medo, mas sim pelo frio. Filtrou-se em meus ossos, me congelando por dentro. Na última hora mais ou menos, a temperatura tinha descendido significativamente. O ar, já glacial, queimava

meus pulmões ao respirar. No momento em que tínhamos chegado à casa, a neve caía com mais intensidade, cobrindo tudo. Comecei a tremer incontrolavelmente, temendo que nunca pudesse voltar a entrar no calor.

Os soldados nos pararam no centro do quintal. Cash tinha razão, parecia que havia quinze deles. Todos pareciam com fome e frio, mas também com um aspecto mortífero, como dizendo "desafio você a fazer um movimento", mas só havia um homem ao qual queria ver.

Ryder permaneceu de pé com as mãos atadas à frente, enquanto um soldado fazia guarda a cada lado. Ele não usava uma jaqueta, mas não era possível saber se tinha frio ou não. Assim como um imortal que não sentia, ele ficou quieto, sem mover nem um músculo. Seus pés estavam separados e os músculos de seus braços estavam rígidos. Havia um corte debaixo do olho que já sangrava e seu lábio inferior estava partido. Seus olhos me seguiram assim que entrei no quintal, avaliando cada centímetro de mim. Com ódio, olhou aos homens que me rodeavam e seus olhos se tornaram frios.

Comecei a me dirigir a ele, mas Gavin estendeu o braço e me agarrou, me mantendo a seu lado. Vi Ryder chiar os dentes e olhar para o outro lado com desgosto. Seus punhos se abriam e fechavam, puxando a tensa corda que rodeava seus pulsos. Sabia que se estivessem soltas, suas mãos estariam envoltas ao redor do pescoço de seu irmão.

Dei uma olhada em Eva e Brody. Ambos de pé um par de metros de distância, com soldados a cada lado deles. Atrás, estava Janice, com aspecto assustado e preocupado. Roger devia continuar em sua casa, com sorte, são e salvo.

Movi-me mais perto de Gavin quando um homem maior, talvez de uns cinquenta anos, aproximou-se de nós. Tinha o cabelo branco com um corte ao estilo militar, quase rapado. Suas bochechas e mandíbula estavam cobertas de barba branca e suas calças de cor verde escura estavam enrugadas e lamacentas. A jaqueta que usava não era a padrão do Exército americano, mas

acredito que, com certeza, os regulamentos foram jogados pela janela quando ocorreu o pulso eletromagnético.

— Quem é você? — perguntou, parando a centímetros de Gavin. Soava como se tivesse fumado muitos cigarros em sua vida.

— Delaney. Vivo aqui — respondeu Gavin, movendo seu queixo para a casa.

Os olhos do homem percorreram Gavin e logo Cash. Finalmente, olhou para mim. Queria ser valente, mas quando seus olhos negros me olharam, fiquei petrificada. Ele tinha rugas de expressão ao redor dos olhos, mas seu olhar não tinha nenhum senso de humor. Só loucura.

Sabendo que este tipo era um problema, instintivamente dei um passo para trás. Gavin ficou diante de mim imediatamente, bloqueando a vista de todos.

— O que esconde, moça? — perguntou o homem com um sorriso que pretendia ser genuíno, mas não foi nada agradável. Estendeu uma mão para mim, movendo seus dedos — Veem aqui.

Encolhi-me longe dele, algo do que não estava orgulhosa, mas tive o suficiente do pulso eletromagnético. Além disso, tinha um bebê ao que proteger. Não queria que este homem me tocasse. Algo nele parecia... ruim.

— Veem aqui, não mordo — disse sorrindo e agitando a mão para seguir. Seus lábios se separaram, mostrando os dentes que poderiam ter sido brancos uma vez.

Tinha duas opções: ou me esconder atrás de Gavin e este homem me puxar para longe ou enfrentar ele por minha conta. De qualquer modo, sabia que ele ia se dar bem com a sua. Movi nervosamente o olhar até Ryder enquanto tomava minha decisão. Parecia disposto a destroçar até o último homem enquanto observava como eu passava pela frente do líder. Seus olhos brilhavam com um olhar frio, permanecendo em mim como se ninguém mais existisse, só nós dois.

A tensão no quintal se fez tão espessa como a neve que caía. O vento começou a soprar, fazendo meu cabelo voar até meu rosto e me impedindo a visão. Afastei as mechas e baixei o olhar, tentando controlar o medo que não ia embora. Meus olhos pousaram nas botas de combate negras do líder a poucos metros de mim. Estavam cobertas de neve derretida e barro. Um calafrio percorreu minha espinha dorsal. Estes homens eram problemas, muito mais que um par de golpes e narizes ensanguentados, mas não tinha muito tempo para pensar no que queriam. O líder começou a gritar ordens, com a voz cheia de autoridade.

— Leve os cavalos ao estábulo e tirem suas selas! — ordenou, assinalando nossos cavalos.

Apoiando uma mão na pistola que tinha embainhada no quadril, o líder voltou sua atenção para Gavin e Cash.

— Comprovaram para ver se eles levam armas? — soltou, nos assinalando.

— Não, senhor — respondeu um dos homens.

O líder suspirou; a decepção com seus homens era evidente.

— Paul, venha aqui e reviste eles — disse com irritação.

Vi como um soldado se dirigiu com as pernas rígidas para Cash. Era de baixa estatura, com o cabelo loiro sujo e um corpo trabalhado como um lutador. O barro e algo que se parecia suspeitosamente a sangue, manchavam sua jaqueta verde escuro. A arma semiautomática que carregava me deixava nervosa. Parecia inquieto, como se não estivesse seguro do que fazia. Só esperava que seu dedo no gatilho não fosse tão instável.

Começou a revistar Cash com movimentos rápidos. Profissional.

Como um prisioneiro obediente, Cash levantou os braços por cima da cabeça e deixou que o homem o revistasse. O soldado revistou os bolsos, debaixo da jaqueta e deu uma palmada na parte superior de suas botas.

Enquanto ele revistava Cash, eu inspecionei a área. A neve já se acumulava no chão ao redor de nossos pés. Ao longe, não podia ver nada mais que o vento movendo os flocos de neve antes de colocá-los com cuidado no chão.

Já não podia sentir minhas extremidades. Meus pés estavam totalmente dormentes graças a minhas meias três-quartos encharcados e meus tênis finos.

Meus dedos e rosto estavam frios, os músculos imóveis. Sabia que estava longe da hipotermia, mas isso não queria dizer que não estava gelada.

Olhei as duas caminhonetes desconhecidas a poucos metros de distância. Eram veículos de modelos mais antigos; se tivesse que adivinhar, diria que eram do começo dos anos setenta.

Os pneus da caminhonete estavam direcionados para a casa de Janice e Roger para Ryder. O pasto já tinha ultrapassado os rastros dos pneus, ocultando o caminho gasto como se já não existisse, mas os homens o encontraram. Isso significava que já tinham estado na outra casa. *Pode ser que ainda tenha soldados ali.* Rezei para que Roger estivesse seguro, são e salvo destes homens.

Assustada ao pensar que Roger poderia estar ferido em algum lugar, olhei de novo para os soldados, notando que alguns me observavam. Virei meu rosto, porque não queria fazer contato visual com ninguém.

— Está limpo — disse Paul, afastando-se depois de não encontrar nenhuma arma com ele.

Gavin era o próximo. Paul parecia mais cauteloso com ele do que com Cash. Não podia culpa-lo, já que era alto e musculoso. Não tinha a mínima expressão em seu rosto, só uma indiferença que vi tantas vezes na própria cara de Ryder, mas este último era mais imprevisível e mais mortal do que nunca pensaria ser seu irmão.

Ambos eram ferozes guerreiros, mas sabia qual lutaria por minha vida. Por mim.

O que me olhava do outro lado do quintal.

Encontrei os olhos de Ryder, desejando que se tornassem suaves enquanto me olhavam. Nunca aconteceu. Ao invés disso, seu olhar me atravessava, deixando um rastro de destruição em seu caminho enquanto fulminava com o olhar o soldado de guarda atrás de mim.

Paul passou as mãos pelo peito, procurando alguma protuberância debaixo de sua jaqueta que indicasse uma arma oculta. Ao não encontrar nada, depois deu uns tapinhas debaixo da cintura. Ainda sem encontrar nada, suas mãos sujas correram dos quadris do Gavin até suas pernas.

Vi o brilho nos olhos de Gavin quando começou a inspecionar as costas até as pernas. Oh, não! Quando um dos irmãos Delaney tinha esse olhar, era conveniente que a gente corresse às montanhas e se cobrisse.

— Um pouco à esquerda e encontrará o que buscas, covarde — disse Gavin com um sorriso arrogante.

O que estava fazendo, tentando fazer com que o matem?

O rosto de Paul ficou vermelho beterraba, cheio de raiva enquanto franzia o cenho, mas por trás de sua ira, estava a vergonha. Ser insultado frente a seus companheiros era pior do que se Gavin o tivesse tomado por surpresa e conseguido lhe dar um golpe.

— Cale a boca — balbuciou Paul, tentando ocultar sua vergonha. Com um forte empurrão, fez ele retroceder um passo, mas Gavin se imobilizou com facilidade, mantendo o sorriso em sua cara. *Esse sorriso só conseguirá que o matem, pensei. Que merda está fazendo?*

Com as bochechas rosadas e a vergonha flamejando em seus olhos, Paul o ignorou e se virou para mim. Seus olhos se moviam de cima abaixo por meu corpo com uma mescla de avaliação e desejo de vingança. Sorrindo como se estivesse a ponto de desfrutar de uma comida saborosa, ele passou para mim. Tentei ocultar meu medo por trás de uma expressão em branco enquanto meu ritmo cardíaco se triplicava.

Seguiu olhando todo meu corpo enquanto me rodeava. A manga de sua jaqueta roçava meu corpo a cada poucos passos, certamente de propósito. Afastei-me um passo, mas se aproximou mais e me deixou uma sensação viscosa e repulsiva. Apesar de usar um casaco e camadas de roupa, ainda me sentia exposta ante sua avaliação.

— Agora tenho que te revistar — disse, elevando em um sorriso os cantos de seus magros lábios.

Sabendo que minha única opção era cumprir, copiei Cash e Gavin e levantei os braços por cima da cabeça para que pudesse me revistar, mas quando me tocou os ombros, saltei de medo. Gavin trocou o peso a seu outro pé, virando seu corpo para mim como se fosse lançar-se ao homem que me tocava.

O soldado de pé atrás de Gavin levantou a arma, apontando para suas costas. Pouco a pouco, ele levantou os braços por cima da cabeça, sem afastar seu olhar do meu. Vi a mensagem por trás de seu olhar. *Mantenha a calma e faça o que dizem.*

Assenti só um pouco, o suficiente para o fazer saber que o entendia.

— Ela não tem nenhum tipo de armas — anunciou Gavin, olhando o líder.

— Vou me garantir — replicou Paul atrás de mim. Suas mãos corriam por meus braços, me dando uma palmada por cima do material grosso de minha jaqueta. Tentando bloquear a sensação das mãos de um estranho, dirigi meu olhar a Ryder, em busca da única pessoa que sempre me dava uma sensação de segurança.

Mas seus olhos não estavam postos em mim, mas sim nas mãos de Paul. Por sua expressão, soube que em qualquer instante, Ryder poderia atravessar o quintal e estar em cima de Paul. Se ele se desatasse, derramaria sangue e cortaria cabeças.

Fechei os olhos e tentei bloquear o terror, mas só aumentou quando as mãos do Paul se mudaram para minha cintura. Minha gravidez estava escondida debaixo de minha jaqueta, mas com um só toque, os soldados saberiam. Quando ele acariciou minha barriga, justo onde descansava o bebê, todo o sangue abandonou meu rosto.

— Não a toque! — rugiu Ryder.

Abri os olhos, assustada quando escutei a raiva em sua voz.

Deu uns passos para mim, com fúria em sua cara e uma frieza mortal em seus olhos. Dois soldados o agarraram pelos braços, mantendo-o imóvel. Lutou contra eles, mas o seguraram firme, negando-se a deixar que se movesse um centímetro.

— Esta está grávida — disse Paul, ignorando Ryder. Sua mão ficou na minha barriga, envolvendo minha cintura por trás.

Senti-me mau. Queria tirar as mãos deste homem de mim, mas tinha medo de me mover. Medo de perder por todo o chão, aos pés do líder, o que ficava em meu estômago.

O líder sorriu e olhou por cima do ombro para Ryder, vendo como ele lutava contra os homens. Lutando para chegar para mim.

— Suponho que temos outro bebê americano a caminho — disse o líder, rindo. — Deus abençoe os Estados Unidos da América

Ia vomitar. Sua voz se arrastou sobre mim como uma enfermidade suja, me enchendo com desgosto.

— Continue revistando-a. Não confio nas mulheres — disse o líder, esquecendo seu anterior bom humor.

Paul afastou as mãos de meu estômago e as levou a meus quadris; seu toque agora era mais uma carícia que um tapinha.

— É um filho da puta morto! — gritou Ryder, lutando contra as mãos que o sujeitavam — Vou te cortar em pedaços!

Paul elevou a cabeça, arregalando os olhos com surpresa enquanto o olhava. Mas, ao que parece, não o temia o suficiente, porque deixou suas mãos em mim, atrasando-se por muito tempo.

— Hey! — gritou Gavin, capturando sua atenção.

Vi como colocou a mão em sua bota, com o olhar fixo em Paul. Um segundo depois, uma faca comprida e mortal apareceu em sua mão. Abriu-a, deixando que a luz solar se refletisse na folha brilhante.

Foi então quando se desatou o caos.

Capítulo 24

Gavin gritou, chamando a atenção de todos os soldados. Lançou uma faca no ar, quase roçando o estômago de um homem. Quando um soldado se aproximou, agachou-se, movendo a faca em sua mão para apunhalar a seu atacante. Passaram três segundos antes que os homens o alcançassem, atirando-o no chão. Paul me empurrou do caminho, aproximando-se para ajudar aos homens a tirar a faca das mãos de Gavin.

Ao mesmo tempo, Brody correu pelo quintal. Alguém tentou dar um passo em sua direção, mas ele deu um murro, que acertou no nariz do homem. O sangue salpicou quando a cabeça do homem foi açoitada de novo. Outro soldado o encontrou, enterrando seu punho na sua caixa torácica. Brody tropeçou e se dobrou. Eva deixou escapar um grito junto com Janice enquanto mais homens se aproximaram, atirando-o para baixo enquanto estava debilitado.

Quando lançaram Brody ao chão, Cash viu sua oportunidade. Deu uma cotovelada no flanco da mandíbula do homem a seu lado, seguido de um gancho na cabeça. Cambaleando-se sobre seus pés, os olhos do homem ficaram em branco. Cash enfrentou o próximo. Era maior, mais largo e tinha ao redor de cinquenta quilos a mais que Cash, mas isso não o impediu de machucá-lo. Com um só golpe, o homem se encontrava no chão, inconsciente. Fim de jogo.

Vi tudo nublado. Fez-se realidade o temor maior. Durante meses estivemos intactos e ilesos da loucura. Já não mais. A guerra chegou a nosso território. Quando Cash levantou o braço e lançou outro punho, vi minha oportunidade. *Ninguém está olhando. É o momento perfeito*.

Saí correndo. Rodeando o líder, corri para a clareira. Escutei o grito do homem, mas não podia decifrar suas palavras. O vento era muito forte e o sangue pulsava fortemente em meus ouvidos para escutá-lo.

Em meio aos sons da luta e gritos, corri, escorregando, mas sem diminuir a velocidade. Não até que cheguei aonde queria estar.

Observei com medo como Ryder deu uma cotovelada no estômago do homem junto a ele. Este se dobrou, agarrando o ventre com dor. Antes que outro soldado pudesse detê-lo, Ryder o pegou, golpeando seu nariz com os nódulos. Quando esteve livre, começou a correr diretamente para mim.

— Maddie! Corre! — gritou, assinalando ao longe com suas mãos amarradas.

Dirigi-me na direção que indicava; não queria deixá-lo para trás, mas sabia que devia proteger nosso bebê.

Ryder correu atrás, tirando um homem que corria muito perto de mim. Olhei por cima do ombro, vendo quando seu joelho aterrissou na virilha do cara. Jogou um outro homem, o impedindo de me perseguir. Estava tão ocupada vendo ele lutar contra os homens que nunca vi o soldado. Apareceu do nada, agarrando meu braço e me virando com violência. Gritei quando seus dedos agarraram minha jaqueta.

— NAAAAÃO! — gritou Ryder, olhando Paul me jogando longe. Esse momento de distração lhe custou.

Me sentindo histérica, vi como um soldado o abordou e deslizaram ambos pelo chão coberto de neve.

Enquanto o observava lutar para escapar, Paul me agarrou pelos pés como se fosse um saco de batatas. Comecei a lutar como uma louca até que me pôs de pé, mas manteve um firme controle sobre meu braço.

Gritei, puxando meu braço. Ao invés de me soltar, olhou para mim com o cenho franzido. Havia só malícia e ódio em seus olhos loucos.

— Paul! Leve-a para a casa! — exigiu o líder da varanda.

— Vamos — disse com voz rouca e me sacudindo. Agarrou-me pelo braço com mais força, se por acaso me atrevia a discutir.

Olhei para Ryder; precisava da segurança de que tudo ia ficar bem. Devia saber que tudo o que veria em seus olhos seria fúria e vontade de matar. Dois soldados o puseram de pé, um de cada lado. Os músculos de seus ombros e braços se esticaram, esperando o momento oportuno para liberar-se e machucar aos desafortunados bastardos.

Levaram-me de um puxão para a casa e olhei assustada ao redor do quintal. *O que está acontecendo? Por que estes soldados nos tratam como se fôssemos delinquentes?*

Vi Cash passar por homens armados com fuzis AR-15. Gavin estava no chão, ainda lutando e chutando os homens que o mantinham preso. Ouvi golpes e grunhidos quando seus punhos aterrissavam nos homens, os golpeando um segundo antes de que se equilibrassem sobre ele.

Brody lutava para chegar até Eva quando foi arrastada para a varanda, gritando. Com pânico, vi como ela chutou a virilha de um homem. Ele a soltou para se apoiar, uivando de dor. Ficou em pé e começou a correr. O líder gritou a alguém que a parasse, mas seguiu seu caminho, correndo com suas longas pernas para o caminho coberto e a liberdade.

— Eva! — gritei quando vi dois homens irem atrás dela, alcançando-a rapidamente. Virou-se bem quando a jogaram no chão. Vê-la cair fez Brody gritar e rugir com fúria.

Comecei a lutar, explodindo quando vi a brutalidade com a qual esses homens tratavam Eva. *Ela já tinha sofrido o suficiente!*

Paul me apertou com mais força, deixando hematomas em meu braço. Sem pensar nas consequências, levantei o pé para dar um chute. *Um chute na tíbia e talvez me soltaria!*

— Maddie! PARA! — gritou Ryder, dando-se conta do que ia fazer.

Dei uma olhada nele, enquanto lutava contra Paul. Vi a advertência no rosto de Ryder. *Não faça isso, Maddie*, quase podia o ouvir dizer.

Baixei meu pé e deixei que Paul me empurrasse aos degraus da varanda. Ryder lutou contra os homens que o seguravam, com um olhar feroz em seu rosto enquanto me observava. Paul me arrastou a uns centímetros dele, quase como se tirasse sarro.

Quando me aproximei, Ryder deixou de lutar contra seus captores. Seus olhos me abandonaram para mover-se a Paul.

— Machuque-a e vou acabar com você — grunhiu — Nem sequer saberá o que te acertou, mas te garanto que farei.

O rosto de Paul ficou branco, mas não soltou meu braço. Seu pomo de Adão subia e descia em seu magro pescoço, mas no final, conseguiu pronunciar algumas palavras.

— Fecha sua puta boca ou eu vou ser o que vai te bater e esse não é meu objetivo — advertiu. Satisfeito com sua ameaça, levou-me a empurrões pelas escadas.

No interior, Paul me jogou na mesa. Surpreendeu-me, quase me fazendo cravar meu quadril na beirada.

— Sente-se! — gritou, assinalando uma cadeira junto a Janice.

Caí na cadeira. Meus joelhos estavam fracos, mas meu corpo ansiava defender-se. Dei uma olhada ao redor da cozinha, em busca de algo que pudesse ser utilizada como arma. Facas. Garfos. Caçarolas de ferro fundido. Coisas que estavam fora de meu alcance e que deveria lutar para conseguir.

Soltei um profundo suspiro e o ar frio se fez visível quando saiu de meus lábios. Apesar de estar no interior, havia um ar gélido quase como uma manifestação de nossas terríveis circunstâncias. O que queriam e desejavam estes homens, era o que não podíamos lhes dar. Não tínhamos muito.

Mantive o olhar à frente, me negando a reconhecer ao homem em guarda permanentemente sobre mim ou aos outros soldados que caminhavam

na cozinha. *Seja forte e não mostre medo. Faça eles saberem que não podem te assustar*, exortou-me minha voz interior, negando-se a deixar que me acovardasse.

Não movi um músculo até que Eva foi lançada em uma cadeira junto a mim, aterrissando com força. As lágrimas corriam por seu rosto, deixando rastros em suas bochechas vermelhas. Um dos lados de seu rosto tinha um raspão e o lábio inferior um corte, que parecia doloroso. Como eu, estava aterrorizada, olhando freneticamente através da cozinha.

Brody foi jogado dentro da casa, lutando contra os soldados a cada passo. Sua mandíbula se esticou quando viu o rosto de Eva e murmurou baixo umas ameaças de morte.

Os outros soldados levaram Gavin e Cash para o interior da cozinha, os empurrando a cada poucos segundos só por diversão.

A pequena cozinha agora estava cheia de homens, mas só queria ver um. O único que poderia me fazer gritar de ira, gemer de desejo e gritar de frustração.

Foi trazido ao final, seguido de dois soldados com armas apontando a suas costas. Não me olhou. Seus olhos ficaram em Paul de pé atrás de mim. Quando o homem pôs uma mão em meu ombro e outra no de Eva, vi a raiva estalar em vermelho vivo nos olhos de Ryder. Nunca afastou o olhar de Paul quando foi empurrado para ser colocado entre Gavin e Cash.

— Então, quem é o cabeça deste grupo? — perguntou o líder, de pé na cabeceira da mesa, mostrando autoridade.

Ninguém respondeu. Eva manteve os olhos fixos em seu colo, mas eu... eu fiquei olhando para o homem, odiando ele com fervor. *Quem fodido acredita que é, chegando em nossa casa e nos tratando desta maneira? Não me importa se for militar, não tem direito! Já ouviu falar da Quarta Emenda, imbecil? Busca e captura ilegal de alguém?*

O líder esperou um segundo, mas ninguém respondeu a sua pergunta. As janelas estralando com o vento foi sua única resposta.

— Ninguém vai confessar? Hmmm, interessante — disse; seu tom cheio de cortesia. Caminhou, empurrando Paul do caminho. De pé atrás de mim e Eva, pôs uma mão em nossos ombros, com dedos cortantes e ásperos. O aroma que emanava era nauseabundo. Era algo adocicado, mas suarento. O excesso de desodorante sobre um corpo sujo.

Engoli seco, lutando contra o impulso de vomitar. Quando seus dedos se moveram desde meu ombro a meu pescoço e pressionou em minha garganta, soube que sua cortesia era uma farsa. Tudo nele parecia falso, mas o perigo era real.

Senti o medo se arrastar através da minha pele como baratas que se dispersam por uma parede. E assim como o inseto desagradável, ia ser uma merda desfazer-se deste líder.

Sua mão deixou minha garganta para agarrar meu cotovelo. Antes que notasse, me arrastou para fora da cadeira, me puxando tão rápido, que fiquei sem fôlego.

Eva gritou, me alcançando. Paul a empurrou imediatamente para trás na cadeira, golpeando duramente seu ombro.

O líder me jogou para trás, longe da mesa. Escorreguei e tropecei com meus próprios pés e os seus. Ele agarrou-se a mim e me virou para olhar aos outros.

— Está bem, vamos tentar isto de novo — disse com voz dura. Tocou minha larga trança carinhosamente, acariciando-a de cima abaixo.

— Quem é o líder deste grupo? — perguntou novamente de modo amável.

— Não temos um líder — respondeu Cash, com uma voz tranquila, como sempre.

— Todos os grupos têm um líder. Alguém mais forte que o resto. Valente. Dispostos a morrer para proteger às pessoas de seu grupo. Quem de vocês é essa pessoa? Que não tem medo de nada? Que esteja disposto a ficar

em perigo para salvar A.... esta — disse o líder, puxando com força minha trança.

Minha cabeça foi para trás e a humilhação cruzou por minha cara quando o homem começou a envolver minha trança ao redor de seu punho.

Ryder se apoiou em seu outro pé; suas mãos imploravam para se envolverem ao redor do pescoço do homem. Vi seus ombros contraírem e os músculos de seus braços ficarem rígidos. Se olhar matasse, o líder deste pelotão de bastardos já estaria morto. Morto e enterrado.

— Sou o líder — disse Gavin, dando um passo adiante — Agora a deixe.

Vi os dentes apertados de Ryder, movendo seus olhos para Gavin e parecendo tudo menos feliz.

— Bom, estamos chegando a algum lugar — disse o líder, me empurrando para a cadeira, mas ao invés de me soltar, continuou torcendo meu cabelo com sua mão, puxando meu couro cabeludo e trazendo lágrimas a meus olhos. Não pude conter um grito quando puxou minha cabeça para trás, fazendo de meu pescoço quase um objetivo para poder envolver sua mão. Não sabia o que ia acontecer, mas enviava calafrios por minha coluna.

— Sabe o que é ter insetos e vermes comendo sua pele? Cavando profundamente em seu corpo e te comendo por dentro? — disse Ryder com uma voz profunda que soou com a própria morte.

Ninguém respondeu. Era uma pergunta retórica.

— Se não tirar suas *malditas* mãos de cima dela, vai descobrir, a dois metros debaixo da terra — grunhiu, olhando o líder com os olhos cheios de escuro ódio.

— Entendido. — O líder riu, soltando minha trança e acariciando o topo de minha cabeça.

Deixei escapar um suspiro de alívio, mas foi de curta duração. Devia saber que não era tão simples.

— Ocupem-se dele, rapazes — disse o líder com voz aborrecida, assentindo para Ryder.

— NAAÃO — gritei, saltando da cadeira.

Me jogou para baixo, tirando o ar de meus pulmões e fiz uma careta de dor. Foi então quando Ryder explodiu.

Golpeou com a cabeça o cara a seu lado. O fôlego do homem o deixou em um assobio, jogando-o para trás. As mãos presas de Ryder voaram, golpeando no nariz do outro tipo. O sangue saiu voando e o homem uivou pela surpresa. Gavin quis saltar entre eles, mas foi empurrado para trás e uma arma apareceu em seu rosto.

Ryder lançou o cotovelo, centrando seu objetivo no queixo do homem a seu lado, mas nunca acertou. O punho do tipo conectou com sua mandíbula, lançando sua cabeça para trás. Recuperou-se com rapidez e rugiu, correndo para frente para ataca-lo. O homem não se rendeu tão facilmente. Jogou para trás seu punho e plantou um gancho no rosto de Ryder, logo um murro no estômago.

— Ryder! Pare! — gritei, lutando para escapar da mão que me mantinha na cadeira.

Imediatamente, acalmou-se. Seu peito subia e baixava, respirando com dificuldade enquanto me olhava. Uma de suas pálpebras já estava inchada e um pequeno corte na sobrancelha aumentava a dor.

— Chega — implorei a ele, tentando manter a compostura — Estou bem. Estou bem — repeti, porque não queria que sofresse por mim.

— Isso será melhor. Escute a jovenzinha — disse o líder, rindo quando ele o fulminou com o olhar — Agora, por que não nos sentamos e temos uma conversação civilizada?

Gavin puxou uma cadeira. Ryder, Brody e Cash estavam atrás dele; o primeiro sangrando e nervoso.

— Para começar, meu nome é Frankie. Meus homens e eu provimos do sul do Texas. Não tenho liberdade para dizer onde exatamente — disse o líder, sentando-se na cabeceira da mesa, como se fosse o dono do lugar.

— Não é militar — disse Ryder.

O líder o olhou, surpreso.

— Caralho filho, não só está cheio de energia, mas também é inteligente. Poderia gostar de você depois de tudo. — Olhou para mim e sorriu — Sua garota também.

Vi Ryder chiar os dentes e mover-se de um pé ao outro.

Gavin interrompeu, tentando fazer com que as coisas não saíssem do controle novamente.

— Vai nos dizer quem é ou vai se sentar e dizer mentiras todo o dia? — perguntou com aborrecimento.

O líder ficou o olhando, já sem sorrir. Acredito que não gostava que respondessem a ele com rabugice. *Que pena. Se meteu com a pessoa errada*. Passou um minuto antes que falasse outra vez, recuperando seu sorriso.

— Somos milícias. Das melhores. Estivemos nos preparando por anos para algo assim. As pessoas nos consideravam loucos pelos treinamentos diários. — Bufou, fixando-se em uma de suas unhas sujas — Agora, essas mesmas pessoas estão provavelmente mortas ou moribundas e nós estamos vivos e prósperos. Quem ri agora?

Queria rolar os olhos e bufar, mas fiquei quieta. Assim, então, as milícias podiam ser boas. Se eu bem me lembro de minhas aulas de história da quinta série (o senhor Hill foi um professor horrível, mas mesmo assim, aprendi algo), as milícias já nos salvaram no passado. Durante a Guerra da Independência e a Civil, as milícias formadas livremente ganharam muitas das batalhas. A história, inclusive, diz que a maioria dos militares nesse momento não tinham nenhum treinamento militar formal. Não eram mais que gente comum lutando por seu país, mas os homens de pé ao redor desta cozinha,

para mim, estavam mais parecidos com valentões do que às máquinas de luta bem afinadas.

— Então, o que é que quer? — perguntou Gavin, inclinando-se para frente em seu assento para olhá-lo nos olhos.

— Tudo — respondeu o líder, sorrindo.

Inclinou-se para trás, cruzando os braços sobre o peito.

— O que é tudo? —perguntou.

O líder fez um gesto ao redor da cozinha.

— A comida, a água, os fornecimentos. Vocês têm, nós precisamos deles. Não podemos lutar contra os malditos terroristas com o estômago vazio. Ao ver sua casa no meio do nada, soubemos. — Sacudiu seu dedo — Soubemos que achamos um negócio inesperado. Aleluia!

— Sim, bom, também precisamos dos suprimentos e da água para sobreviver — disse Brody, assinalando com o queixo para cima obstinadamente.

— Compreendo — disse o líder, assentindo — Sério. Caralho, se todo mundo morrer, para quem estamos lutando? — riu de sua própria brincadeira — Mas, os garotos sabem o que está acontecendo lá fora? — Quando ninguém respondeu, continuou — Estamos ganhando esta maldita guerra — disse — Estamos destruindo os filhos de puta. Limpamos os povos do sul e vamos para o norte. Os demônios têm armas e fornecimentos, mas nós temos pura determinação. Sobreviveremos tal como fizeram nossos antepassados. — inclinou-se para frente, baixando a voz — Não podem trazer seus soldados o suficientemente rápido para nos derrubar.

— Quem são? — perguntou Cash, cruzando os braços sobre o peito.

O homem deu de ombros, fazendo que sua jaqueta se esticasse.

— Em teoria? O Meio Oriente e Coréia do Norte, mas os meninos em Washington D.C. acreditam que, com a mão de obra e a tecnologia com a que

nos atacaram, na realidade, sejam a Rússia e a China que estão por trás de tudo isto.

Se este homem dizia a verdade, a guerra era maior do que pensávamos.

Falávamos da Terceira Guerra Mundial. Nós contra meio mundo.

— Mas estamos ganhando, amigos — disse, encolhendo os ombros — O governo se encontra trabalhando para recuperar a energia. Outras nações vêm nos ajudar. Estamos lutando com tudo o que temos contra os invasores. Qualquer filho da puta que se atreva a pôr um pé em nosso chão? Tiraremos. Sempre fizemos e sempre faremos.

Ficamos em silêncio, deixando que assimilássemos a informação. *Estamos ganhando?* Não queria me iludir, apoiado no que diziam um montão de milícias rebeldes, mas era impossível não ter esperança quando estávamos gelados e famintos.

— Por isso necessitamos de fornecimentos. Pensem nisso como doá-lo a uma boa causa — acrescentou o líder, alargando seu sorriso. De repente, o sorriso se desvaneceu e sua voz ficou séria — Agora, rapazes, peguem tudo. Esvaziem o lugar. O celeiro também.

Os soldados entraram em ação, abrindo armários e jogando coisas. Latas, vasilhas de suprimentos, garrafas de água esterilizada. Tudo estava na mesa. Tudo o que tínhamos. Alguns dos homens correram para fora. *Encontrarão a carne enlatada.*

Eva me olhou, com os olhos redondos e cheios de lágrimas. Vi Janice tremendo, com o olhar fixo à frente. Cash e Ryder permaneceram imóveis, vendo como os homens iam e vinham na cozinha, pondo tudo o que encontraram na mesa.

Gazes, ataduras, uma garrafa de álcool. Tudo estava situado ali. Alegrei-me de ter escondido algumas de minhas coisas debaixo da cama. Possivelmente foi uma intuição ou paranoia, mas Ryder fazia com que

escondesse objetos na casa. Era quase como se estivesse sentindo que algo grave ia acontecer.

Depois do que pareceu uma eternidade, os soldados terminaram. Latas de carne e verduras em conserva estavam na mesa junto aos recipientes de feijão e arroz, algumas velas, nossos fornecimentos médicos e uma lanterna que estava funcionando. O que faríamos agora?

— Carreguem rapazes — disse o líder a seus homens, assinalando com a cabeça para fora.

Encheram os braços de fornecimentos e começaram a levá-los para fora. Vi como nossas coisas desapareciam como se nunca tivessem existido. Foram-se em um abrir e fechar de olhos.

Antes de sair pela porta, o líder parou e se virou para nós.

— Aliás, vamos levar toda a gasolina que fica. E não tentem nos seguir ou vão se arrepender. — Com um olhar mais severo, saudou-nos, mas o movimento foi uma despedida ofensiva de alguém que acabava de jogar aos soldados — Seu país lhes agradece o apoio — disse antes de sair pela porta. O resto de seus homens o seguiram. Paul foi o último a sair, não sem antes olhar com ódio para Ryder.

Assim que a porta se fechou de repente, todo mundo entrou em ação. Brody correu para Eva, pegando ela em seus braços. Janice pôs seu rosto nas mãos, enquanto os soluços sacudiam seu corpo. Cash tirou uma faca de sua bota (por que não me surpreende que tivesse algo oculto?) e Gavin saltou de sua cadeira, fazendo com que caísse ao chão. Os dois correram para a porta de trás, abrindo-a para ver os soldados irem. O som dos motores rugiu perto da casa, um ruído que não ouvia a muito tempo.

Fiquei de pé, para ir até Ryder.

Olhou-me fixamente; sua postura larga e os músculos de seus braços tensos. Seu rosto estava terrível, com cortes e machucados em todas partes. O sangue manchou sua camisa e gotejava de seu nariz. Me observando de perto,

olhou para mim cauteloso. Suas mãos continuavam presas e a corda cortava sua pele.

Parei junto a ele e me agachei para arregaçar minhas calças em uma das pernas. O topo de minha cabeça roçou sua coxa. Ouvi ele inalar rapidamente. Ignorando sua reação, coloquei a mão dentro da meia três-quartos e tirei um canivete. Abri, endireitei-me, com a pequena faca na mão.

Ryder olhou a faca em minha mão.

— Teve isso todo o tempo, Maddie? Sabe o que teriam feito se a encontravam? — Franziu o cenho, nervoso.

Levantando suas mãos presas, comecei a cortar a corda, mas a pequena faquinha não fazia muita diferença.

— Se acalme, Ryder, estou bem — disse, mantendo o foco no que fazia.

Mas não me sentia bem. Junto a ele, as lágrimas rodavam por minhas bochechas. Ele sangrava. Eu tremia. Vamos morrer de fome. Tínhamos muito pouca comida. Nada, exceto o que havia na casa segura de Roger e Janice. A carne que tínhamos enlatado e a reserva de emergência extra era tudo o que ficava. Nunca seria suficiente para oito pessoas.

Estávamos em problemas.

Enquanto cortava a corda, caiu uma de minhas lágrimas, aterrissando no pulso de Ryder. Estremeceu-se quando outra golpeou sua mão.

— Maddie?

Levantei o olhar e inalei. Usando a parte posterior da mão que segurava a faca, puxei pelo nariz. Foi um gesto muito pouco feminino, mas as boas maneiras não estavam em minha lista nesse momento.

— Estou bem — soltei, um pouco severa enquanto as lágrimas alagaram meus olhos — Só quero te tirar esta maldita corda. Está sangrando — disse, cortando mais rápido.

— Não se preocupe, não preciso que me ajude — grunhiu, afastando de meu alcance seus pulsos amarrados.

Senti dor através de mim, me cortando profundo. Em um dia normal, poderia ter dito para ir a merda, mas este não era. Roubaram-nos e tinham batido nele. Estava ferido e eu assustada. Não havia nada normal neste mundo.

Não pude conter o soluço que escapou por meus lábios pálidos. Quando saiu outro, toda a ira desapareceu do rosto de Ryder.

— Alguém me solte! — rugiu.

Brody se precipitou a um lado, com a faca de caça preparado. De pé a meu lado, Ryder estendeu as mãos, olhando como a faca facilmente cortou a corda ao redor de seus pulsos. Quando esteve livre, Ryder envolveu seus braços ao redor de mim.

Não disse nada, só me segurou.

Isso era tudo o que precisava. Como um bálsamo curativo para minha alma, seus braços me deram paz, mas então a bolha estourou.

— Vamos, Ryder! — gritou Gavin da porta de trás — Temos que ir ver o pai!

Suas costas ficaram rígida. Acredito que escutar a voz de Gavin trouxe tudo o que aconteceu. O beijo. A irritação. Nossa briga.

Seus braços caíram longe de mim. Dando um passo para trás, o frio voltou para seus olhos.

Sem dizer uma palavra, afastou-se, mas não antes que seu corpo roçasse contra o meu, me deixando saber que ainda não tinha terminado.

Fechei os olhos, sentir ele contra mim era muito. A sensação de que se afastava de mim, deprimente. O conhecimento de que tínhamos muito pouca comida, indescritível.

Capítulo 25

Fome. Era só uma das muitas coisas que poderia ter me quebrado. Morte. Violência. A dor e a tristeza. Tinham tentado me vencer e perdido. Agora, enfrentava outro inimigo, um que nos atormentaria antes de nos matar. A fome, uma criatura feia que roía o estômago de uma pessoa. Um sintoma dos famintos.

As coisas pareciam sombrias. Havia suficiente comida para um mês, talvez dois se economizássemos, mas depois disto, íamos estar muito famintos. Quando acontecesse, mudaria o jogo. Nossa realidade seria lançada em uma bola rápida. Uma que esperava que pudéssemos alcançar.

Roger apareceu minutos depois de que a milícia se foi, angustiado e desesperado para comprovar que todos estávamos bem. Os homens também tiraram seus suprimentos, inclusive levaram alguma roupa de cama e utensílios básicos. Felizmente, não encontraram o esconderijo secreto de comida escondida debaixo do piso do celeiro. Era nossa salvação, a pequena sala segura cheia de suprimentos, preparada para casos de emergência como este. Baldes de arroz e feijão. Latas de suprimentos e pacotes de carne e frutas secas. Não ia durar para sempre, mas ao menos tínhamos algo. Não muitas pessoas no país podiam dizer isso.

Ryder me evitou como a peste o resto do dia, deixando que sua mamãe curasse seus cortes. Não deixei ele ver o muito que me doía, mas acima de tudo, me sentia nervosa. Nervosa, porque os homens tomaram nossos suprimentos. Porque Ryder voltava a ficar distante.

Quando me sentei na mesa para o jantar, já estava escuro e o frio tentava entrar na casa. Brody, Cash e Eva já estavam sentados, comendo em silêncio a sopa de frango que Janice fez, utilizando só frango enlatado e água.

Embora não fosse a melhor sopa que provei, era rica e quente, mas, como dizia o velho ditado? "A cavalo dado não se olham os dentes"? Muito em breve, poderíamos estar assim.

Ninguém falou enquanto comíamos; todo mundo se sentia deprimido e preocupado por nossa situação. Movi meu prato de sopa, observando como o vapor se elevava e desaparecia na pequena luz de querosene. Levantando uma colherada à boca, perguntei-me quantos jantares como este teríamos no futuro: água temperada com o que tivéssemos à mão.

Levantei o olhar quando Ryder se sentou na minha frente, evitando olhar em minha direção. Decidi fazer o mesmo. Não queria ver o desgosto em seus olhos. Gavin tomou a única cadeira vazia que ficava, a que estava bem a meu lado. Seu braço se esfregava contra o meu a cada poucos segundos, já que nos encontrávamos todos aglomerados ao redor da mesa. Deslizei para lhe dar mais espaço e dei uma olhada para Ryder.

Tinha o rosto machucado e seu olho estava inchado da luta com os homens. Parecia perigoso e loucamente irritado. Então, *como é que queria agarrá-lo e jogá-lo à cama?* Limpando minha garganta, obriguei-me a dar atenção à sopa.

O único ruído na sala era o tinido das colheres contra as tigelas. O fogo do aquecedor improvisado que Brody tinha desenhado nos manteve quentes. Tirei a jaqueta quando meu corpo se esquentou pelo fogo e a sopa quente.

Cash e Brody falavam de fazer uma viagem à cidade, querendo saber se era verdade o que disse a milícia, que o inimigo estava sendo forçado a ir embora. Eva era todo ouvidos. Apesar do perigo, ela queria procurar seus pais. A última vez que os viu, obrigaram-na a sair pela porta, enviando-a para o campo para escapar de algum perigo.

Eu os escutava falar quando Ryder se inclinou sobre a mesa e verteu sua sopa em meu prato vazio. Olhei para ele com surpresa e assombro.

Não me olhou, só agarrou seu copo de água e bebeu um longo gole.

Minha tigela agora estava cheia de sopa fumegante. Uma segunda porção. Algo que faz um mês não teria sido muito. Agora, era tudo.

Ryder renunciou a sua comida por mim. Ele passaria fome esta noite por mim.

— Obrigada — disse em voz baixa, pegando minha colher.

Por fim me olhou. A nitidez de seus olhos não podia ocultar o que acabava de fazer por mim.

Ele se importava.

Gavin me deu uma cotovelada, monopolizando minha atenção. Inclinou-se, com a cabeça para a minha.

— Não o olhe nos olhos. Fará ele ficar nervoso — sussurrou, de modo dramático — Sairá sua natureza selvagem, soube que pode atacar pessoas inocentes por olhar diretamente para ele. Devemos tomar cuidado para não despertar à besta.

— Gavin, o que está fazendo? — sussurrei em voz baixa, dando uma olhada em Ryder.

Estreitou os olhos com um olhar glacial. A colher congelou em sua mão, agarrando-a com firmeza e indo a nenhuma parte.

Os lados da boca de Gavin se curvaram em um sorriso. Deu uma olhada com um desafio em seus olhos e sorrindo. Ouvi a colher de Ryder golpear o prato, soando como um canhão disparando na sala tranquila.

Gavin se inclinou de novo para mim.

— Alguém deve te fazer sorrir. Se Ryder... — Nunca terminou a frase.

Ao ficar de pé, a cadeira de Ryder caiu no chão. De um salto, estava do outro lado da mesa. Os pratos, a sopa e a água saíram voando, cobrindo tudo em seu caminho.

A sopa quente me salpicou o peito, encharcando minha camisa e calças, mas não tinha tempo para me preocupar com isso.

Ryder agarrou a parte da frente da camisa de Gavin e o levantou de seu assento. Antes de que pudesse defender-se, lançou-o contra a parede.

Brody e Cash ficaram de pé, Eva e Janice os seguiram. Roger ficou sentado, olhando tudo com calma.

O desastre, os pratos quebrados, a sopa, tudo foi ignorado.

— Ainda tenta tomar meu lugar, *irmão*? — cuspiu Ryder na cara de Gavin.

Saltei da minha cadeira, observando com horror como Ryder batia Gavin contra a parede outra vez. A sopa ficou no esquecimento. O líquido que corria por minha roupa não era importante.

— Te fiz uma pergunta! — gritou, sacudindo Gavin — QUER TOMAR MEU LUGAR?

— Não — respondeu, elevando o queixo obstinadamente — Por que? Quer que eu faça isso? Porque se é o que quer, estarei encantado de tomar seu lugar.

O punho de Ryder aterrissou no estômago do Gavin, fazendo com que este se dobrasse. Recuperando-se em um segundo, aterrissou um golpe sólido nas costelas do Ryder, mas ele se defendeu, usando o cotovelo para golpeá-lo na mandíbula. Uma vez, duas vezes. Uma e outra vez.

Adiantei-me rapidamente para separá-los, farta de todas as brigas. *Chega*!

Então algo aconteceu. Parei. A névoa em minha cabeça se limpou. A briga parecia... ridícula. Tinham estado brigando assim desde que eram meninos. Tão tolo como parecia, eram assim. Se amavam, mas os dois eram o tipo de homens com muita testosterona. Se precisavam fazer isto, deixaria eles. Meu pai teria chamado isso de "liberar um pouco de tensão".

— Maddie! Controle seu namorado! — gritou Brody, olhando como Ryder dava murros em Gavin.

— Acho que não — disse, com calma. Me virando, saí da cozinha, os deixando fazerem o que queriam.

— Maddie? Aonde vai? — gritou Eva enquanto eu caminhava pelo corredor.

Me virei, caminhei para trás, respondendo a ela:

— Vou trocar de roupa, Eva. Deixe que briguem. Já me cansei disso.

— Essa é minha garota — disse, sorrindo.

***

Antes de ir para o banheiro, peguei uma roupa limpa. Usando uma lanterna de manivela que tive que girar um minuto ou dois para conseguir oito minutos de luz; tirei minhas calças e minha camiseta no banheiro frio.

Tentei virar a chave da água, com a esperança de que os arranjos improvisados de Brody com as tubulações pudessem produzir um pouco de água. Nada. *A água deve estar congelada*. Um grande contêiner de plástico estava colocado lá fora, reunindo água da chuva e operando só com pressão e gravidade, mas não estava protegido das temperaturas frias. Hoje o sistema não estava funcionando.

Então, ao invés disso, usei a água limpa que alguém havia trazido. Umedeci um pano e comecei a esfregar meu peito, me limpando da sopa. Me apressei enquanto o arrepio surgia em minha pele. Cheirava a frango, mas me parecia bom; estava limpa. Coloquei uma camiseta nova, uma de Ryder que chegava aos joelhos.

Agachei-me para procurar minhas calças quando a porta atrás de mim se abriu. Chiando, me virei.

Ryder estava na porta, com seus olhos em chamas. Seu cabelo era um desastre e o rosto estava cortado e machucado. A sua barba por fazer o fazia parecer grosseiro. Rebelde. Incrível não começava a descrevê-lo. *Saia daí, Maddie. O homem é frio em um momento, quente no seguinte. Quem precisa disso?*

Sem afastar os olhos de mim, fechou a porta. O estalo da fechadura comprovou que ele não me deixaria ir a nenhuma parte. *Genial, presa com um homem nervoso. Literalmente. Nervoso comigo.*

Me virei, agarrando meu jeans firmemente para não ter a tentação de soca-lo.

— Não quero falar com você. Me deixe em paz — disse sobre o ombro.

Ele não disse nada, só se moveu para parar atrás de mim.

Meu coração começou a pulsar com força, mas preferi ignora-lo. Inclinei-me e comecei a puxar minhas calças jeans. Coloquei uma perna com irritação. Levantei a outra perna, mas meu traseiro roçou sua pélvis, o que causou uma descarga de eletricidade. *Ignore,* disse a mim mesma. *Faça ele saber que não vai suportar mais de sua merda de machão.*

Mas ignorar Ryder era algo difícil.

Sua mão deslizou sob minha camisa, movendo-se por minhas costas. Parei; a sensação de seus dedos vagando sobre minhas costelas tirava meu fôlego. Me esquentando como não poderia nenhum incêndio.

— O que acha que está fazendo? — perguntei, indignada.

Sem responder, suas mãos vagaram mais acima, me tocando em todas as partes.

Me endireitando, esqueci as calças jeans em minhas mãos. Esqueci do frio no ar. Esqueci tudo, exceto a nós dois.

Me puxando contra seu peito, minhas costas contra ele, tirou do caminho meu sutiã. Uma vez que estavam livres, embalou meus seios, tomando posse do que queria. Quando seus dedos pousaram em meus mamilos, contive o fôlego.

Oh, doce mãe de tudo o que é santo, o homem vai me fazer explodir só por fazer isso.

Agarrei seus pulsos enquanto seus dedos brincavam com meus mamilos. Seus lábios encontraram minha nuca, lambendo e mordendo minha pele.

A luz da lanterna de manivela começou a desvanecer-se, nos deixando na escuridão. Não importava. Só importava o que me fazia.

Ambas as mãos apertaram meus seios, puxando meus mamilos.

— Maddie, quer isto? — Sua profunda voz retumbou atrás de mim, seu fôlego quente sobre minha pele.

— Mmmm — foi tudo o que pude dizer.

Uma mão agarrou meu seio enquanto a outra se moveu para baixo, na borda da renda da minha calcinha.

Meus lábios se separaram em um suspiro enquanto sua mão baixava ainda mais, desaparecendo no interior do material sedoso. Antes de chegar aonde queria, ele retirou a mão e me deixou com vontade de mais.

De repente ficou de joelhos, me surpreendendo. Olhei por cima do ombro, um pouco surpresa de encontrá-lo ajoelhado atrás de mim. Seus lábios estavam a centímetros de meus quadris. Levantando o olhar, encontrou-se com meus olhos, com um desejo intenso. Impaciente. *Merda, delicioso*.

Suas mãos percorriam minhas pernas, amassando minha pele com a quantidade justa de pressão. Seus olhos seguiam o movimento com restrição forçada. Comecei a me virar, com vontade de tocá-lo. Querendo meus braços a seu redor, mas ele tinha outros planos.

Apertou as mãos em minhas pernas, me mantendo no lugar.

— Não te falei para se mover — disse em um tom baixo. Deus, inclusive sua voz podia me fazer em pedacinhos.

Sentindo que ia me deixar louca de desejo, me virei, dando as costas a ele.

— Ryder, não sei o que está fazendo...

— Não fale — ordenou, percorrendo minhas pernas com suas mãos, seus polegares na parte interior de minhas coxas.

O que? Se havia algo que me incomodava era que me dissesse que me calasse. Abri a boca, com a intenção de dizer a ele o que pensava. *Juro que estou cansada de que ordene coisas. Esta é a última vez... Ohhhhh.*

Sua boca se pousou sobre mim, subindo lentamente por minha perna direita. Passou a língua e saboreou minha pele, me causando um calafrio.

Precisando algo para me segurar, alcancei o balcão, agarrando a borda firmemente.

— Abre as pernas — disse, passando os dedos pela parte superior de minhas coxas enquanto sua boca se movia no meu quadril.

Duvidei, enquanto um rubor subia por meu corpo. *Nós nunca... eu nunca tinha...*

— Disse para abrir as pernas — disse com voz dura.

— Não — disse, odiando dizer, mas precisando manter ao menos um pouco de controle. Meu corpo gritava que fizesse o que me indicou. Minha cabeça me dizia que não cedesse.

— Está bem. — Agarrou minha roupa interior em uma mão e puxou, baixando-a por minhas pernas e me deixando nua.

Empurrando minha camisa mais para cima por minhas costas, sua mão subiu por minha coluna enquanto sua boca ia para meu quadril, saboreando e chupando cada centímetro de mim. A barba de sua mandíbula se esfregava contra minha pele sensível, me fazendo arder. Me marcando.

Ofeguei quando seus dedos se deslizaram entre minhas pernas, me tocando. Me mostrando um indício do que me faria se permitisse.

— Quer abrir as pernas agora? — perguntou roucamente.

— Deus, sim — respondi com voz rouca.

Assim que fiz, seus dedos estiveram ali, me enchendo. Lancei a cabeça para trás, deixando escapar um gemido.

— Não faça nenhum ruído — ordenou, passando um dedo sobre mim.

Ele sabia o quanto isso era impossível?

Agarrei o balcão com mais força quando seus dedos afundaram em meu interior. Com uma mão em meu quadril e a outra me deixando louca, sua boca saboreou meu quadril. Meu traseiro. Todas as partes. Retirou seus dedos antes de empurrar de novo em meu interior. Era muito.

Comecei a me mover, empurrando contra sua mão. Segurou meu quadril com força enquanto eu choramingava; suaves sons de miados escapavam de mim.

Nunca ouvi se levantar. Estava muito ocupada sentindo o orgasmo que percorria meu corpo, mas ouvi ele abaixar o zíper.

— Se incline para frente.

Fiz isso, sentindo como se estivesse girando fora de controle.

— Mais — disse, com seus dedos estendidos através do centro de minhas costas, pressionando para baixo.

Obedeci, me inclinando mais. Com uma mão em minha coluna, guiou a si mesmo até meu interior, centímetro a centímetro. Na metade do caminho parou, esperando que me ajustasse ao seu comprimento. Gemi e empurrei para trás meus quadris, desesperada por mais.

— Maldição — chiou, levando suas mãos a meus quadris para me segurar com força enquanto se afundava profundamente.

Ofeguei, arqueando a coluna.

Uma de suas mãos deixou meu quadril para subir por minhas costas, me segurando com firmeza enquanto se balançava dentro de mim.

— Deus, está incrível. Me diga se doer.

Fechando os olhos, assenti.

Começou a investir, seus quadris rodando contra os meus. Cada vez que se retirava, se deslizava de novo para dentro de mim, sentia o êxtase ondular através de mim. A sensação era tão intensa, construída a tantos níveis insuperáveis, que senti como se fosse me romper.

Seus dedos se cravavam em minha pele com cada investida. Agarrei o balcão, me agarrando ao mármore. Mordendo o lábio, me segurei para não gritar enquanto ele entrava e saía de mim, sentindo outro orgasmo.

Agarrando um punhado de meu cabelo, puxou de minha cabeça. Abrindo os olhos, pude o ver atrás de mim no espelho, seu corpo movendo-

se contra o meu. Seus olhos estavam fechados, sua mandíbula apertada com força.

Abrindo os olhos, olhou fixamente nosso reflexo, enquanto deslizava profundamente dentro de mim. Mantendo-se imóvel, esperou um segundo antes de sair até metade do caminho. Seus olhos ardiam nos meus enquanto voltava a entrar, mais profundo desta vez. Ofeguei, mas mantive os olhos abertos. Observamos um ao outro, a sensação construindo-se e vibrando entre nós. Sua mão desceu por minhas costas, seu toque delicado enquanto seus quadris se moviam contra os meus com brutalidade, uma e outra vez.

Fechei os olhos quando a sensação chegou a ser muito. Algo se construía dentro de mim, suplicando para ser liberado. O momento no qual perderia todo o controle.

De repente, parou e se retirou.

— Ryder, não pare — sussurrei, encontrando seus olhos no espelho.

— Vire — indicou, dando um passo para trás.

Virei-me; o balcão nas minhas costas. Meu olhar aterrissou em Ryder. Seus jeans estavam baixados ao redor de seus quadris, sua dureza requerendo atenção.

E eu queria dar, mas antes que pudesse, ele estava frente a mim, me levantando com suas mãos para me sentar no balcão. Meus braços rodearam seu pescoço, me agarrando com força enquanto me equilibrava na beirada.

Em um movimento fluido, deslizou em meu interior, me fazendo ofegar. Colocou as mãos debaixo de minhas coxas, enganchando minhas pernas para as levantar e evitar que caísse. Contive uma baforada de ar quando se retirou e logo voltou a investir, aumentando a velocidade.

Arqueei as costas, deixando meu pescoço exposto. Seus lábios caíram para me saborear, um momento me beijando, o seguinte beliscando minha pele sensível.

— Disse a você que queria te comer sobre o balcão do banheiro. Como se sente? — perguntou, sua voz era baixa em meu ouvido enquanto se enterrava profundamente dentro de mim.

— Hmmm — foi minha única resposta enquanto suas mãos subiam ainda mais por meu corpo, cobrindo meus seios. Segurando minhas pernas ao redor de seus quadris, apertei meus músculos ao redor dele, o fazendo gemer enquanto seus polegares roçavam meus mamilos.

TOC! TOC!

Do nada, alguém golpeou a porta do banheiro.

— Maddie? — disse uma voz profunda do outro lado.

Ryder ficou imóvel, seu rosto enterrado em meu pescoço, sua dureza enterrada em mim.

Não disse nada, congelada pela surpresa. Gavin?

— Maddie? — perguntou outra vez.

— Responda — sussurrou Ryder em voz baixa em meu ouvido.

— Sim? — respondi, minha voz muito aguda para que parecesse normal.

Houve uma pausa.

— Está bem? — perguntou, parecendo preocupado.

Limpei a garganta. *Santo céu, podia sentir Ryder palpitando em meu interior.*

— Estou bem — consegui dizer.

— Bom. Escuta, Ryder é um imbecil de primeira classe e não te merece. Sua perda de controle desta noite demonstra isso, mas agora se foi. Pode sair.

Ryder ficou rígido. Começou a retirar-se, mas o agarrei, me negando a deixa-lo sair.

— Sairei em um minuto — disse, tentando não gemer quando Ryder começou a deslizar para fora de mim. Apertei as pernas ao redor de sua cintura, levando-o de volta a meu interior. *Ahhh!*

— Está bem. Bom, só queria ver como estava — disse Gavin.

Não nos movemos, escutando enquanto se afastava. Quando se foi, Ryder começou a mover-se outra vez. Lentamente, como se cada investida fosse um castigo. Me deixando louca. Agarrei seu cabelo, virando seu rosto para o meu.

— Me beije, Ryder — supliquei em um sussurro, apertando meus dedos em seu cabelo enquanto ele investia com mais força em meu interior.

— Não — disse, descendendo seus lábios por meu pescoço.

Gemi enquanto seus dedos brincavam com meus mamilos.

— Maldito seja, Ryder — sentindo algo construir-se dentro de mim.

Colocou os lábios perto de minha orelha, acariciando meu lóbulo com sua boca.

— Olhe para mim, baby.

E o fiz. Quando começou a deslizar dentro de mim com mais e mais força, explodi.

Todo meu corpo vibrava enquanto o orgasmo me balançava. Um grito brotou de minha garganta, mas ele colocou sua mão sobre minha boca, afogando-o. Gemi por trás de sua mão, fechando os olhos com força enquanto meu mundo explodia. Desesperada para o saborear, precisando tê-lo em minha boca, separei os lábios debaixo de sua mão. Minha língua saiu, atraindo seu dedo indicador ao interior de minha boca. Passei a língua por cima da ponta e logo comecei a chupar, atraindo-o mais profundamente. O sabor salgado e a áspera textura de seu dedo se reuniram com a suavidade de minha boca.

— Merda, Maddie — disse Ryder com voz áspera, entrando em mim com mais urgência.

Minha língua formava redemoinhos ao redor de seu dedo e seus quadris começaram a investir mais rápido. Com um grunhido, tirou sua mão de minha boca, deixando que a ponta úmida de seu dedo passasse através de meu lábio

inferior. Um segundo depois, sua boca se fez cargo, fazendo estragos na minha enquanto sua dura longitude se afundava e saía de meu corpo.

Acariciei sua língua dentro de minha boca e dei o mesmo tratamento que dei a seu dedo, lambendo e chupando. Assim que o fiz, o corpo de Ryder se sacudiu. Um orgasmo o atravessou. Enterrou-se tão profundamente dentro de mim como pôde. Um grunhido escapou de sua garganta enquanto montava sua liberação. Sua boca se fez mais demandante enquanto palpitava dentro de mim, esvaziando-se em meu interior.

Quando ambos nos tranquilizamos, seu agarre sobre mim se suavizou. Passou uma de suas mãos por meu corpo, curvando-a para embalar a parte de atrás de minha cabeça. Sua outra mão se envolveu ao redor de minha cintura, me mantendo conectada a ele. Sua boca se tornou suave sobre a minha, beijos dolorosamente suaves, como se tivesse medo que fosse me quebrar.

— Está bem?

Assenti, ainda tentando recuperar a respiração.

Ficamos desta maneira durante um minuto, talvez dois. Meu corpo vibrava, cada terminação nervosa estava viva e gritando. Ele beijava o canto da minha boca quando ouvimos uma conversa. A voz de um homem.

— É uma bomba relógio. Só espero que não faça mal a Maddie. Esteve malditamente perto antes. Um pequeno deslize e poderia matar ela, ou seu bebê.

Foi então quando o momento entre Ryder e eu terminou como se nunca tivesse existido. De repente, afastou-se de mim, deixando minha boca e meu corpo. Retrocedeu um passo e não me olhou nem uma vez enquanto subia o zíper de seu jeans.

Ainda sentindo as sensações vibrar através de mim, me coloquei de pé sobre minhas pernas trementes. Me dobrando, agarrei minha lingerie e voltei a coloca-la.

Observou-me na escuridão. Seu olhar se desviou para minhas pernas nuas, expostas debaixo da camisa que usava. Amaldiçoando baixo, afastou o olhar.

— Ryder? — perguntei em um sussurro — O que está errado?

Passou uma mão através do cabelo, olhando para o chão.

— Ryder? — perguntei outra vez, dando um passo para ele.

Ele se afastou de repente, negando-se a deixar que me aproximasse. Alcançou o trinco da porta e olhou por cima do ombro. Seus olhos me percorreram com atitude distante.

— Obrigado, precisava disso.

Por um segundo, senti como se meu coração tivesse sido arrancado. Agarrei meu jeans até que meus nódulos ficaram brancos. Uma dor no coração me encheu, mas logo se desvaneceu no ar, substituído por pura raiva vermelho vivo.

Jogando meu jeans no chão, alcancei Ryder antes que pudesse abrir a porta do banheiro. Sem pensar duas vezes, o empurrei, golpeando seu largo ombro.

Se virou, surpreso.

— O que? — chiou em um sussurro zombador.

— Como se atreve! Não pode falar comigo dessa maneira!

— Acabo de fazer — zombou — Só estou demonstrando que não sou o suficientemente bom para você. Não os ouviu? Sou uma bomba relógio, Maddie. Tic, tac.

Empurrei-o novamente, mas não se moveu. Tentei empurra-lo uma terceira vez, mas não se moveu.

Meus hormônios de grávida estavam jogando squash com minhas emoções. Queria vir abaixo e chorar, mas também queria provocar uma hemorragia nasal em Ryder. Não podia me controlar. Inclusive, minhas palavras eram estalos espontâneos de tolices sem sentido.

— Gavin tem razão! É um imbecil!

A expressão de seu rosto quase me fez querer me desculpar imediatamente, mas logo sua expressão se endureceu.

— Sim, sou. Deveria se manter afastada de mim.

Com um mais um olhar para mim, alcançou o trinco outra vez.

Senti ambos; tanto medo ante a ideia de que partisse com raiva, porque o faria.

— Está bem, farei isso! VÁ! — ataquei, perdendo o controle. — Se afaste de mim!

— Isso é fácil, porque já fui.

Observei em uma bruma de dor enquanto saía do banheiro sem olhar para trás.

A porta se fechou silenciosamente atrás dele.

Fechando a porta para nós.

Capítulo 26

Saí do banheiro com os olhos avermelhados e um coração endurecido. Decidida a esclarecer as coisas com ele de uma vez por todas. A quem importa se a gravidez tinha minhas emoções por toda parte? Não podia falar comigo dessa maneira!

A lanterna de manivela lançou um suave resplendor sobre o corredor, graças aos oito minutos de bônus. Enfoquei a luz no chão diante de mim, em direção ao quarto. As palavras que diria a Ryder se repetiam em minha cabeça; *Sei que está sofrendo. Passou por muita coisa, mas tem que me deixar entrar.*

Continuava ensaiando o que ia dizer quando gritos de frustração interromperam meus pensamentos. Corri para os sons da discussão. No quarto encontrei Eva e Brody, enfrentando-se como se estivessem a ponto de entrar em um round em uma jaula de luta.

— Odeio você! — gritou Eva, apontando para ele.

Meus olhos aumentaram, nunca esperei escutar essas palavras de sua parte.

— É? E o que há de novo nisso? — gritou Brody — Sempre está fodidamente nervosa comigo!

— O que está acontecendo, Eva? — perguntei, dando outro passo dentro do quarto.

— Sinto muito, Maddie — balbuciou, seu cabelo loiro se balançou brandamente sobre seus ombros — Tentei pará-lo, mas Brody o deixou ir. Virtualmente o empurrou para a porta.

Suas palavras não tinham sentido, mas meu coração começou a pulsar com força. Tinha medo de perguntar, mas devia saber.

— Do que está falando?

— Ryder se foi — disse, torcendo nervosamente os extremos de seu cabelo — Encheu uma bolsa e cruzou diretamente a porta. Tentei pará-lo, mas estava decidido a partir.

Suas palavras se chocaram contra mim, esvaziando todo o fôlego de meus pulmões. O sangue abandonou meu rosto, acumulando-se em meus pés, dormentes de frio.

— Para onde foi? — perguntou Gavin, aparecendo atrás de mim.

— Não quis dizer — respondeu Brody, deixando escapar um suspiro de frustração — Só disse para cuidarmos de Maddie. Pela expressão em seu rosto, pensei que o melhor era deixá-lo em paz.

— Diabos — murmurou Gavin em voz baixa — Espero que esteja cavando sua própria tumba, porque vou mata-lo.

Agarrando uma espingarda que estava apoiada contra a parede, dirigiu-se à porta principal. Um segundo mais tarde, fechou-se atrás dele.

Não podia me mover. Meus olhos se encontraram com Eva, minhas lágrimas me dificultavam ver com claridade.

Deu um passo vacilante para mim.

— Sinto muito, Maddie. Ele é um idiota horrível.

Não escutei. Não podia. Com as pernas rígidas, saí do cômodo, ignorando Eva. Ignorando o frio que me envolveu. Ignorando a dor em minha cabeça, os batimentos do coração em meus ouvidos. Ignorando tudo, exceto a dor.

Parei no meio de seu quarto, enquanto a dor arranhava minhas vísceras. Quando vi os cabides vazios no armário, soube que era real. Ryder tinha ido.

Capítulo 27

Quatro dias. Noventa e seis horas. Essa era a quantidade de tempo que Ryder estava desaparecido. Muito tempo.

Cada minuto me levava mais perto da sensação de perda que me negava a reconhecer. A escuridão pairava ao virar da esquina, aproximando-se sigilosamente de mim, ameaçando me roubar a pouca luz que ficava. Sentia-me culpada por dizer a ele que partisse. Agarrei-me à esperança de que ia voltar. Não o homem furioso que foi, mas sim, o melhor amigo sem o qual não podia viver.

Mas talvez Ryder e eu tenhamos nos equivocado. Talvez os melhores amigos não devessem se apaixonar. Ele havia dito no princípio que era um engano. Que nunca amaria ninguém. Talvez, apenas talvez, tivesse razão.

Gavin foi buscá-lo, mas voltou com as mãos vazias. Temia que estivesse em problemas, retornando à cidade para desforrar sua ira com os homens que o tinham torturado, mas Gavin me disse que não me preocupasse, que Ryder nunca me deixaria. Não tinha certeza.

No quarto dia, tive que fugir.

Era quase o anoitecer quando selei minha égua e fui. Uns poucos flocos de neve caíam, o vento soprava e a temperatura descendia, mas tinha que sair. Não tinha estado na tumba de meu pai desde o dia que encontrei Ryder. Devia falar com ele. Tinha que me sentar em sua tumba e chorar.

Debaixo do grande carvalho, deslizei da sela e deixei as rédeas caírem ao chão. Respirei fundo e olhei o pôr-do-sol, tão lindo apesar do intenso frio. Laranjas e vermelhos marcavam o céu, parecendo uma pintura ao invés de um simples céu. Sempre me surpreendia que algo tão lindo pudesse existir quando o mundo se converteu em um lugar tão feio.

Sentindo uma grande sensação de tristeza, caí de joelhos aos pés da tumba de meu pai. Meu estômago grunhiu dolorosamente, me lembrando que não comi nada desde o café da manhã. Eva e eu tínhamos compartilhado uma lata de peras, mas não foi suficiente. O jantar, provavelmente, seria algo que os homens capturaram ou mataram. Senti desespero ante a ideia. Queria uma comida não cozida em chamas abertas. Uma comida que não tivesse sabor de madeira ou fumaça ou caça silvestre, mas então, me lembrei que tínhamos sorte. Tínhamos um refúgio e uma pequena quantidade de comida. Isso era mais do que podia dizer a maioria das pessoas.

Meses atrás, trocávamos dinheiro por uma sacola de comida. Um botijão de gás. Uma peça de roupa. Esses dias se foram. As pessoas morriam de fome, consumindo-se até que só pudessem esperar a morte. No outro dia, ouvi no rádio de ondas curtas que se não tinha fome e frio, não estava vivendo nos Estados Unidos.

Era nosso mundo agora. Nossa realidade.

Fungando, me cobri com o grande casaco que usava. Com uma mão enluvada, limpei as folhas mortas, deixando-as fora da improvisada lápide de madeira. O vento batia o cabelo em meu rosto, picando meus olhos quando os fios se enredavam em meus cílios. Ignorei o vento e me encolhi mais profundamente em meu casaco.

— Acabou, pai — sussurrei, olhando para o chão gelado debaixo de mim — Ryder e eu. Acredito que acabou realmente. Ele se foi e não sei o que fazer.

Doeu dizer as palavras em voz alta. Tentei tanto não chorar. Tinha derramado tantas lágrimas nos últimos meses que a única coisa que queria era nunca chorar de novo, mas as lágrimas caíram de qualquer jeito, frias e úmidas em minhas bochechas congeladas. As deixei correr sem restrição, me negando tirá-las. Me lembravam do que tinha perdido. O que não tinha. O que nunca teria de novo.

Chorei por meu papai e por meu bebê, com a esperança de que ele ou ela pudesse sobreviver neste cruel e violento mundo. Chorei pelos Estados Unidos, a guerra e todas as pessoas que se perderam nela.

Chorei por Ryder.

Sentada sobre meus calcanhares, pus uma mão em minha barriga quando o bebê chutou. Então o escutei. O som de pesadas botas ao ranger sobre a grama congelada atrás de mim. Meu desespero desapareceu. Estava sozinha, no meio do nada. Tinha que me concentrar.

Estendi lentamente a mão por debaixo de meu casaco, envolvendo o frio metal da pistola. *Posso fazer isto! Posso fazer isto!* As palavras se sacudiram ruidosamente dentro de minha cabeça, me paralisando.

Sentindo meu coração acelerado, esperei até que escutei o homem parar atrás de mim. Sabendo que tinha que me proteger e proteger meu bebê, tirei a pistola debaixo de minha jaqueta e me virei, apontando para o desconhecido.

Mas não era um estranho. Era Ryder. De pé a um metro de distância, com uma expressão sombria em seu rosto. A gola de sua jaqueta estava elevada, protegendo-o do frio e ocultando sua mandíbula. Um boné de beisebol ocultava seus olhos e o fazia parecer mais como um estudante universitário do que um homem que vive em um mundo que se tornou louco, mas para mim, nunca tinha parecido tão bem.

Baixei a arma, minhas mãos tremiam repentinamente.

— O que está fazendo aqui sozinha? — perguntou.

Encolhi os ombros, com medo de dizer qualquer outra coisa. Se abria a boca, poderia gritar com ele. Poderia soluçar e chorar. Poderia fazer o ridículo.

— Caralho, Maddie, o que Gavin estava pensando ao te permitir cavalgar por sua conta? — murmurou, com o olhar perdido no horizonte.

Virei os olhos e sacudi a cabeça com incredulidade. *Continuava pensando que havia algo entre Gavin e eu? Sério?*

Engoli e limpei uma lágrima perdida. Seus olhos se encontraram com os meus, vendo enquanto outra lágrima escapava por minha bochecha.

Meu coração pulsava a mil por minuto, fazendo com que a simples tarefa de pensar fosse difícil. Levantei-me desajeitada, ainda me acostumando a minha crescente cintura. Ryder deu um passo para frente, com a mão estendida para me ajudar, mas logo parou, deixando-a cair. Essa maldita barreira se elevou, limpando todas as emoções de seu rosto.

— Então é aqui onde vem se escondendo? — perguntei, ignorando o vento que soprava o cabelo em meus olhos.

Seu olhar me percorreu lentamente.

— Sim. Precisava de tempo — respondeu.

Assenti, me enchendo com dor, mas logo só fiquei nervosa.

— Precisava de tempo? Bem, darei a você todo o tempo que quiser — murmurei, passando na frente dele. A manga da minha jaqueta roçou a sua, a fricção despertou meu corpo como sempre tinha feito quando estávamos perto um do outro.

Já estava quase chegando a minha égua quando estendeu a mão, agarrando meu braço.

— Só há algo que quero, Maddie — disse, com seus olhos em mim.

— E o que é isso? — perguntei, sentindo mariposas revoar em meu estômago, assim como me envolviam suas palavras.

— Venha até a casa e fale comigo — respondeu — Me diga que está bem. Que o bebê está bem.

Neguei com a cabeça.

— Não posso voltar ali. Não voltei para essa casa desde... que os homens... — Minha voz tremeu enquanto dava uma olhada à casa.

— São só lembranças, Maddie. Estive fugindo delas nos últimos dias. Caralho, estive fugindo por anos.

Não está falando das torturas que sofreu. Está falando de mim. Sou só uma lembrança. Uma que esteve desejando fugir há anos.

— Sou uma dessas lembranças? — perguntei.

Não disse nada. Essa era toda a resposta que precisava.

Virei-me para minha égua e agarrei as rédeas. Forçando Ryder a me soltar.

— Isso é tudo? Vai embora? — perguntou.

Olhei para ele de novo, vendo uma frieza em seus olhos que me causou um estremecimento. Quando não respondi, murmurou umas palavras, puxando a aba de seu boné para baixo.

— Muito bem. Volte para Gavin. Veja se eu dou a mínima — grunhiu, virando-se. Com grandes pernadas, cruzou o campo, lutando contra o vento enquanto se dirigia para a casa.

Não se importava? Muito bem! Tampouco eu.

Recolhi as rédeas em uma mão tremente e pus meu pé nos estribos. Ia subir na sela quando a tumba chamou minha atenção.

Flutuaram de volta para mim as palavras que meu pai me disse no dia de sua morte. Palavras que lembraria pelo resto da minha vida: *"Ryder te ama. Disse-me isso."*

Quantas vezes meu pai disse que Ryder cuidaria de mim? Que tínhamos um vínculo especial que ninguém poderia romper? Disse uma vez que os homens ocultavam seus sentimentos por trás de músculos fortes e poucas palavras, algo que Ryder fazia muito bem. Jurou que ele precisava de mim tanto quanto eu dele. Meu pai acreditou até no dia de sua morte, mas eu já não tinha certeza.

Quando estava na metade do campo, as imagens do passado voltaram rapidamente. Ryder e eu quando crianças, brincando na casinha do celeiro. Nadando nos riachos. Montando cavalos no verão. Compartilhando segredos e sonhos.

Às vezes que liguei para ele chorando, dizendo que odiava a universidade e sentia saudades da minha casa. Escutando enquanto me dizia que podia fazer isso, que era a pessoa mais inteligente que conhecia. Me dizendo o quanto sentia saudades, mas que me veria nas férias de verão. Às vezes que me fazia rir, me obrigando a sorrir quando tudo o que queria era chorar. As noites que me fez ficar nervosa, o encontrando bêbado e machucado, quebrado e no fundo de uma garrafa.

Apesar de tudo, nos mantivemos juntos. Nunca me assustou. Nunca tentei afasta-lo ao crescer, mas agora, este amor nos destroçava. Tomava nossa amizade e a pisoteava contra o chão, tentando nos esmagar.

Dei uma olhada à casa. De repente, soube. Não podia renunciar a nós, nem que quisesse.

Puxando meu pé do estribo, deixei minha égua e comecei a cruzar o campo. Cada passo me levava mais perto de casa. Mais perto dele. Aonde pertencia.

O vento formava redemoinhos, açoitando o mato alto marrom contra minhas calças jeans. Puxando o capuz de minha jaqueta ainda mais, vi como Ryder abria de um puxão a porta, deixando que se fechasse de repente atrás dele.

Cruzei o quintal dianteiro, o quintal onde tinha morrido meu pai. O lugar onde tomou seu último fôlego e me deixou. As lágrimas ameaçavam, mas as afastei. *Tinha que fazer isto. Tinha que ser forte.*

Pus o pé no primeiro degrau. A madeira podre rangia, ameaçando ceder sob meu peso. Tomando uma respiração profunda, olhei para a casa. *Faça. Só respira.*

Pisei no seguinte degrau. O horror se apoderou de mim em suas mãos com garras e não me deixava livre. As lembranças me golpeavam de todos os lados.

Um homem me agarrando. Machucando minha costela quebrada, me fazendo gritar. Outro homem me tocando. Sorrindo para mim de modo maligno.

Dei outro passo, enquanto continuava vendo o passado.

Gritando. Ser lançada através da sala como uma boneca de trapo. Aterrissando contra a parede com um ruído surdo. A dor percorrendo meu corpo.

Outro passo.

Uma faca. Cortando minha camisa. A sensação dela em minha mão, agarrando-a fortemente. Minha única fonte de amparo.

Dois passos mais. Já estava na varanda, com a porta na minha frente.

A porta que os homens atravessaram para chegar até mim.

Minha mão tremia quando alcancei a maçaneta. Branca com pintura estilhaçada, esta era a porta que atravessei a maior parte de minha vida. A porta de minha casa. A que abria desde menina, vendo um menino sorrindo para mim. A porta que me levaria de novo a ele.

Girei o pomo. Piscava a luz de uma vela, laçando um suave resplendor sobre o homem de pé no meio da sala.

O homem que eu precisava mais que a própria vida.

Ryder entrando na sala, com a arma levantada, disposto a matar qualquer um que estivesse me fazendo mal. Caindo de joelhos a meu lado. Me dizendo que ficaria bem. Que tudo sempre ficaria bem.

Seus olhos se moveram sobre mim quando dei um passo para dentro da casa. Dei uma olhada ao redor da cozinha, a pressão em meu peito era cada vez maior.

— Mudou de opinião? — perguntou Ryder, com palavras duras.

Afastei o olhar do lugar onde os homens me atacaram para o lugar onde Ryder estava. Abri a boca para dizer algo, mas as lembranças eram muito reais. Afogava-me com o terror. Estava paralisada pelo medo.

— O que? Nem sequer pode falar comigo? Está bem. Pode ir — disse, dando a volta e saindo da cozinha — Não preciso desta merda.

Vi ele sair. Desapareceu pelo escuro corredor, suas botas silenciosas sobre o chão.

Enquanto meu coração pulsava com força, olhei ao redor da cozinha, vendo as revistas de granjas e ranchos de meu pai. Lembrei dele as lendo de manhã, enquanto seus óculos caíam sobre a ponte de seu nariz a cada poucos minutos. Podia imaginar ele olhando por cima da sela enquanto entrava na cozinha, os empurrando mais acima em seu nariz enquanto sorria para mim, com olhos brilhando de admiração.

Meus olhos se moveram para a estufa, agora uma peça inútil de metal. Podia imaginar meu pai de pé ali, virando o bacon. Olhando por cima do ombro enquanto Ryder entrava na cozinha, com ressaca da noite anterior. Nunca perguntou por que ele fazia tais coisas, nem o motivo pelo qual sempre terminava em nosso sofá, dormindo toda a noite em seu estado de bebedeira. Só entregava uma caneca de café e fazia bacon e ovos.

Olhei para o balcão, o lugar onde Ryder esteve apoiado quando disse a ele que ia para a universidade. Parecia nervoso, alterado, frenético e assustado; tudo de uma vez. Lembro dele com os braços envoltos a meu redor, sussurrando que ia me perder.

Lembrei tudo. Cada momento, cada segundo gravado para sempre em minha mente.

As lágrimas caíram por minhas bochechas, embaçando a sala a meu redor. A vela que piscava no centro da mesa me chamou a atenção. Sua chama afugentou as sombras, trazendo uma sensação de calidez à cozinha. A seu lado, estava uma garrafa de vodca, quase vazia por completo. E debaixo da garrafa, havia uma fotografia. Uma imagem que foi feita em pedaços e então, arrumada.

Uma foto de nós.

Dei um passo mais perto, enquanto meu coração pulsava com força. Com dedos trementes, estendi minha mão e peguei a foto.

Era uma de Ryder e eu quando éramos crianças, abraçados. Sorrindo. Felizes. Juntos.

Ao girar a imagem, vi umas palavras, escritas em uma caligrafia tola e afeminada:

"Ryder e Maddie. Melhores amigos para sempre."

Para sempre.

Deixando cair a foto, comecei a correr por toda a casa. As lembranças, o medo, o terror que uma vez encheram a casa desapareceram. Tudo o que ficava era Ryder e eu.

Duas crianças que eram inseparáveis.

Duas crianças que estavam apaixonadas.

Capítulo 28

O encontrei em meu antigo quarto, no centro do quarto. Estava parado com os pés separados e as mãos em punhos dos lados. Seu rosto afastado de mim; oculto nas sombras do quarto.

Dei uns passos para a escuridão. O ar era frio, fazendo com que nuvens pequenas de vapor saíssem de meus lábios, parecendo como nuvens de fumaça que desapareciam rapidamente.

Meus olhos percorreram a cama, minha velha mesa e os quadros pendurados nas paredes. Dei uma olhada à janela que Ryder atirava pedras para me despertar.

Queria voltar a ser essa garota. A que se sentava no meio da cama, estudando álgebra e falando no telefone com Eva. A que ria com as brincadeiras tolas que Ryder fazia. A que rolava os olhos quando ele me chamava no meio da noite, precisando de mim para resgatá-lo.

Ainda era essa garota e ele ainda era esse garoto. Só precisávamos lembrar.

— Ryder...

Levantou a cabeça com olhos ardentes. Senti seu rancor, me prendendo no lugar.

— O que? — perguntou com voz profunda e impaciente.

— Eu... Eu... — *Diabos, nem sequer podia falar com ele.*

Cruzou os braços sobre seu peito e esperou, provavelmente esperando que fosse embora, mas não o fiz.

Valente, dei um passo mais perto, mas imediatamente me arrependi.

Pude ver ódio em seus olhos. Para mim. Era muito.

Não posso fazer isto.

Me virei, planejando me afastar, mas meu olhar foi ao batente da porta e parei. Lembrei de Ryder apoiado ali e me olhando faz anos, enquanto fazia as malas para ir à universidade.

Me franzindo o cenho quando disse que estaria de volta em algumas semanas. Me fazendo prometer que tomaria cuidado.

Todas essas lembranças retornaram para mim. As de nós. Não, não ia deixar que me afastasse. Outra vez não. O que tínhamos, nossa amizade, nosso amor, era muito importante para perde-lo. Voltando atrás, levantei o queixo em desafio.

— Deixou-me, Ryder. Sem uma palavra, deixou a mim e a seu bebê — disse, com voz retumbante na escuridão do quarto — Esteve neste quarto faz anos e me viu fazer as malas. Ajudou-me a me mudar. Ajudou-me a sair e agora, está me afastando.

Sabia que tinha acertado em cheio. Estremeceu-se, minhas palavras o esbofetearam como minha palma nunca pôde, mas logo o encobriu e a dureza retornou em seu rosto.

— Estou te afastando, porque tento te proteger. É a única mulher que amei. A única mulher que sempre quis. A que me fez querer algo melhor na vida — disse, elevando a voz enquanto caminhava perto de mim.

Suas palavras me provocaram um aumento no pulso. Sua proximidade me fez ruborizar.

Seguiu caminhando para mim, baixando a voz.

— Sabe que pensava em você todos os dias que esteve na universidade? Tive que fazer um grande esforço para não te ligar a cada hora. Para não fazer as malas e ir te buscar. Foi a única coisa real em minha vida, Maddie. A única pessoa que amava mais que tudo.

Deu um passo mais perto. Olhando meus lábios, agarrou meu cachecol. Envolveu-o com sua mão e me puxou para ele, levando meus lábios aos seus.

— Sei que tipo de homem sou. Um bastardo problemático que gosta de foder, brigar e beber. Você merece mais. Sempre mereceu. A dor de ter uma bala em meu corpo não era nada comparada com a dor de saber que te machuquei — disse — Então, fui embora.

— Como pôde? — exclamei, ignorando sua proximidade — Cuidei de você quando estava bêbado. Quando chegava em casa machucado e sangrando, estive ali, te enfaixando. Juramos sempre nos cuidar.

Parei, o nó em minha garganta me afogava e provocava uma rouquidão em minha voz, mas precisava continuar. Ele tinha que escutar a verdade.

— Dei tudo a você, Ryder e ainda se segura. Do que tem tanto medo? De me amar?

— Te amar é fácil. Te perder é o que me faria mal.

— Quem te disse que vai me perder? Gavin? Eva? — Não esperei que respondesse — Já não se trata só de mim, Ryder. Este bebê precisa de você. Eu preciso de você.

Seu olhar se tornou frio de novo. Duro.

— Bom, suponho que está fodida — disse tranquilamente, soltando meu cachecol — devido a que ambos estão melhor sem mim.

— De verdade pensa isso? — sussurrei.

Não respondeu. Só me olhou.

Mordi meu lábio, sem saber o que fazer. Esta guerra tinha tirado muito de mim. Tinha medo de que também tirasse Ryder. O amava. Não podia imaginar não amá-lo, mas tinha que dar o que queria.

— Nunca estarei melhor sem você, Ryder. Sempre serei essa garota que seguia você a todas as partes quando era uma criança e passava tempo com você quando era uma adolescente. Sempre será meu melhor amigo, não importa o que diga ou faça.

Afastou o olhar, parecendo tímido.

Me rompia o coração, mas tinha que continuar. Ele precisava ouvir as palavras e eu precisava dizer.

— Quando estiver ferido e nervoso, estarei aqui. Quando precisar da pessoa que te conhece como ninguém, vou estar aqui te esperando. Pode me renunciar, mas nunca vou renunciar você. Sempre te amarei, mas estou te deixando livre.

— Merda, Maddie, não...

— O bebê e eu sempre seremos teus, mas... — Me entupiram as palavras na garganta. *Diga*, insistiu minha voz interior. *Dê a ele sua liberdade*.

Tomei uma respiração profunda.

— Acabou, Ryder. Deixe-me ir.

Essas palavras terminaram. Nós terminamos. Ele estava quebrado.

Estávamos quebrados.

E acabados.

Capítulo 29

Tentei não mostrar o muito que doíam dizer essas palavras, mas as lágrimas nadavam em meus olhos, transbordando-se por minhas bochechas. Sem saber o que fazer, limpei-as em silêncio e olhei além de Ryder, sem querer vê-lo mais. Não queria ver a indiferença em seu rosto que sabia estaria ali. E preferiria morrer antes de ver sua frieza.

Virei-me para ir. Tinha que sair dali. Precisava correr o mais longe possível. Desaparecer. Precisava de quilômetros entre nós. Ele era tudo para mim e agora, tínhamos terminado.

As lágrimas me dificultavam a vista enquanto corria pelo corredor escuro. Um soluço escapou de meu peito, sem poder contê-lo. *O que estou fazendo? O que estou fazendo?* Pensei. As palavras se reproduziam em minha mente, golpeando dentro de minha cabeça até que pensei que ia estalar. Sentia-me confusa. Assustada. E tão apaixonada que me machucava.

Estava na metade de caminho pelo corredor, quando ouvi Ryder trotar atrás de mim. Não me virei. Não podia. Se o fizesse, estaria perdida.

De repente, suas mãos me agarraram por trás, me virando. Com os dedos apertados em meus braços, imobilizou-me contra a parede, me roubando o fôlego. Na escuridão, olhei para ele, surpresa. Colocando uma mão em cada lado de meu corpo, apanhou-me contra a parede.

Seus dentes chiaram com ira e seus olhos percorreram por meu rosto, parando em minha boca. Enquanto me mantinha prisioneira, os músculos de seus braços se esticaram; seus bíceps salientes debaixo de sua camisa.

— Ryder...

— Maddie, sinto muito. Maldição, sinto tanto — disse parecendo irritado. Sua voz era tão rouca e quebrada que me destroçou — Você e este bebê são minha vida e nunca os deixarei ir.

Baixou a cabeça, tomando minha boca com a sua com desespero. Inclinando seus lábios sobre os meus, tomou o controle, me demonstrando que de verdade nunca me deixaria ir.

O desejo saltou à vida, bloqueando as palavras que já havíamos trocado. Era o mesmo desejo que saía de controle cada vez que estava perto dele, me queimando cada vez que me tocava. Era uma viciada nele; nunca conseguia o suficiente e nunca queria nada além disso.

Suas mãos foram para minha cabeça, me segurando enquanto seu beijo se tornava mais suave. Depois de um segundo, afastou-se. Seus olhos estavam intensos enquanto me olhava. Havia preocupação neles. Uma espécie de desespero que não tinha visto antes.

— Me perdoe — sussurrou, enredando suas mãos em meu cabelo — Por favor, me perdoe.

Sabia que não podia resistir a ele. Sempre o amaria, sem importar o muito que brigássemos. Era assim tão simples.

— Perdoo você. Sempre perdoarei — disse, olhando seus olhos baixando a meus lábios.

Sua boca se equilibrou de novo, tornando-se frenética sobre a minha. Assim como um homem selvagem desesperado por mais, puxou minha jaqueta e cachecol, os jogando no outro lado do corredor. Assim que estiveram fora do caminho, levou as mãos à parede atrás de mim, me bloqueando com seus fortes braços.

Quando sua língua se introduziu no calor de minha boca, estendi a mão e agarrei a cintura de seu jeans. Puxando-o com força para mim, desejando mais. Aceitou e pressionou seu corpo contra o meu, mas tomando cuidado com minha barriga redonda da gravidez.

Conduziu sua língua dentro de mim, querendo provar o interior de minha boca. Minha língua se encontrou com a sua, chupando enquanto uma de suas mãos se trancava em meu cabelo. Quando seus dedos repentinamente ficaram bruscos e puxou minha cabeça para trás, ofeguei. Deixou meus lábios para seguir por meu pescoço, deixando para trás um caminho molhado. Me queimando por dentro.

Escapou um gemido de mim quando seus lábios se moveram mais abaixo, até chegar à curva de meu pescoço. Quando sua boca provou minha pele, passei os dedos sobre a dureza de seu estômago.

Ao toca-lo, gemeu e apertou seu agarre em meu cabelo. Sua boca se moveu vagarosamente por meu pescoço. Me provando. Me lambendo. Chupando minha pele como se não pudesse ter o suficiente.

— Disse que tinha terminado — sussurrou contra minha pele, me enviando um calafrio — mas nunca terminamos.

Sua boca caiu sobre a minha de novo, tomando cada centímetro de meus lábios. Me animando a abrir a boca. Obedeci, disposta a dar a ele tudo o que queria e mais. Ele era meu para sempre, sem importar o quanto fodido estivesse.

— Sempre haverá um eu e você — disse com voz áspera contra minha boca e baixando sua mão de meu cabelo para começar a desabotoar minha camisa — Nós.

Quando soltou o último botão da minha camisa, o ar frio passou por cima de meus seios nus. Estremeci, mas suas mãos cálidas pousaram ali, esquentando minha pele. Me protegendo.

Uma de suas mãos embalou meu seio, enchendo sua palma como se eu fosse feita especialmente para ele. Assim como na primeira vez que me tocou, ofeguei e me ruborizei quando seu polegar correu por meu mamilo, fazendo com que cada terminação nervosa saltasse e gritasse em necessidade.

— Estão sensíveis? — perguntou, passando outra vez seu polegar por meu mamilo.

— Sim — consegui dizer; meu coração pulsava tão rápido que não podia pensar com claridade.

— Bom — grunhiu.

Sem prévio aviso, baixou a cabeça, tomando meu mamilo em sua boca. Lançando minha cabeça para trás, gritei. Sua língua formou redemoinhos, lambendo, logo a virou sobre mim. Sua mão acariciou meu seio, apertando com suavidade enquanto colocava todo meu mamilo dentro de sua boca. Sua outra mão desabotoou as calças, para logo baixá-los juntos com a lingerie, por minhas pernas.

Pus as mãos em sua cabeça, o segurando perto enquanto tirava minha roupa. Quando voltou sua atenção a meu outro seio, o atraí para mim, segurando seu cabelo. Gemeu sobre meu mamilo, provocando ondas de eletricidade. Ia me deixar louca de prazer quando sua boca liberou meu mamilo. Seus olhos se encontraram com os meus na escuridão. Vi a fome nele, a desesperada necessidade de afundar-se mais profundo em mim. Sabendo que mal se mantinha acalmado, tentei puxa-lo mais perto.

Resistiu, agarrando minha mão. Levando-a para ele, colocou-a em seu pênis. Meu coração se acelerou quando o senti sob meus dedos, duro e preparado.

— Sente o quanto preciso de você, Maddie — disse, mantendo sua mão sobre a minha — Cada vez que estou perto de você. Cada vez que penso em você, isto é o que acontece. É seu. Toma-o.

Minha boca começou a o saborear, sabendo o que queria. Me sentindo nervosa, comecei a desabotoar seu jeans. Ficou em silêncio, me olhando enquanto baixava o zíper. Mordendo o lábio nervosa, coloquei a mão, envolvendo-a ao redor dele. Como um animal treinado, meu corpo se animou pela antecipação. Suas mãos voltaram para a parede, uma a cada lado, me

sujeitando. Movi a mão para cima e para abaixo de sua longitude, amando o sentir. Conteve o fôlego e fechou os olhos. Me sentindo no controle, movi a outra mão para seu peito, passando-a pelos seus duros músculos do abdômen. O calor de sua pele me queimava, correndo por meus dedos, por meu braço e em lugares desconhecidos.

Respirando com dificuldade, tremia enquanto minha mão continuava o acariciando. Seu corpo se estremeceu, ameaçando perder o controle. De repente, sua boca se apoderou da minha rudemente. Seus dedos baixaram, afundando-se dentro de mim. Gritei, movendo a mão mais rápido nele. Sua boca se tornou frenética na minha, desatando a selvageria.

Com uma maldição, tirou seus dedos e agarrou minha mão.

— Pare, Maddie — disse, com voz áspera. Moveu sua mão para minha coxa — Quero estar dentro de você.

Ofeguei quando subiu minha perna, segurando minha coxa em sua mão e me deixando vulnerável. Dando um passo mais perto, seus lábios se moveram a meu ouvido e me apanhou contra a parede. Soltei um gemido quando senti sua dureza em mim.

— Exijo estar dentro de você — disse.

E com apenas uma investida, esteve completamente dentro de mim. Me enchendo. Ameaçando me romper pela metade. Deixei escapar um gemido ante a invasão, sentindo me apertar em volta dele.

— Passei pelo inferno para chegar aqui — disse com voz rouca, rodando seus quadris contra os meus — mas agora estou no céu.

Gritei quando sua mão passou ao redor de minha cintura, me levantando. Minhas pernas se envolveram automaticamente ao redor de seus quadris, levando-o mais profundo dentro de mim. Gemeu, movendo seus quadris entre minhas coxas. Pressionando minhas costas contra a parede, saiu e logo outra vez se enterrou dentro de mim.

Dei um grito afogado e fechei os olhos enquanto se balançava comigo.

— Segure-se, baby — sussurrou e seus lábios foram ao meu pescoço.

Obedecendo, envolvi seu pescoço com os braços, pressionando meus seios nus contra o seu peito.

Pôs suas mãos em meus quadris e começou a mover-se, lentamente a princípio. Usando a parede como alavanca, me segurou acima, deslizando contra mim. Me acariciando por dentro. Fazendo isso uma e outra vez até que quis gritar. Estava me deixando louca e me fazendo esquecer tudo, exceto este momento.

— Isso é tão bom — disse com voz rouca, deslizando seu comprimento dentro e fora de mim, tortuosamente lento — Acho que fui feito para você.

Mantendo um braço a meu redor, olhou como mordi o lábio. Gemi enquanto seu comprimento entrava e saía, ganhando velocidade.

Tomando de novo meus lábios, sua língua se introduziu para provar minha boca. Seus quadris bombearam investidas poderosas, me satisfazendo e conduzindo-se profundamente dentro de mim.

Quando sua boca abandonou a minha para ir a meu ouvido, a sensação de queda começou bem dentro de mim.

— Ryder, não pare — gemi, jogando minha cabeça para trás e fechando os olhos.

— Nunca, Maddie. Nunca deixarei de te amar — disse, roçando seus lábios contra a curva da minha orelha enquanto deslizava cada vez mais profundo.

Não pude lutar mais. O orgasmo me alcançou, me fazendo gritar incoerências. Quebra de onda após quebra de onda de êxtase se apoderou de mim, me deixando ver estrelas, iluminando a escuridão por trás de minhas pálpebras. Agarrei seu cabelo, precisando me segurar em algo sólido e real enquanto perdia o controle.

— Por favor! — gritei, sentindo como se estivesse explodindo em mil pedaços.

Grunhiu, a barba em sua mandíbula se esfregava contra meu pescoço enquanto me penetrava uma e outra vez. Sua mão encontrou meus seios e brincou com minha pele sensível. Fechei os olhos quando as vibrações sacudiram meu corpo.

— Não. Abra os olhos — ordenou Ryder, movendo seus quadris contra mim.

Abri os olhos, disposta a fazer o que ele quisesse. Enquanto me olhava, começou a bombear mais rápido. Respirei fundo e comecei a me mover acima e abaixo em seu comprimento, tomando o controle.

Mas Ryder não permitiu. Rodeando a cintura, manteve-me firme enquanto saía até a metade antes de inundar-se de novo em mim, enterrando-se profundamente.

Ofeguei; sua plenitude era muito. Não podia suportá-lo.

— Mais uma vez? — perguntou Ryder, com voz rouca.

— Sim — gemi, fechando os olhos e jogando a cabeça para trás. Incapaz de resistir, mordi o lábio, quase tirando sangue.

— Maldita seja, Maddie — grunhiu, inclinando-se para chupar meu lábio inferior onde tinha deixado as marcas de meus dentes. Saindo de mim, inundou-se de novo, me fazendo agarrar seus ombros com força.

— Diga meu nome — exigiu, contra meus lábios— Então, deixarei você gozar outra vez.

— Ryder — gemi, respirando com dificuldade.

— Mais uma vez — disse, me abraçando pela cintura enquanto se movia dentro e fora de mim.

— Ryder — gritei, sendo golpeada duramente por outro orgasmo. Meu mundo explodiu e as estrelas apareceram arás de minhas pálpebras.

— É isso mesmo, grite meu nome. É o único nome que quero em seus lábios, Maddie. É minha — disse, grunhindo — nunca esqueça.

Capítulo 30

Seus lábios se tornaram suaves, suas mãos uma carícia. Derreti, me sentindo leve em seus braços. Ele logo se retirou, me colocando de pé. Suas mãos ficaram em meu corpo por um momento, assegurando-se de que podia me sustentar por mim mesma.

— Está bem? — perguntou, preocupado.

— Sim — disse sem fôlego.

Passou uma mão pela nuca, parecendo envergonhado.

— Eu me empolguei. Estava tão fodidamente assustado de que me deixasse.

— Como você me deixou? — perguntei, incapaz de deter as palavras.

Dando um passo para trás, subiu o zíper das calças, sem me olhar. Sabia que era o momento em que punha uma cortina sobre suas emoções, protegendo-se de algo que não podia começar a entender. Inclinando-se, pegou minhas calças e lingerie, entregando-me isso com uma mão estendida.

— Toma. Vista-se. Tenho que te levar de volta.

Suas palavras foram como uma bofetada na cara, tão retraídas e frias. Um calafrio me percorreu, me lembrando que faz um segundo, ele era o único que podia me esquentar.

— Me expulsando de minha própria casa, Ryder? Isso é muito baixo, inclusive para você — disse, me apressando para pôr as calças — Pensei que não teria que correr mais um do outro?

Ficou imóvel, sem me responder nem mover um músculo. Observou enquanto abotoava a camisa com dedos trementes e seus olhos foram persistentes em minha pronunciada barriga mais do que era necessário.

Ante seu silêncio, as lágrimas obstruíram minha garganta, mas me neguei a deixar que me visse chorar. Os hormônios da gravidez sempre

causam estragos com meus sentimentos. Um momento queria sorrir e no seguinte, chorar.

Elevei meu queixo e o olhei obstinadamente.

Deixou escapar um suspiro e se afastou uns passos. Inclinando-se, recolheu minha jaqueta e cachecol do piso atapetado e me lançou isso. Apanhando-os com uma mão, olhei-o fixamente.

— Não me olhe assim, Maddie. Não estou te afastando. Quero você segura em casa — disse, resignado.

— Tanto faz — disse, colocando os braços pelos buracos de minha jaqueta. Olhando para ele, envolvi o cachecol ao redor de meu pescoço e puxei com força enquanto aumentava minha irritação. Por que estava nervosa, não tinha ideia. Minhas emoções estavam por toda parte.

Sem esperar, virei e caminhei pelo corredor, sem importar se me seguia ou não.

— Espera! — retrucou Ryder, sua voz era como uma espingarda explodindo na casa.

Parei e me virei. Com duas pernadas estava diante de mim, parecendo proibido e perigoso. Seu corpo me bloqueava para não ir a nenhuma parte. Levantei os olhos, encontrando seus olhos na escuridão. Quando não disse nada, decidi que estava cansada do silêncio.

— Só me leve para casa, Ryder — disse.

Agarrou a parte traseira de minha cabeça e me puxou para ele. Suas mãos alcançaram minha barriga, estendendo seus dedos sobre meu ventre enquanto sua outra mão se enredava em meu cabelo.

— Vamos esclarecer algumas coisas antes de ir, Maddie. Este bebê é meu — grunhiu; sua profunda voz retumbava na escuridão — Seu corpo e coração são meus. Brigarei e morrerei por eles. Nunca esqueça.

Abri os lábios para dizer a ele onde podia meter essas merdas de "meu", mas sua boca descendeu rapidamente, cortando qualquer palavra que ia dizer.

Sua mão se apertou em meu cabelo quando sua boca reclamou a minha. Apesar da frieza da casa, meu corpo se esquentou de novo.

Terminando o beijo, afastou-se para me olhar. Sem outra palavra, soltou-me, me deixando no corredor escuro. Fiquei de pé ainda chocada, me sentindo como se estivesse caindo e não pudesse me segurar.

Estar com Ryder era como um passeio em uma montanha russa que nunca terminava. Havia curvas fechadas, subidas e descidas. Nunca saberia o que te esperava virando a esquina. O passeio era desigual e algumas vezes, agitado. Em um momento queria rir, no outro gritar, mas apesar de tudo, era emocionante e de ritmo frenético. O passeio de sua vida.

E nunca queria termina-lo.

Passei minha língua sobre o lábio inferior, o saboreando em mim. Por um momento, me permiti desaparecer na felicidade de uns minutos atrás; quando me segurou e disse palavras que nunca esqueceria.

Um golpe surdo veio do interior da casa. Sacudi a cabeça. Estava parada sozinha no corredor, a escuridão da noite se envolvia a meu redor. O ruído me lembrou que faz meses o mal tinha posto um pé aqui. O corpo de Ryder poderia ter me feito esquecer o pesadelo, mas de repente, voltou a toda pressa, me dando uma palmada na cara e me deixando aturdida.

Corri atrás dele, deixando a escuridão para trás. Encontrei-o na cozinha, acendendo um fósforo. Vi como o palito estalava à vida, destacando seu rosto. Me chamando.

Envolvendo os braços ao redor de minha cintura, tratei de controlar meu coração, olhando como Ryder acendia uma pequena vela. Um calafrio me percorreu e não sabia se foi pelas frias temperaturas ou as terríveis lembranças. Havia um só homem que podia expulsar a ambos e estava parado frente a mim, me deixando quente em um momento e frio no próximo.

Ryder lançou o extinto fósforo à mesa, do lado da garrafa de vodca. Meus olhos pousaram na foto de nós. Quando éramos felizes. Juntos. Crianças que não tinham preocupação no mundo.

Ele também a viu. Meu coração pulsou quando a pegou. Tinha medo que pudesse rompê-la com seu punho. Rasgá-la em pedaços com seus fortes dedos. Desmembrá-la com suas próprias mãos. Ao invés disso, olhou para mim. A luz da vela se refletia em seus olhos, iluminando o azul de sua íris e me enchendo com desejo.

Sem afastar os olhos de mim, colocou a foto no bolso de sua jaqueta, bem em cima de seu coração. O simbolismo não me escapou, mas duvidava que soubesse o que fez.

— Quer alguma coisa antes de ir? — perguntou.

Meus olhos percorreram a cozinha, vendo as coisas do meu pai e lembrando o passado. Havia tantas coisas que queria, coisas que não poderia ter novamente. Meu pai. Minha antiga vida. A morte e o desespero de desaparecer.

As lágrimas encheram meus olhos, fazendo tudo impreciso. Eva tinha razão. A gravidez me deixava muito emocional. Era um desastre soluçante! Afastei o olhar de Ryder, não queria que visse minhas lágrimas.

— Maddie? — perguntou de novo.

Respirei fundo.

— Quero que minha vida volte a ser como antes — murmurei — Quando as coisas eram mais simples. Sinto falta do meu pai e meus amigos. Sinto falta da universidade, mas mais que tudo, sinto saudades, Ryder, eu gostaria que pudéssemos ser duas crianças normais de novo.

— Duas crianças normais que não estão apaixonadas? — perguntou sem rodeios. — É isso o que está tentando me dizer?

Oh, maldição!

— Ryder, isso não é o que queria dizer.

— Acredito que sim, Maddie — disse, caminhando junto a mim e pegando sua bolsa de lona do chão. Lançando ela à mesa, começou a colocar coisas dentro dela; velas extra, algumas latas de comida que tinha encontrado em alguma parte e uma caixinha que reconheci como a caixa de lembranças da minha mamãe — Não sei se posso me comportar normal com você, mas estou disposto a tentar. Nada como dois melhores amigos com um montão de luxúria entre si — grunhiu, pegando a garrafa de vodca. Desenroscando a tampa, manteve seus olhos em mim enquanto a levava a sua boca.

Observei como ele tomava até a última gota de álcool, parecendo tão sexy que queria bater em mim mesma por nota-lo.

— Oh, não esqueça a parte do amor — disse, golpeando a garrafa vazia contra a mesa — Porque te amo mais que à própria maldita vida, mas se você quiser normalidade, farei isso.

Pendurou a bolsa de lona no ombro. Depois soprou a vela, caminhou para mim. Quando chegou o suficientemente perto, agarrou meu braço e me arrastou através da sala.

— Ryder, você tem uma habilidade com as palavras — disse com sarcasmo, sem brigar enquanto me levava para a porta.

— Não viu tudo o que posso fazer com minha boca, Maddie.

Parei, boquiaberta. Quando a comissura de sua boca se elevou em um meio sorriso que não se ajustava com a frieza em seus olhos, fechei a minha. A irritação estalou em mim.

— Sabe que é um grande idiota — disse, esperando odiá-lo, mas sabendo que nunca poderia. Insultar ele era a segunda melhor coisa — Não quero normalidade... quero você, mas também quero te dar um murro neste momento. Estou grávida, sou um desastre emocional e *realmente* só quero te machucar.

— Sei que o quer, querida — murmurou — E pode ter isso te fará se sentir melhor. Estou aqui para isso.

Abrindo a porta traseira, começou a me puxar para fora, mas o ar gelado nos golpeou, quase me derrubando. Surpresa, meus olhos deslizaram pelo quintal. A luz da lua iluminava os grandes flocos de neve que caíam tranquilamente à terra. Uma fina camada de neve cobria tudo com a brancura.

— Merda! — amaldiçoou, me bloqueando do vento com seu corpo, mas mesmo assim, o vento encontrou uma maneira de entrar, me envolver e atravessar o fino casaco e sob minha camisa de flanela.

Ryder se virou e me levou de volta para dentro da casa, fechando a porta atrás dele.

— Mudança de planos — respondeu, soltando meu braço e caminhando para a mesa. Pôs a bolsa de lona na superfície de madeira e escavou dentro do bolso de sua calça. Um segundo depois, outro fósforo flamejou à vida. Acendeu a vela de novo, projetando a sala com um resplendor amarelo.

— O que vamos fazer? — perguntei.

— Nós vamos ficar aqui esta noite — disse, sem parecer muito feliz por isso. Alcançando a bolsa de lona, tirou uma pistola. Puxando o trilho, revisou a câmara para ver se estava carregada. — Está muito frio e não te arrastarei para fora.

— Ficarei bem.

— Não estou perguntando — disse. Colocando a pistola sobre a mesa, no fim encontrou meus olhos — irei procurar sua égua e a colocarei no estábulo com os meus.

Colocou a mão dentro da bolsa de lona e tirou um boné de beisebol. Era um dos bonés que comprei para ele no primeiro ano que estive na universidade. Meu coração começou a pulsar com força, ao saber que o guardou todo este tempo. Abaixando a viseira, me escondendo seus olhos.

— Mas todo mundo estará me procurando — disse — Devo voltar. A única que sabia onde ia é Eva e pedi que guardasse segredo, mas quando souber que estou sozinha fora todo este tempo, enlouquecerá.

— Todos sabem onde está. Não se preocupe.

Juntei minhas sobrancelhas, confusa.

— O que? Como?

Ryder deixou escapar um suspiro.

— Porque Cash te seguiu. Vi ele.

Suas palavras me golpearam como um balde de água fria. Não pelo fato de que Cash me seguisse, o que parecia ser compreensível. Era só o medo de pensar que fui seguida sem saber. Se tivesse sido um estranho, poderia estar ferida ou morta em algum lugar.

Ao pensar nisso, um sentimento de inquietação se apoderou de mim. O terror voltou, me ameaçando me inundando de novo.

— Voltarei em um segundo — disse Ryder, caminhando diante de mim. Me deixando com uma crescente sensação de pânico.

Escutar ele se afastar me deixou gelada. Comecei a tremer. Primeiro minhas mãos, logo minhas pernas. *Odiava ser fraca! Supere*, disse a mim mesma, mas quase fui violada nesta casa. Não importava o muito que tentasse, não podia esquecer meu medo.

Massageei minhas têmporas com uma mão tremente, tentando me concentrar em respirar. Foi inútil. Comecei a hiperventilar, incapaz de recuperar minha respiração. O pânico me invadia.

Nunca escutei Ryder voltar. Em um segundo estava sozinha, escutando enquanto ele se afastava. No seguinte, estava a meu lado outra vez, me rodeando com seu calor.

Inclinou meu queixo para cima, me obrigando a me concentrar nele.

— Olhe para mim, Maddie. — Encontrei seus olhos sob a aba do boné. A dureza continuava neles, mas também vi inquietação, preocupação. Por mim. — Respire — sussurrou, sua voz áspera se envolvia ao meu redor.

Respirei fundo por meu nariz.

— De novo — disse.

Tomei outra respiração, me concentrando em seu rosto. Uma sensação de calma se apoderou de mim. A rápida ascensão e descida de meu peito parou enquanto meu ritmo cardíaco voltava para a normalidade.

— Melhor?

Assenti, sentindo que se dissipava o pânico.

Passou seu polegar por meu lábio inferior, seguindo o movimento com seus olhos.

— São só lembranças, Maddie. Não podem te ferir. Substitua elas com a lembrança do que acabamos de fazer. Como te segurei contra a parede, com suas pernas me envolvendo. — aproximou-se mais, movendo seus quentes dedos para agarrar minha nuca — Como disse que te amava mais que tudo neste mundo. Essas são as lembranças que quero que guarde.

Me estudando um segundo mais, se virou e saiu da cozinha, me deixando sozinha em uma casa cheia de lembranças.

Novas lembranças.

Capítulo 31

Fiquei de pé na sala de estar, olhando à pilha de mantas e travesseiros na parte superior da escrivaninha. Ryder tinha dormido aqui durante os últimos dias. Escondendo-se de mim. Pensando que eu não o queria por perto. Com movimentos rápidos, construí uma fogueira na chaminé, utilizando paus e ramos secos que ele trouxe em algum momento. Depois de uns minutos, as chamas saltaram à vida. Aticei o fogo o tempo todo, vendo como as faíscas se elevavam e desapareciam na chaminé. Dando uma olhada aos cantos escuros da sala, coloquei uma manta ao redor de meus ombros. Sentada no chão, agarrei o atiçador da chaminé com mais força. Eu poderia ter novas lembranças desta casa, mas as velhas ainda persistiam.

Quando a porta de trás se abriu, continuava olhando o fogo, por isso me sobressaltei. Deixei escapar um suspiro de alívio e a tensão em meu corpo desapareceu tão rápido como chegou. *Ryder voltou*. Segundos mais tarde, ouvi passos caminhando para mim.

— Ela está no celeiro.

Levantei o olhar para encontrar Ryder. Seu nariz e suas bochechas pareciam vermelhas e seu boné de beisebol se foi. Ficou olhando o fogo um segundo, vendo como as chamas dançavam e saltavam. Quando meu estômago grunhiu em voz alta, voltou sua atenção para mim. A luz do fogo se refletia em seus olhos enquanto estes se moviam por meu corpo.

— Quando foi a última vez que comeu? — perguntou. Dei de ombros, tentando lembrar o que era comer uma comida real. Uma que continha todos os grupos de alimentos essenciais.

— No café da manhã? — respondi.

— Merda, Maddie — murmurou em voz baixa. Sem uma palavra mais, deu meia volta e voltou à cozinha. O ouvi se mover, escutando suas pesadas botas contra o chão de linóleo.

Uns minutos mais tarde, voltou, desta vez com duas latas, uma caçarola e um recipiente de aço inoxidável com água. Sentado ao lado da chaminé, pôs a panela perto das chamas. Abrindo a primeira lata com uma navalha de bolso, derrubou a carne enlatada na bandeja e cortou em partes pequenas. Continuando, abriu uma lata de batatas e a pôs na frigideira. Sentado sobre os calcanhares, viu como a comida se esquentava.

As chamas dançavam sobre seu rosto, destacando seu perfil. Os músculos de seus ombros se incharam enquanto se inclinava para mexer a comida improvisada. Debaixo da camisa, podia ver o contorno de seus bíceps, os mesmos que tinham me mantido pressionada contra a parede. Ele me deu uma olhada, me pegando olhando para ele. Deixando a navalha, enfrentou-me.

— Quero que saiba que nunca te abandonei, Maddie. Permaneci perto, cuidando de você. Todo mundo sabia onde estava. Exceto você.

— Todos sabiam? — perguntei, assombrada. Assentiu, me olhando de perto. — Gavin?

Ryder voltou a olhar o fogo.

— Me encontrou bem aqui depois que fui. Diabos, ele sabia onde estaria. É o lugar ao que ia sempre que ficava nervoso; a sua casa. Trocamos palavras e algumas ameaças. Me disse porque te beijou. Expliquei a ele o que eu faria se voltasse a tentar.

— Por acaso Eva também sabia?

— Sim. Disse a ela antes de ir. — Bom, isso dói. Eva sempre me contava tudo. Sem segredos, era nossa regra.

— Ela me disse que não sabia — disse a ele, franzindo o cenho — estava muito nervosa com você.

Bufou.

— Ela ficou furiosa. A ameacei para que não te dissesse isso. Brody esteve a ponto de amordaçá-la para mantê-la calada.

— Isso explica por que estavam brigando — disse. Ninguém ameaçava amordaçar Eva. Esse era o engano maior de todos. Ficou mais claro por que ninguém se preocupou com o paradeiro de Ryder. Eles sabiam desde o começo, mas *por que não me disseram isso?*

— Pegue. Coma — disse, colocando a bandeja no chão diante de mim. Dei uma olhada à comida e de repente, não tinha fome.

— Por que ninguém me disse isso? — perguntei, ignorando a comida.

— Deixa pra lá, Maddie — murmurou — Come.

Quando ele se fechava assim, me deixava furiosa. Peguei um garfo e apunhalei um pedaço de carne. Mordi um par de vezes antes de me forçar a passar a comida por minha garganta, sentindo como se estivesse comendo chumbo, mas de algum jeito, dei um jeito para comer a metade. Talvez porque estava tão irritada que nem pensava no que fazia. Afastando a bandeja, aproximei-me mais dele, com vontade de ir o mais perto possível para poder dar uma bofetada nele. Ou um murro. Qualquer coisa cairia bem.

— Por que foi embora, Ryder? Sei o que eu te disse, mas foi só devido a minhas emoções. Nunca esperei que fosse. Por que o fez? — sussurrei, observando-o fixamente enquanto ele via o fogo, com os braços pendurados entre os joelhos. Ficou calado, olhando fixamente à frente. Quando ficou evidente que não ia falar comigo, comecei a me levantar, mas ele me deteve, estendendo a mão e agarrando meu pulso. Me puxando para ele, me colocou em seu colo. Fui de boa vontade, envolvendo as pernas ao redor dele. Passou as mãos por minhas coxas, parando em meus quadris.

— Porque tinha que fazer isso — disse com voz rouca.

O vi engolir seco. Seus olhos olhavam profundamente os meus. Desta vez, não tentou ocultar suas emoções. Todas estavam ali, a disposição para que eu visse.

— Tem que me odiar, Maddie, por tudo. Cada vez que te ligava, totalmente bêbado. Cada hematoma ou sangramento de nariz que teve que atender. Deveria me odiar por todas as mulheres com as quais tentei te substituir. Lamento tudo isso. — Suas mãos deixaram meus quadris para embalar meu rosto, voltando meu rosto para o seu. — Não sou bom o bastante para você. Nunca fui. Minha partida demonstra isso. Pareço com minha verdadeira mãe, só uma causa perdida. Estava tão fodidamente ciumento, porque Gavin é malditamente perfeito e você é.... — respirou fundo — Você é minha vida e não quero te perder. Tenho medo que um dia acordará e se dará conta do pedaço de merda que sou.

— Ryder, não é um pedaço de merda...

Negou com a cabeça, me interrompendo.

— Quando soube que Gavin te beijou, me enfureci. Estourei. Queria fazer pedaços dele. Era minha, Maddie. Minha — disse, com os olhos brilhantes — Essa sensação me aterrorizou. Não queria machucar ninguém. Só queria você.

— Ainda sou sua, Ryder.

— Caralho, eu sei — sussurrou, passando uma mão por minha barriga e tocando minha redondeza — Nunca devia ter te deixado, mas há mais que isso.

— Então me diga.

— Estes malditos pesadelos não desaparecem. Acordo de noite suando, incapaz de recuperar o fôlego. Vejo homens me espancando até que sangro. Sonho que estou morrendo e tentando chegar até você, mas nunca consigo — disse; suas últimas palavras eram um sussurro — Não posso chegar a você

nem a nosso bebê. Vejo você. Escuto você, mas então, atiram em mim e morro.

Suas palavras me provocaram dor. Envolvi os braços ao redor de seu pescoço, aproximando-o mais. Outra mulher talvez teria se afastado de Ryder. Possivelmente teriam renunciado a ele faz muito tempo, mas eu não era uma dessas mulheres e Ryder não era qualquer homem. Era o que tinha estado a meu lado todo o tempo, deixando viver minha vida enquanto ele observava dos bancos. Era um pouco tosco. Um homem que preferia amaldiçoar antes que fazer um elogio. Um homem que lançava um murro e perguntava depois. Não amava com facilidade, mas quando amava, o fazia com tudo o que tinha.

Suas mãos percorriam minhas costas, enredando-se em meu cabelo comprido. Seus olhos se cravaram nos meus, sem olhar para nenhum outro lugar.

— Quando Gavin disse que te deu um beijo, tudo veio abaixo. Então, quando envolvi seu pescoço com minha mão... — passou uma mão pelo rosto e sacudiu a cabeça com desgosto — Tive que sair. Não queria fazer mal a você nem ao bebê. Sabia que se fizesse, morreria. Então vim aqui e me embebedei com um velho licor que seu pai tinha. Sentei nesta casa e disse a mim mesmo que era um tolo. Me amaldiçoei por querer voltar para você. A última coisa que precisava era que eu estivesse perto. Machucando você. Te fazendo chorar.

— Ryder, você não vai me fazer mal. Confio em você. Sempre fomos bons um para o outro. Me deixe estar aqui para você. — Inclinei-me para beijar o canto de sua boca — Amo você — disse a ele — Não me afaste.

— Deus, Maddie, não vou a nenhuma parte. Eu também te amo. Sempre te amei. Pode ser que eu seja um filho da puta fodido, mas não posso viver sem você.

Suas mãos se aprofundaram em meu cabelo para me agarrar com mais força.

— Nunca voltarei a te deixar, Maddie — disse, roçando seus lábios com os meus.

— Me prometa — sussurrei para ele.

— Com todo o meu coração.

Capítulo 32

O inverno chegou e se foi. Por algum milagre, sobrevivemos. Muitos dias pensávamos que não conseguiríamos. O clima era frio e, às vezes, rigoroso. Intransigente e empenhado em nos destruir, mas fomos fortes. Tínhamos um ao outro. Tínhamos esperança e determinação. Com isso, poderíamos sobreviver.

Cash e Gavin começaram a fazer viagens a um povo vizinho, onde não havia terroristas. A princípio, negociavam o alimento. Era o que mais necessitávamos. Então, depois de um tempo, começaram a negociar outros artigos, gasolina, roupa, artigos para o bebê. A cidade era muito grande e se tornou um campo de refugiados de todo tipo. Disseram que era uma mina de ouro de suprimentos, um centro de comércio para onde as pessoas vinham desde muito longe para fazer trocas. Teria gostado de ir, mas a gravidez estava muito avançada e a viagem era muito perigosa perto da minha data limite. Gavin e Cash não só traziam suprimentos, mas também notícias. Inteiraram-se de que a tropa tinha razão; os Estados Unidos ganhavam, obrigando os insurgentes a saírem. Era um processo lento e continuava a luta, mas se vislumbrava a esperança no horizonte. Esperança de paz.

Mas ainda não tinha me encontrado.

***

Passei a mão sobre minha barriga, sentindo o bebê chutar sob minha palma. Olhando fixamente para o teto, deslizei os dedos sobre meu oitavo mês de gravidez, tentando acalmar o bebê. Durante as últimas três noites, ele ou ela não me deixou dormir, movendo-se sem parar durante a noite. Disse a Ryder entre risadas que se parecia comigo e gostava de dançar. Não acreditou que fosse muito divertido, me lembrando como dancei com ele naquela noite

no clube. Eu me ruborizei, lembrando quando fui pressionada contra seu corpo enquanto a música tocava ao nosso redor. Sem nos preocupar com nada além do outro.

De repente, senti uma dor no meio das costas, envolvendo-se ao redor de meus quadris. Tentei mudar de posição, mas não serviu de nada. Quando tive uma dor similar esta manhã, mencionei isso a Janice. Ela fez um exame rápido em mim e disse que tudo parecia bem, me advertindo que poderiam ter sido contrações. Fiz ela prometer não dizer a Ryder, porque ficaria louco de preocupação e tinha suficientes preocupações neste momento.

Todos estávamos preocupados. Gavin, Brody e Eva deviam ter voltado para casa há dois dias, mas ainda não tinham retornado. Saíram fazia quase uma semana, dirigindo-se à cidade em busca de suprimentos e para achar os pais de Eva e de Brody. Rezei para que os encontrassem com vida e a salvo, mas aprendi que neste novo mundo, nem todas as orações eram escutadas.

Cash ficou, negando-se a me deixar sozinha ao estar tão perto da data do parto. Ontem, decidiu ir morar com Janice e Roger, nos dando tempo a sós que tanto precisávamos. Me sentindo incômoda outra vez, virei para o lado. Minha barriga se apertou contra Ryder, sua pele quente contra a minha. O lençol se enrolou ao redor de sua cintura, deixando seu peito nu. Estendendo a mão, risquei as linhas de suas tatuagens; tinta negra contra sua pele. Abriu os olhos, levantando lentamente as pálpebras. Me olhando, sorriu.

— Está acordada? — perguntou, estendendo a mão para me puxar mais perto.

— Sim — respondi, passando a mão pelos músculos de seu abdômen.

— Caralho Maddie, diga — sussurrou, colocando a mão em meu cabelo. Sorri, deslizando meus dedos brandamente sobre seu umbigo.

O bebê chutou de novo, desta vez empurrando o lado de Ryder.

— É ele outra vez? — perguntou, levando sua mão a minha barriga muito volumosa.

— Sim, ela é muito ativa — disse a ele, convencida de que era uma garota. Riu entre dentes enquanto estendia os dedos sobre meu umbigo, sentindo o movimento do bebê em mim.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou, com seus lábios contra o topo de minha cabeça.

Uma dor começou em minhas costas, uma que quase me fez me retorcer. Uma pressão estranha se apoderou de minha barriga, me apertando. Sentei, precisando me mover.

— Maddie? — perguntou, preocupado.

— Estou bem — menti — Só tenho que caminhar. — Às vezes, quando me sentia incômoda a noite ou não podia encontrar uma boa posição para dormir, eu gostava de passear pela casa. Parecia acalmar o bebê e ajudar meu corpo a relaxar.

Joguei minhas pernas pela beirada da cama, aterrissando com os pés descalços no chão de madeira. A camisa larga de Ryder chegava ao joelho, suave contra minha pele e cheirando como ele.

— Irei com você — disse, sentando-se.

Olhei por cima do ombro. Minha respiração parou pelo que vi. Tinha o cabelo sobre os olhos, desordenado como sempre. Sua mandíbula estava coberta de uma barba incipiente sexy. Sabia que seria áspera contra meus dedos e faria cócegas em minha pele. Ruborizei-me, lembrando das vezes que experimentei essa sensação.

Os músculos de seus braços flexionaram enquanto tirava as mantas das pernas, deixando à vista seus abdominais. Era tão sexy agora como foi há um ano, quando o confrontei no banheiro do meu apartamento. As palavras que me disse naquele dia estarão para sempre gravadas em minha mente. *"Anos, Maddie, desejei você por anos"*.

E agora, me tinha para sempre.

Fiquei de pé e estiquei as costas, tentando desfazer as cãibras.

— Maddie?

— Estou bem, Ryder. Fique aqui — disse a ele.

— Tem certeza? — perguntou, me olhando enquanto me levantava.

Assenti. Parecia cansado. Às vezes, os pesadelos ainda o incomodavam. Acordava nervoso, suando e procurando algo para bater. Eu o abraçava enquanto tremia, esperando que desaparecessem as lembranças e o pânico o deixasse, mas essas noites eram cada vez menos frequentes.

Sabia que me observava enquanto saía do quarto, avaliando com seus olhos cada movimento. Ultimamente, estava aterrorizado, pensando no parto. Raramente me deixava fora de sua vista por muito tempo.

Na cozinha, acendi uma vela no centro da mesa. Precisava fazer algo com minhas mãos; peguei um copo de água do riacho limpa e esterilizada. Estava fresca ao passar por minha garganta. Nunca esqueceria a sensação de andar por um caminho deserto, sedenta e queimada pelo sol. Tentando chegar na casa de meu pai. Ryder a meu lado, me mantendo a salvo. Tentando resistir um ao outro e perdendo.

Quando senti os movimentos do bebê, caminhei pela sala, balançando meus quadris com o movimento. Olhei para fora quando as nuvens se moveram, deixando uma corrente da luz da lua através da janela. *Talvez se usasse o banheiro, me sentiria melhor.*

Peguei uma lanterna que conservávamos na porta traseira. *Não o incomodarei. Só irei a uns metros da casa.* Desde que engravidei tinha feito viagens ao banheiro, muitas vezes para as contar.

Abrindo a porta traseira, o ar frio rodeou minhas pernas nuas, me fazendo tremer. O inverno partia lentamente. Os dias eram mais calorosos, mas as noites ainda eram frias.

Descalça, fui para as escadas da varanda, iluminando o caminho com a lanterna. Ao longe, uma coruja piava. O som fez com que um calafrio me percorresse as costas, mas não parei.

A grama estava úmida sob meus pés, pegando-se entre meus dedos. Me apressando, cruzei para o banheiro e olhei por cima do ombro uma vez, quando achei que ouvi algo.

Ao terminar, fechei a porta de madeira atrás de mim e comecei a caminhar para a casa. Estava a apenas uns passados da varanda quando um calafrio percorreu minha espinho dorsal. Olhando ao redor, de repente, me senti incômoda. Algo estava errado, como se alguém me vigiasse. Levantei meu pé para pisar no primeiro degrau quando tudo veio abaixo.

Alguém me agarrou por trás, tirando a arma de meus dedos. Gritei, mas uma mão suja tampou minha boca imediatamente, apagando qualquer som. Lancei meus punhos, golpeando o estranho na cabeça uma ou duas vezes. Em resposta, um forte braço envolveu meu pescoço, cortando meu fornecimento de ar.

Comecei a arranhar os antebraços do desconhecido, cravando minhas unhas na pele e deixando marcas sangrentas. Tentei afastar o braço, desesperada por ar, mas o braço apertava meu pescoço.

— Olá. Lembra de mim? — disse uma voz profunda em meu ouvido, enviando calafrios ao longo de minha espinho dorsal.

Reconheci imediatamente a voz. Era o mesmo terrorista que apareceu aqui em busca de Ryder a alguns meses. O mesmo que ameaçou voltar.

Apertou meu pescoço com o antebraço, fazendo com que meus olhos se ampliassem e meu rosto ficasse vermelho. Voltei a arranhar seu braço, desesperada para escapar.

Ignorando minha luta, apertou com mais força.

— Vamos caminhar muito lentamente para o bosque. Entendeu? — perguntou, com inglês perfeito — Não fará nenhum som.

Assenti o melhor que pude, enquanto meu coração pulsava fora de controle.

— Vou soltar seu pescoço se fizer o que te digo.

Assenti outra vez, eu comecei a sentir a traqueia restringida.

— Bom. — Tirou seu braço. Agarrando meus dois pulsos, puxou minhas mãos atrás de minhas costas, mantendo uma de suas mãos sobre minha boca — Vamos — instruiu, me empurrando para que começasse a andar.

Fiz o que me disse, mas minhas pernas estavam como borracha. Sua mão sobre minha boca pressionou dolorosamente meus lábios contra os dentes. *Se afrouxasse a mão o suficiente, poderia mordê-lo*. Planejei minha fuga enquanto me empurrava adiante, sabendo que se me levasse para o bosque, era melhor estar morta.

Estávamos na metade de caminho através do quintal, quando parou e me deu a volta.

— Não quero te machucar. É minha garantia — disse — Tirarei minha mão se prometer ficar em silêncio.

Assenti, precisando desesperadamente de oxigênio.

Lentamente, baixou a mão. Inalei grandes baforadas de ar para meus pulmões.

Os olhos do estranho caíram para minha barriga. Queria me cobrir de seu olhar, mas continuava segurando firmemente meus pulsos.

Engoli seco, com minha garganta dolorida. Outra dor começou em minhas costas, mas ignorei. *Terá que esperar...*

— O que quer? — perguntei a ele, olhando para a casa.

O homem inclinou a cabeça para um lado. Sem responder, virou-me e me empurrou para que começasse a caminhar.

— Vim por seu homem. Tenho que leva-lo — respondeu.

— Não! Deixe o em paz! — supliquei. Já estávamos quase no bosque. Precisava detê-lo.

— Não fizemos nada.

— Seu homem matou meu líder. Por isso, deve morrer.

Tropecei e a dor irradiava por minhas costas, quase trazendo lágrimas a meus olhos. O homem não pareceu notar.

— Vou te dizer uma coisa pra que entenda. Eu fazia parte de uma célula adormecida, estabelecida em seu lugar faz muitos anos. Estive nos Estados Unidos por sete anos. Conheci uma americana e me apaixonei por ela. Tentei protege-la desta guerra, desta violência — cuspiu, com raiva — mas não pude.

Suas mãos se apertaram ao redor de meus pulsos, me fazendo estremecer e morder o lábio.

— E como me retribuiu meu país por esse serviço? Levaram minha esposa e meu filho. Estão mantendo eles como reféns, assim como a muitos americanos que capturaram. Em troca da liberdade de minha família, querem seu homem vivo. Então, levarei você e recuperarei minha família — disse — Você é minha isca.

Parei e me virei. Meu coração começou a pulsar com força e minhas palmas ficaram suarentas.

— Não tem que fazer isto. Por favor — supliquei.

Abriu a boca para responder, mas nunca teve a oportunidade. Uma bala passou roçando nossas cabeças, um tiro de advertência que quase chamuscou meu cabelo.

— Deixe-a ir — disse uma voz mortal.

O terrorista se virou, usando meu corpo como escudo. Ryder parou a uns metros de mim, com um rifle na mão. Seus pés se separaram enquanto observava o canhão da pistola, preparado para disparar outra vez.

— Aí está, meu amigo. Perguntava a mim mesmo quando se encontraria conosco — disse o estranho, apertando meus pulsos dolorosamente.

Preparou outro tiro no rifle, centrado só no estranho.

— Já estou aqui. Deixe-a ir.

O desconhecido me soltou. Assim tão fácil, estava livre. Corri para Ryder, e estendeu sua mão livre para me agarrar. Colocou-se diante de mim enquanto mantinha a arma apontada para o terrorista.

O homem levantou as mãos, rendendo-se.

Não pode ser tão fácil.

— Não se mova, Maddie — disse. Tirando uma pistola de sua cintura, apertou-a em minha mão — Se acontecer alguma coisa, corra até onde minha mãe e meu pai estão, entendeu?

— Sim — disse, tomando a arma e tirando a trava.

Continuou olhando o canhão do rifle enquanto se aproximava lentamente do homem. Fiquei quieta, vendo como o homem movia seu peso de um pé ao outro, com os olhos em Ryder. Não confiava nele nem por um segundo.

— Me mate. Me tire da minha desgraça — cuspiu, inclinando o queixo para Ryder — Não sou nada.

Ele não respondeu. Vi os músculos de suas costas flexionarem e apertar os braços. Parou a uns metros do homem, apontando com a pistola à cabeça deste.

— Faça — chiou o homem, olhando para o canhão sem medo — FAÇA!

De repente, a dor me golpeou, correndo por minha espinho dorsal. Desta vez, foi algo que nunca tinha sentido. Aspirei uma baforada de ar e me curvei. Essa pequena entrada de ar se ecoou através da noite, mudando tudo.

Ryder virou a cabeça para mim.

O desconhecido viu sua oportunidade. Balançou a mão para cima, golpeando o lado do rifle. O impacto jogou a arma para o lado, longe dele. Foi então quando o punho do homem conectou com o estômago de Ryder.

Ele se dobrou por um segundo, mas não demorou para recuperar-se, mas então, o desconhecido tinha a vantagem.

Gritei quando o tipo tirou a arma de suas mãos. Em um movimento perfeito que só um soldado profissional faria, deu a volta no rifle e o apontou.

Observei com horror como Ryder ignorou a arma. Em um movimento rápido, seu punho conectou com a mandíbula do estranho. O homem cambaleou para trás. A arma caiu no chão, esquecida. Ignorando-a, Ryder seguiu o homem, golpeando o lado da cabeça do desconhecido com os punhos. O sangue emanava do nariz e da boca, pulverizando-se no ar.

Vai matar ele!

— Ryder — gritei, dando um passo para frente.

Outra dor me golpeou, me fazendo morder o lábio e sair sangue. Gritei, sentindo como se estivesse sendo rasgada em dois. Tentei respirar, mas era muito. Minha barriga se apertou, ficando dura. De repente, uma sensação de calor correu por minhas pernas. Em estado de choque, baixei o olhar.

Minha bolsa acabava de romper.

Capítulo 33

Elevando o olhar com pânico, encontrei Ryder segurando o terrorista contra o chão. Seus punhos golpeavam a cara do homem uma e outra vez. Toda sua frustração, toda a tortura pela qual o fizeram passar, era desforrada contra o homem.

— Ryder! — gritei, morrendo de dor.

Caí de joelhos, sem ser capaz de me manter de pé. Fechando os olhos, montei a onda de dor. Nunca tinha experimentado algo tão horrível. Um dedo quebrado e uma costela com fissura não chegavam nem perto disso.

Quando a dor aquietou, abri os olhos. Ryder estava levantando-se de cima do homem sangrento e retorcido de dor. Caminhando alguns passos, inclinou-se e recolheu o rifle. Levantando a arma em seu ombro, apontou ao estranho.

— Isto está acabado! — grunhiu.

Tremi com medo, sabendo o que ia fazer. Sabendo que era a única que podia detê-lo.

— Ryder! — gritei, tentando chamar sua atenção. Foi aí quando a dor me golpeou outra vez, me partindo em dois. Desta vez gritei.

— Maddie?

Abrindo os olhos, o vi baixar a arma, com seus olhos em mim.

— Deixa ele ir — disse; minha respiração entrecortada — Preciso de você.

Em segundos, se ajoelhou ao meu lado, esquecendo o homem.

— O que está acontecendo? Atirou em você? Maldição Maddie, que caralho está acontecendo? — gritou, movendo suas mãos por cima de mim.

Não pude responder. A dor era muita.

— Maddie! — gritou, me sacudindo.

— Minha bolsa acaba de romper — consegui dizer.

— Merda! — disse, com horror em sua cara.

Não desperdiçou mais tempo. Deslizando suas mãos baixo de meus joelhos e atrás de minhas costas, me levantou. Olhei sobre seu ombro para ver o estranho levantar-se, segurando seu lado. Nos olhando uma vez, afastou-se correndo para o bosque. Por alguma razão, soube que seria a última vez que o veríamos.

Estávamos na metade do quintal quando escutei alguém correndo para nós. Deixei sair um suspiro de alívio quando vi que era apenas Cash.

— O que está acontecendo? — perguntou, parecendo estupefato quando viu que Ryder me carregava.

Ele não parou, mas virou seu olhar para Cash.

— Maddie está em trabalho de parto. Por que caralho demorou tanto tempo para chegar aqui?

Cash seguiu a um ritmo apressado, com seus olhos em mim.

— Vim assim que escutei o disparo. Seus pais devem estar aqui em breve.

— Nosso convidado indesejado voltou. Foi para o bosque perto da velha pilha de pedra — disse Ryder, apontando para a linha de árvores no bosque.

Cash não vacilou.

— Estou nisso. Só cuide dela.

— Com tudo o que tenho — respondeu, caminhando mais rápido quando fiz uma careta de dor.

Abriu a porta traseira e me carregou para dentro da casa escura. Em segundos, estávamos no quarto. Quando me recostou na cama, senti outra

onda de dor, está deslizou por minhas costas e minha cintura. Gritei, pegando sua mão, sentindo como se estivesse sendo cortada ao meio.

Sentou-se na cama a meu lado, percorrendo meu corpo com seus olhos. Era a primeira vez que o tinha visto assustado.

— É muito cedo, Maddie. Temos outro mês — disse — Se algo estiver errado... não posso...

— Ryder — disse, pondo tudo o que sentia nessa única palavra.

Estudou-me um segundo. Vi o Ryder que conhecia tomar as rédeas. No controle. Sem medo. Preparado para brigar para proteger o que era dele.

— Está bem, me diga o que fazer — disse, firmemente.

— Não... não sei — disse, respirando através da dor — Nunca fiz isto antes.

— Não é engraçado, Maddie — disse, levando sua mão a minha barriga.

Meus músculos abdominais se contraíram sob sua mão, esticando-se até que acreditei que me partiria. Retorci de dor, apertando os dentes para conter meus gritos.

— Ryder, a dor é muita — disse, com lágrimas em meus olhos.

— Está bem, está bem — murmurou, passando uma mão por seu cabelo — Vou trazer minha mãe.

Começou a sair, mas peguei sua mão, o mantendo a meu lado.

— Não! Não vá! Por favor! Estou assustada — chiei.

Deixou-se cair a meu lado outra vez, envolvendo sua mão na minha.

— Está bem. Não irei a lugar nenhum — sussurrou, tirando da minha testa os fios de cabelo pegajosos com sua outra mão.

Assenti e fechei os olhos, sentindo que vinha mais dor. Minha respiração acelerou e senti que me afogava. Comecei a ter problemas para respirar, sentindo pânico quando não pude.

— Ryder, não posso respirar — disse, vagamente capaz de dizer as palavras.

— Está bem. Estou aqui, baby — disse, inclinando-se para pressionar seus lábios em minha testa — Exatamente onde quero estar.

Eram as mesmas palavras que tinha me dito a um tempo atrás.

Eram as últimas palavras que lembrava.

❄❄❄

— Está acordando, Ryder.

Abri os olhos. A primeira pessoa que vi foi Ryder, sentado em uma cadeira de um lado da cama. Seus cotovelos descansavam sobre seus joelhos e seu rosto sobre suas mãos. Quando levantou a cabeça, vi que seus olhos estavam vermelhos e seu cabelo era um desastre, parecendo como se tivesse passado seus dedos por ele um milhão de vezes.

Ao me ver acordada, levantou-se. Em segundos estava a meu lado, com suas mãos em meu rosto.

— Merda, Maddie, você me assustou — sussurrou e sua voz saiu grossa com emoção.

— O que aconteceu? — perguntei, olhando para o quarto.

— Desmaiou. Certamente pela hiperventilação — disse Janice, embalando minha mão na sua enquanto sentia o pulso em meu pulso.

Senti uma dor como nunca antes. Comecei a me encolher na cama, alcançando a mão de Ryder e mantendo-a apertada.

— Mãe, faz alguma coisa! — exclamou, olhando freneticamente para sua mãe.

— Respire Maddie. Respire através da dor — disse ela, respirando fundo como exemplo.

Tentei imita-la, mas a agonia era muita.

Nesse momento, vozes chegaram a partir de mais longe da casa. Olhei quando Eva, Brody e Gavin pararam no corredor. Seus olhos amplos me

olhavam como se tivesse duas cabeças. Então, como se alguém tivesse apertado o botão de início, entraram em ação.

Eva entrou apressadamente no quarto.

— Maddie! — chiou, tombando-se a meu lado na cama. Ainda usava a mesma roupa de quando saiu de casa, calças jeans e uma camisa masculina café, algo com o que faz um ano não a teria visto nem morta.

— Chegou — sussurrei, esticando minha mão para a sua.

— Sim — disse, apertando com força meus dedos — Estou feliz, porque queria estar aqui para ver o monstrinho de Ryder.

Desta vez, Ryder nem sequer grunhiu para ela.

— Encontrou seus pais? — perguntei, fazendo uma careta ao sentir que a dor começou em minhas costas.

Negou com a cabeça ao mesmo tempo em que decaía seu sorriso.

— Mais tarde — disse Ryder, sem afastar os olhos de meu rosto.

Vi que Gavin entrava rápido no quarto, caindo a meu lado, no outro lado da cama.

— Como estão seus sinais vitais? — perguntou a sua mãe, esquadrinhando cada parte de mim.

Quando Janice respondeu, percebi que faltava alguém. Brody tinha saído do quarto e podia o escutar falando com Roger no corredor, mas onde estava Cash?

— Cash já voltou? — perguntei, forçando minhas pálpebras a ficarem abertas. *Estou tão cansada.*

Gavin deixou de procurar em uma bolsa de primeiros socorros para me dar uma olhada.

— Não se preocupe, está aqui e tudo está sob controle.

Olhei para Ryder.

— Está a salvo — disse entre dentes quando a pressão me perfurou, incitando meu corpo a empurrar.

— Não, estamos a salvo — disse, entrelaçando seus dedos com os meus — Acabou. Agora, quero que se concentre e dê a luz a este bebê. Não posso te perder.

Assenti e comecei a me retorcer na cama quando a dor voltava a construir-se. No momento em que explodiu a agonia, chiei os dentes e apertei sua mão, esmagando os ossos de seus dedos, mas quando a dor foi muita, não pude ficar calada.

— Merda! — gritei.

Os olhos de Ryder se ampliaram e toda a cor abandonou seu rosto. Raramente amaldiçoava, mas nesse momento, foi muito bom gritar as palavras.

— Mãe, ajude-a — implorou, olhando para sua mamãe. Estava fincada entre minhas pernas com uma careta em seu rosto. Levantando os olhos, ignorou Ryder e focou em mim.

— Está bem, Maddie. Posso ver a cabeça. Quando estiver preparada, empurre.

Gritei outra vez, sentindo como se rasgassem meu abdômen.

Empurrei pelo que pareceu uma eternidade, mas nada aconteceu. Continuou a dor. Minha energia decaía. Não tinha mais a habilidade para empurrar, mas a dor seguia aí, me incitando a empurrar e dar a luz a este bebê.

Gritei uma vez mais enquanto a dor me rasgava.

— Mãe, *merda*! Faça alguma coisa! — gritou Ryder — Está sofrendo!

— Gavin, verifique sua pressão sanguínea — disse, olhando para seu outro filho — Algo está errado. Seu pulso está fraco.

— Merda! Merda! — exclamou Ryder, parecendo frenético.

— Se acalme, Ryder. Maddie precisa de você — disse Janice com voz acalmada e serena. Olhou para ele, dando um olhar severo que lembrou todas as vezes que o olhou assim quando voltava para casa bêbado ou com hematomas por outra briga.

Gavin rodeou meu braço com um esfigmomanômetro.

— Aguente, Maddie — disse, sua boca em uma linha firme — Não pode ir a lugar nenhum. Sei que Deus sente falta de seus anjos, mas ainda não pode te ter de volta.

— Demônios Gavin, cala a boca — disse Ryder, apertando seus dentes com raiva — Não fale assim, caralho.

Não me importava o que diziam. Podiam começar a se golpear desde que desaparecesse a dor.

Mas não desapareceu. A dor ficou muito intensa para suportar. As lágrimas rodavam por meu rosto. *Estou morrendo. Este bebê vai me matar.* Me concentrei em Ryder. Olhava para seu irmão, com lágrimas em seus olhos. *Santa merda! Está chorando. Se está chorando, isso significa que estou morrendo*.

A dor me golpeou outra vez, me fazendo gritar.

— Gavin? — perguntou Janice, esperando enquanto ele verificava minha pressão arterial.

— Sua pressão arterial está caindo — disse, removendo o esfigmomanômetro de meu braço.

— Diria para colocarmos ela de lado para aumentar sua pressão arterial, mas não temos tempo — disse Janice. Empurrou suas mangas para cima e se esticou por um par de tesouras cirúrgicas. Colocando elas na cama perto de meu pé, pôs uma mão em meu joelho. — Está bem, Maddie. Quero que empurre. Precisamos tirar seu bebê agora.

Neguei com a cabeça, freneticamente.

— Não posso — disse, soluçando.

— Tem que poder — disse.

— Não — respondi, enquanto as lágrimas rolavam por meu rosto.

— Ryder, deve empurrar. Fale com ela — disse sua mamãe, a preocupação começava a quebrar a rigidez de sua voz — O bebê está preso no canal de parto e a pressão sanguínea de Maddie está baixando...

Assentiu uma vez, parecendo assustado. Embalou meu rosto, me fazendo olhar em seus olhos, o que me fez sentir como se fôssemos as únicas duas pessoas no quarto.

— Me escute, Maddie. É a pessoa mais forte que conheço. Chuta o meu traseiro quando preciso e nunca se deu por vencida comigo. Não se dê por vencida com nosso bebê — disse; sua garganta batalhava para dizer as palavras.

— Sinto muito, Ryder... — disse, chorando — Não posso.

Fechou os olhos. Quando os abriu, o medo se foi. Em seu lugar, havia dureza, uma frieza que vi muitas vezes.

— Caralho, Maddie, claro que pode. Brigue comigo. Grite e chore. Me diga que me odeia. Me diga que sou o maior idiota da história — disse, com voz dura — Brigue. Seja essa garota que é teimosa e uma dor no traseiro. A que me deixava louco. A que ainda me deixa.

Olhei profundamente em seus olhos e soube que podia fazer isso. Por ele. Quando senti outra vez a dor, empurrei. Minutos mais tarde, um gritinho encheu o quarto. Escutei o choro de Eva. Ouvi as instruções que Janice dava a Gavin para que verificasse minha pressão arterial outra vez. Não me importava o que fizessem. Meu corpo se afrouxou. O último que ficava de energia se foi.

Ryder me olhou, com olhos úmidos. Inclinando-se, beijou meus lábios.

— Amo você, Maddie — sussurrou — Amo muito você, caramba.

— Também te amo — disse, fracamente.

— Ryder — disse sua mãe, chamando sua atenção.

Afastando-se, soltou minha mão. Estiquei-me para ele, já que não queria que me deixasse. Com os olhos meio fechados, olhei como sua mãe entregava um vulto pequeno a Ryder, envolto em uma toalha.

— É uma menina — disse, me olhando com lágrimas em seus olhos.

Virou para me encarar, segurando o vulto de maneira desajeitada. Seus olhos encontraram os meus e vi amor neles. Frente a mim, estava meu melhor amigo, segurando nosso bebê. O homem que brigava com todas suas forças e amava com mais intensidade. Que preferiria socar alguém do que admitir seus sentimentos. Um homem coberto de tatuagens e cheio de má atitude. O homem que amava, segurando nossa filha.

— Está bem? — perguntei. Olhou para mim; seus olhos continuavam mostrando preocupação.

— É perfeita. Igual a sua mãe — disse. Tentei sorrir, mas tomou muito esforço.

— Mãe, Maddie está bem? — perguntou Ryder, olhando para ela.

— Sua pressão arterial continua baixa — respondeu — mas acredito que ficará muito bem.

Assentiu uma vez, preocupado. Sentando-se a meu lado na cama, baixou o pacote que segurava com suas grandes mãos a meu peito. Uma bebezinha estreitou os olhos para mim e abriu sua boca pequena. Era linda.

— Qual é seu nome? — perguntou Eva, olhando por cima do ombro de Ryder.

— Emma — disse ele, encontrando meus olhos — Pela mamãe de Maddie.

Desta vez sorri.

Capítulo 34

— Aonde vamos?

— Só daremos um passeio — disse Eva, me olhando com um sorriso amplo em seu rosto. Arqueando uma sobrancelha, me convidando a discutir.

Olhei pelo para-brisa, sabendo que era infrutífero interrogá-la ainda mais. Eva faria o que quisesse. Eu só ia junto.

O vento sussurrava dentro da cabine da caminhonete, jogando o cabelo em meus olhos. Afastei as mechas, as mantendo na base de meu pescoço com uma mão.

— Sabe que Ryder vai me matar por sair — disse.

— Oh, que se foda — murmurou, com os olhos fixos no caminho — E desde quando se importa com o que ele pensa?

Tinha razão. Eu fazia o que queria. Ryder poderia gritar comigo tudo o que desejasse, no fim, tinha me transformado na mulher forte que meu pai disse. Secretamente, sei que Ryder me ama por isso. Emma se moveu em meus braços, seus pequenos punhos bombeando no ar. Eva a olhou com um sorriso em seu rosto.

— Você gostou da manta que fiz para ela? — perguntou, com sua voz cheia de orgulho.

— Sim, é linda — respondi. A manta branca foi elaborada a partir de uma velha colcha que Eva encontrou amontoada no fundo do armário de Ryder. O que ela não sabia é que era a mesma colcha que usamos quando éramos crianças para construir fortes. Sentados sob a tenda improvisada, contávamos histórias e ríamos. Às vezes, lutávamos com inimigos imaginários. Outras, fingíamos que era nossa casa. Éramos só duas crianças se divertindo.

Agora, essa colcha estava envolta ao redor de nossa filha.

— Isso significa tudo para mim, Eva — disse, passando uma mão sobre a manta — Não tem nem ideia.

— Não me faça chorar, Maddie. Juro, vou parar essa caminhonete e chutar seu traseiro. Com ou sem bebê — disse, tornando sério seu belo rosto.

Sorri, algo que agora parecia fazer todo o tempo.

Um cômodo silêncio encheu a caminhonete. Os raios do sol entravam através da janela; raios de luz esquentando os velhos assentos de couro do automóvel. Nunca pensei que ia voltar a estar em um veículo, mas Brody e Cash o fizeram possível. O primeiro com seus retoques no motor e Cash trocando suprimentos por gasolina.

Embalei Emma em meus braços, olhando pela janela enquanto hectares de terreno do rancho deslizavam lentamente. Ao contrário do passado, Eva conduziu lentamente, rastejando em um ritmo de lesma. A estrada estava quase terminando, o asfalto dava lugar ao mato e a grama, mas ela manteve seus olhos focados à frente, mantendo as rodas no que podia ver de asfalto.

— Quantas vezes dirigimos por este caminho? Escutado música alta e deixando que o vento alvoroçasse nosso cabelo? — perguntou, descansando sua mão sobre o volante.

— Muitas vezes para contar — respondi, olhando pela janela.

— Todas aquelas noites que saímos e chegamos tarde em casa. Todas as partidas de futebol as quais fomos — disse Eva, sua mente em outro lugar — Acabou. Nunca voltaremos a fazer essas coisas.

— Eva... — comecei a protestar, sem querer arruinar meu bom humor com as lembranças de coisas que eu nunca experimentaria outra vez.

— Parece que foi ontem que dirigimos por aqui para pegar Ryder, no nosso caminho de volta à universidade.

Lembrei daquele dia como se fosse ontem. A lembrança dele de pé, com seus pais na porta da casa, me olhando com desinteresse, seria para sempre parte de mim.

— Alguma vez pensou que estaria aqui? Segurando seu bebê? — perguntou Eva.

Baixei o olhar para a Emma, vendo Ryder nela mesmo sendo tão novinha.

— Nunca — respondi — Éramos só amigos. E ele era tão mulherengo. Nunca imaginei que nos apaixonaríamos.

Eva sorriu com um olhar cúmplice. Queria perguntar, porque todas as perguntas sobre Ryder, mas quando dobramos uma esquina, dei uma olhada pelo para-brisa, surpresa ao ver onde estávamos.

Minha velha casa.

— Eva, o que fazemos aqui? — perguntei, me sentando mais reta. Meus olhos percorreram o quintal coberto de grama e a pintura descascada de um flanco da casa. Senti uma dor em meu coração quando lembrei como era brilhante a casa faz um ano; perfeita.

Eva parou a caminhonete perto da varanda traseira, estacionando.

— Vamos entrar um pouco — disse, evitando minha pergunta.

Com um bebê dormindo em meus braços, a segui para dentro da casa. Cheirava a velho e fechado. Já não tinha medo de entrar. Agora não havia nada mais que lembranças felizes aqui. A cozinha estava igual. A antiga cafeteira do meu pai continuava colocada no mesmo lugar. A garrafa vazia de vodca continuava na mesa. Exatamente onde Ryder a tinha deixado na noite em que o encontrei na casa.

— Irei olhar os outros cômodos. Já venho — disse, afastando-se.

— Eva, espera! — exclamei, dando uns rápidos passos para segui-la. Só porque não tinha medo de estar na casa não significava que queria ficar sozinha.

Mas Eva tampouco me escutou ou só me ignorava. Qualquer que fosse, fiquei de pé na cozinha sozinha.

Segurando Emma, olhei ao redor da sala. Sem poder evitar, recordei todas as lembranças que continha esta casa. Ryder. Meu pai. Crescer aqui. Passar os verões correndo descalça dentro e fora de casa. Fazendo as malas antes de deixar a casa no outono.

Podia imaginar meu pai aqui, me dizendo que me cuidasse na universidade. Lembrando que eu sempre seria sua pequena.

E então, apareceu a lembrança de um Ryder de dezesseis anos na entrada. Arrogante e pretensioso. Além de atrativo. Sorrindo orgulhosamente, perguntando se queria sair e dar um passeio no dia que conseguiu sua licença de motorista. É óbvio, tinha dito que sim.

Ainda podia imaginar os anos depois, sentado na cadeira da cozinha enquanto eu cuidava de seus cortes e hematomas em seu rosto. Suas mãos sobre mim, me levando entre suas pernas. Dizendo o que me faria se eu fosse sua namorada.

Sorri. Lembrando tudo. Esta casa estava cheia de lembranças.

Mas havia mais uma a acrescentar.

Capítulo 35

Bateram na porta de trás. Um golpe o suficiente forte para ser escutado por toda a casa. Um golpe que enviou calafrios por minha coluna vertebral.

Só os desconhecidos batiam.

Endireitei-me, meu coração pulsando com mais força em meu peito. Segurei firmemente Emma, enquanto senti uma descarga de pânico. Os homens ainda viajavam pela deteriorada estrada. Homens que estavam famintos e desesperados. Dispostos a ferir e matar para conseguir o que queriam. Esta guerra tirou o pior da humanidade. Esperava que quem estivesse parado na soleira não fosse um deles.

Emma começou a chorar e seu rostinho ficou vermelho. A fiz calar em voz baixa enquanto meus olhos se moviam ao redor da cozinha, em busca de algo que pudesse utilizar como arma. *Tinha que proteger Emma.*

Voltaram a bater, desta vez mais forte. Meu coração ameaçava sair de meu peito enquanto me dirigia para o corredor, tentando não fazer ruído. Procurei Eva. Nada. Não havia som que me dissesse onde estava.

— Eva? — exclamei em um sussurro forte.

Ninguém respondeu.

Onde estava? Estava aqui agora mesmo.

Escutei outro golpe, desta vez mais suave. O cabo da porta estralou. Ouvi o roce das botas na varanda. *Pesadas botas de homem.*

— Maddie, sou eu.

O timbre profundo vindo do outro lado da porta soava perfeito, uma voz que reconheceria em qualquer lugar e momento. Soltei um suspiro de alívio. *Por que batia? O que estava acontecendo? Se fosse uma nova maneira de conseguir que ficasse nervosa, fez um bom trabalho.*

Segurando Emma com uma mão, desbloqueei o fecho e abri a porta. Entrou uma brisa fresca, trazendo meu cabelo por cima de meus ombros. A luz do sol me cegou por um segundo, me fazendo entrecerrar os olhos para me proteger do resplendor, mas isso não importava. Só importava o homem de pé diante de mim.

Ryder.

Desde suas botas até a parte superior de seu cabelo perfeitamente despenteado, ele era magnífico. Ocupava a maior parte da entrada. Seu musculoso peito era largo e sua postura era de poder. Sua barba de poucos dias o fazia parecer perigoso e mortal. Sua forte mandíbula se flexionou, me dando vontade de me aproximar e tocar, mas eram seus olhos os que sempre me afetariam. Poderiam me fazer arder com desejo, me esquentar com raiva ou me olhar com amor, mas hoje, seus olhos estavam ocultos por trás da sombra de um boné.

— Ryder, quase me matou de susto! O que faz aqui? E por que está batendo? — perguntei, irritada.

Sem me responder, deslocou-se para a direita. Aí foi quando vi todos atrás dele. Janice, Roger, Brody, Cash, Gavin e Eva. Eva? Estava de pé com um grande sorriso de satisfação que me deixou preocupada.

— Ryder? — perguntei, minha voz era apenas um sussurro quando o olhei de novo.

Ele só me olhou fixamente, sem dizer uma palavra. Com uma expressão em branco, uma que tinha visto tantas vezes. *O que estava acontecendo?*

Me sentindo aturdida, vi quando Janice rodeou Ryder. Parando a meu lado, pegou Emma. Aturdida, deixei ela levá-la. Sorriu com lágrimas em seus olhos.

Ryder não tirou os olhos de mim nem sequer quando sua mãe voltou com Emma para estar ao lado dos outros. Troquei meu peso para o outro pé,

me sentindo quente sob seu escrutínio. Meu corpo formigava, algo que fazia sempre perto dele. Com apenas um olhar, podia me fazer deseja-lo.

Precisava dele como a nenhuma outra coisa. Era muito injusto.

Agarrou a aba do seu boné de beisebol e o tirou da cabeça. Enquanto ele o segurava em suas mãos, seu cabelo soprava com o vento. Passou os dedos pelas mechas, arrepiando-os por toda parte. Deslizou o olhar lentamente por meu corpo, me tocando em todas partes. Onde queria que estivessem suas mãos.

Senti que o rubor coloria minhas bochechas. Ele também notou. Seus olhos brilharam de desejo antes de cair em meus lábios.

— Ryder, O que está acontecendo? — perguntei, dando um passo para ele.

— Quero fazer algo — disse estendendo uma mão para que parasse de me aproximar — algo que deveria ter feito faz muito tempo.

Enquanto me falava, todo o resto desapareceu. A brisa que se envolvia a meu redor. A luz do sol que brilhava sobre nós. Os olhares de nossa família. Éramos somente ele e eu.

Engoliu seco nervosamente, com os olhos em mim.

— Estava aqui de pé quando te conheci — disse, assinalando a varanda de madeira a seus pés.

— Eu me lembro — sussurrei.

— E continuo sendo o mesmo menino que esteve aqui quando tinha nove anos, olhando para a garota que me deixaria louco pelo resto de minha vida — disse dando um passo mais perto, ficou de pé na soleira. — Esta é a porta que atravessei um milhão de vezes para chegar a você. A porta que sempre me levou de novo para você — disse com voz rouca.

Sem prévio aviso, jogou seu boné na cozinha.

Vi como este se perdeu e caiu debaixo da mesa, aterrissando no piso velho. Olhei para ele de novo e o mundo caiu. Meus pulmões se esqueceram

de respirar, meu coração se esqueceu de pulsar. Nunca ouvi se mover. Nunca vi o que vinha.

Permaneceu de pé na porta. Levava na mão uma caixinha que reconheci. Uma caixa do meu passado. Uma que sabia que seria meu futuro.

— Este é o lugar onde quero me casar com você, Maddie. O lugar onde nos conhecemos. Onde conheci minha melhor amiga.

As palavras me escaparam. As lágrimas encheram meus olhos.

Dando um passo no interior, seu corpo roçou contra o meu. Comecei a dar um passo para trás, mas agarrou minha mão, me mantendo perto dele, segurando meus dedos com os seus.

— Aqui é onde quero me casar com a mulher que amo. — Baixou a voz e suas palavras saíram apenas em um sussurro — Case comigo, Maddie. Agora mesmo.

Soltando minha mão, abriu a caixinha. A caixa de minha mãe. A que tinha visto meu pai segurar com cuidado. Procurando dentro, Ryder tirou um anel de ouro simples. O anel de casamento da minha mãe.

— Ryder? — perguntei, olhando para ele com surpresa.

— Seu pai me deu de presente isso na noite que chegamos em casa — disse.

As lágrimas corriam por minhas bochechas quando voltou a lembrança dessa noite.

— Naquela noite que deixou o quarto, mas ele me pediu que ficasse. Lembra? — disse Ryder.

Assenti, secando as lágrimas de minhas bochechas.

— Disse a ele que te amava e que sempre te amaria, mas me surpreendeu e me disse que já sabia e o via cada vez que estávamos juntos.

Sorri com tristeza, lembrando como meu pai sempre brincava a respeito dos netos que Ryder e eu daríamos a ele. *Tinha razão, pai.*

— Disse a ele que ia casar com você — disse.

— Mas isso foi antes que admitisse que me amava — disse, surpresa.

— Sempre foi você, Maddie — disse, limpando uma lágrima perdida em meu rosto — Disse a seu pai que não importava o que acontecesse, nem a merda que passássemos, sempre cuidaria de você. Amava muito você.

Sua mão foi para debaixo de meu cabelo, para agarrar minha nuca brandamente. Baixando a cabeça, seus lábios roçaram os meus. Um beijo suave, um que prometia muito mais.

— Pode ser que seja um filho da puta, mas sempre vou te amar — sussurrou contra meus lábios — É tudo para mim.

— Amo você — disse — Para sempre e sempre.

Olhando para baixo e segurando minha mão na sua, deslizou o anel em meu dedo. Assim que esteve posto, seus lábios capturaram os meus; uma promessa por trás de seu beijo do que viria. Uma promessa de um para sempre.

Então, sussurrou as palavras que lembraria até o dia de meu último fôlego.

— Amo você, Maddie. É meu passado. Meu presente. Meu futuro. É minha vida. E sempre te amarei.

Pegando minha mão, pôs algo em minha palma. Baixei o olhar.

Era uma foto enrugada de duas crianças. Sorrindo. Felizes. Inseparáveis.

Melhores amigos.

Apaixonados.

Para sempre.

Epílogo

— Papai!

Agachei para pegar Emma enquanto corria para mim. Suas perninhas corriam pela grama e seus pés descalços apareciam sob seu vestido. Seu escuro cabelo ricocheteava por suas costas, comprido como o de sua mãe.

— Olá, formosura! — disse a ela, me aproximando dela. Seus bracinhos se estenderam ao redor de meu pescoço, me apertando com mais força do que nenhuma criança de dois anos tinha direito.

Fiquei de pé, a segurando em meus braços. Ela se afastou, para me olhar enquanto brincava com o cabelo em minha nuca.

— Onde estava, papai?

Olhos muito parecidos com meus me devolveram o olhar. Emma poderia ser a viva imagem de sua mãe, mas tinha meus olhos. Eram azuis brilhantes emoldurados com sobrancelhas escuras e uma teima neles que reconhecia muito bem. Cabelo castanho escuro emoldurava um rosto perfeito de forma ovalada, um que certamente quando crescesse deixaria os homens loucos. A ideia me fazia querer bater em algo sólido.

Era miúda, igual sua mãe. Gavin começou a chama-la de coisinha pequena, algo que me pareceu lindo, mas claro que não admitiria isso.

— Estava visitando seus tios — disse, a levando para casa.

Um cenho franzido atravessou seu rosto. Um que tinha visto Maddie fazer numerosas vezes quando a frustrava.

— Por que? — perguntou; suas palavras favoritas.

— Fui ajudar a tia Eva e o tio Brody a cortar a madeira para esquentar sua casa neste inverno — expliquei.

Três anos depois do pulso eletromagnético, ainda não tínhamos eletricidade. Milhões de pessoas tinham morrido e mais ainda continuavam sofrendo, mas o país se recuperava lentamente. A guerra continuava, mas agora, a maioria dos combates ocorriam no estrangeiro. A maior parte dos inimigos foram forçados a partir, mas alguns tinham ficado. O governo restaurava lentamente o poder no país, mas era um processo lento.

Quanto a mim, nunca fui tão feliz. Tinha duas lindas garotas com outro a caminho.

— Onde estão Avin e Cass?

Queria rir ante seu intento de dizer *Gavin e Cash*, mas não podia. Estava muito preocupado por eles. Tiraram umas semanas para encontrar à irmã mais nova de Cash, a única que ficava de sua família. Não sabíamos nada deles. Sabia que Maddie pensava neles noite e dia. Caralho, eu também. Só esperava que estivessem bem.

— Gavin e Cash logo estarão em casa — disse a Emma, rezando para que fosse verdade.

Seus dedinhos se elevaram e empurraram a aba do meu boné de beisebol. Era nossa rotina. Ela empurrava meu boné até que caía. E eu fazia cócegas nela até que se dava por vencida, mas assim, igual a sua mãe, nunca se dava por vencida.

— Onde está sua mamãe? — perguntei, a abraçando com força enquanto se mexia em meus braços.

Colocou um dedo em sua boca e assinalou para a casa.

Colocando meu boné mais abaixo em minha cabeça, olhei para meu lar.

Foi então quando a vi. Maddie. Seu cabelo estava solto hoje, exatamente como eu gostava. Era mais fácil enredar meus dedos nele. Algo que provavelmente fazia muito, mas caralho, nunca poderia ter o suficiente dela.

A observei caminhar para mim, tão apaixonado por ela agora como tinha estado anos atrás. Em minha mente, a via como uma menina, me incitando a brincar de correr pelos pastos e campos. Me desafiando a subir na árvore mais alta. A via como uma adolescente, torpe e teimosa, me deixando louco com sua beleza. Me fazendo querer passar cada momento de minha vida com ela e ao mesmo tempo, me odiando por isso. A via como uma estudante universitária, dançando perto de mim na pista de dança, sorrindo para mim com fogo em seus olhos. Me demonstrando que podia amar sem medo.

— Olá — disse, parando na frente dela.

Sorriu para mim e esticou os braços para pegar nossa filha.

As duas garotas que amava mais que a própria vida estavam paradas frente a mim.

— Sentimos saudades, Ryder — disse, esticando sua mão para me tocar.

Eu me adiantei. Puxando-a contra meu corpo, pus minha mão em seu quadril, com Emma entre nós.

— Deus, Maddie, eu também senti saudades — disse, movendo minha mão mais abaixo. Meus dedos se arrastaram ao longo de seu traseiro.

Ela ruborizou e seus olhos ficaram mais escuros com desejo.

Esse olhar que me deixava fodidamente louco.

Me inclinando, meus lábios encontraram sua orelha e beijei a pele debaixo dela.

— Preciso de você — sussurrei.

Sua mão se envolveu ao redor de meu pescoço, me mantendo a seu lado.

— Sou toda sua — disse em tom sedutor.

A observei enquanto se afastava, me olhando por cima do ombro. Seus olhos prometiam coisas que só tinha sonhado fazer com ela anos atrás.

A via como era agora. Maddie. Minha esposa. A mãe da minha filha e de meu filho que iria nascer. Minha melhor amiga. A mulher sem a qual não podia viver. A mulher que amei.

Sempre.

Fim





Promise Me Once

Uma vez com ele não foi suficiente.

Eu sou a garota que desagrada. A garota que é rechaçada nas festas. Sou a que paquera com os homens e não conhece limites. Eu sou sobre a que se sussurra. A que não tem regras. Sou a que toma e utiliza sem nenhum arrependimento nem desculpas.

No exterior sou perfeita. Tenho dinheiro, uma aparência e uma personalidade que faz com que as pessoas fiquem de pé e prestem atenção, mas por dentro, estou quebrada e ferida.

Então conheci Cash Marshall.

Ele não era o que precisava, mas eu o queria de todos os modos. Era seu corpo esculpido e musculoso no que pensava. Era seu toque calmo e seguro o que ansiava. Jurei que só seria uma aventura de uma noite, outra distração para tirar a dor.

Mas então, nosso mundo mudou.

Nossa história não se trata de amor. O amor é bonito e doce e cheio de sutilezas. Aqueles já não existem. Nossa história se trata de voltar a nos encontrar mutuamente em um mundo que se tornou louco. Trata-se de sobreviver ao impossível quando a guerra assolou nossa terra. Trata-se de nos salvar da escuridão e descobrir quão forte poderíamos ser.

E talvez, só talvez, com o passar do caminho, iremos encontrar o amor...

De uma vez por todas.

Sobre a autora

Paige Weaver é oriunda do Texas e ainda reside na cidade que a viu nascer. Vive com seu marido e dois filhos. Quando não está escrevendo ou lendo, pode encontrá-la perseguindo seus filhos e vivendo sua própria história felizmente. Entre outras coisas, é viciada nos meios de comunicação social. Siga-a para saber de seus próximos livros e extras. Adora escutar seus leitores.

Avisos



Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!
Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por email a quem pedir.
Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!
Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?
Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!
Ajude a preservar o seu grupo de romance!
A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!
Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.
Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!
Seja esperta (o).

